

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**SUICÍDIO NO ESPELHO: O imaginário de atendentes da rede  
de combate à ideação suicida em Teresina**

**Francisco de Sousa Lima**

**Teresina**

**2019**

**Francisco de Sousa Lima**

**SUICÍDIO NO ESPELHO: O imaginário de atendentes da rede de combate  
à ideação suicida em Teresina**

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí como exigência parcial para obtenção do título de mestre em sociologia.

**Orientador: Professor Dr. Eriosvaldo Lima Barbosa**

**Teresina**

**2019**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Divisão de Processos Técnicos

L732s      Lima, Francisco de Sousa.  
              Suicídio no espelho: o imaginário de atendentes da rede de  
              combate à ideação suicida em Teresina. / Francisco de Sousa  
Lima. – 2019.

210 f.: il.

1. Suicídio. 2. Morte. 3. Imaginário. 4. Símbolos.  
5. Arquétipos. I. Título.

Elaborado por Gésio dos Santos Barros - CRB 3/1469



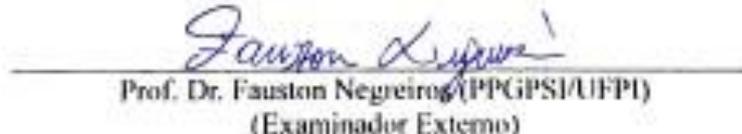
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

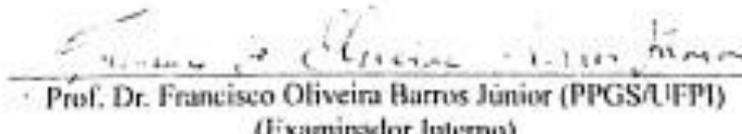
Ata da Sessão de Defesa de Dissertação de **FRANCISCO DE SOUSA LIMA**, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí - UFPI.

No décimo quarto dia do mês de junho de dois mil e dezenove, às nove horas, na Sala 316, no Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL reuniram-se em sessão pública os membros da banca examinadora da dissertação de **FRANCISCO DE SOUSA LIMA**, sob o título **SUICÍDIO NO ESPELHO: O IMAGINÁRIO DE ATENDENTES DA REDE DE COMBATE À IDEIAÇÃO SUICIDA EM TERESINA**. A banca examinadora foi constituída pelos/as Professores/as Doutores/as **Eriosvaldo Lima Barbosa** (presidente e orientador), **Fauston Negreiros**(examinador externo) e **Francisco Oliveira Barros Júnior**(examinador interno). Iniciando os trabalhos o/a presidente **Prof. Dr. Eriosvaldo Lima Barbosa** informou aos presentes, ao candidato ao título de mestre e aos membros da banca examinadora, o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente e dos procedimentos a serem seguidos: até (30) trinta minutos para apresentação da dissertação pelo/a candidato/a, até (30) trinta minutos para cada arguidor/a e o mesmo tempo para resposta do/a candidato/a. Em seguida, o/a candidato/a foi convidado/a a fazer a exposição da dissertação no tempo que lhe foi concedido. Após a exposição, o/a presidente passou a palavra aos demais membros da banca para arguições. Na sequência, e após as respectivas respostas do/a candidato/a, o/a presidente da banca examinadora solicitou a retirada temporária do/as presentes para, em secreto, a banca deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornarem, o **Prof. Dr. Eriosvaldo Lima Barbosa**, presidente da mesa e orientador do aluno, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da banca examinadora de aprovada e agradecimentos pela presença de todos/as, a sessão foi encerrada às 12: horas 30 minutos. E, para constar, foi lavrada a presente Ata, que lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Teresina, 14 de junho de 2019.

  
Prof. Dr. Eriosvaldo Lima Barbosa (PPGS/UFPI)  
(Presidente)

  
Prof. Dr. Fauston Negreiros (PPGPSI/UFPI)  
(Examinador Externo)

  
Prof. Dr. Francisco Oliveira Barros Júnior (PPGS/UFPI)  
(Examinador Interno)

## AGRADECIMENTOS

À Morena e Amora, fonte inesgotável das minhas maiores alegrias.

À minha mãe, Amélia, e ao meu irmão, Cesar, comigo desde o início, pelo carinho e suporte para me fazer enxergar que sou eu quem construo meu caminho.

À Cristal, por compreender meu ritmo, acalentar meu espírito e se manter firme ao meu lado.

À minha família, estrutura que aciona os símbolos mais bonitos do meu imaginário.

Ao professor Eriosvaldo Barbosa, pelas inspiradas contribuições e a condução tão minuciosa e poética dessa orientação. Bem como por me inserir nesse vasto e extraordinário mundo do imaginário.

A cada um dos atendentes que participaram desse estudo. Não é fácil se abrir e contar detalhes tão íntimos - e muitas vezes dolorosos - de sua vida pessoal a um desconhecido como eles fizeram por acreditar que a pesquisa poderia trazer bons resultados. Muito obrigado.

Aos anônimos da internet e sites especializados, que compartilham na rede livros e documentos antigos digitalizados. Sem vocês esse trabalho levaria anos para ser finalizado.

Aos membros da coordenação do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPI, em especial ao Andreson e ao Érico, sempre dispostos a dar uma mão a um mestrando desnortado.

Aos amigos, pelo bom papo, cervejinha gelada com tira-gosto e estímulo lúdico para clarear as ideias quando a inspiração começava a se exaurir.

## RESUMO

Esse trabalho tem como foco identificar as estruturas imaginárias que atuam na formação das concepções que os atendentes da rede de combate ao suicídio em Teresina possuem sobre esse fenômeno. Partiu-se da hipótese de que essa proximidade com quem pretende dar cabo da própria vida e os esforços para impedir sua efetivação confere a esses atendentes uma visão mais singular sobre o fenômeno, utilizando-se para isso duas etapas de trabalho de campo: a primeira consistiu em entrevistas semiestruturadas com os atendentes ligados à rede, entre os quais foram levantadas as principais e recorrentes categorias imaginárias sobre o suicídio; a segunda, por sua vez, consistiu na aplicação de um teste tipo Likert, onde foram elencados os principais adjetivos dessas categorias do imaginário, mapeadas na primeira etapa, visando avaliar o nível de ingerência que cada um deles possui a respeito da percepção do suicídio. O trabalho ancorou-se na teoria do imaginário de Gilbert Durand (2014) como principal aporte teórico do estudo em apreço. No primeiro momento buscou-se mostrar a importância da sociologia clássica na desmistificação da prática suicida, ao apontar suas causas sociais como um fato recorrente desde os primeiros agrupamentos humanos, assim como o sentido de morte e do morrer. Além disso, discorreu-se sobre as percepções de larga amplitude que o suicídio tem provocado no imaginário social através do tempo, elegendo, para tanto, quatro categorias binárias: honra e salvação, pecado e crime, loucura e razão e tristeza e patologia. O estudo dessas categorias permitiu-nos mostrar, a partir de uma perspectiva diacrônica, como as diversas teorias do imaginário podem explicar os comportamentos humanos em relação ao suicídio. No corpo final do trabalho, as categorias morte e suicídio ganham mais relevância a partir dos dados de campo, onde se procurou analisar as estruturas socioantropológicas do imaginário do suicídio para os atendentes inseridos na rede que atua no auxílio às pessoas com ideação suicida no Piauí, em especial, em Teresina. Com o estudo concluiu-se que os símbolos arquetípicos presentes no imaginário desses sujeitos estão semanticamente repletos de negatividade, elaborados por imagens que remetem o suicídio a um ato fisicamente nocivo, imoral e pecaminoso, tanto para a sociedade quanto para quem o pratica. Essa simbologia, porém, é amenizada pelo contato que os atendentes possuem com quem tem ideação suicida. Por fim, constatou-se a necessidade de implantação de políticas públicas voltadas para o esclarecimento da população sobre a problemática da morte voluntária, que poderiam arrefecer o estigma e diminuir os índices crescentes de suicídio registrados em Teresina e no Brasil.

**Palavras-chave:** Suicídio, morte, imaginário, símbolos, arquétipos.

## ABSTRACT

This work is focused on identify the imaginary structures acting in the formation of conceptions of Teresina suicide-fighting network attendants have about this phenomenon. It was hypothesized that this closeness to those who want to end their lives and the efforts to prevent their implementation gives these attendants a more singular view of the phenomenon, using two steps of fieldwork: the first one consisted of semi-structured interviews with the attendants connected to the network, among which were raised the main and recurrent imaginary categories on suicide; on its turn, the second, consisted in the application of a Likert type test, where the main adjectives of these imaginary categories were listed, mapped in the first step, aiming at assessing the level of interference that each of them has regarding the perception of suicide. The work was anchored in Gilbert Durand's theory of the imaginary (2014) as the main theoretical contribution of the study under consideration. In the first moment, it was tried to show the importance of the classic sociology in the demystification of the suicidal practice, highlighting its social causes as a recurring fact from the first human groupings, as well as the sense of death and dying. Furthermore, it was discussed the perceptions of wide amplitude that the suicide has provoked in the social imaginary through the time, electing for this four binary categories: honor and salvation, sin and crime, madness and reason and sadness and pathology. The study of these categories allowed us to show, from a diachronic perspective, how the various imaginary theories can explain human behaviors in relation to suicide. In the final body of work, the death and suicide categories gain more relevance from the field data, where we tried to analyze the socio-anthropological structures of the suicide imaginary for the attendants inserted in the network that works to help people with suicidal ideation in Piauí, in Teresina particularly. With the study concluded that the archetypal symbols present in the imaginary of these subjects are semantically replete with negativity, elaborated by images that refer suicide to a physically harmful, immoral and sinful act, both for society and for those who practice it. This symbology, however, is softened by the contact that the attendants have with those who have suicidal ideation. Finally, it was verified the need to implement public policies aimed at clarifying the population on the issue of voluntary death, which could cool down stigma and reduce the rising rates of suicide in Teresina and Brazil.

**Keywords: Suicide, death, imaginary, symbols, archetypes.**

## **LISTA DE SIGLAS**

**Centro de Valorização da Vida: CVV**

**Centro Débora Mesquita: CDM**

**Fundação Municipal de Saúde: FMS**

**Grupo de Apoio Contato Esperança: GRACE**

**Organização Mundial da Saúde: OMS**

**Secretaria Estadual de Saúde: SESAPI**

**Sistema de Informação de Agravos de Notificação: Sinan**

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

<b>Tabela 1.</b> Distribuição dos municípios do Piauí com maior número absoluto de casos de suicídio nos anos de 2010 a 2106.....	93
<b>Quadro 1.</b> A morte por suicídio sempre envolve sofrimento .....	170
<b>Quadro 2.</b> Uma pessoa com ideação suicida sente grande dor psicológica .....	170
<b>Quadro 3.</b> Pessoas com ideação suicida sofrem grande estigma social .....	171
<b>Quadro 4.</b> O suicídio só é praticado por pessoas muito fragilizadas.....	171
<b>Quadro 5.</b> Quem cometeu suicídio agiu contra a lei da vida .....	172
<b>Quadro 6.</b> Somente Deus pode julgar quem cometeu suicídio .....	172
<b>Quadro 7.</b> As pessoas com ideação suicida devem fortalecer seu lado espiritual.....	172
<b>Quadro 8.</b> A morte por suicídio está envolta em escuridão .....	172
<b>Quadro 9.</b> Alguém em sã consciência não comete suicídio .....	174
<b>Quadro 10.</b> A morte por suicídio sempre causa grande choque nas pessoas .....	174
<b>Quadro 11.</b> Quem cometeu suicídio não conseguiu achar o suporte mental adequado .....	174
<b>Quadro 12.</b> Só comete suicídio quem está incapacitado de enxergar outras saídas.....	<b>174</b>
<b>Quadro 13.</b> A ciência consegue compreender melhor que a religião o fenômeno do suicídio .....	176
<b>Quadro 14.</b> A religião consegue compreender melhor que a ciência o fenômeno do suicídio .....	176
<b>Quadro 15.</b> - Conversar com alguém com ideação suicida causa grande angústia.....	176

## SUMÁRIO

### SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>iii</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>vi</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>vii</b>
<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	<b>viii</b>
<b>LISTA DE TABELAS E QUADROS</b> .....	<b>ix</b>
<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>x</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
Desvendando o imaginário do suicídio em Teresina.....	13
Entre o som da morte e a procura da vida .....	18
A sociologia clássica e o suicídio .....	22
Durand, o imaginário e o suicídio .....	27
<b>CAPÍTULO 1 - CONTRARIANDO A BUSCA DA ETERNIDADE: O imaginário do suicídio através dos tempos</b> .....	<b>33</b>
1.1 Uma prática frequente e polêmica .....	36
1.2 Um caminho moral: entre a honra e a redenção .....	38
1.3 Violando as leis de Deus e dos homens: o pecado e o crime .....	58
1.4 Demente ou são? A loucura no suicídio e o suicídio na razão .....	72
1.5 Melancolia romântica, dolorosa depressão: variações da tristeza à patologia .....	79
<b>CAPÍTULO 2 - MORTE E MORRER: O auto homicídio em terras piauienses e em sua capital</b> .....	<b>91</b>
2.1 Aspectos da morte e do suicídio: imaginários do Piauí e Teresina .....	91
2.2 O imaginário da morte em terras piauienses .....	96
2.3 De heróis da independência a Torquato Neto: suicídio no Piauí e em sua capital .	101
<b>CAPÍTULO 3 - SÍMBOLOS E SIGNIFICAÇÕES: Os atendentes e as matrizes arquetípicas do suicídio</b> .....	<b>111</b>
3.1 PROVIDA .....	111
3.2 Centro de Valorização da Vida (CVV) .....	112
3.3 Grupo de Apoio Contato Esperança (GRACE).....	113
3.4 Projeto Caminhos .....	113

3.5 Centro Débora Mesquita.....	114
3.6 Hospital Areolino de Abreu.....	114
3.7 Linhas de atendimento e o imaginário social .....	116
3.8 As configurações simbólicas da morte voluntária.....	121
3.9 Um fenômeno polimorfo .....	125
3.10 As manifestações arquetipais da sensorialidade.....	136
3.11 Colorido com a cor da amargura .....	137
3.12 O cheiro acre da putrefação .....	142
3.13 Um grito estridente .....	146
3.14 Feições de monstros noturnos .....	148
<b>CAPÍTULO 4 – AS MÁSCARAS DA MORTE POR SUICÍDIO: Entre imagens de dúvidas e de culpa.....</b>	<b>156</b>
4.1 O Sorriso da morte.....	160
4.2 O Silêncio da morte .....	163
4.3 Máscaras da morte .....	165
4.4 O teste Likert .....	169
<b>5 - CONCLUSÃO .....</b>	<b>178</b>
<b>6 - REFERÊNCIAS.....</b>	<b>188</b>
APÊNDICE A – Perfil dos atendentes entrevistados com relação à aproximação com o suicídio 199	
APÊNDICE B – Estrutura do teste LIKERT.....	200
APÊNDICE C – Percentual geral do teste LIKERT .....	202
APÊNDICE D – Resultado do teste Likert específico dos atendentes que se identificaram como religiosos (14 dos 20 entrevistados) .....	203
APÊNDICE E – Resultado do teste Likert específico dos atendentes com formação acadêmica (7 dos 20 entrevistados).....	204
APÊNDICE F - Roteiro de entrevista semiestruturada .....	204
APÊNDICE G - Símbolos do imaginário dos entrevistados acerca do suicídio .....	205
APÊNDICE H - Palavras e expressões mais citadas nas entrevistas .....	206
APÊNDICE I – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	207
ANEXO 1 – Parecer consubstanciado do CEP .....	209

O espelho [da água] aprisiona em si um segundo mundo que lhe escapa, no qual ele [Narciso] se vê sem poder se tocar e que está separado dele por uma falsa distância, que pode diminuir mas não transpor.

***Gaston Bachelard***

Outrora viajei  
países imaginários, fáceis de habitar.  
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas  
e convocando ao suicídio

Meus amigos foram às ilhas.  
Ilhas perdem o homem.  
Entretanto alguns se salvaram e  
trouxeram a notícia  
de que o mundo, o grande mundo está  
crescendo todos os dias,  
entre o fogo e o amor.

***Carlos Drummond de Andrade***

É por vontade de Deus  
que se vive assim neste fim-de-mundo  
[...]  
Pobre vive de teimoso.  
Aqui ninguém se suicida.  
Todos vivem teimosamente  
mas a morte-morrída, a morte-matada  
é a própria vida  
de cada um

***H. Dobal***

## INTRODUÇÃO

### Desvendando o imaginário do suicídio<sup>1</sup> em Teresina

O aumento dos casos de suicídio em âmbito global tornou-se uma questão das mais graves a serem resolvidas. E por causa desse crescimento exponencial a Organização Mundial da Saúde (OMS) colocou a morte voluntária como um dos problemas prioritários de saúde mental, ainda que o tenha feito tardiamente, somente em 2004. Hoje os números mostram que uma pessoa comete o auto sacrifício a cada 40 segundos em todo o planeta, uma média de mais de 800 mil pessoas por ano. A situação não é diferente no Brasil, onde o Ministério da Saúde tem registros de 11 mil pessoas cometendo o ato a cada ano, sendo a terceira maior causa de morte do país na faixa etária de 15 a 29 anos. Já o Piauí registrou uma taxa de 7,6 mortes para cada grupo de 100 mil habitantes entre os anos de 2010 a 2014, percentual maior que o verificado no país no mesmo período, que foi de 5,3%. Os maiores índices são verificados entre os idosos, mas um fenômeno recente tem preocupado as autoridades, que é o crescimento rápido, verificado pela OMS (WHO, 2017), do suicídio entre a população jovem, na faixa etária de 15 a 29 anos.

O interesse pela temática do suicídio chegou até mim de forma indireta. Nunca tive grande simpatia pelo assunto. Mesmo antes de concluir minha graduação em jornalismo na Universidade Federal do Piauí já tinha a intenção de me dedicar exclusivamente à profissão. A paixão pelas redações surgiu durante o curso, ao entrar em contato com as histórias de bastidores do fazer jornalístico e dos resultados sociais práticos que a atividade demonstrava ter. Atuar como um mediador social, denunciando injustiças, malfeitos e crimes, e ajudando a

---

<sup>1</sup> A evolução do termo utilizado para designar a morte voluntária reflete a mudança de postura que ele sofre com o passar dos séculos, conforme veremos no primeiro capítulo desse trabalho. Até o início da Idade Moderna a palavra *suicídio* não existia e essa prática era denominada por perífrases que indicavam o ato em si, como ser homicida de si mesmo, matar-se, assassinar-se, dar cabo de sua vida, etc. (VENEU, 1994). Nesse período anterior ao surgimento da palavra suicídio, a morte voluntária ainda era motivo de debate entre os antigos e alguns dos povos do oriente medieval e a inconstância do termo representava também uma maleabilidade moral em seu julgamento. O medievo trouxe consigo dez séculos de intensa criminalização dessa prática e, apesar do seu final, o pecado sedimentou-se e passou a ter um nome próprio. A expressão surgiu em latim, na Inglaterra do século XV (ANDRÉS, 2015), como a junção dos vocábulos *sui* (de si mesmo) e *caedere* (matar). A partir de então não haveria mais relativismo, o suicídio era um tipo de homicídio e, portanto, deveria ser punido. A despeito de suas representações simbólicas nas épocas em que predominaram, utilizaremos diversos desses termos que designam o suicídio no decorrer deste trabalho, tais como autocídio, morte voluntária, auto aniquilamento, assassinato de si, morte intencional, etc. Esse recurso será utilizado apenas como forma de evitar a repetição excessiva de palavras, em um exercício de enriquecimento linguístico, deixando de lado suas conotações morais.

comunidade a enxergar melhor seus problemas, era o que eu queria fazer, especialmente no Piauí, um dos estados mais pobres do Brasil e com indicadores sociais preocupantes. Após algum tempo como estagiário, me formei e consegui emprego em dois veículos, um jornal impresso e uma TV, e foi nesse ambiente que as circunstâncias que envolviam a morte me chamaram atenção.

Quando as informações sobre um assassinato chegam até a redação é de praxe haver uma mobilização geral para que o repórter se desloque até o local onde o crime ocorreu o mais rápido possível. Motorista, auxiliar, fotógrafo, cinegrafista, todos são contatados e solicitados com urgência quando estão na sede do jornal. Se estiverem na rua produzindo outra reportagem, a orientação é parar o que estiver sendo feito e dar prioridade ao homicídio. A meta é não perder as imagens da pessoa assassinada, conseguir falar com a polícia, ouvir familiares e consultar testemunhas antes que o “cenário” se desfaça e a viatura do Instituto Médico Legal leve o corpo embora. O homicídio é tido como o crime mais grave que alguém pode cometer e sua notícia rende leituras interessadas de qualquer pessoa, mesmo que a vítima seja alguém marginalizado socialmente. Seja para se indignar com a morte violenta de um trabalhador ou para se aliviar com o fim de um criminoso, a população gosta de saber e comentar. Por isso essa é uma das pautas mais buscadas e com espaço de destaque garantido em qualquer edição de um jornal.

Já o suicídio recebe tratamento bem diferente. As informações sobre pessoas que tiram suas próprias vidas chegam com uma frequência menor que as dos homicídios, mas com uma recorrência incômoda, com uma repetição que perturba repórteres e editores. Perturba porque, ao contrário do homicídio, que possui destaque no jornal, o suicídio não deve ser noticiado. O assassinato de alguém é acontecimento relevante o suficiente para ser anunciado em uma editoria própria no jornal – com destaque nas chamadas da edição - com o intuito de indignar a comunidade e pressionar para que o fato não se repita. Já a morte voluntária só deve ser noticiada em casos extremos - de alguém com notável reconhecimento público ou em um fato que gerou grande repercussão social. Os atos desse tipo quando realizados por pessoas comuns, em lugares pouco vistos, não ganham espaço na mídia – sob pena de voltarem a acontecer em larga escala. Isso os jornalistas assimilam enquanto ainda aprendizes, nas salas de aula da universidade. O tabu de noticiar o suicídio é assentado principalmente na repetição (ou efeito Werther<sup>2</sup>) que costuma acontecer sempre que alguém famoso comete o auto sacrifício. A

---

<sup>2</sup> Efeito Werther foi o nome dado pelo sociólogo estadunidense David Phillips (1974) à repetição em série de suicídios após algum caso similar ocorrer e ganhar grande notoriedade social. O termo se baseia em um caso ocorrido na Europa do século XVIII após o lançamento do livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, quando uma onda de suicídios atingiu vários países. Conferir página 80 deste estudo.

academia instrui os estudantes que os meios de comunicação precisam ocultar o máximo possível de casos, do contrário estarão contribuindo para mais mortes similares.

Assim, eu cheguei na redação como tantos outros, disposto a ignorar os suicídios daqueles que não possuem destaque social. O que a maioria nem imagina é a tal frequência com que os casos chegam até os jornalistas e foi com essa realidade que me deparei. Os relatos são muitos e surpreendem pela variedade. Jovens estudantes, amorosos pais de família, mães aparentemente felizes, idosos que costumavam sentar na calçada para conversar despreocupadamente com os vizinhos todas as noites. Nos anos mais recentes o fluxo de casos que surgia nas redações aumentou significativamente, dispondo de feições extremamente desagradáveis. Com a difusão das novas tecnologias, esses eventos deixaram de ser apenas narrados por ligações telefônicas e começaram a surgir via aplicativos de mensagens relatos minuciosos dos acontecimentos, acompanhados por fotos de pessoas enforcadas ou ensanguentadas no chão junto a uma arma - invariavelmente seguidas por vídeos. Eram muitas as vítimas de suicídio e um número muito maior de pessoas envolvidas a cada morte: pais, filhos, maridos, namorados, uma rede que se estendia mais e mais, quanto maior fosse o círculo de relacionamento de quem morrera. O que intrigava era a constatação de que os casos de suicídio, embora fossem bastante comentados na redação, não eram repercutidos entre a população em geral. Se tais mortes não estavam sendo noticiadas, não tinha como haver efeito Werther. Então por que elas continuavam a acontecer em um número tão alto?

Entretantes a proximidade com os casos de suicídio (ou com a tentativa) começou a se mostrar maior do que eu esperava. Familiares de amigos, conhecidos de parentes, até colegas de trabalho surpreendiam cometendo morte voluntária. Ela estava em todas as partes. A curiosidade de tentar compreender um fenômeno tão proibido e ao mesmo tempo tão comum foi crescendo. Desse modo, estudar o suicídio se tornou algo que eu me estimei a fazer. De início, a ideia era estudar as representações sociais do suicídio entre estudantes e professores de escolas públicas em Teresina.

Contudo, a partir do aprofundamento das análises e de participações em fóruns e seminários sobre suicídio, ficava cada vez mais evidente para mim que no Piauí a questão possuía uma peculiaridade latente, pois os números de vítimas vinham crescendo em proporção maior que no restante do Brasil e ainda assim o sistema de suporte às pessoas que precisavam de ajuda era bem pequeno, fosse público ou do terceiro setor. Boa parte dos especialistas com quem eu conversava atribuía a questão ao grande tabu em torno do tema, potencializado pela religiosidade que alimenta o povo piauiense. Focar o suicídio a partir das representações foi aos

poucos dando lugar a outros questionamentos, que me conduziram a perceber esse fenômeno sob a ótica do imaginário, pois conforme a literatura especializada, as representações expressam apenas aquilo que é permitido pelos arquétipos do imaginário.

Ora, durante a Idade Média, a Igreja Católica transformou o ato suicida em um dos maiores pecados dos fiéis e - sendo o Piauí o estado com a maior população cristã do país, proporcional à quantidade dos habitantes - não seria pertinente questionar a influência que esse imaginário religioso possui na conduta diante do auto sacrifício, ainda hoje? Que outros elementos estariam alimentando o imaginário sobre o suicídio em Teresina? Quais são essas imagens e como elas são usadas pelos indivíduos ao se referirem sobre o suicídio?

O imaginário, segundo Gilbert Durand (1997), é a base de toda a produção humana, formado por sentimentos, crenças, e reflexões adquiridas na coletividade, além de símbolos e arquétipos presentes no inconsciente coletivo. É o imaginário, ao se manifestar, que estabelece as ações do indivíduo, determina o curso da sociedade e, conseqüentemente, da história.

Estudar o suicídio a partir dessa perspectiva é uma tentativa de poder contribuir para a formação de um escopo teórico da sociologia do imaginário que poderá orientar a formulação de políticas públicas mais próximas das imagens que alimentam as crenças sobre o fenômeno em apreço. Ao tentar levantar as razões que levam o suicídio a ser um tabu tão grande, a ponto de se evitar sua discussão mesmo sabendo que isso pode resultar no aparecimento de mais casos, é importante – a princípio - focar em suas primeiras manifestações sociopsicológicas, que ainda estão em forma bruta e são utilizadas como vetores para a elaboração de sistemas de pensamento e condutas formuladas para relacionamentos sociais, quadro que só a estrutura imaginária pode nos conceder. O presente estudo, portanto, buscará analisar o imaginário do suicídio entre os atendentes que lidam diretamente e diariamente com as pessoas que possuem a ideia suicida em Teresina.

Alimentamos a hipótese de que essa proximidade com quem pretende dar cabo da própria vida e os esforços para impedir esse fato confere a esses atendentes uma visão mais singular sobre essa prática. A suposição principal é que a postura necessária para convencer a alguém a não cometer suicídio exige um discurso que se distancie de juízos de valores, algo que vai colidir de frente com os traços inconscientes de condenação desse tipo de ação, presentes nas formações arquetípicas dos indivíduos – particularmente solidificado desde a Idade Média. Assim, acreditamos que o convívio dos membros dessas organizações junto aos indivíduos com tendências ao auto sacrifício poderia nos conceder um quadro mais próximo do

imaginário relativo ao suicídio e, ao mesmo tempo, revelar a postura dos atendentes diante desse imaginário na busca pelo impedimento do ato. Para tanto, o presente estudo está organizado em quatro capítulos.

Ainda nesta introdução, voltamos nossa atenção sobre como a sociologia clássica deu ao suicídio contornos de problema não individual, mas cuja origem se dá a partir das dinâmicas sociais. Para isso, focamos nas teorias de Marx e, principalmente, Durkheim. Falamos também sobre a teoria do imaginário de Gilbert Durand e sua relevância enquanto campo de pesquisa social. Mostramos as estruturas elaboradas por ele para compor o imaginário, suas formações arquetípicas e os símbolos que formam os regimes da composição imaginária da mente humana.

No primeiro capítulo, por meio de pesquisa bibliográfica, elegemos quatro pares de categorias antitéticas e complementares que tentam definir as construções simbólicas do imaginário que mais influenciaram na concepção do suicídio desde os seus primeiros registros históricos: honra e salvação, pecado e crime, loucura e razão e tristeza e patologia. A divisão em categorias binárias se deu em razão da dificuldade em conseguir estipular uma única visão ampla para o fenômeno, bem como para ilustrar o conflito de concepções que existiu em todas as épocas. Nossa intenção é de mostrar o imaginário sobre o suicídio através dos seus diferentes contextos e historicidades, na tentativa de recuperar não apenas a discussão histórica, mas também a de confrontar esses dados narrativos com aqueles coletados no campo, analisados no terceiro capítulo. Ainda nesse capítulo abordamos o fenômeno do estigma que se forma em torno das pessoas que tentaram suicídio e não morreram, bem como dos familiares das vítimas de suicídio, com base principalmente nas pesquisas de Erving Goffman. A hipótese norteadora desse capítulo consiste em questionar com qual intensidade o imaginário sobre a morte voluntária sofreu alterações com o passar dos séculos.

No segundo capítulo trouxemos as concepções e imagens que os piauienses possuem sobre a morte e o suicídio. Salientamos a postura nos velórios e exemplos de devoção aos símbolos religiosos, mitos e ícones martirizados. Abordamos também como é a postura do piauiense frente à morte voluntária, a feição desta na literatura e no comportamento comunitário diante do suicídio de quem possui notoriedade social.

O terceiro capítulo é voltado para a análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas realizadas junto a 20 atendentes de quatro das seis entidades que atuam no suporte às pessoas com ideação suicida em Teresina. Fizemos um levantamento das imagens que foram citadas por eles durante as entrevistas, associamos às estruturas simbólicas das matrizes arquetípicas

presentes no inconsciente desde o início dos agrupamentos comunitários do ser humano e depois buscamos inserir esses símbolos na classificação semântica de Durand.

No quarto capítulo mostramos a etnografia realizada em velórios de pessoas que cometeram suicídio em Teresina. Visitamos duas dessas cerimônias e analisamos as formas de expressão dos indivíduos presentes com relação às suas posturas frente a esse tipo de morte. Depois fazemos um comparativo dessa investigação com a análise do teste Likert realizado junto aos atendentes, como forma de desvelar as impressões e posturas dos pesquisados com relação às pessoas com ideação suicida.

### **Entre o som da morte e a procura da vida**

O desenvolvimento da pesquisa se deu em quatro organizações que atuam no amparo a pessoas com ideação suicida em Teresina. Uma delas pertence ao poder público: o projeto PROVIDA, mantido pela prefeitura da capital. As outras três são organizações não governamentais: o Centro de Valorização da Vida (CVV), o Projeto Caminhos e o Grupo de Apoio Contato Esperança (GRACE). Além dessas instituições, existem outras duas que atuam em Teresina e que possuem foco voltado para pessoas com ideação suicida, o Centro Débora Mesquita, que é uma ONG, e o Hospital Areolino de Abreu, gerido pelo governo do estado e o único voltado para situações de emergência 24 horas. No início da pesquisa havia a intenção de entrevistar atendentes das seis instituições, empreitada que foi deixada de lado após orientação dos membros da banca de qualificação, pelo receio de não haver tempo hábil para a análise de todos os dados antes do prazo final do mestrado. Decidimos por analisar os atendentes do CVV por ser a entidade mais antiga voltada para esse tipo de atendimento, do PROVIDA por ser do poder público em atendimento não emergencial, e do GRACE e do Projeto Caminhos por serem entidades voltadas para o aconselhamento religioso, já que a análise do imaginário da religião sobre o autocídio é um dos focos desse estudo.

Os sujeitos da pesquisa foram as pessoas dessas instituições responsáveis por interagir diretamente com quem possui a ideação suicida. O conjunto desses indivíduos, quando analisamos as diferentes instituições, é formado pelos mais diversos tipos de profissionais: psiquiatras, psicólogos, pastores evangélicos, orientadores espirituais, entre outros. Diante da dificuldade em classificar os sujeitos de um grupo formando por ocupações tão variadas, decidimos por chamá-los apenas por atendentes, aqueles que diariamente dedicam parte de seu tempo para ouvir o clamor, a dor e a angústia daqueles que estão na liminaridade (TURNER,

1974), um ritual entre o som moribundo da morte e o barulho edificante da vida. Entre aquele que liga para ser ouvido – ou que fala presencialmente - e aquele que escuta, deve haver, no mínimo, um ritual de silêncio e lamúria, que põem à nudez uma das maiores capacidades do ser humano: o de pensar não apenas a morte, mas a decisão de matar-se, de antecipar-se às condições naturais da morte; de ser, nesse lapso de tempo, uma espécie de deus.

Estabeleceu-se contato com cinco desses atendentes em cada uma das instituições, amostra que representa em torno de 20% do total de integrantes que cada uma delas possui. Entendemos que essa amostragem foi suficiente para elaboramos o presente estudo. Para tanto, dividimos a pesquisa em duas etapas.

A primeira delas consistiu na aplicação de um questionário sociodemográfico, incluindo itens relativos a gênero, religião, classe social, entre outros; associado a ele, foi empregada uma entrevista oral baseada em um inquérito previamente elaborado com o intuito de descobrir as narrativas dos atendentes com relação às construções imaginárias que eles possuem a respeito do suicídio. Esse interrogatório foi guiado por um roteiro de entrevista semiestruturada, que tem como característica questionamentos baseados em hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa e que dão frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas. As entrevistas foram todas registradas por um dispositivo de gravação de áudio para as consultas posteriores.

A segunda etapa foi construída a partir do levantamento das principais narrativas citadas nas entrevistas. Elencamos os substantivos, adjetivos e expressões mais utilizados pelos entrevistados para se referir ao suicídio - com a hipótese de que são produtos mais evidentes dos arquétipos presentes no inconsciente e, portanto, do imaginário - e elaboramos um questionário do tipo Likert a partir deles. Na escala Likert tomamos um construto determinado e desenvolvemos um conjunto de afirmações relacionadas à sua definição. Os respondentes do questionário, então se posicionam de acordo com uma medida de concordância que é atribuída ao item – a partir de uma escala exposta junta à questão (SILVA JÚNIOR, 2014). Esse questionário baseado nas categorias imaginárias - levantadas com as entrevistas - foi preparado com o intuito de avaliar o nível de ingerência que cada um desses construtos possui na percepção que o atendente tem sobre a morte voluntária.

Sempre que possível, as entrevistas e aplicações dos questionários aconteceram no próprio ambiente de trabalho dos atendentes, em espaços isolados que garantiram a privacidade dos entrevistados, preferencialmente durante ou após seus expedientes normais, para que o contato com os pacientes pudesse estar bem vívido em suas respostas.

Os dados sociodemográficos foram averiguados com o uso de estatísticas descritivas. Já com relação aos dados colhidos nas entrevistas, foi usado o recurso de análise de conteúdo, conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens que permitam a inferência de conhecimentos relativos a essas mensagens. Segundo Laurence Bardin (1979) a análise de conteúdo não é estática, transformando-se de acordo com os tipos de fala e de interpretação que se pretende analisar e extrair. “A técnica de análise adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento” (pp.30-31). De acordo com Laville e Dionne (1999), a análise de conteúdo “consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (p.214).

A avaliação dos questionários Likert foi realizada a partir do percentual proporcional atribuídos para cada um dos itens de acordo com a quantidade de vezes em que foram selecionados pelos entrevistados em determinada questão. Na contagem total do teste Likert, embora tenha sido dada a possibilidade dos pesquisados de concordarem ou discordarem parcialmente de cada proposição, levou-se em consideração as concordâncias e discordâncias totais, evidenciando a contabilidade separada dos itens com “parcialmente” apenas em casos em que os percentuais de resposta ficaram muito próximos uns dos outros.

Associado a isso, como forma de avaliar as impressões gerais da sociedade com relação ao suicídio, frequentamos velórios e enterros de pessoas que cometeram a morte voluntária. A participação nesses rituais fúnebres se deu através da observação encoberta, na qual a pesquisa é conduzida sem que seja informado aos participantes os objetivos e procedimentos do estudo. De acordo com a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde - que trata sobre os aspectos éticos nas investigações das ciências humanas - esse tipo de método “somente se justifica em circunstâncias nas quais a informação sobre objetivos e procedimentos alteraria o comportamento alvo do estudo ou quando a utilização deste método se apresenta como única forma de condução do estudo” (artigo 2º, inciso XV). Esse recurso foi utilizado para as observações dos velórios em razão do interdito que cerca o suicídio, fazendo com que a morte sucedida de tal maneira seja considerada tema proibido de conversas ou debates, trazendo vergonha e estigmas às famílias. Nesse sentido, percebeu-se ser inviável conseguir autorização para o acompanhamento dos velórios, principalmente quando a solicitação seria feita em um momento de extrema dor para os familiares. Por essa razão, e considerando-se a relevância do exame da postura social frente ao suicídio nessas circunstâncias para o andamento da pesquisa

e – conseqüentemente - para a construção de subsídios com a finalidade da criação de políticas públicas para a diminuição do estigma do suicídio, decidiu-se pela utilização desse método.

Ressaltamos também que a metodologia utilizada nessa pesquisa segue uma linha da sociologia compreensiva de Max Weber. Isso tendo em vista que a sociologia weberiana se constrói a partir das relações do indivíduo com a sociedade na qual ele vive. E, embora estejamos aqui analisando uma esfera de ideias que conduz a uma concepção mais durkheimiana - no sentido de que o imaginário se apresenta como uma das forças coercitivas da consciência coletiva -, o modo como o trajeto antropológico<sup>3</sup> de Durand se apresenta em cada atendente, reforça as ideias individualistas da ação social de Weber. “A relação social consiste completa e exclusivamente na probabilidade que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido)” (WEBER, 2015a, p.16). Nesse sentido, o método de condução das pesquisas de campo (e os resultados aos quais chegamos) se constroem a partir do amálgama entre a sociologia compreensiva weberiana e a dos fatos sociais coercitivos de Durkheim.

Esses procedimentos da análise voltaram-se para o suporte da construção de impressões do imaginário, quando foram utilizados os esquemas arquetípicos elaborados por Gilbert Durand, estabelecidos em uma classificação isotópica de imagens. Durand criou estruturas compostas de símbolos baseados em imagens semanticamente similares presentes em discursos sociais desde a Antiguidade, ao qual ele chamou de mitodologia, e, a partir dessa organização, pode-se traçar a base dos arquétipos sobre o suicídio e a morte presentes no imaginário dos atendentes dessas instituições.

Por meios dos dados das entrevistas foi possível levantar os vestígios de mitos que permeiam o imaginário dos atendentes que são nosso objeto de estudo, classificando-os de acordo com os tipos de “constelações” (agrupamentos ou famílias) de imagens que atuam para formar o imaginário elaborado por Durand. É o procedimento ao qual denominou de mitanálise, baseado na ideia de que "numa sociedade há mitos tolerados, patentes, que circulam, e mitos latentes, que não conseguem encontrar meios simbólicos de expressão e que trabalham a sociedade a um nível profundo" (MELLO, 1994, p. 48).

Durand também chama atenção para o fato de que esse método consegue revelar e catalogar os mitos presentes no imaginário de uma determinada sociedade que se sobrepõem

---

<sup>3</sup> Para detalhes sobre como funciona o trajeto antropológico, conferir a página 27.

ou substituem outros com as mesmas características, pois eles estão em constante mudança de suas feições.

A mitanálise permite mostrar as camadas míticas que se imbricam e a anatomia de um momento social num grupo, bem como as suas componentes. Segundo Durand, não é apenas um único mito que atua numa sociedade; ela sobrevive através de correntes compensadoras. Os fundadores sociais levam sempre em conta a pluralidade, as oposições e também as complementaridades dessas correntes. (Ibid, p. 48)

Segundo Durand, a mitanálise possui uma grande vantagem, que é uma amplitude que pode abarcar os mais diversos campos de estudo. “Este método aparece também na sua filosofia subjacente como uma renovação do humanismo, segundo a famosa fórmula ‘nada do que é humano lhe é estranho’” (DURAND, 1996, 168).

### **A sociologia clássica e o suicídio**

A análise do suicídio como fenômeno que deve ser estudado pelas ciências sociais dá alguns de seus primeiros passos com o estudo realizado por Karl Marx na metade do século XIX. O artigo “*Sobre o suicídio*” foi publicado em 1846 e não teve nenhuma outra edição (ou repercussão) durante a vida dele, sendo novamente publicado quase um século depois, quando foi redescoberto em 1932. A peculiaridade dessa produção é que ela foge das análises padrões de Marx, pois examina uma ocorrência da vida privada e não da esfera econômica ou política. Efetivamente boa parte do texto nem mesmo foi escrita por ele, já que é utilizado um trecho da autobiografia de um arquivista francês chamado Jacques Peuchet. Trabalhando muito tempo no departamento documental da polícia francesa, Peuchet sentiu-se incomodado com os inúmeros casos de suicídio que chegavam até ele. Ao se aposentar decidiu escrever suas memórias e contou detalhes sobre essas ocorrências, levantando estatísticas dos registros e fazendo uma correspondência direta com os valores morais da França, que seriam a causa concreta da maioria dos episódios. Marx retoma o texto de Peuchet na Alemanha, fazendo discretas complementações, mas aquiescendo com o teor principal: o suicídio tem como sustentáculo as normas padrões da sociedade burguesa.

A sociedade regida pelos valores da burguesia, portanto, era a responsável pelas condições morais que estavam levando as pessoas a matarem-se. Essa sociedade regida pela concorrência desenfreada, que coloca seus sujeitos como rivais, pede posições morais e econômicas rígidas dos líderes dos grupos, sob pena da ascensão social se perder frente às imposições frenéticas do mercado ou dos padrões de costumes exigidos da elite para a

diferenciação das classes baixas. Em um ensaio acerca do artigo de Marx, o sociólogo Michael Löwy faz uma análise sobre esse aspecto:

A sociedade moderna, escreve Marx citando Peuchet, que por sua vez cita Jean-Jacques Rousseau, é um deserto, habitado por bestas selvagens. Cada indivíduo está isolado dos demais, é um entre milhões, numa espécie de solidão em massa. As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição impiedosas, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo é ser vítima ou carrasco. Eis, portanto, o contexto social que explica o desespero e o suicídio. (LÖWY, 2006)

No artigo que constrói com o texto de Peuchet, são evidenciados quatro casos de suicídio que o francês acompanhou de perto. Três deles protagonizados por mulheres, mostrando que a arbitrariedade da moral da época em prol dos homens era causadora de boa parte das mortes voluntárias femininas. Em um deles, a filha de um alfaiate que estava prestes a desposar um homem de destaque na sociedade, dorme na casa do noivo na noite anterior ao casamento, com a anuência dos pais dele. No entanto, ao chegar em casa na manhã seguinte é agredida verbalmente pelos pais e pelos padrinhos do casamento que, adotando a postura moral que acreditavam ser exigida pela comunidade, a puniam por perder a honra. Depois de tentar, em vão, explicar aos agressores que ia se casar dali a pouco com o noivo, ela se joga, em desespero, no rio Sena para se afogar. A tese de Marx/Peuchet sobre esse caso é que a agressividade contra a jovem representa uma compensação dos pais pelo servilismo que sofriam na sociedade capitalista, onde ou se assume a postura de algoz, ou de vítima. Vale ressaltar que, dos três casos de mulheres citados no artigo, duas pertencem à classe alta e uma à classe baixa, o que quer dizer que para as mulheres pouco importa o patamar social, todas são atingidas pela opressão do patriarcado. Sob a tutela das famílias, quando solteiras, ou dos maridos, quando casadas, eram elas as maiores vítimas dos padrões morais impostos pela burguesia naquele período.

Assim, é a lógica do regime capitalista a essência dos infortúnios que acometem os corações dos suicidas. A frieza da busca por capital distancia as pessoas, acredita Marx, e isso cria uma patologia social que alimenta o ideário e leva ao desprezo dos mais ricos com relação aos mais pobres. Somente quem está nas condições mais debilitadas sabe o quanto a agonia lateja no peito. Diante dessa situação, considera o suicídio um direito de cada indivíduo:

Como se explica que, apesar de tantos anátemas, o homem se mate? É que o sangue não corre do mesmo modo nas veias de gente desesperada e nas veias dos seres frios, que se dão o lazer de proferir todo esse palavrorio estéril. O Homem parece um mistério para o Homem; sabe-se apenas censurá-lo, mas

não se o conhece. [...] quando se vê a quantidade incrível de classes que, por todos os lados, são abandonadas na miséria, e os párias sociais, que são golpeados com um desprezo brutal e preventivo, talvez para dispensar-se do incômodo de ter que arrancá-los de sua sujeira; quando se vê tudo isso, então não se entende com que direito se poderia exigir do indivíduo que ele preserve em si mesmo uma existência que é espezinhada por nossos hábitos mais corriqueiros, nossos preconceitos, nossas leis e nossos costumes em geral. (MARX, 2006, p.27)

A discussão das causas sociais do suicídio ganhou pouca projeção por mais de meio século, até que Émile Durkheim realizou o maior estudo sistemático sobre esse fenômeno até hoje produzido. Não é que os pesquisadores da época tenham sido negligentes com o tema. Foram muitos os trabalhos voltados para mostrar a problemática do suicídio. Conforme relata Giddens (1965), o número de pesquisas que tinham a morte voluntária como foco, foi muito grande, sendo esse, provavelmente, um dos mais discutidos problemas sociais do século XIX. No entanto, nenhuma dessas pesquisas metodizava e analisava esses aspectos grupais que influenciavam o indivíduo como a do francês Émile Durkheim, que conseguiu unificar todos esses empreendimentos e montar uma infraestrutura coesa para alicerçar sua tese.

Diferentemente de Karl Marx, Durkheim empenhou-se com obstinação sobre o estudo do suicídio. Enquanto o alemão pretendia mostrar como as contradições sociais levavam a cenários morais opressores considerados normais, mas que induziam indivíduos a se matarem, o francês utilizou sua teoria de fato social para mostrar como a morte voluntária significava um evento comum produzido nas sociedades. *O suicídio* foi publicado em 1897, logo depois das duas obras de Durkheim que alicerçaram o pensamento sociológico da época, *Da divisão do trabalho social* (1893) e *As regras do método sociológico* (1895). A cronologia dessas publicações é relevante para compreender como a temática do suicídio surge como complementação da teoria levantada por ele. Preocupado em delimitar a sociologia como ciência, Durkheim estabeleceu nessas duas primeiras publicações o objeto de estudo desse ramo emergente do saber científico: o fato social e suas bases. Para ele esse fato é caracterizado como “toda maneira de fazer, fixa ou não, capaz de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; que é geral na extensão de uma dada sociedade que tem existência própria, independente de suas manifestações individuais” (2012, p.40).

Partindo desse fundamento, Durkheim estabelece o estudo do suicídio em bases que até então não haviam sido instauradas. Utilizando estatísticas sobre a morte voluntária de diversas partes da França e de outros países, ele determinou a comparação da incidência dos casos como fator de explicação para esse fenômeno, distanciando a erudição sociológica das outras, como

a psicologia ou a psiquiatria. Através da análise desses números ele mostrou como o suicídio se constitui como fato social, podendo ser considerado normal dentro das mais diversas comunidades. De acordo com ele, cada sociedade possui um número médio e equilibrado de auto sacrifícios em determinado período de tempo, denominado de taxa social de suicídio, que é o objeto principal do estudo.

Não é possível dizer atualmente em que consiste essa tendência, se ela é um estado *sui generis*, da alma coletiva, com uma realidade própria, ou se representa apenas uma soma de estados individuais. [...] Cada sociedade está predisposta a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias. Essa predisposição pode, pois, ser o objeto de um estudo especial e que concerne à sociologia. (DURKHEIM, 2014, pag. 24)

Essa posição de Durkheim torna evidente a distância que ele pretende tomar, ao iniciar sua análise sobre o suicídio, da maior parte das outras que foram realizadas até então, especialmente das áreas médica e filosófica. Ao examinar em primeiro plano o comportamento dos grupos, ele inicia um novo esquema sistemático de apuração, que tira do indivíduo a responsabilidade exclusiva da “escolha” por abdicar da vida. Durkheim mostrou que cada sujeito carrega em suas atitudes e seu modo de pensar os vestígios da sociedade na qual cresceu. Por isso a vida social é composta de representações mentais nutridas a partir do convívio de cada um com outros indivíduos. Foi o que ele chamou de consciência coletiva, que traz em seu núcleo os aspectos de coercitividade que mais se aproximam do comportamento atribuído aos suicidas. A pressão por enquadramento à moral social vigente leva os sujeitos desajustados ou ajustados em demasia a ela a abdicarem de suas vidas.

O estudo realizado por Durkheim é trifásico, com momentos bem distintos entre si. Primeiramente ele se empenha em desconstruir a tese de que fatores extras sociais, como a loucura, a hereditariedade ou a imitação são a causa primordial do suicídio, se empenhando em mostrar com base em dados estatísticos que esses são motivos irrisórios ou inexistentes para o auto sacrifício. Na segunda parte são examinadas as causas sociais do fenômeno, concluindo que os períodos de alta intensidade da morte voluntária são cíclicos, sempre ressurgindo nos mais diversos quadros sociais, depois de um intervalo de diminuição. Nessa parte do estudo ele caracteriza os tipos de suicídio que se opõem: o altruísta e o egoísta, e o anômico e o fatalista (este último não merece análise mais aprofundada, pois ele crê que sua incidência é rara).

Estabelecer o suicídio como fato social a princípio pode parecer um contrassenso, uma vez que atitudes desvirtuadas da moral sugerem uma desintegração da coesão da sociedade. Mas para Durkheim essa espécie de atitude age justamente de forma inversa, contribuindo para

uma aglutinação maior do grupo, uma vez que mantem aceso o sentimento de aversão àquele tipo de ação. Além do mais, essas ações transgressoras contribuem para que o meio social possa balizar seu próprio comportamento, dando espaço à divergência de opiniões e permitindo as mudanças das instituições sociais. Essa concepção pode ser melhor compreendida atentando para a importância de sentimentos de desolação dentro dos agrupamentos sociais. Durkheim explica que eles são necessários para que se perceba o valor dos estados de bem-estar. Ambos são imprescindíveis, pois a existência de um sem o outro gera distorções morais no seio da comunidade, uma vez que uma única corrente fluindo não consegue impor limites a si própria:

“Ocorre com as sociedades o mesmo que ocorre com os indivíduos. Uma moral demasiado risonha é uma moral frouxa; só convém aos povos em decadência e apenas entre eles é encontrada. A vida muitas vezes é rude, muitas vezes decepcionante ou vazia. É preciso, portanto, que a sensibilidade coletiva reflita esse lado da existência. Por isso, ao lado da corrente otimista que leva os homens a considerar o mundo com confiança, é necessário que haja uma corrente oposta, menos intensa sem dúvida e menos geral que a precedente, em condições, todavia de contê-la parcialmente; pois uma tendência não se autolimita, nunca pode ser limitada senão por outra tendência”. (DURKHEIM, 2014, p. 365)

Portanto, para ele o suicídio é um fenômeno não apenas normal, mas necessário para o bom funcionamento social. Esse parecer choca-se por inteiro com a noção de suicídio que havia sido formulada por toda a história e até esse momento, designando um marco fixo de mudança no ponto de vista dessa manifestação. Entretanto, Durkheim esclarece, a existência do suicídio só gera aspectos positivos se ocorrer em quantidade irrisória, apenas simbólica, de modo a não comprometer a estrutura da coesão social. Caso transcorra em demasia, passa a fazer parte dos fatos sociais patológicos, que embaraçam o bom desempenho do conglomerado societário, causando a anomia:

“Se o espírito de renúncia, o amor pelo progresso, o gosto pela individuação tem lugar em qualquer espécie de sociedade, e se não podem existir sem se tornarem, em certos pontos, geradores de suicídio, também é preciso que tenham essa propriedade apenas em alguma medida, variável conforme os povos. Ela só tem fundamento se não ultrapassa certos limites. Do mesmo modo a propensão coletiva à tristeza só é saudável com a condição de não ser preponderante”. (Ibid, p.366)

As inovações de Durkheim no trato do modo de ver o suicídio o coloca em posição pioneira na história do debate sobre esse fenômeno. Ao mostrar que a sociedade opera similar a um organismo vivo, onde cada setor ou indivíduo “funciona” por si só, mas na interdependência dos outros, ele criou condições de, se não normalizar a atitude suicida, pelo menos abrir caminhos para a diminuição da culpabilização e estigmatização em cima do

indivíduo. É a consciência coletiva, por meio da coerção social, que influencia o estado de espírito das vítimas desse ato. Nesse sentido, é à sociedade como um todo a quem se deve atribuir a responsabilidade pela fragilização de suas partes a ponto de acreditarem ser necessário abrir mão de sua existência para conseguirem alcançar determinado objetivo.

Ação volitiva juridicamente, a prática do suicídio ainda está carregada de preconceitos que estigmatizam e excluem as pessoas envolvidas com ele. O que parece interessante é que boa parte das pessoas nem sabe o porquê não se fala sobre o suicídio. A justificativa está nas formulações do imaginário, ainda repleto dos arquétipos mitológicos criados para fugir da morte e da simbologia religiosa que ainda proíbe a morte voluntária.

### **Durand, o imaginário e o suicídio**

Como toda e qualquer sentença que diga respeito a aspectos das ciências humanas, as formulações sobre o significado do imaginário são vivas e se modificam com o tempo, conforme ocorrem as ininterruptas transformações sociais. Cada período pensa a si mesmo de forma diferente. A própria ideia de imaginário, relacionada à dinâmica dos pensamentos humanos, já está intrinsecamente atada à subjetividade do tempo e do espaço. Por isso mesmo, desde que o termo começou a ser analisado, foi tido como oposição ao que os indivíduos consideravam real.

Foi assim que se construiu o senso comum que acredita que falar de imaginário é falar de coisas que nos tiram da realidade, que nos endereçam a um mundo oposto ao da vida material, que nos remetem a uma esfera de objetos inexistentes. Nessa linha de raciocínio, fazemos isso por diversas razões. É uma forma de nos afastarmos da realidade difícil, imposta pelas agruras do cotidiano, e que nos serve como alicerce lúdico para não sucumbir às exigências intangíveis da sociedade capitalista. Pode ser também um método de inspiração para artistas ou profissionais em geral que exploram a criatividade para elaborar produções incomuns. Ou ainda o mecanismo a que se apegam os desequilibrados mentais, em seus devaneios dispersos da existência concreta. São muitas as acepções, mas que quase sempre levam ao mesmo lugar: o imaginário desvia o indivíduo de suas funções sociais materiais, raramente trazendo benefícios práticos à comunidade.

As diversas teorias do imaginário que surgiram desde o início do século XX trouxeram uma nova forma de ver esse fenômeno mental como algo que não apenas contribui, mas também é utilizado deliberadamente – ainda que de forma inconsciente, por mais paradoxal que possa

parecer – para que os sujeitos possam produzir significados às suas ações sociais. Mas, antes que esse tipo de pensamento fosse absorvido, o imaginário passou muitos séculos unicamente ligado ao irreal, ao sobrenatural. Teremos oportunidade de discutir mais adiante sobre essas teorias. No momento, chamamos atenção para a tese do sociólogo francês Gilbert Durand.

A compreensão de imaginário formulada por este autor deu a este campo de estudo maior prestígio diante das outras ciências humanas. A partir dele, as manifestações imaginárias puderam ser melhor delineadas e, portanto, analisadas a partir de um método definido. A sua teoria, embora esteja inscrita no universo socioantropológico, está ancorada na psicologia analítica do suíço Carl Gustav Jung, que desenvolveu na década de 20, os conceitos de inconsciente coletivo e, principalmente, de arquétipo<sup>4</sup>. As formas psíquicas elaboradas por Jung estão no cerne do imaginário construído por Durand (não coincidentemente ambos participaram do Círculo de Eranos<sup>5</sup>) e sedimentam os pilares para a formação da malha teórica construída pelo francês.

Partindo de estudos já bastante conhecidos sobre o imaginário – em especial de Bachelard, seu mestre - Gilbert Durand começa a tecer sua própria elucidação a respeito de um espaço mental onde símbolos arcaicos ficam depositados para serem utilizados involuntariamente, quando necessários, nas dinâmicas da vida cotidiana do indivíduo. Em *As estruturas antropológicas do imaginário*, sua tese de doutorado, Durand tenta estipular esses limites e oferece uma gama de explicações para tornar mais fácil sua compreensão.

Dizemos que ele tenta estipular porque, definir o que é o imaginário, nessa acepção, é tarefa inalcançável ou, como diria Geertz, seria apenas uma interpretação e não a instancialização da realidade propriamente dita. Os limites do imaginário são tênues e se confundem com inúmeros outros processos psíquicos que atuam nas relações do homem em suas práticas cotidianas. Porém, os exemplos permitem compreender com relativa facilidade

---

<sup>4</sup> Ao definir esse termo Jung diz que “chamamos instinto aos impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas através de imagens simbólicas. São a estas manifestações que chamo arquétipos. A sua origem não é conhecida; e eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo — mesmo onde não é possível explicar a sua transmissão por descendência direta ou por ‘fecundações cruzadas’ resultantes da migração” (JUNG, 1964, p. 69).

<sup>5</sup> O Círculo de Eranos foi o nome dado a um movimento baseado em uma série de encontros entre pesquisadores de símbolos e imaginário ocorridos a partir de 1933 na Suíça. Foram promovidos pela estudiosa de teosofismo Olga Froebe-Kapteyn, que mobilizava anualmente estudiosos dos mais diversos ramos da ciência para aprofundar esses temas não pelo sentido racional das experiências, mas em um âmbito gnóstico. Entre os participantes, além de Durand e Jung, estavam nomes como Gaston Bachelard, Joseph Campbell, Henri Corbin, Mircea Eliade e Niels Bohr. Esses encontros foram essenciais para a troca de informações e o desenvolvimento de conceitos, como o arquétipo. (FERREIRA e SILVEIRA, 2015)

que o imaginário é “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens - aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (1997, p.18). É com base nesse argumento que questionamos a respeito de como e a partir de quê os indivíduos, sujeitos do estudo em apreço, elaboram imagens sobre o suicídio.

Conforme afirma Durand, o poder do imaginário está na necessidade de o indivíduo pensar sobre sua própria mortalidade, finitude, posicionando-se contra ela e criando subterfúgios imaginativos que lhes permitam sonhar com a vida infinita (a mesma tese de outros estudiosos do imaginário, como Morin). São essas imagens, reproduzidas *ad infinitum*, que criam condições para que o ser humano elabore símbolos, mitos e ícones que se transformam em arquétipos depositados - gradualmente, através do tempo - no vasto campo oculto do inconsciente coletivo, formando, assim, o imaginário. Nesse aspecto, falar do suicídio, como morte, é também enfrentar o seu oposto binário, que é a vida. Ao nos determos a descobrir sobre como os indivíduos elaboram imagens a respeito do suicídio permite-nos ao mesmo tempo capturar os vários sentidos que possui a própria vida, para eles.

Esse itinerário entre vida/morte e morte/vida e a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social é o que Durand (1997, p. 41) chama de “trajeto antropológico” do imaginário, constituído de objetos simbólicos da ação humana no mundo, por meio de mitos, sagas históricas, narrativas poéticas, representações dramáticas, rituais religiosos, tudo pode se tornar símbolo do inconformismo com a morte e, portanto, material de formação de arquétipos. Essas criações essencialmente culturais, tornaram-se pulsos psíquicos e foram habitar no inconsciente, lá repousando até que as práticas sociais exigem sua atuação em ações não racionais. Esse trajeto é cíclico e retrocessivo (social/cultural ↔ fisiológico/psíquico), uma vez que as ações culturais humanas estão incessantemente criando produtos simbólicos.

Afinal, o imaginário não é mais que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, como provou magistralmente Piaget, as representações subjetivas se explicam "pelas acomodações anteriores do sujeito" ao meio objetivo. (DURAND, 1997, p. 41).

No próximo capítulo, por exemplo, teremos oportunidade de mostrar como os indivíduos de distintos contextos culturais e espaciais foram capazes de elaborar o imaginário do suicídio a partir de elementos e de produtos-símbolos igualmente distintos. Isso se dá, como veremos, porque as imagens surgem para eles, mas eles não possuem força suficiente para

controlá-las. O indivíduo pensa o que lhe é possível pensar. Há, nesse sentido, poucas revoluções simbólicas que se posicionem na contramão daquilo que é socialmente dado. Essas imagens arquetípicas atuam em todas as esferas da vida humana, influenciando, assim, o pensamento através de simbolizações e conferindo sentido racional à realidade vivida.

Entretanto, há uma “lógica de triagem” desses arquétipos que o inconsciente faz para revelar as imagens simbólicas aos indivíduos. De acordo com Durand, existem estruturas formadas na mente humana que explicam essas manifestações. São estruturas baseadas nos reflexos dominantes<sup>6</sup> do ser humano ao nascer, que são os gestos digestivo, postural e copulativo.

A reflexologia do recém-nascido parece-nos evidenciar a trama metodológica sobre a qual a experiência da vida, os traumatismos fisiológicos, a adaptação positiva ou negativa ao meio virá inscrever os seus motivos e especificar o "polimorfismo" tanto pulsional como social da infância. (Ibid, p. 47)

A cada um desses gestos, associam-se estruturas de imagens simbólicas diferentes. O autor as classificou como místicas ou antifrásicas - quando relacionadas ao reflexo digestivo; heroicas ou esquizomórficas - quando vinculadas ao gesto postural, e dramáticas ou sintéticas - se sua ligação é com o gesto copulativo.

Ao reflexo postural - que direciona ao posicionamento ereto do ser humano - Durand remeteu às imagens de ascensão e verticalização, que indicam a direção ao Sol e à pureza cósmica. São símbolos de potência e que remetem ao heroísmo e que foram classificados como Regime Diurno das imagens.

Esse reflexo inspira a produção de símbolos ascensoriais (cetro, flecha, asa, anjo), espetaculares (luz, sol, ouro, fogo, céu) e diaréticos (herói, espada). Durand classificou esse conjunto de símbolos como Regime Diurno (RD) das imagens, composto por estruturas heroicas (ou esquizomórficas), que a partir de uma atitude conflitual e antitética buscam vencer a morte e o devir. São ligados ao gesto dominante postural e remetem à figura paternal. (ANAZ, 2014, p.7)

Ao reflexo digestivo, o autor vincula as imagens simbólicas da queda e do abismo, onde o túmulo torna-se uma cama para a espera da vida eterna e o precipício ganha a forma de uma

---

<sup>6</sup> Durand foi buscar na neurofisiologia soviética um dos pilares de sustentação de sua teoria do imaginário. O estudo russo que ficou conhecido como reflexologia analisa os gestos dominantes resultantes da intervenção instintiva do sistema nervoso - em especial do cérebro - na elaboração de respostas sensorio-motoras à estímulos inatos dos animais. Ivan Pavlov e Vladimir Bechtereov foram dois dos estudiosos que mais se destacaram no movimento (SOUZA JÚNIOR e CIRINO, 2009). As teses desse último embasaram o estudo de Durand.

taça onde é despejada a bebida desejada, em um processo que eufemiza os temores da morte e da percepção do tempo. A esse conjunto de arquétipos ele denominou Regime Noturno.

O antídoto do tempo já não será procurado no sobre-humano da transcendência e da pureza das essências, mas na segura e quente intimidade da substância ou nas constantes rítmicas que escondem fenômenos e acidentes. Ao regime heroico da antítese vai suceder o regime pleno do eufemismo. Não só a noite sucede ao dia, como também, e sobretudo, às trevas nefastas. (DURAND, 1997, p. 194)

Fazem parte também do Regime Noturno as imagens simbólicas relativas ao reflexo copulativo, que trazem o amálgama do trágico e do heroico, também representando o temor da morte e esperança de vitória sobre o tempo. Sintetizam (ou dramatizam) narrações de situações caóticas e sua organização, fim e recomeço, de contrários que se unem para forjar um só, uma manifestação nova.

A reunião das imagens simbólicas diurnas e noturnas no imaginário revela que elas se manifestam de forma emaranhada, coexistindo na psique e se apresentando sem a necessidade de obedecer a regras. Além disso, embora possuam uma infinidade de manifestações, as imagens, afirma Durand, se expressam melhor no imaginário através do mito, a forma mais organizada de apresentação, uma vez que obedece à ordem linguística de verbo, substantivo e adjetivo, que se acomoda com mais facilidade na racionalidade humana. “Entenderemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito é já um esboço de racionalização” (Ibid, pp. 62-63), afirma Durand.

Segundo Durand explica, as narrativas míticas são dinâmicas e estão em constante processo de modificação e adaptação de acordo com o tempo em que são evocadas. Ele utiliza a metáfora de um rio para explicar as seis fases pelas quais um mito passa, ao qual chamou de “bacia semântica”: a primeira fase é o *escoamento*, onde diversas correntes formam-se em um determinado meio; a segunda é a *divisão das águas*, quando os escoamentos formam doutrinas diferentes; a terceira fase são as *confluências*, em que uma das correntes precisa ser ratificada com reconhecimento social; a quarta é chamada de *o nome do rio*, onde um indivíduo – real ou não – é tomado como ícone de afirmação da bacia semântica; a quinta fase é a *organização dos rios*, na qual as filosofias se consolidam; e a sexta e última fase é chamada de *esgotamento dos deltas*, quando correntes da filosofia (do rio) se debilitam e são englobadas por correntes vizinhas.

Estas seis etapas englobam as duas fases da nossa tópica, mas sem as isolar em seis sectores. Elas escalonam-se num movimento em espiral – sob as “margens” filosóficas de uma bacia semântica formam-se já “escoamentos” de uma outra bacia e, sob os “deltas e os meandros”, determina-se a “separação das águas” do rio que está para vir... (DURAND, 1996, p. 165).

Essa é a teoria durandiana que vai embasar nossa análise dos símbolos presentes no imaginário dos atendentes que participaram do estudo. Mas antes de nos lançarmos nessa empreitada, precisamos mostrar como as correntes imaginárias do suicídio se apresentaram através do tempo, bem como se manifestam entre os piauienses, o que veremos no primeiro e no segundo capítulo, respectivamente

## **CAPÍTULO 1 - CONTRARIANDO A BUSCA DA ETERNIDADE: O imaginário do suicídio através dos tempos**

Neste capítulo pretendemos abordar como o imaginário do suicídio se apresentou durante o decorrer da história humana. Para isso utilizamos somente fontes bibliográficas, que nos serviram de base para definir quatro pares de categorias imaginárias que predominaram em variados períodos. Mas antes de abordar o suicídio em si é importante ingressarmos em seu ponto de origem: a morte.

Falar sobre a morte é algo que incorre em dubiedade. De um lado ela traz consigo a ameaça do fim de tudo, a materialização do término da consciência e do não existir, que estão atrelados ao conceito de tempo, posto que só existe tempo se existir um começo e um fim. Por outro lado, essa mesma característica concede à morte um significado mais filosófico, mais amplo para o ser humano: dá a ele um sentido para existir. Havendo um fim para a vida, existe um limite de experiências que podemos vivenciar, e assim sendo, é preciso exercer nossa habilidade de decisão, escolhendo quais das infinitas possibilidades, nós experimentaremos antes de deixarmos de existir.

Daí nasce também o nosso receio da morte, em especial da morte prematura, e foi isso que instigou a raça humana a debater o tema como um dos mais prolíficos já existentes. Na Antiguidade a morte possuía significados e tratamentos diferentes nas mais variadas regiões do mundo. Os mesopotâmicos enterravam os mortos juntos com seus pertences, para que eles pudessem usufruí-los no além vida. O mesmo ocorria com os egípcios, que ainda deixavam uma moeda de ouro junto ao morto para que ele pudesse pagar um guia que o levasse pelo caminho correto no mundo espiritual. Por outro lado, os gregos cremavam os mortos, marcando uma nova condição social, a de espíritos (CAPUTO, 2008).

Na Índia também era costume a queima dos corpos, porém com outro objetivo, o de integra-los com a energia original que serviu como gênese de tudo. Para os hindus a morte representava o retorno ao outro plano da existência, onde a existe somente a paz, e que conhecemos como Nirvana. Já os protocristãos viam a morte como uma etapa de suspensão, onde aqueles que já não viviam iriam dormir um período indeterminado de tempo, até que fossem despertados para o dia do julgamento final, quando Cristo desceria à Terra mais uma vez para definir quais seriam as almas que conseguiriam a benção eterna e quais seriam jogadas no inferno.

A característica que deve ser ressaltada em todas essas culturas é a proximidade com a morte. Por mais que ela sempre tenha causado incômodo e medo, era vista na Antiguidade como algo inerente à vida e, quase sempre, como uma etapa necessária rumo ao desconhecido mundo dos espíritos.

Já na Idade Média a visão da morte começa a mudar, em especial no Ocidente do mundo. Foi o que mostrou o historiador francês Philippe Ariès (2014), que pesquisou as posturas humanas ante a morte do medievo até os dias de hoje. De acordo ele, na primeira parte da Idade Média, a morte ainda possuía características encontradas na Antiguidade. Essa familiaridade com o feneçimento fazia com que as pessoas aceitassem seu fim de forma relativamente natural. Por viverem em uma sociedade completamente voltada para a religiosidade, os indivíduos acreditavam que o momento final não chegava antes que um “aviso” fosse dado, como algum acidente, doença ou mesmo um pressentimento. Esse aviso era necessário para que os sujeitos pudessem organizar suas vidas e se despedir dos seus afetos antes de partir para a dimensão espiritual. Não o perceber era visto como mau agouro.

Era uma morte pública, na qual o sujeito se cercava de conhecidos, que não o deixavam até que ele desse seu último suspiro. Um período de grande representatividade sacra, uma vez que era o ponto onde ele devia se acertar com Deus de acordo com os seus feitos na vida. Um livro muito popular na época, intitulado *Ars Moriendi*<sup>7</sup> (1881), retratava esses momentos que foram comuns no medievo, e orientava os moribundos no ritual da boa morte. Era composto de iconografias que mostravam a disputa entre os demônios e os anjos pela alma do sujeito nos seus últimos momentos em vida, e não mais no dia do Julgamento Final.

O moribundo está deitado, cercado por seus amigos e familiares. Está prestes a executar os ritos que bem conhecemos. Mas sucede algo que perturba a simplicidade da cerimônia e que os assistentes não veem, um espetáculo reservado unicamente ao moribundo, que, aliás, o contempla com um pouco de inquietude e muita indiferença. Seres sobrenaturais invadiram o quarto e se comprimem na cabeceira do "jacente". De um lado, a Trindade, a Virgem e toda a corte celeste e, de outro, Satã e o exército de demônios monstruosos. A grande reunião que nos séculos XII e XIII tinha lugar no final dos tempos se faz então, a partir do século XV no quarto do enfermo. (ARIÈS, 2012, p.53)

Segundo o historiador inglês George Bullen, as ilustrações do *Ars Moriendi* foram elaboradas de forma a influenciar os fiéis cristãos a se voltarem para os dogmas das Santa Sé. “A imagem do moribundo, assim exposta aos assaltos de seus inimigos ardilosos, está bem calculado para evocar a simpatia [...] de homens e mulheres que realmente acreditavam [...], na

---

<sup>7</sup> *Ars Moriendi* significa “a arte de morrer” em latim. Foi publicado entre os séculos XV e XVI.

personalidade de Satanás e de demônios malignos<sup>8</sup>. (BULLEN, 1881, pp. 9-10). Desse modo, fica exposto como a morte se tornou um instrumento de mobilização para os fins de doutrinação da Igreja durante a Idade Média ocidental.

Já na parte final da era medieval esse modo de ver a morte ganha outro aspecto, justamente por causa dessa intervenção da Igreja no destino da alma. Como a sina de cada um dos indivíduos deixa de ser um julgamento que vai ocorrer no Dia do Juízo Final, mas sim um veredito concedido antes da morte pelos representantes do clero, essa perspectiva religiosa propagada pelos sacerdotes faz com que a morte se torne menos humanizada, pois ela carrega muita culpa produzida por aqueles que se foram. Chorar os mortos deixa de ser algo natural pois o destino do espírito ou será a felicidade eterna ao lado de Deus, ou a condenação infernal, e ambos os casos não permitem manifestações de lástima ante o clero (ARIÉS, 2014). Além disso, o corpo passa a ser malvisto e escondido, coberto por mortalhas e oculto em ataúdes fechados.

O início da modernidade e o surgimento de uma concepção romântica da vida, traz grandes modificações para a visão da morte. A perda de força do clero, com a racionalização das práticas e costumes, faz com que a morte fosse aos poucos tornando-se mais laica (CAPUTO, 2008). Isso não quer dizer que o sagrado da morte foi deixado de lado, mas sim que não está mais sob a intervenção da igreja católica.

Por fim, a chegada dos tempos atuais, modifica mais uma vez o comportamento diante da morte. O progresso da medicina faz com que os doentes passem cada vez mais a serem internados em hospitais em busca dos recursos médicos que prometem o prolongamento da vida. Com isso, fica mais comum a morte acontecer dentro de um isolado quarto de alguma clínica, longe de casa e dos familiares. A evolução dos ideais de higiene também contribuiu para essa transformação, retirando o velório de casa - por causa do risco de propagação de doenças - e transferindo-o para um lugar mais estéril em alguma funerária ou cemitério (MORIN, 2003).

As transformações do modo de ver e se portar diante da morte, e do processo de morrer, serão vistas mais detalhadamente no contexto da evolução do imaginário do suicídio dos tempos antigos até a contemporaneidade, que será abordada a partir de agora.

---

<sup>8</sup> The picture of the dying man, thus exposed to the assaults of his ghosdy enemies, is well calculated to call forth the sympathy [...] by men and women who actually believed [...] in the personality of Satan and the malignant demons.

## 1.1 Uma prática frequente e polêmica

O posicionamento diante do suicídio nunca foi unânime dentro de uma sociedade. Relatos de morte voluntária existem desde as primeiras eras da vida social dos homens. Já na Antiguidade, no berço da civilização, o suicídio era praticado e registrado em histórias que chegaram até nós. O pensamento de povos que influenciaram milhões de pessoas, como as doutrinas egípcias ou as filosofias greco-romanas, refletiram sobre a moralidade e até a legalidade do ato. Grandes nomes como Platão, Agostinho, Kant, Hume, Donne, entre outros, levantaram teorias que ajudaram a pensar sobre essa prática tão comum e ao mesmo tempo tão polêmica.

As correntes de pensamento que se dedicaram ao assunto abordaram os mais diversos âmbitos teóricos, contribuindo para a formação de visões difusas. Em uma das mais célebres, o ensaísta francês Albert Camus decreta o suicídio como a única questão filosófica que possui relevância de verdade. Para ele, a vida possui um confronto frontal entre a expectativa dos humanos e aquilo que a realidade realmente nos oferece, o que configura uma grande incoerência, ou, como ele chamou, o absurdo da vida. Em geral os homens não se dão conta desse absurdo por causa do hábito que comanda suas vidas. Porém, alguns deles despertam sua consciência e se dão conta do absurdo de viver e, quando isso ocorre, a lógica só concede duas alternativas: ou o restabelecimento – uma recolocação na vida - ou o suicídio. Este último seria a consequência coerente diante de uma condição de inadequação com o mundo (CAMUS, 2005).

Se um dos motivos do suicídio é uma possível incoerência da existência é difícil dizer. Mas é fato que a inquietação ante o autocídio tomou diversas formas nos mais variados períodos. Neste capítulo vamos fazer um levantamento sobre as principais teorias imaginárias e o modo de ver o suicídio no decorrer da história. Diferente da maioria dos estudos tentaremos mostrar não apenas a evolução do pensamento europeu ocidental, mas também de outras partes do mundo de onde vieram inúmeros imigrantes que povoaram o Brasil e contribuíram para a formação do imaginário do suicídio que permeia hoje a mente dos brasileiros.

Começemos lembrando que história mais conhecida e propagada da humanidade dos dois últimos milênios – que narra o martírio, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo - resolve dois de seus conflitos com suicídios. O primeiro deles se dá de modo direto. Após ser escolhido um dos doze apóstolos, Judas Iscariotes trai Jesus por trinta moedas de prata e o entrega aos

guardas do Templo de Jerusalém para que seja julgado por incitar insurreição e declarar-se rei. Ao perceber que ele fora condenado à morte, se arrepende e devolve as moedas. Porém é tarde demais e Judas nada pode fazer para reverter a sentença. Seu mestre será sacrificado em um dos mais dolorosos métodos de punição dos romanos - a crucificação. Em sua angústia, decide por matar-se e há duas versões para como isso ocorre. Segundo o evangelho de Mateus, ele se enforca. Já nos Atos dos Apóstolos, Lucas lembra uma história, contada por Pedro, em que Judas joga-se de um precipício: “caindo de cabeça para baixo, arreventou pelo meio, derramando-se todas as suas entranhas” (ATOS, 1:18), escreveu o discípulo em um episódio que, segundo ele, ganhou fama em Jerusalém, ao ponto dos habitantes da cidade chamarem “Campo de Sangue” o terreno onde Judas caiu e morreu.

O segundo deles, ocorre de forma indireta, porém com bastante consciência e é mais determinante para o final do enredo. O suicídio do próprio Jesus de Nazaré. O que os evangelistas dão a entender é que Jesus começou sua peregrinação para fazer suas pregações e popularizar seus ensinamentos sabendo de antemão o que o futuro lhe reservava. No decorrer de sua estadia em Jerusalém para celebrar a páscoa, anunciou por pelo menos três vezes seu sofrimento e sua morte, chegando até a indicar que Judas seria o responsável por levar os soldados até ele. Ainda assim seguiu exatamente os passos que deveria dar e entregou-se ao Sinédrio, consciente dos sofrimentos excruciantes que o aguardavam e que levariam à sua morte. Percebendo sua missão na Terra, Jesus entregou-se à sorte que Deus reservara a ele. Possuía muitos seguidores e amigos, esconder-se não seria difícil. Fugir para outra cidade também não, em especial diante da multidão que estava em Jerusalém para festejar a páscoa. Mas não, decidiu entregar-se ao seu fim como ser humano. Em seu evangelho, Marcos revela que, em suas orações momentos antes de ser preso, Jesus indicava que, embora com medo de sua sina, ele a aceitava: “Ó pai! Tudo é possível para Ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que Eu quero, mas o que Tu queres” (MC, 14:36). Alguns minutos depois diante dos guardas, entregou-se sem resistência para ser julgado e condenado à morte.

Essa postura de Jesus é de extrema relevância para a criação de seu mito. Sua entrega voluntária (altruísta, como na concepção de Durkheim) aos seus algozes levaria à morte e a ressurreição do Cristo, criando o maior símbolo religioso mundial desde então. Também deu início à doutrina que rege seus discípulos, e que viria a ser a principal causa da total reprovação de atos de morte voluntária alguns séculos depois. O surgimento do cristianismo inaugura uma nova fase na concepção humana sobre o auto sacrifício, onde a proibição alcança seu ponto máximo, na Idade Média da Europa onde, em alguns períodos, mesmo aqueles que se matavam

devido a problemas mentais, eram vistos como espíritos fracos que haviam se afastado de Deus - permitindo serem controlados por entidades demoníacas e por isso tão condenáveis quanto quem o fazia de forma consciente.

É importante levar em consideração que existe um conflito latente entre a prática do suicídio e a constituição do imaginário. Conforme vimos no capítulo anterior, na perspectiva de Durand o imaginário se manifesta e toma forma como meio do homem combater a sua mortalidade, ou seja, da necessidade de fugir de sua finitude e tornar-se imortal. O suicídio por sua vez, representa abdicação da existência – pelo menos em sua forma terrestre, se analisarmos sob uma perspectiva religiosa – e da busca pela imortalidade, uma atitude que representa em si a antítese dos reflexos e pulsões humanas que dão origem ao imaginário.

Essa incompatibilidade pode explicar o tabu que se criou em torno do suicídio desde o início dos tempos, tornando-o assunto controverso mesmo nos períodos e locais onde existiram maior indulgência sobre a ideia de matar-se. Decidir tirar a própria vida nunca foi assunto fácil e a prática desse ato esteve sempre carregada de repercussões morais muito intensas, fosse a seu favor ou não.

Para tentar mostrar como isso se deu, vamos percorrer o imaginário da morte voluntária levando em consideração os principais modelos de comportamento social frente a esse fenômeno, que dividimos em quatro pares de categorias antitéticas e complementares: os suicídios por honra e por redenção, os vistos como pecado e crime, os que se realizam por loucura ou por uma decisão racional e os que se dão como resultado de uma crise de tristeza ou resultam de uma patologia.

Essa classificação não segue, necessariamente, uma cronologia temporal histórica da prática do suicídio, mas uma sequência diacrônica da construção imaginária sobre esse ato. Por isso veremos que esses complexos imaginários podem se repetir, em maior ou menor grau, em diferentes períodos históricos e se complementarem sob diversas perspectivas.

## **1.2 Um caminho moral: entre a honra e a redenção**

Os registros mais antigos sobre o suicídio que se têm notícia já vêm carregados de dúvidas e polêmicas sobre ele. Por isso mesmo, em alguns dos locais onde ele ocorreu, a prática era socialmente desaprovada. No entanto, foi um recurso bastante utilizado, em especial quando se tratava de assuntos ligados à forte moral religiosa presente na Antiguidade ou nos costumes

solidários das primeiras sociedades. Nesta parte do trabalho vamos falar sobre a morte voluntária em nome da honra – a imagem do indivíduo perante a sociedade - como ocorreu com personagens tais quais a romana Lucrecia, após ser estuprada; e a egípcia Cleópatra (e seu amante romano Marco Antônio), na iminência de perder seu reino para os romanos. Falaremos também sobre o suicídio como salvação - que é aquele cometido com o intuito de se chegar a um mundo espiritual e usufruir das recompensas dos deuses – praticado por figuras como os apóstolos de Cristo, que se entregavam aos seus perseguidores com o intuito de sofrerem o martírio e serem dignos do reino dos céus; e os escravos africanos, que cometiam suicídio para voltar para sua terra junto de seus ancestrais. Os suicídios cometidos por honra e redenção, ao mesmo tempo em que são opostos - no sentido de que o indivíduo nem sempre tem o aval dos deuses para dar cabo de sua vida, mesmo em nome de sua integridade moral - se entrecruzam em alguns aspectos, como quando um guerreiro se mata para não ser desonrado em batalha e poder desfrutar dos benefícios do mundo dos mortos.

Por ser o local de surgimento do homem, e onde ele permaneceu por muito tempo antes de iniciar sua jornada de povoamento pelo mundo, é a África que possui o maior espólio sobre sua história. Apesar disso, são muitas as dificuldades em conseguir de modo amplo, registros sobre a morte voluntária em solo africano durante as primeiras eras das civilizações humanas. No entanto, pela magnitude do império que construíram, os egípcios deixaram documentados diversas passagens sobre o suicídio, ato que estava diretamente atrelado à fé no reino dos mortos. A intensa ligação com a religiosidade, que era intrínseca à vida social e política, fazia a crença na vida pós morte ganhar maior proporção na decisão sobre o auto sacrifício.

Por essa razão, o suicídio era visto com uma certa complacência no Egito Antigo. A doutrina religiosa baseada em diversos deuses também é uma forma de minimizar os impactos da decisão de abandonar a vida, uma vez que a representação divina fragmentada em vários planos, propicia uma esfera específica para múltiplos entendimentos da morte. É o que explica A. Alvarez (1999, p.81) ao mencionar as conclusões do filósofo inglês David Hume. Segundo Hume o monoteísmo cria uma visão de um universo uno, sistemático e inteligível e isso resulta em dogmatismo e fanatismo. Por outro lado, o politeísmo gera o surgimento da tolerância e produz respeito pela liberdade intelectual e, conseqüentemente, pelas decisões controversas, como o suicídio.

Outro aspecto que torna essa prática mais tolerável no Egito - e na também politeísta Mesopotâmia, como veremos adiante - é o fato de que o modo de produção escravagista das civilizações antigas moldava o modo de pensar e as atitudes dos indivíduos (NETTO, 2012).

Por essa via se formam estruturas imaginárias complacentes com a morte voluntária, quando o sofrimento em excesso pode ser interrompido para que o corpo pereça em benefício da transferência da alma para junto dos deuses, conseguindo sua salvação com o ato.

Como resultado da proximidade com os deuses, representados pelo próprio faraó, era grande o empenho em deixar registrados todos os acontecimentos mais relevantes do império. Escribas trabalhavam para que nada fosse deixado para trás, especialmente os assuntos relacionados ao mundo dos mortos. Esse fato fez com que o Egito produzisse mais documentos escritos sobre a morte voluntária que as sociedades mesopotâmicas. O maior exemplo são os dois documentos egípcios tidos como as primeiras cartas de suicida da história.

O *Diálogo de um desesperado com o seu ba* é o mais antigo deles, e faz parte da chamada literatura das ideias, textos onde os egípcios debatiam temas filosóficos e sociais. O egiptólogo português Telo Canhão (2010) traduziu e analisou o texto, que narra a conversa entre uma pessoa decepcionada com o mundo e seu *ba*, que é um dos componentes da totalidade de qualquer ser humano ou deus, podendo ser generalizado como o espírito ou a consciência. Nesse papiro, escrito por volta de 2.100 A.C. (Médio Império Egípcio), a pessoa expõe ao *ba* que está desiludida com o mundo e pretende dar cabo de sua vida, com isso intenciona que ele concorde com ela.

Hoje a morte é para mim como a cura para um homem doente, é como sair para o exterior depois de estar detido. [...]  
 Hoje a morte é para mim como um caminho muito trilhado, é como um homem que chega a casa depois de uma expedição.  
 Hoje a morte é para mim como o céu límpido, é como um homem que descobre o que antes ignorava.  
 Hoje a morte é para mim como um homem desejoso de ver a sua casa, depois de ter passado muitos anos em cativeiro. (ANÔNIMO, in CANHÃO, 2010a, p. 48)

O diálogo aqui é o do homem consigo próprio, pois o *ba* é etéreo, alma, a consciência de si mesmo. É unido ao indivíduo e o acompanha tanto em vida como na morte. Na conversa, ao perceber o intento da pessoa a qual está ligada, tenta dissuadi-la, tentando evitar que busque o mundo dos mortos (identificado no poema como o Ocidente) e venha a cometer o suicídio.

Atira as lamentações por cima da sebe!  
 Meu companheiro, meu irmão!  
 Possas tu fazer oferendas ao braseiro e manteres-te com vida de acordo com o que disseste!  
 Ama-me aqui e põe de lado o Ocidente!  
 Quando for desejável que alcances o Ocidente, então o teu corpo juntar-se-á à terra e eu alinharei logo após tu morreres.  
 Então, alcançaremos o cais juntos. (Ibid, p.48)

Note que, a despeito da sociedade egípcia não fazer condenações contundentes à prática do suicídio, o *ba* se esforça para impedir que a morte aconteça, mesmo o seu interlocutor estando em busca da redenção. Para Canhão, quando se leva em consideração a relevância da morte para os egípcios na busca pela vida eterna, pode-se perceber no texto uma certa carga ideológica que, inferimos, é possivelmente a representação de um instinto de autopreservação, uma ação da mente, pois, “[a pessoa] haja ou não haja, o texto é revelador da concepção do novo homem interior que fala consigo próprio através do seu *ba*” (CANHÃO, 2010b, p.372). Embora seja o documento mais antigo de uma intenção suicida, o texto conclui sem mostrar se o ato foi o não consumado.

Em razão disso, o outro documento do Egito Antigo tido como um dos primeiros registros de auto sacrifício é mais perceptível como uma carta suicida nos moldes como a delimitamos hoje. O papiro em si se perdeu com o tempo e mesmo a história quase não chega até nós. Foi narrada originalmente pelo sacerdote Manetom<sup>9</sup>. Em um de seus textos, intitulado *Contra Ápio*, o historiador hebreu Flávio Josefo questiona a afirmação de que os judeus se originaram dos egípcios, é narrada uma história registrada por Manetom de um sacerdote chamado Amenófis que era bastante conhecido pelas suas quase sempre certas predições do futuro. Esse sacerdote era membro da corte de um rei, também chamado Amenófis, que tinha o desejo de ver os deuses. Para que conseguisse tal feito, o sacerdote lhe recomendou que expulsasse do reino todos as pessoas com lepra e doenças semelhantes. Assim o faraó fez e mandou quase 80 mil doentes, incluindo outros sacerdotes, para trabalhar em minas de pedra às margens do Nilo. Ao se dar conta da tragédia que tinha motivado, e as consequências divinas que estariam por vir, Amenófis escreve uma carta ao faraó e comete suicídio.

Amenófis, temendo que os deuses o castigassem por ter dado ao rei um conselho tão violento e o príncipe, por tê-lo executado, e que tendo conhecido por revelação que para recompensar aquela pobre gente pelos seus sofrimentos, eles os tornariam senhores do Egito durante treze anos, não ousou dizê-lo ao rei, mas deixou aquela revelação por escrito e em seguida matou-se, o que causou extremo temor ao príncipe. (JOSEFO, 2004, p. 1500)

A vida pós-morte na qual acreditavam os egípcios fazia com que o suicídio fosse pouco incomum. Havia uma ligação muito forte com o além e a sua existência na Terra era uma fase imposta pelos deuses antes que ele chegasse à eternidade do outro lado. Apesar disso, mesmo

---

<sup>9</sup> Manetom é um conhecido pesquisador da história do império e que escreveu em grego a *Aegyptiaca*, uma trajetória do Egito desde a sua unificação, listando quase todos os seus faraós e como foram seus reinados. Manetom viveu durante a era de Ptolomeu (sec. III A.C.) porém boa parte de seus escritos se perdeu com o tempo, e só temos notícias deles graças ao trabalho de outro historiador famoso, o judeu Flávio Josefo, que escreveu a mais vasta obra sobre a origem e trajetória dos hebreus na história.

sabendo que deveria cumprir sua missão na etapa terrena, muitos decidiam por abreviá-la com o intuito de antecipar sua estadia na imortalidade do além-vida.

Esse tipo de comportamento pode ser explicado pela força de ideários sociais impostos aos indivíduos. Esse aspecto é melhor analisado por um dos primeiros estudiosos a relacionar o imaginário como parte de estudos sociológicos, já no século XX: Karl Mannheim. Nascido na Hungria, ele era professor na Universidade de Frankfurt, na Alemanha, quando os nazistas subiram ao poder. Perseguido pelo Terceiro Reich, foi destituído de seu emprego e teve que se exilar na Inglaterra. Como resultado das agruras que viveu, Mannheim se debruçou em pesquisas sobre a ideologia e manipulações sociais. Para ele, a cultura de um indivíduo serve como filtro para que ele possa se posicionar sobre uma outra, ou seja, o que se toma como verdade, depende da disposição do sujeito que analisa.

É dentro dessa concepção que o autor húngaro afirma - em uma formulação inclinada ao marxismo - que os indivíduos orientam seus ideais e sentimentos de acordo com anseios próprios, tendendo sempre a perpetuar a ordem vigente, por meio das ideologias. Para isso, quase sempre é preciso que esses atores elaborem manifestações mentais que se distanciam do que é racional. Na introdução que faz à obra de Mannheim, o sociólogo Louis Wirth condensa esse raciocínio.

Uma sociedade é, em última análise, possível **porque os indivíduos que nela vivem são portadores de algum tipo de imagem mental desta sociedade.** Contudo, nossa sociedade, nesta época de rigorosa divisão do trabalho, de extrema heterogeneidade e profundo conflito de interesses, atingiu um momento em que estas imagens são nubladas e incongruentes. Daí não mais percebermos como reais as mesmas coisas, e, ao lado de nosso amorfo sentido de uma realidade comum, estamos perdendo nosso meio comum de expressar e comunicar nossas experiências. (WIRTH, 1968, p.16, grifo nosso)

A “imagem mental” citada por Wirth corresponde ao artifício utilizado pelos atores sociais para gerir suas relações com os pares de seu grupo na direção em que ele acredita estar de acordo com suas convicções, algo perceptível no posicionamento da prática suicida pelos antigos egípcios.

Na história do Egito, aliás, são numerosos os relatos de auto sacrifício. O mais conhecido é o de Cleópatra, rainha da nação durante muitos anos e que enfrentou abundantes adversidades para conseguir se manter no poder. Relacionou-se amorosamente com dois líderes máximos de Roma: Júlio Cesar e, quando este morreu, Marco Antonio. Cleópatra tinha através de seus amantes, o apoio das legiões romanas para garantir-se no trono. Por isso, quando Marco Antonio foi derrotado por Otaviano, ela percebeu que perderia seu império. Fugiram os dois

para o Egito, onde mataram-se juntos em nome da honra. A morte de Cleópatra é até hoje romantizada em peças literárias e filmes, com ênfase no momento em que ela se deixa picar por uma cobra peçonhenta.

A escolha de Cleópatra pela morte através do veneno de uma serpente não foi por acaso. Dentre os vários tipos de suicídio cometidos pelos egípcios, a picada de cobra era um dos mais comuns, assim como a de escorpião. Beber o veneno de ambos era tão comum quanto. Outro método bastante praticado era afogar-se no leito do Nilo, ou em um dos pântanos formados por ele durante a cheia. Havia também quem optasse por métodos mais violentos, como poções que causavam hemorragias, ou mesmo a autoimolação com adagas, mas eram menos comuns. Esses costumavam praticar o suicídio fora dos muros das cidades, onde não teriam como proteger seus corpos, que eram essenciais na condução da viagem pelo outro mundo. A preocupação com a preparação dos restos mortais para o ritual fúnebre era levada tão a sério, que os corpos só eram entregues para o embalsamento após a decomposição já estar relativamente avançada. Conforme explica Heródoto.

Tratando-se de mulher, e se esta é bonita ou de destaque, o cadáver só é levado para embalsamamento decorridos três ou quatro dias após o seu falecimento. Toma-se essa precaução pelo receio de que os embalsamadores venham a violar o corpo. Conta-se que, por denúncia de um dos colegas, foi um deles descoberto em flagrante com o cadáver de uma mulher recém-falecida. (HERÓDOTO, 2006, p. 172)

De acordo com os historiadores, o império egípcio foi tão influente que suas práticas deveriam ser reproduzidas em maior ou menor grau no sul do vale do Nilo, na região conhecida como Núbia, como provam descobertas arqueológicas que mostram as similaridades entre esses povos na cerâmica, armas, ritos funerários e crenças na vida após a morte (MOKHTAR, 2010). A tradição espiritual dava a alguns sacerdotes da região central africana um poder como poucos. Legítimos representantes dos deuses, a eles era dado o crédito de intermediar a comunicação com o outro mundo, que ditava as regras a serem seguidas nesse. Em algumas monarquias de nações como Napata e Meroé, próximo a onde hoje está o Sudão, foram relatados “casos em que os sacerdotes, alegando terem recebido instruções divinas, ordenavam ao rei que cometesse suicídio” (ALI HAKEN, 2010, p. 303) na busca de sua salvação e de seus súditos.

A perspectiva da morte voluntária no Antigo Egito era bem parecida com a que foi desenvolvida nas civilizações mesopotâmicas. Embora com valores sociais destoantes em diversos aspectos, sumérios, babilônios, assírios e os outros povos que existiram nas margens dos rios Tigres e Eufrates na Antiguidade também baseavam seus sistemas político e cultural

na religião, onde um panteão com diversos deuses dividia os valores éticos em que a comunidade se baseava para suas práticas cotidianas. Nesse sistema a linha entre a vida e a morte era tênue e a existência – mesmo que não física - estava presente em ambas e, geralmente, a do outro lado, onde os deuses estavam, era mais atrativa (BOTTÉRO, 2011). Além disso, a prática de levar os prisioneiros de guerra como escravos, incentivava muitos derrotados a preferir abdicar da vida a ter que se submeter aos desmandos vitalícios dos vencedores.

Por essas razões, o laço que prendia os indivíduos à vida na Terra era bem frouxo. O despreendimento com relação ao suicídio podia ser visto a partir dos mitos criados para embasar suas práticas morais, quando alguns deles realizam auto sacrifícios em prol de algum benefício para a humanidade, por algum tipo de decepção em sua existência, por conflitos com outros deuses, etc. Na Babilônia a fábula da criação da humanidade fundamenta-se a partir do mito da autoimolação do deus Bel, de acordo com os apontamentos do sacerdote Beroso, que viveu por volta do ano 300 A.C. na Mesopotâmia. Tal qual Manetom no Egito, Beroso registrou em grego a história da Babilônia e descreveu na teogonia desse povo que Bel<sup>10</sup> teve que cortar sua cabeça para que seu sangue, ao se misturar com a terra, originasse os primeiros homens, conforme descrito pelo ensaísta espanhol Ramón Andrés (2015).

Outro dos mitos mais conhecidos vem da Suméria, onde o herói semideus Gilgamesh, detentor de feitos inigualáveis, cometeu suicídio. Protagonista da famosa saga Epopeia de Gilgamesh<sup>11</sup>, o rei da cidade de Uruk provavelmente existiu e reinou na Suméria bem antes de 2.500 A.C. Por muito tempo o destino final do lendário rei sumério foi desconhecido da humanidade moderna, porém trabalhos em sítios arqueológicos na região descobriram recentemente registros que relatam sua morte voluntária – em um ritual de honra e redenção - ao final da saga. A descoberta foi anunciada pelo assiriologista Giovanni Pettinato em 2001. As

---

<sup>10</sup> Bel era um termo comum para designar os deuses líderes de diversos povos daquela região, e há indícios de que esse Bel a qual Beroso se refere seja o deus Marduk, o mais popular da Babilônia e da história mesopotâmica. É importante ressaltar que o sacrifício de Marduk não representa um suicídio em diversas versões do mito, pois ele continua a reinar mesmo após decepar a cabeça. Porém, Marduk é um deus e a simbologia do poder conquistado com a decapitação ganha espaço para se fortalecer como arquétipo mental em todas as nações primitivas nas quais está presente.

<sup>11</sup> O poema, escrito por volta de dois mil anos antes da era cristã, conta que ele era admirado por sua força e coragem, porém também temido por seu governo despótico que forçava até mesmo as crianças a fazerem parte do exército e obrigava seus súditos a trabalharem arduamente na construção de grandes muros para defender a cidade. O rei também violentava com frequência as mulheres virgens da cidade. Conta a lenda de Gilgamesh que o povo recorreu aos deuses que intervissem para dar fim àquela tirania e os deuses enviaram um homem chamado Enkidu para que o matasse. Porém daí nasce uma grande amizade e os dois passaram a ser companheiros de aventuras, até que os deuses decidiram tirar a vida de Enkidu. Gilgamesh ficou transtornado e questionou-se se também não deveria morrer junto do amigo, o que não ocorre. O rei realiza grandes feitos antes do fim da história registrada no poema distribuído pelas 12 tábuas encontradas pelos arqueólogos em meados do século XIX, porém a morte de Gilgamesh não é citada nessas tábuas.

tábuas de argila recém encontradas são pelo menos 1.200 anos mais antigas que as achadas no século XIX, e dão detalhes sobre o fim de Gilgamesh.

Uma delas narra a cena onde o herói resolve morrer junto a sua esposa e seus filhos, além de diversos membros da corte que os acompanharam. Todos entraram em um hipogeu que Gilgamesh mandou construir, e as águas do Eufrates, desviadas por ordem sua, o inundaram a fim de que “ninguém nunca tivesse notícia do sepulcro”.<sup>12</sup> (ANDRÉS, 2015, p.61, tradução nossa)

Segundo Andrés, casos em que os súditos eram enterrados com seus reis eram bastante comuns na Mesopotâmia – tal qual ocorria no Egito, onde o séquito e os familiares do faraó geralmente eram sepultados junto com a múmia de seu amo. São muitos os poemas em que o deus Marduk exige que seus fiéis cometam suicídio em sua honra. Outros deuses também exigiam sacrifícios letais. Essa prática, onde as pessoas aceitavam abrir mão de sua vida na Terra em benefício de seguir seu líder no outro mundo, foi reproduzida em diversos outros momentos da história, em consonância com a teoria de Georg Simmel<sup>13</sup> das imagens mentais nubladas e incongruentes, conforme mostram os registros arqueológicos.

Sabemos que as mortes coletivas eram frequentes em terras mesopotâmicas, e a esse fenômeno – sem dúvida muito repetido ao largo da história, como o da selva da Guiana em 1978, do Rancho do Apocalipse em 1993, ou o do Karunga, em Uganda, no ano 2000 – responde a descoberta de diversas tumbas reais, entre elas a de Kiš, com mais de sessenta corpos (2.600 a.C.), ou a de UR, localizada pelo arrojado sir Leonard Woolley, em 1933, e na qual havia oitenta restos humanos, entre eles os do rei, suas duas esposas, dignitários, músicos e dançarinas.<sup>14</sup> (Ibid, p. 62, tradução nossa)

Por outro lado, uma das maiores civilizações que surgiu no período causou um impacto tão grande no modo de pensar que ampliou e facultou novas bases ao imaginário. O nascimento da filosofia na Grécia deu inéditos contornos ao suicídio, criando modos de vê-lo tão diversos quanto as correntes de pensamento que existiram no período. Isto posto, é possível notar a dificuldade em enquadrar o pensamento helênico sobre o suicídio em uma única das quatro

<sup>12</sup> Una de ellas narra la escena donde el heróe resuelve morir junto a su esposa y sus hijos, a los que acompañan diversos miembros de la corte. Todos entraron en un hipogeo que Gilgamés mandó levantar, y las aguas del Éufrates, desviadas por orden suya, lo anegaron a fin de que “nadie jamás tuviera noticia del sepulcro”.

<sup>13</sup> A teoria do imaginário de Simmel está melhor detalhada a partir da página 81.

<sup>14</sup> Sabemos que las muertes colectivas eran frecuentemente en las tierras mesopotámicas, ya este fenómeno – sin duda muy repetido a lo largo de la historia, como el de la jungla de Guyana em 1978, el del Rancho del Apocalipsis em 1993, o el de Karunga, em Uganda, em el año 2000 – responde el hallazgo de diversas tumbas reales, entre ellas la de Kiš, com más de sesenta cuerpos (c. 2.600 a. C.), o la de Ur, localizada por el arrojado sir Leonard Woolley em 1933, y em la cual había ochenta restos humanos, entre ellos los del rey, sus dos esposas, dignatarios, músicos y danzarinas.

categorias binárias delimitadas nesse trabalho. Por isso vamos segmentar essas construções imaginárias em categorias de acordo com a nossa exposição.

Ao falar de morte em nome da honra, levamos em conta que a chamada Antiguidade Clássica, embora devota aos seus deuses e crente na existência pós-morte, fazia distinção entre a vida terrena e a do além, o que lhes permitia dedicação maior aos propósitos individuais e a dissociar o gerenciamento das instituições sociais dos hábitos religiosos. O conceito de cidadão desenvolvido ali criou laços mais fortes do indivíduo com a sociedade na qual estava inserido e com a qual tinha sérias responsabilidades.

Em um estudo onde analisa, a filosofia, os métodos e os motivos que levavam os gregos e romanos antigos a se matarem, o historiador holandês Anton van Hooff (2002) elencou as principais razões alegadas para a realização do auto assassinato na antiguidade clássica, de acordo com registros de 923 casos em que foi possível levantar dados dos mortos<sup>15</sup>. Nesse contexto, matar-se era considerado crime. O suicídio de um réu, que ainda não tinha sido condenado, podia significar uma confissão – e seus bens serem todos tomados pelo estado. Porém, afirma van Hooff, existiam casos em que os juristas se esforçavam para categorizar os motivos e torna-los racionalmente justificáveis. No entanto, dos cinco argumentos mais utilizados para o ato suicida – *pudor* (vergonha por mudanças de comportamento pessoal), *desperata salus* (desespero), *dolor* (dor), *necessitas*<sup>16</sup> (condenação de morte executada pelo próprio réu) e *devotio* (devoção a um deus ou a uma pessoa), que respondiam por quase 80% dos casos analisados – somente dois entravam na lista dos não-condenáveis: *pudor* e *dolor*.

Desse modo, os advogados romanos formularam um certo modelo de suicídio baseado na prática legal. Ter tido o suficiente da vida, ou ter concebido, como diz a frase, "ódio contra a vida", foi apontado como um motivo aceitável. Este *taedium vitae* pode incluir problemas corporais ou mentais, assim como uma saciedade geral com a vida<sup>17</sup> (VAN HOOFF, 2002, p. 83, tradução nossa).

Dado o grande número de casos, não é difícil encontrar exemplos para essas categorias. O escrito romano Valerio Máximo, em sua obra *Os nove livros dos feitos e dizeres memoráveis* - escrita em algum ponto dos primeiros anos da era cristã - narrou muitas dessas passagens. Uma das histórias mais conhecidas é a de Lucrecia, paradigma romano de mulher honrada.

<sup>15</sup> Para a classificação e incidência dos tipos de suicídio conferir as páginas 85 e 86 da obra de van Hooff.

<sup>16</sup> Embora citada pelos juristas como suicídio, a categoria *necessitas* não era catalogada pela lei como auto assassinato, pois o império romano não queria que uma ordem baseada em sua própria legislação fosse considerada um ato ilegal (VAN HOOFF, 2002, p. 84).

<sup>17</sup> "In this way the Roman lawyers formulate a certain model of suicide based on legal practice. To have had enough of life, or to have conceived, as the phrase goes, 'hatred against life', was counted as an acceptable motive. This *taedium vitae* may comprise bodily or mental problems as well as a general satiety with life"

Casada e tendo como pai o prefeito de Roma, ela foi estuprada pelo filho do rei. Logo depois do abuso ela mandou chamar o pai e o marido, como adianta Tito Lívio, em sua *História de Roma*: "Foi Sexto Tarquino quem, vindo como inimigo em vez de como convidado, me violou a noite passada com uma violência brutal e um prazer fatal para mim e, se sois homens, fatal para ele".<sup>18</sup> (LIVIO, 1996, p. 49, tradução nossa). Máximo complementa a contextualização da morte de Lucrecia por *pudor*.

Porém, ela, depois de queixar-se com palavras muito duras diante de sua família pela injúria recebida, matou-se com uma espada que possuía embaixo de suas roupas. E o certo é que, com esta morte tão valorosa, ofereceu ao povo romano a possibilidade de mudar a monarquia pelo governo dos cônsules<sup>19</sup>. (MÁXIMO, 2003, pp. 401-402, tradução nossa)

A mudança a que Valerio Máximo se refere é do tipo de administração que Roma possuía. O suicídio de Lucrecia foi de tal modo destemido, que conseguiu mobilizar uma multidão contra o poder centralizador da monarquia, que culmina com a expulsão do rei Tarquino Soberbo e a implantação de uma gestão democrática (LÍVIO, 1996). Na história de Lucrecia, o *pudor* da morte voluntária, vai além da legalidade em si: possui relevância social transformadora.

Os suicídios de Caio Graco, um dos tribunos romanos, e seu escravo, também são mencionados por Valerio Máximo, e podem ser enquadrados tanto em *pudor*, *desperata salus* e em *devotio*. Graco fugia de seus inimigos ao lado de seu escravo e, sem ter mais esperança de que conseguiria escapar com vida, pede ao seu escravo que o mate, cortando sua cabeça com a espada, para que não fosse pego e desonrado por seus adversários.

Caio Graco deu ordem a seu servo Filócrates de que o decapitasse antes de permitir que caísse em poder dos inimigos. O escravo, depois de cumprir essa ordem com um rápido golpe, trespassou suas entranhas com a espada empapada do sangue de seu senhor.<sup>20</sup> (MÁXIMO, 2003, p. 447, tradução nossa)

A atitude de Caio Graco ao pedir pela morte antes de ser pego por seus oponentes, mostra o quão desesperado ele estava para não perder sua honra. Por outro lado, a do escravo

<sup>18</sup>"Fue Sexto Tarquino quien, viniendo como enemigo en vez de como invitado, me violó la noche pasada con una violencia brutal y un placer fatal para mí y, si sois hombres, fatal para él".

<sup>19</sup>Pero ella, después de quejarse con palabras muy duras ante su familia por la injuria recibida, se dio muerte con una espada que tenía escondida bajo sus ropas. Y lo cierto es que, con esta muerte tan valerosa, ofreció al pueblo romano la posibilidad de cambiar la monarquía por el gobierno de los cónsules.

<sup>20</sup>Gayo Graco dio orden a su siervo Filócrates de que le decapitara antes de permitir que cayera en poder de los enemigos. El esclavo, después de cumplir esa orden con rápido golpe, se atravesó las entrañas con la espada empapada aún por la sangre de su señor.

revela profunda devoção pelo mestre, em um feito repleto de intenções de salvação. Nenhum desses tipos de suicídio eram permitidos na Roma Antiga e, mesmo com as exceções sendo aceitas por um bom tempo, essa postura de não concordância com a prática foi crescendo com o início da ruralização das sociedades que viria a caracterizar o medievo. Ainda assim a prática foi largamente utilizada pelos primeiros daqueles que seriam os principais censores do autocídio na Idade Média: os cristãos.

A ideia da abdicação da vida foi abraçada com afinco pelos protocristãos. A voluntariedade da morte de Cristo foi disseminada desde o início da propagação da fé cristã pelo mundo. O ensaísta francês Pierre-Emmanuel Dauzat (2000) enfatiza essa tese, afirmando que o desenvolvimento de uma teoria sobre o suicídio de Jesus Cristo embasou os primeiros cristãos a desenvolverem um comportamento sacrificial, acreditando estarem unindo-se a Deus. A simbologia criada em torno da figura de Cristo contribuiu bastante para esse comportamento, preenchendo o imaginário dos primeiros fiéis.

Os símbolos e suas funções sociais foram o interesse dos estudos de Marcel Mauss sobre a esfera imaginária da sociedade, nos primeiros anos de 1900. Seguidor das ideias de Durkheim, Mauss afirmou que o conjunto de símbolos de uma determinada sociedade atua para fortalecer sua coesão. Tais símbolos agem como vínculos entre os sujeitos dessa sociedade, fazendo com que uma ligação irreal se torne a realidade praticada. “A atividade do espírito coletivo é ainda mais simbólica que a do espírito individual, mas o é exatamente no mesmo sentido” (MAUSS, 2003, p.329). De acordo com sua tese, a simbologia partilhada por um grupo possui um impacto maior na elaboração das ações que constituem os fatos sociais que a própria racionalização.

Nesse sentido, a função do imaginário simbólico exerce ação direta sobre o que ele chamou de fatos sociais totais. Ao estudar a troca de presentes (dádivas) entre membros de povos ditos primitivos, Mauss percebeu que a simbologia manifesta ali tinha uma profusão grande de sentidos, englobando várias espécies de instituições, desde a política até as estéticas. Para Mauss, os fatos sociais totais estão presentes em qualquer sociedade pois “eles põem em ação, em certos casos, a totalidade da sociedade e de suas instituições [...] e, noutros casos, somente um número muito grande de instituições, em particular quando essas trocas e contratos dizem respeito sobretudo a indivíduos” (Ibid, p. 309).

Desse modo, o imaginário exerce grande influência sobre o convívio comunal, uma vez que as ações dos indivíduos "se ordenam muito facilmente num sistema que nos é comum: a [...] noção que temos da atividade da consciência como sendo, antes de tudo, um sistema de montagens simbólicas" (Ibid, p. 408). Essas montagens dizem respeito às mais diferentes

esferas do comportamento, como as operações da mente voltadas para os relacionamentos e também as manifestações próprias dos sujeitos que resultam nas variadas formas de liderança. E foi a liderança dos primeiros sacerdotes do cristianismo que impeliu, mesmo que indiretamente, os protocristãos ao auto sacrifício.

Os argumentos mais utilizados para defender a tese de suicídio de Cristo estão no evangelho de João. A consciência que Jesus possuía de seu futuro fica implícita em diversas passagens, como quando conversava com fariseus, que questionavam suas afirmações de que era filho de Deus<sup>21</sup>. "Eu vou e vós me procurareis e morrereis em vosso pecado. Para onde eu vou vós não podeis vir". Diziam, então, os judeus: "Por acaso, irá ele matar-se? Pois diz: 'Para onde eu vou, vós não podeis vir?'" (JOÃO, 8:21-22).

Com a morte de Jesus inicia-se a missão dos apóstolos de se lançarem pelo mundo pregando as boas novas. A nova religião cresce aos poucos, enfrentando perseguição tanto dos judeus, quanto dos romanos, por isso os primeiros apóstolos são quase todos executados por se negarem a desistir de disseminar as palavras do nazareno. Essa postura tem muito do legado deixado pelo próprio Cristo, com seu suplício na crucificação e os detalhes narrados por seus discípulos. O *ethos* cristão primitivo fincou suas bases em um comportamento que buscava a semelhança com a postura do deus vivo na Terra. A manifestação carnal da entidade divina havia sofrido para ascender aos céus, portanto a lógica poderia ser aplicada a qualquer um que pretendesse alcançar o mesmo objetivo. Essa postura de morte em busca da redenção divina era reforçada com o fim de missionários que ganharam fama como os fundadores da Igreja de Cristo.

Simão Pedro e Paulo de Tarso foram os dois, entre esses pioneiros, que mais ganharam destaque no cânone cristão. Ambos morreram no mesmo período em razão de suas pregações (EUSÉBIO, 2002)<sup>22</sup> e não fizeram esforço algum na busca de fugir desse destino. Pedro sofreu os suplícios da crucificação, e pediu para ser colocado de cabeça para baixo na cruz por não se considerar digno de morrer da mesma forma que Cristo. Paulo conseguiu escapar do sofrimento excruciante e foi morto por decapitação após se entregar de bom grado aos seus algozes romanos. O destino de alguns apóstolos de Cristo não foi mais feliz e reforçou o imaginário

---

<sup>21</sup> Mais à frente, ao conversar com seus discípulos, ele fala sobre entregar a vida em nome do amor, quando necessário. "Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando" (JOÃO, 15:12-14).

<sup>22</sup> As edições originais da História Eclesiástica do bispo Eusébio de Cesaréia foram publicadas entre 311 e 325 D.C.

protocristão da voluntariedade frente ao martírio. André e Filipe também foram crucificados, Bartolomeu foi esfolado vivo e decapitado, Tiago - filho de Alfeu - morreu apedrejado, e Simão Zelote e Judas Tadeu assassinados a machadadas (BACON, 1836). A salvação divina justifica a entrega para a morte em martírio.

Os exemplos vivos vinham acompanhados de simbólicas pregações evangelistas. Os livros do Novo Testamento não se posicionam sobre proibições ou permissões ao suicídio<sup>23</sup>. Paulo, em seus escritos, faz apologia ao martírio. Em sua segunda epístola aos coríntios ele diz:

Sabemos, com efeito, que, se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas. Tanto assim que gememos pelo desejo ardente de revestir por cima da nossa morada terrestre a nossa habitação celeste - o que será possível se formos encontrados vestidos, e não nus. [...] Por conseguinte, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora da nossa mansão, longe do Senhor, pois caminhamos pela fé e não pela visão. Sim, estamos cheios de confiança, *e preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor. Por isto também esforçamo-nos por agradar-lhe, quer permaneçamos em nossa mansão, quer a deixemos.* (II CORINÍTIOS, 5: 1-9, grifo nosso)

Mais à frente, no Apocalipse, João prevê que quando a quinta trombeta tocar, gafanhotos com poder de escorpião sairão do fundo da terra e atormentarão os homens com ferroadas durante cinco meses. Na ocasião, o sofrimento antecipado pelo apóstolo será tão grande que a morte será um alívio, que será suplicada, mas não será concedida a ninguém. “Naqueles dias, os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão morrer, mas a morte fugirá deles” (APOCALIPSE, 9:5-6).

O martírio como expressão de fé dos cristãos foi praticado na Antiguidade no período de cerca de quatro séculos de muitas perseguições, principalmente do império romano. A que ficou mais famosa pelo índice alto de barbaridades, foi a que ocorreu durante o reinado do imperador Nero (37 a 68 da E.C.). Isso fica bem explícito nos Anais do historiador romano Cornélio Tácito, escrita entre os anos 114 e 120 da Era Cristã. Tácito relata que Nero, ao perceber que corriam boatos de que ele era o responsável pelo grande incêndio que devastou Roma no ano 64, decidiu acusar os cristãos para se livrar da culpa. O resultado foram prisões

---

<sup>23</sup> Uma das passagens dos Atos dos Apóstolos revela como parece natural a falta de zelo com a própria vida. Enquanto estavam em uma prisão, Paulo e Silas rezam a Deus para serem liberados e, após um terremoto, todas as portas das celas e os grilhões se abrem. “Acordado, e vendo abertas as portas da prisão, o carcereiro puxou da espada e queria matar-se: pensava que os presos tivessem fugido. Paulo, porém, com voz forte gritou: ‘Não te faças mal algum, pois estamos todos aqui’” (ATOS, 16: 27-28).

em massa dos primeiros seguidores da doutrina de Cristo - boa parte entregando-se sem resistir - que sofreram os mais variados suplícios.

Em primeiro lugar se prenderam os que confessavam ser cristãos, e depois pelas denúncias destes uma multidão inumerável, a qual todos não tanto foram convencidos de haverem tido parte no incêndio como de serem os inimigos do gênero humano. O suplício destes miseráveis foi ainda acompanhado de insultos, porque ou os cobriram com peles de animais ferozes para serem devorados pelos cães, ou foram crucificados, ou os queimaram de noite para servirem como de archotes e tochas ao público. Nero ofereceu os seus jardins para este espetáculo, e ao mesmo tempo dava os jogos do Circo, confundido com o povo em trajes de cocheiro, ou guiando as carroças. Desta forma, ainda que culpados, e dignos dos últimos suplícios, mereceram a compaixão universal por se ver que não eram imolados à publica utilidade, mas aos passatempos atrozos de um bárbaro. (TÁCITO, 1830, cap. XV)

As tribos germânicas, que deram origem aos alemães e às populações nórdicas que ocuparam a Escandinávia, também praticavam o suicídio em nome da honra. Começaram a se formar por volta de 1.800 A.C. e tiveram diversos embates com os romanos, seus vizinhos. Tácito, ao escrever *Germânia* (1945)<sup>24</sup>, revela o forte aspecto bélico desses povos. “É suprema torpeza abandonar o escudo, e não é permitido ao ignominioso comparecer aos sacrifícios e às assembleias, e muitos que sobreviveram à guerra conjuraram a infâmia com o laço (enforcamento)” (TÁCITO, p.31, grifo do tradutor).

Ainda no continente europeu podemos destacar mais dois povos que tinham o auto sacrifício como prática comum, os celtas e os eslavos. Os primeiros, divididos em diversos clãs, conseguiram ocupar grande parte da Europa e dividiram seu território com os romanos. Com uma mitologia baseada na comunicação direta com seus deuses, os celtas acreditavam que muitos deles se alimentavam de sangue e carne humana, exigindo oferendas para fazer previsões aos humanos. Por essa razão, em nome da salvação, os sacrifícios foram comuns. “Havia desde rituais nos quais as vítimas eram imoladas em homenagem a um deus [...], até o auto-sacrifício, no qual o próprio sacerdote era morto tendo em vista estabelecer uma comunicação com os deuses no Outro Mundo” (TROMBETTA, 2010, p. 25).

Já os eslavos, que originaram a boa parte das nações da Ásia e da Europa Oriental, como Ucrânia, Rússia e Polônia, tinham bastante afeição pelos seus próprios mortos. As tribos patriarcais aglomeravam-se e construía suas leis em torno da figura de um chefe familiar masculino que, ao morrer, tornava-se protetor espiritual do grupo. Tal qual os egípcios, todo o séquito mais próximo desse chefe era sacrificado com a morte dele. Gimbutas (1975) afirma

---

<sup>24</sup> *Germânia* foi escrita por volta do ano 98 D.C.

que “fontes árabes do século IX e X referem-se ao costume de cremar as mulheres e os escravos com o seu senhor, quando este morria” (p.150).

A postura diante da morte voluntária para os indianos pode ser encontrada já nos Vedas, conjunto de poemas que orientam o hinduísmo há vários milênios. Os historiadores acreditam que sua estrutura escrita final tenha se consolidado por volta do ano 1.500 antes da era cristã, já trazendo indicações sobre a conduta suicida. Estudos mostram que alguns dos versos do Rigveda<sup>25</sup> - o primeiro livro dos Vedas - apontavam que os deuses apreciavam o sacrifício, sendo esse um dos caminhos nobres para se chegar ao outro mundo. “Por meio de sacrifício os Deuses realizaram seu sacrifício: essas foram as primeiras ordenanças. Esses Poderosos chegaram ao alto do céu, lá onde os Sādhyas, Deuses antigos, estão residindo”. (Rg Veda, Vísvedevas, 164, 50). O arqueólogo Upendra Thakur, em sua História do suicídio na Índia (1963) afirma que as diversas passagens nos textos sagrados hindus que enaltecem sacrifícios, certamente levaram não só a oblações humanas realizados por sacerdotes, mas também a autoimolações em larga escala no período védico (p.48). No entanto, é preciso ressaltar, conclusões sobre a morte voluntária com base nos Vedas são bastante contestadas por várias correntes historiográficas indianas, pois há a alegação de que os poemas antigos celebram a vida. Essa é uma das razões para a refutação das ocorrências do auto sacrifício de viúvas na Índia Antiga. Essa prática, conhecida por *sati*, foi comum até recentemente entre os indianos, mas por falta de registros históricos não há como provar sua incidência na era védica.

Ainda falando do oriente, a prática do suicídio em nome da honra, utilizando objetos cortantes, no Japão – como estamos acostumados a ver nos filmes - só se tornou comum no país na Idade Média. Isso porque o *shintō*<sup>26</sup> desvalorizava o sangue. Os cadáveres causavam repulsa aos sacerdotes, por isso suas práticas os mantinham longe dos corpos, especialmente daqueles que morreram de modo violento (PINGUET, 1987). Por essa razão são poucos os episódios em que os japoneses antigos cometem suicídio de forma diferente de afogamento ou enforcamento, o que revela muito a respeito do código de ética deles uma vez que falamos de uma sociedade de camponeses guerreiros. Entre as práticas que podemos destacar desse período está o costume de se enterrar junto com o chefe do clã, sua esposa e vassalos mais próximos. Essas pessoas

---

<sup>25</sup> Embora o início da estrutura escrita do Rigveda seja estimado em cerca de 2 mil anos A.C, alguns historiadores afirmam que sua organização oral começou entre 4.000 e 6000 antes da era cristã (conferir ALDROVANDI, 2006), o que nos dá uma indicação de como as práticas suicidas baseadas em sacrifícios religiosos podem ter começado desde o início remoto dos agrupamentos sociais.

<sup>26</sup> Conjunto de práticas espirituais desenvolvido pelos primeiros clãs antigos japoneses, que deu origem ao xintoísmo. Suas práticas de homenagens aos deuses da natureza (montanhas, árvores, espíritos de fenômenos naturais e até mesmo seus ancestrais) era fundamentada em oferendas de frutas e legumes, coisas vindas da terra.

eram enterradas até a metade do corpo, em local próximo ao túmulo do seu senhor, e deixadas lá até que morressem. Outro costume era a morte voluntária de sacerdotisas coagidas ao celibato que quebravam seu voto em algum momento. O único modo de expiação dessas mulheres era abrir mão da vida.

Movidos pelos fortes laços com suas mitologias, os povos antigos foram os responsáveis pelas formações das matrizes arquetípicas do imaginário do suicídio. Todo o parecer sobre como se portar diante de alguém que decidia se matar, vinha das relações com os deuses e sua postura sobre esse fenômeno. Eram condutas passadas de geração a geração e seguidas à risca, por influenciarem diretamente no cotidiano de suas atividades sociais e, portanto, na administração e manutenção do grupo. Pelo isolamento e dificuldade em conseguir se comunicar, cada nação (e particularmente Ocidente e Oriente) mantinha seu próprio código moral incólume de influências externas, modificando-o apenas de acordo com sua própria evolução. Essa pode ser uma das razões para o imaginário do suicídio ter tido tantas variantes nesse período pois, conforme a teoria elaborada por Michel Maffesoli, o imaginário se constrói a partir do momento em que percebemos o modo de ser do outro.

Maffesoli desenvolveu, na década de 80 do século XX, a tese de um imaginário agindo como fator de coesão social relacionando o tema com as dinâmicas da sociedade atual. Para ele, que tomou como influência as teorias de Durand e Gaston Bachelard, o imaginário existe como uma força energética que se revela como o capital cultural de um grupo, uma espécie de manancial dos mais variados tipos de emoções e estilos de vida partilhados pela coletividade. Essa constatação faz com que Maffesoli acredite em um imaginário coletivo, que facilita a coesão e o convívio entre os pares, e ao qual identificou como “cimento social”.

Mas o autor afirma que, antes de se tornar coletivo, o imaginário se mostra individual, ao se construir por meio da interação com os demais membros do grupo, seja ao perceber algo de si no outro (identificação), pela vontade de ter algo do outro em si (apropriação) e também ao se reordenar as características dos outros em si (distorção). Em momento posterior esse imaginário individual ganha um duplo, que se constrói a partir da imitação, ou da aquiescência do padrão comportamental dos outros, algo comum em comunidades tribais, delinea ele.

É por essa razão que a teoria de Maffesoli não acredita em um imaginário uno, moldado e fixo em apenas um indivíduo pois, as imagens e símbolos presentes nesse imaginário são comuns a toda a comunidade, representando uma inclinação massiva.

O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário pós-moderno, por exemplo, reflete

o que chamo de tribalismo. Sei que a crítica moderna vê na atualidade a expressão mais acabada do individualismo. Mas não é esta a minha posição. Pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido. O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual. (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Tal condição de isolamento das sociedades antigas permitiu o enraizamento e fixação na mente de resíduos imagéticos que acompanhariam os indivíduos de cada civilização e, mesmo com a transformação do modo de pensar, permanece até hoje como fonte primordial de influxo acerca da morte voluntária. São símbolos da origem primária da fluidez reflexiva sobre a morte voluntária, que norteia, mas não determina a decisão final do indivíduo.

Um milênio depois da Antiguidade a expansão marítima e a conquista de novas terras pelos países europeus conferiram nova configuração à prática da morte voluntária por honra e redenção, que passou a ter uma amplitude maior, tanto dos colonizados nas Américas, na África e na Ásia, quanto dos escravos trazidos de outros locais às colônias. A ingerência político-administrativa sobre os territórios ocupados levou muitos dos colonizados a realizarem rebeliões e, diante de sua impotência, os casos de auto sacrifício foram muito comuns. O mesmo ocorria, mas com maior ênfase, aos cativos que eram levados de suas terras natais para servirem como escravos em locais distantes. Algo fácil de se ver no Brasil colonial.

Na colonização das “terras conquistadas”, os grandes impérios europeus, a destacar Inglaterra, Espanha e Portugal, precisam de mão de obra para amplificar os mercados potenciais do capitalismo que acabara de nascer e cresce a passos largos. Para isso encontram nos nativos locais, indígenas, uma parte essencial dessa mão de obra. Sua religião politeísta e moral social bem distinta da europeia, criaram o cenário ideal para que os portugueses pudessem “civilizá-los” à luz do cristianismo, fundamentando as razões para obrigá-los aos trabalhos forçados.

A revolta e o desespero por se tornarem escravos motivaram muitos a cometer suicídio. O psicólogo Nilson Netto (2012) em sua tese de doutorado onde analisa as motivações do suicídio entre os escravos do período colonial brasileiro e as estratégias dos escravagistas para impedi-los, afirma que um dos tipos de suicídio mais comum entre os indígenas era a geofagia, ou seja, comer terra. É o que sustenta Gabriel de Sousa, em um tratado que fala sobre os

primeiros anos dos portugueses no Brasil. Segundo ele, alguns indígenas cativos eram determinados na busca da morte<sup>27</sup>.

Tem este gentio outra barbaria muito grande, que se tomam qualquer desgosto, se anojam de maneira que determinam de morrer; e põem-se a comer terra, cada dia um pouco, até que vem a definhar e inchar do rosto e olhos, e a morrer d'isso, sem lhe ninguém poder valer, nem desviar de se quererem matar; o que afirmam que lhe ensinou o diabo, e que lhes aparece, como se determinam a comer a terra (SOUZA, apud NETTO, 2012, p.313)

Mais alto era o índice de suicídios entre os cativos africanos. Suas crenças religiosas de que poderiam retornar aos braços da Mãe Terra e voltar a viver com seus ancestrais caso morressem fazia com que muitos preferissem o auto sacrifício, resultando em prejuízos aos senhores, que investiam vultosos recursos na busca desses negros do outro lado do oceano.

Tal conduta dos africanos - bem como dos indígenas - é melhor explicada através da consciência imaginante, teoria do imaginário desenvolvida por Gaston Bachelard na primeira metade do século XX. Bachelard se volta para os *devaneios* como forma de explicar a onipresença da imagem na vida mental. O pesquisador francês aborda a importância dessas imagens nos sonhos e nos devaneios, estes se manifestando com o homem desperto, aqueles, enquanto dorme. Para ele, os devaneios, descritos como o sonhar acordado, formam a consciência imaginante, fornecendo aos indivíduos elementos para sua compreensão e aceitação do mundo.

Bachelard afirma que é através da fenomenologia da imagem que se chega ao imaginário. Segundo sua teoria, somente pela imagem consegue-se abrir caminho para a imaginação (ele não faz distinção entre imaginário e imaginação, como fará Durand, seu discípulo) pois quando nos afastamos dessas imagens, perdemos o sentido que elas adquirem no momento em que as contemplamos. Ou seja, para ele é impossível fazer qualquer análise dogmática da imaginação, uma vez que ela está presente em cada indivíduo em dado momento, sob determinado aspecto e, quando se tira o foco dali para que seja estudada, sua essência se perde.

Para conhecer as venturas das imagens, o melhor é seguir o devaneio sonâmbulo, escutar [...] o sonilóquio de um sonhador. A imagem só pode ser estudada pela imagem, sonhando-se as imagens tal como elas se acumulam no devaneio. É um contra-senso pretender estudar objetivamente a imaginação,

---

<sup>27</sup> Esse hábito era comum também com indígenas de outras terras colonizadas, onde os espanhóis tinham que lidar com inúmeros auto sacrifícios. Um dos relatos, registrado na Colômbia, fala de um marechal que se surpreendeu ao caminhar por um vale local, mais que com flores, terra ou clima, se surpreendeu com as dúzias de índios pendurados pelo pescoço às árvores, pois haviam preferido se matar a sucumbir ao poderio dos invasores (NETTO, 2012, p.314).

porque só recebemos verdadeiramente a imagem quando a admiramos. Comparando-se uma imagem a outra, arriscamo-nos a perder a participação em sua individualidade. (BACHELARD, 1996, p.52)

O princípio que surge com Bachelard é o de que os devaneios são formados por conjuntos de imagens que se formaram a partir das vivências primitivas comuns a qualquer ser humano. A esses conjuntos ele chama de arquétipos<sup>28</sup>, que estão divididos em quatro tipos principais, buscados na filosofia elementar pré-socrática de Empédocles: ar, água, terra e ar. Tais elementos arquétípicos fornecem a energia originária da imaginação, criando a *realidade imaginativa* que se divide em duas.

Uma delas é chamada de *imaginação formal*. Funciona auxiliando a mente em sua concepção da face real do mundo. É a imaginação formal que age relacionando-se com as ações simbólicas reproduzidas socialmente e que vão conceber o mundo material. Associa-se à realidade construída pelos homens, estando diretamente envolvida nas funções de percepção do que é ou não real nas relações sociais. É ela também que atua diretamente nas lacunas que se formam na memória, preenchendo-as com as imagens mais propícias à adequação do indivíduo à realidade em que está inserido.

A outra é a *imaginação criadora*, também chamada de *imaginação material*. Esse tipo de imaginação, diz ele, se levanta contra as coisas dadas pelo mundo, tomando-o como uma provocação que precisa ser contestado de alguma maneira. Diz respeito a um sentimento de inconformismo, que é ativado por símbolos motores, fazendo com que o homem sinta a necessidade de intervir e modificar o espaço à sua volta. “A imaginação quer sempre comandar. Ela não poderia se submeter ao ser das coisas. Se aceita as suas primeiras imagens, é para modificá-las, exagerá-las” (2001, p. 22). A imaginação criadora está diretamente vinculada à energia arquétípica e manifesta uma certa resistência do indivíduo à matéria das coisas, procurando superá-las, transformá-las.

De um modo mais geral, compreende-se também todo o interesse que há, acreditamos nós, em determinar uma fenomenologia do imaginário onde a imaginação é colocada no seu lugar, no primeiro lugar, como princípio de excitação - direta do devir psíquico. A imaginação tenta um futuro. A princípio ela é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades. Veremos que certos devaneios poéticos são hipóteses de vidas que alargam a nossa vida dando-nos confiança no universo. (BACHELARD, 1996, p 8)

---

<sup>28</sup> O conceito de arquétipo para Bachelard possui uma ligeira diferença daquela construída por Jung. De acordo com Agripina Alvarez (2013), o arquétipo junguiano está relacionado ao inconsciente coletivo, tornando-se perceptível ao se manifestar na consciência humana. Para Bachelard os arquétipos são possibilidades do devir, poéticos, capazes de criar mundos. Por isso o arquétipo não é criação do real.

Bachelard acredita que é o imaginário quem comanda as ações dos indivíduos em suas interações com o mundo. Embora faça parte de suas operações mentais, a imaginação é relevante a ponto de, sem ela, não haver possibilidade do funcionamento social. Presente em todo o transcurso dos vínculos grupais, é a mobilizadora das ações humanas.

A imaginação humana é um reino novo, o reino que totaliza todos os princípios de imagens em ação nos três reinos mineral, vegetal e animal. Graças às imagens, o homem é apto a terminar a geometria interna, a geometria verdadeiramente material de todas as substâncias. [...] De qualquer modo, as imagens materiais - as imagens que nós fazemos da matéria - são eminentemente ativas. Não se fala muito disso; mas elas nos sustentam assim que começamos a confiar na energia de nossas mãos. (BACHELARD, 2001, p. 24)

Utilizar a consciência imaginante para perceber a mudança de realidade e determinar sua nova conduta era algo que levava os escravos a ponderar sobre o suicídio. Na verdade, a alta incidência de mortes voluntárias começava ainda antes da travessia, nos navios negreiros, quando boa parte dos aprisionados preferia se jogar no mar a ter que encarar a vida de sofrimento longe de casa. Isso porque, além do desespero de ser levado como cativo para uma terra estranha, ainda haviam os rumores de que os europeus eram canibais. Conforme explica o historiador William Pierce, eram comuns não apenas os sacrifícios individuais, mas também vários levantes de escravos assustados com seu destino de se transformarem na refeição de algum branco. Pierce narra o depoimento de um capitão de navio negreiro que fez nove viagens à África a respeito de como se dava essa situação.

Havia muito pavor e agitação entre nós, e nada além de lamentos amargos para serem ouvidos todas as noites dessas capturas, de modo que as pessoas brancas enviaram alguns escravos velhos da terra para nos pacificar. Eles nos disseram que não estávamos ali para sermos comidos mas para trabalhar, e em breve estaríamos em terra, onde deveríamos ver muitos do povo do nosso país. Esse depoimento nos deixou mais calmos<sup>29</sup>. (Apud PIERSEN, 1977, p. 149, tradução nossa)

Mas ao chegar em terra, se iniciavam outras formas de desespero, tão intensas quanto o medo de ser devorado. O trabalho extenuante, as humilhações frequentes e o fim de qualquer traço de dignidade mínima que um ser humano possa ter levaram boa parte desses escravos a procurar o auto sacrifício para preservar o resto de honradez que ainda possuíam. Nos primeiros anos de escravidão as taxas de suicídio entre os escravos alcançaram índices altíssimos.

---

<sup>29</sup>There was much dread and trembling among us, and nothing but bitter cries to be heard all night from these apprehensions, insomuch that at last the white people got some old slaves from the land to pacify us. They told us we were not to be eaten but to work, and were soon to go on land where we should see many of our country people. This report eased us much.

Para cada escravo que acabou com sua vida por medo de terminar como parte da refeição de algum bárbaro branco, muitos outros cometeram suicídio sob um estado mental deprimido trazido por um sentimento de perda e separação exacerbado pela falta de esperança do que parecia um regime cada vez mais severo de escravidão<sup>30</sup>. (PIERSEN, 1977, p. 150, tradução nossa)

Essa realidade foi intensificada pelo viés religioso. A crença ancestral de muitos povos africanos de que, ao morrer, voltariam para sua terra natal para ficar com seus antepassados no pós vida, facilitava a decisão de buscar a salvação dando-se morte. Um problema a mais para os escravagistas, pois além de não temer a morte, o prisioneiro ainda a desejava. Cometer suicídio era, então, uma atitude que, além de libertação de uma vida de sofrimentos e de vingança contra o senhor escravocrata, ainda daria uma existência cheia de paz, alegria e honra (Ibid, p.151). Como forma de tentar impedir essa prática, muitos senhores de escravos amputavam partes dos corpos de seus cativos, afirmando que, com o corpo mutilado, o espírito não encontraria seu caminho no outro mundo, em um comportamento que ficou conhecido como pedagogia do medo (MAESTRI, 2004). Uma crença presente no imaginário – como vimos - desde a Antiguidade (com os egípcios) e que se fortaleceu no Idade Média. No entanto esse tipo de ameaça tornava ainda mais tensa a convivência com os negros e não tinha grande eficácia, já que muitos se punham a fugir para se matar e escapar da mutilação.

### **1.3 Violando as leis de Deus e dos homens: o pecado e o crime**

Se o imaginário se institui como uma busca do homem em fugir de sua mortalidade, parece natural que sua compleição se mobilize no sentido de tentar impedir que o suicídio ocorra. Nesse sentido, uma das faces mais comuns do imaginário construído acerca da morte voluntária através do tempo é a que impele os homens a proibi-la, criando um interdito que se lança, não raro, até mesmo em sua menção. Essa proibição foi desenvolvida de duas formas: ratificada pelas leis divinas, através da ideia de profanação da obra de Deus – como pregado pelas três grandes religiões monoteístas e que se tornou padrão na Idade Média europeia; e pelas leis dos homens, sob o argumento de que abrir mão da própria vida representa prejuízo coletivo ao grupo ao qual se pertence – justificativa utilizada na Grécia Antiga e até em sociedades modernas.

---

<sup>30</sup> For each slave who ended his life for fear of ending up part of the meal of some white barbarian, many others committed suicide under a depressed mental state brought on by a sense of loss and separation exacerbated by the hopelessness of what seemed an increasingly harsh regime of bondage

Vimos que as antigas sociedades politeístas possuíam uma tolerância considerável frente à morte voluntária. O mesmo não aconteceu com a primeira das grandes religiões monoteístas. O povo hebreu surgiu da mesma região pagã mesopotâmica e formou-se de diversas tribos pequenas que tinham como base um único deus, o “deus do pai”, que serviu desde o início da consolidação dos diversos clãs nômades, como fonte de união entre todos eles, ligando-os aos ancestrais em comum. Na Torá<sup>31</sup>, que contém as regras sociais dos judeus, não existe nenhum tipo de proibição direta sobre a prática do suicídio, porém um fator social em especial contribuiu muito para a censura a morte voluntária. Os hebreus eram compostos por pequenos agrupamentos que, para garantir sua sobrevivência, precisavam de coesão e participação intensa de toda a força de trabalho nas atividades de pastoreio ou plantação. Segundo Leon Hankoff (1979), citado por Netto (2012), isso criava um senso de responsabilidade muito grande, pois cada vida era fundamental para o bom desenvolvimento das outras e a existência da tribo.

O derramamento do sangue de um membro da tribo envolvia sentimentos terríveis e sérias consequências. Suicídio era um ato que violava esses profundos tabus e era um derramamento inautorizado do sangue tribal. Em contraste, a integridade tribal não era motivo de preocupação para os egípcios. Como uma maioria nacional, urbanamente autoconfiante e estável, os egípcios não tinham a intensa preocupação de manter intacto, impenetrável e invulnerável o agrupamento social que uma pequena isolada tribo nômade de estrangeiros como os hebreus podem ter tido. A morte de um hebreu por suicídio [sic] ameaçava a tribo. (HANKOFF, 1979, p. 30, apud NETTO, 2012, p.102).

Porém, isso não impediu o relato de diversos suicídios no Pentateuco, incluindo líderes famosos dos clãs judeus. Talvez o mais conhecido seja o de Sansão, um dos chefes de tribo a quem era atribuída força sobre humana concedida por Iahweh. Sansão se apaixona por Dalila, mulher nascida entre os filisteus, povo inimigo dos hebreus. Ao descobrir que a força de Sansão residia em seus cabelos, que nunca foram raspados, Dalila corta as sete tranças que ele possuía e o entrega aos príncipes filisteus. Sansão tem os olhos furados e é levado como prisioneiro para Gaza, o território inimigo, onde seria executado como sacrifício ao deus Dagon. No entanto, enquanto espera para ser morto, os cabelos dele voltam a crescer e, no dia da cerimônia de sacrifício, Sansão pede para ser colocado entre duas colunas e clama que Iahweh lhe conceda

---

<sup>31</sup> Todo o código moral dos hebreus era baseado na Torá (ou Pentateuco), conjunto dos primeiros cinco livros do Tanakh (Antigo Testamento), que teria sido escrita por Moisés. Nesses livros não existe nenhum tipo de proibição direta sobre a prática do suicídio, porém o ato era visto como algo extremamente execrável entre os hebreus. Diversas passagens nos livros fundamentam interpretações que defendem essa postura, como na aliança com Noé em Genesis: “Pedirei contas a todos os animais e ao homem, aos homens entre si, eu pedirei contas da alma do homem. Quem derrama o sangue do homem pelo homem terá seu sangue derramado” (9:5-6), e nos dez mandamentos ditados a Moisés, onde “não matarás” (DT, 5:17) é uma das principais orientações de deus.

novamente sua força para que possa se vingar. Ao ter seu poder de volta, ele põe em prática seu plano de vingança, que inclui abrir mão de sua vida.

O suicídio cometido por Sansão, longe de fazê-lo um personagem ojerizado, o coloca entre os maiores líderes dos antepassados dos hebreus. Em vez de evocar a profanação da lei de Deus, o feito de ter abdicado da vida e levado consigo milhares de filisteus, incluindo membros da realeza, faz emergir um sentimento de orgulho e dedicação ao grupo, algo de grande representatividade moral em tempos de conflito.

A primeira pessoa a conseguir unificar as tribos e estabelecer um reino integrado em Israel também teve seu fim consolidado com a morte voluntária. O rei Saul mata-se na iminência de perder uma batalha após desobedecer a uma ordem divina. De início ele parece não pensar em realizar o auto suplício e hesita em ser o próprio autor do ato, refletindo a moral ditada pelos costumes, pedindo ao escudeiro que o execute. "Desembainha a tua espada e transpassa-me, para que não venham esses incircuncisos e escarneçam de mim". Mas o seu escudeiro não quis obedecer-lhe, porque estava assombrado. Então Saul arrancou de sua espada e lançou-se sobre ela". (SAMUEL, 31:4). Ao ver seu mestre morto, o escudeiro também comete o suicídio. No entanto, há um atenuante no capítulo seguinte do livro, quando um homem confessa a Davi que matou Saul quando este ainda agonizava e pedia morte rápida, antes que os filisteus chegassem. Se houve gravidade na intenção de Saul em tirar sua vida, ela foi abrandada com o ato de misericórdia do desconhecido.

Percebe-se na história dos judeus que a proibição do auto sacrifício choca-se com a luta pela manutenção da unidade como povo religioso. Nesse sentido, a concepção bélica na Antiguidade, bem mais que no mundo atual, auxiliava na ideia de dar-se morte diante da possibilidade de vir a ser derrotado e ter que negar sua fé. Essa foi a percepção do povo de Massada, cidade hebraica tomada pelos romanos em 73 D.C., e que foi o cenário de um dos casos com maior número de mortes voluntárias em um único dia que se tem notícia. A situação foi narrada por Flávio Josefo.

Conta Josefo que Massada havia sido construída para ser uma fortaleza impenetrável, fundada no cume de uma rocha gigantesca e envolta por abismos. Era o último reduto de resistência dos judeus na Judéia, que o haviam tomado dos romanos pouco tempo antes, em uma ação do sicário Eleazar. Em uma reinvestida dos romanos, ao perceber que não haveria mais como escapar, Eleazar convoca os rebeldes e defende que todos cometam suicídio, antes que o exército de Roma chegue até eles, matando os homens adultos, estuprando as mulheres e

fazendo as crianças de escravas. Enquanto alguns acolhem a ideia, outros se mostram temerosos, com receio do sacrilégio de matarem-se e terem que matar suas mulheres e filhos. O temor de que aqueles que não concordaram com a ideia influenciasse nos que a haviam aceitado, faz Eleazar proferir um discurso enérgico em nome da honra, dignidade e, principalmente, da vontade de Deus.

As Sagradas Escrituras, que são os mesmos oráculos de Deus, as lições que temos recebido, desde nossos primeiros anos, de nossos pais, seus exemplos, não nos ensinam que não é na vida, mas na morte, que consiste nossa felicidade, pois que ela põe nossas almas em liberdade e dá-lhes o meio de voltar àquela pátria celeste onde tiveram sua origem? [...] Mas enquanto temos ainda agora pleno e livre uso de nossos braços e de nossas espadas, o que nos impede, livrarmo-nos da escravidão? Morramos com as pessoas que nos são mais caras, antes que vivermos escravos. (JOSEFO, 2004, pp. 1463-1467)

Esse enaltecimento da morte voluntária por parte do líder dos insurgentes dá uma mostra de como as concepções éticas dos hebreus permitiam atos como esse em situações limites, bem como as que envolvessem a honra individual ou coletiva. Segundo Josefo morreram ao todo 960 pessoas, entre homens, mulheres e crianças e embora o feito tenha sido considerado de grande honra por Josefo, a história de Massada cairia no esquecimento se não houvesse esse único registro. O interdito do suicídio entre os hebreus é uma das razões que pode explicar o porquê de eles deixarem um acontecimento de tamanha magnitude ter pouca repercussão.

Eleazar é um legítimo representante do que Max Weber chamou de líder carismático, conceito criado a partir de estudos que envolvem o imaginário social. O sociólogo alemão foi um dos primeiros a esmiuçar as manifestações imaginárias, no século XIX, ainda que de forma transversal. Para Weber, a imaginação é construída pelo homem para que ele possa ter parâmetros de ação diante da realidade. “Weber deu à imaginação sólidas qualidades heurísticas porque ele tinha chegado à conclusão de que os *juízos de valores* habitavam nosso desejo de explicar e analisar o mundo”. (LEGROS, 2014, p.62, grifo do autor). O sociólogo alemão acreditava que os membros de uma sociedade baseavam seus atos em dinâmicas racionais - por serem inventadas pelos homens - que utilizam imagens na maioria das práticas coletivas, como contrapeso na balança para desembaraçar as relações causais.

O trabalho de Weber também perpassa o campo bastante rico do imaginário social. E isso fica mais claro ao se levar em consideração seu conceito de dominação, em especial a carismática. De acordo com ele, a dominação por meio do carisma possui uma fonte de princípio encantado, intrinsecamente ligada ao indivíduo. Por essa fonte ser desconhecida dos

outros indivíduos, seu possuidor é visto como um emissário dos deuses, a quem se deve devoção e obediência. De onde vem essa veneração não se sabe, porém ela está disposta em cada um dos sujeitos de uma dada sociedade, em estado latente, podendo ser ativada a qualquer momento quando se encontra o elemento que possui os gatilhos para isso. A quem consegue tal feito, atribui-se qualidades de um deus.

[o carisma] desde que exerça seus efeitos específicos, manifesta seu poder revolucionário “de dentro para fora”, a partir de uma metanóia central do modo de pensar dos dominados. [...] exige o carisma a sujeição íntima ao nunca visto, absolutamente singular e, portanto, divino. (WEBER, 2015a, p.328)

Mesmo o auto sacrifício sendo - como em qualquer sociedade daquele período - aquiescido em diversas circunstâncias, a aceção dos hebreus de culpabilizar o suicídio em razão da manutenção harmônica da pequena tribo foi ampliada na colossal civilização greco-romana e alicerçada nas leis edificadas pela razão e na noção de cidadania. Matar-se era um comportamento antissocial, que prejudicava a comunidade e quem o fazia era considerado criminoso.

Foi nesse período da história que o imaginário começou a ser debatido enquanto fenômeno socialmente produzido e praticado. Um embate entre o que é real e aquilo que é oposto a ele foi o que se viu diante dos primeiros pensadores do tema na Antiguidade Clássica. Era comum entre os gregos atribuir seus pensamentos oníricos a seus *daemones*, espécies de espíritos que estabeleciam comunicação direta com os homens na busca de influenciá-los - para o bem ou para o mal - em suas atividades. Existia um *daemon* para cada tipo de ação reflexiva, incluindo devaneios e fantasias. Sócrates (470-399 A.C.) era conhecido por invocar seu *daemon* em seus exercícios de contemplação e isso não é algo que surpreende, uma vez que o mundo espiritual era inerente ao funcionamento da vida real, conforme mostram as filosofias platônica e aristotélica. No entanto, era a racionalidade que prevalecia para definir as decisões do grupo, em detrimento da dimensão dita inteligível.

Desde os pré-socráticos um parecer proibitivo sobre a morte voluntária foi sendo moldado. É com a escola pitagórica que chega ao seu auge, por não fazer distinção entre a alma imortal e o corpo mortal. Os pitagóricos são levados a proibir a morte intencional pois “ao homem não é permitido o suicídio sem permissão divina” (OLIVEIRA, 1994, p. 66). O curioso nesse posicionamento é que o próprio Pitágoras cometeu o auto sacrifício quando, após perder entes queridos em um incêndio, ficou sem comer por vários dias vindo a morrer.

Da tese construída pelos pitagóricos sobre a morte voluntária, Platão moldou sua concepção que passou a ser propagada por gregos e, mais adiante, pelos romanos. Segundo o que relata no *Fédon* – um de seus diálogos mais famosos, onde narra uma conversa em que Sócrates explica aos seus discípulos porque vai tomar o veneno que o matará, mesmo sendo contra o suicídio – o mestre de Platão fala do dever que os homens possuem com a sua missão na terra dada pelos deuses, pois somos todos propriedades deles. Sócrates explica a Símiias e Cebes que, assim como o dono de uma propriedade ficaria aborrecido de perde-la, os deuses ficam contrariados quando tiramos nossas vidas sem sua autorização (PLATÃO, 1991). Ele conclui esse raciocínio afirmando que sua sentença de morte foi um sinal divino de que chegara a sua hora e que não estava desgostoso dela porque tinha consciência que se encontraria com deuses e homens honrados no outro mundo.

Em outra de suas obras, Platão afirmava que as pessoas que se matavam sem que o Estado a obrigasse - em razão de alguma pena capital - ou a autorizasse - nos casos de doenças ou alguma desonra intolerável - estavam incorrendo em grande crime contra toda a sociedade, por isso deveriam ser punidos. A ação punitiva do Estado viria através do sepultamento, onde o corpo seria tratado com desonra, de modo que sua alma poderia sofrer as consequências do suicídio. Em suas *Leis*<sup>32</sup>, ele detalha como o corpo deveria ser enterrado, sempre longe de outros túmulos.

Mas para os que forem assim destruídos os túmulos serão, em primeiro lugar, numa posição isolada, sem sequer um outro túmulo adjacente, e em segundo lugar, deverão ser enterrados naqueles limites dos doze distritos que são desérticos e inominados, sem qualquer menção, sem qualquer estela nem nome que indiquem seus túmulos. (PLATÃO, 2010, p.384)

Além disso, outras práticas costumavam ser reproduzidas com relação aos que “se davam morte”. Um dos exemplos era simplesmente deixar o cadáver ao ar livre, sem a realização das devidas exéquias. Outro costume era cortar a mão direita e enterrá-la distante do corpo, para que - em caso de o espírito voltar a viver - ele venha sem o membro delitivo (ANDRÉS, 2015).

A teoria de Platão foi complementada por seu discípulo mais famoso. Aristóteles, afirmava que além do compromisso com os deuses, os homens tinham ainda o compromisso com o Estado. Desistir da vida era falta grave diante das leis existentes, uma vez que somente os atos justos estão em consonância com a virtude que se espera dos cidadãos, e a justiça está

---

<sup>32</sup> Publicado em 437 A.C.

de acordo com o que prega a lei, pois quando alguém viola a legislação está voluntariamente prejudicando alguém. Nesse sentido, como a lei não permitia expressamente a morte voluntária, ela a proibia.

E quem, levado pela cólera, voluntariamente se apunhala, pratica esse ato contrariando a reta razão da vida, e isso a lei não permite; portanto, ele age injustamente. Mas para com quem? Certamente que para com o Estado, e não para consigo mesmo. Por que ele sofre voluntariamente, e ninguém é voluntariamente tratado com injustiça. Por essa mesma razão, o Estado pune o suicida, infligindo-lhe uma certa perda de direitos civis, pois que ele trata o Estado injustamente. (ARISTÓTELES, 1984, p.137)

O homem que vive em sociedade é, portanto, uma peça de uma grande engrenagem que não pode funcionar corretamente. Para Aristóteles, a justiça se dá somente com atitudes que buscam a virtude, que se consolida com a preocupação com o próximo. Matar-se é abdicar de sua responsabilidade com quem está ao seu redor e, portanto, é um crime, deve ser ojerizado. Nessa visão existem exceções, claro, como ações de militares em guerra, realizadas com bravura. Porém, o suicídio efetivado com justificativas que não envolvam motivos amplos - como a defesa da pátria - tal qual uma doença ou desilusão amorosa, é considerado covardia e indigno.

Entretanto, a despeito do que determinava a lei (ou deixava de determinar) e do que orientavam as correntes filosóficas, os casos de auto aniquilação foram numerosos e extremamente variados na Grécia e na Roma antigas. A própria mitologia dessa civilização é recheada de casos famosos que ajudaram a construir imaginários desde essa época. Eram propagados principalmente através da arte, em pinturas e esculturas ou em peças encenadas para milhares de pessoas, escritas por dramaturgos como Sófocles, Ésquilo e Eurípedes. Sófocles ganhou notoriedade em todo o mundo helênico em razão de adaptações dessas histórias, como *Édipo rei*, *Antígona* e *Ájax*. Eurípedes, outro grande poeta grego, tem em sua vasta obra peças com referências diretas ao auto sacrifício, como *Ifigênia em Áulide* - com o assentimento de Ifigênia para que seja sacrificada para aplacar a ira dos deuses - e *As troianas* - quando Hécuba tenta o suicídio. Ésquilo não trata propriamente de atos de morte voluntária, mas o tema é exposto em produções como *Oresteia* e *As suplicantes*.

De fato, a arte - em especial a poesia e o teatro - tinha participação imprescindível na educação e formação ética dos antigos. Esses gêneros de manifestações artísticas eram compostos de passagens representativas de práticas que eram reproduzidas no cotidiano da população e, por isso mesmo, discutidas a fundo nos enredos das peças. Eram das ferramentas básicas do sistema de educação para a vida dos gregos antigos, na complexa e eficaz estrutura

de ensino conhecida como *Paidéia* (JAEGER, 2013). Inserir o suicídio nessas expressões artísticas educacionais, tratando de seus aspectos éticos, auxiliava a estruturação mental (o imaginário) e a subsequente postura do indivíduo frente aos pares da comunidade (as representações sociais).

Seguindo alguns séculos a frente, percebemos que, se os primeiros cristãos foram adeptos do martírio para conseguirem chegar aos céus, o mesmo não ocorreu com seus descendentes, que desenvolveram uma visão diametralmente oposta. Com a implementação do regime feudal em sociedades com baixa densidade populacional, o problema do suicídio passa a ser visto de outra forma junto aos cristãos. O dono da terra precisa do máximo de força produtiva possível para dar conta do trabalho no campo, por isso cada vida conta (a mesma lógica das pequenas tribos judaicas da Antiguidade, conforme já visto). Nesse sentido, monarcas e clero elaboram leis que justifiquem a condenação do suicídio.

O colono era livre, mas ligado à terra e dependente do *dominus*, ou mestre. Ele não podia se casar, tornar-se padre ou ingressar no exército sem a permissão de seu mestre. [...] Condições sociais, econômicas e políticas pressionaram a moral, criminalizando o suicídio como uma ofensa contra Deus, a natureza e a sociedade. Para a Igreja o fato do martírio voluntário, a única forma honrável de suicídio, desaparecer com a conversão do Império Romano ao cristianismo, significava que não restava nenhum motivo para perdoar o suicídio<sup>33</sup>. (MINOIS, 1999, pp. 29-30, tradução nossa)

A maneira como isso foi instituído pode ser visto pelas expressões culturais dos europeus nesse período. De acordo com o historiador Ron Brown, que fez um levantamento sobre a produção artística da morte voluntária na Europa, as figuras de suicídio na Antiguidade e início da Idade Média eram limitadas. Somente quando o discurso religioso da Igreja começou a inserir a proibição do suicídio é que as imagens começaram a proliferar.

Essa falta de imagens na Antiguidade teve um papel na geração de significados do suicídio, uma vez que, se ele é visto como sendo moldado através da publicação, então o devido reconhecimento deve também ser pago à ausência dessas publicações. Imagens podem muito bem ter sido perdidas ou destruídas, mas a raridade da representação do auto assassinato na sociedade pagã e pré-cristã pode implicar que a representação visual do suicídio foi realmente tabu. Embora em face disso, imagens de auto matança

---

<sup>33</sup> The colonus was free but attached to the land and was dependent on the *dominus*, or “master.” He could not marry, become a priest, or join the army without his master’s permission. [...] Social, economic, and political conditions put pressure on morality, criminalizing suicide as an offense against God, nature, and society. For the Church the fact that voluntary martyrdom, the only honorable form of suicide, disappeared with the conversion of the Roman Empire to Christianity meant that no religious motivation remained to excuse suicide.

parecem ter sido proibidas durante este período, a produção claramente ocorreu<sup>34</sup>. (BROWN, 2001, p. 24, tradução nossa)

Os alicerces de tal condenação foram edificados pelos expoentes da doutrina católica. O primeiro com grande relevância foi Agostinho, bispo de Hipona, que viveu entre os anos 354 e 430. Considerado um dos mais relevantes teólogos do cristianismo, Santo Agostinho teceu as considerações originárias de reprovação do suicídio largamente utilizadas durante a Idade Média. Ainda influenciado pela lógica do pensamento greco-romano, ele reformulou a teoria platônica de responsabilidade do indivíduo com os seus pares. Agostinho retira o dever do fiel pagão e insere a obrigação do devoto cristão. Foi Deus quem concedeu a vida ao homem e somente ele pode retirá-la. Por ser um dom divino, a vida possui um significado maior que qualquer interesse humano e é dotada de um propósito que segue uma vontade superior, cabendo aos homens apenas fazer uso dela, deixando aos céus a decisão de quando a experiência vai terminar. Abreviar a vida, por qualquer motivo que seja, significa violar os planos de Deus para o futuro, portanto um pecado de desrespeito ao ser superior. No primeiro livro da *Cidade de Deus*<sup>35</sup>, ele resumiu a proibição com base nos Mandamentos. “Só nos resta concluir que temos de aplicar apenas ao homem [e não aos animais] as palavras não matarás - nem a outro nem a ti próprio matarás pois quem a si próprio se mata, mata um homem” (AGOSTINHO, 1996, p.158).

O outro teólogo mais influente do período medieval, Tomás de Aquino, que viveu entre 1225 e 1274, empregou quase os mesmos argumentos – inclusive utilizando o próprio Agostinho como fonte para o desenvolvimento de seu raciocínio. A lógica platônica de comprometimento com o outro também foi resgatada por ele – e novamente transformada para uma dívida e obediência com Deus – aliada a ideia aristotélica de responsabilidade com o grupo no qual vive. Segundo Aquino, ao se matar o homem comete pecado contra a justiça divina. Diz ele no segundo livro de sua *Suma Teológica*<sup>36</sup>, “[...] quem se priva da vida peca contra Deus, assim como quem mata o servo de um outro peca contra o senhor a quem o servo

---

<sup>34</sup> This lack of images in antiquity must be considered as having a determining role in generating meanings of suicide since, if suicide is seen as being shaped through publication, then due acknowledgement must also be paid to absence. Images may well have been lost or destroyed, but the infrequency of the depiction of self-killing in pre-Christian and pagan society may imply that the visual representation of suicide was actually taboo. Although on the face of it, images of self-killing appear to have been prohibited during this period, production clearly did occur.

<sup>35</sup> Os 22 livros de A Cidade de Deus (De Civitate Dei) foram escritos durante a velhice de Agostinho, entre 412 e 426.

<sup>36</sup> A Suma Teológica (Summa Theologiae) foi produzida por Tomás de Aquino entre 1265 e 1274.

pertencia [...]. Somente a Deus, com efeito, pertence o juízo sobre a vida e a morte" (AQUINO, 1988, II-II, Q. 64, a. 5)

A representação da moralidade cristã medieval se baseou nesses argumentos durante os quase mil anos desse estágio. Tais ideias foram utilizadas em larga escala como forma de exercer o controle sobre a população não apenas no sentido de criar temor em torno do ato suicida, mas de modo a tecer uma névoa de medo para cercar o sujeito medieval por todos os lados. Era esse o cenário que se impunha a quem vivia naquele período: o de individualidades tolhidas.

O medo permanente e latente criava um clima que favorecia estados que levavam ao desânimo, ao esgotamento mental. Foi nessas condições que se desenvolveu o quadro comportamental que ficou conhecido como *desperatio*. Um tipo de conduta que podemos assemelhar à depressão moderna, porém com as particularidades de então. Foram atribuídos à *desperatio* inúmeros suicídios que ocorreram no período e por isso mesmo, ela foi condenada pela Igreja. Deixar-se desesperar significava afastar-se das esperanças de um mundo misericordioso, tangível ou etéreo, planejado por Deus para cada um de seus filhos e, portanto, um dos maiores pecados. Falaremos mais sobre a *desperatio* no próximo item, quando abordaremos a visão do suicídio como loucura.

A outra grande religião monoteísta que também instituiu a proibição à auto aniquilação foi o islamismo. A religião maometana tomou como base a doutrina já configurada da filosofia judaico-cristã, com um único deus supremo ditando as regras que devem ser seguidas pelos fiéis. Vem daí também grande influência da postura do islamismo com relação suicídio, que é considerado um grave pecado, mas que pode ser tratado com leniência de acordo com suas circunstâncias.

A histórica revelação da missão divina atribuída a Maomé começa com uma – senão tentativa explícita – pelo menos intenção de suicídio do próprio profeta. Seguidor de al-Llah, um dos muitos deuses existentes nas tribos árabes, Maomé era veemente em sua condenação pública às práticas pagãs de outras tribos, que eram adoradoras de objetos inanimados e entidades sobrenaturais do deserto. Por isso, em um de seus retiros espirituais, ao ser abordado pelo anjo mensageiro do deus, que o ordenou que passasse a “recitar” as mensagens de al-Llah,

ele foi tomado de pânico ao supor que tivesse sido possuído por um *jinn*<sup>37</sup> e se tornado um adivinho, algo que abominava.

Maomé voltou a si num estado de terror e desgosto. A idéia de que, contra sua vontade, houvesse se tornado um kahin, um possuído pelos jinn, encheu-o de desespero, diz-nos Tabari, o historiador, que não mais desejou continuar vivendo. Precipitando-se para fora da caverna, começou a escalar o topo da montanha para dali se atirar para a morte. Mas, na encosta da montanha, teve outra visão que, mais tarde, identificaria com Gabriel. (ARMSTRONG, 2002, p. 80)

A clara intenção do profeta máximo do Islã é pouco mencionada entre os teólogos islâmicos, uma vez que suas próprias recitações no Alcorão deixam claro de que o suicídio é algo extremamente condenável e aquele que o praticar estará agindo contra a vontade dos céus. “Os ensinamentos de Maomé em relação ao suicídio são revelados em numerosas partes do Alcorão; ele é mencionado como um crime que desperta toda a raiva de Alá, e alerta que sua prática será punida na outra vida<sup>38</sup>” (WESTCOST, 1885, p. 12).

Porém, assim como a Bíblia, o Alcorão não deixa claro em nenhum momento sua preocupação em condenar os suicidas. Ao contrário, algumas passagens parecem incitar os seus adeptos a abrirem mão de suas vidas em prol da fé. A quarta sura - intitulada *As mulheres* – traz dois versículos que mostram bem como isso se dá. No versículo 66, que faz parte de uma discussão a respeito de como os seguidores de Alá devem mostrar sua crença, Maomé pondera sobre a postura de quem obedece a Deus e ao seu mensageiro. “Se lhes tivéssemos prescrito: ‘Dai as vossas vidas’ ou ‘Abandonai as vossas casas’, não o teriam feito, salvo um pequeno número. Contudo, se houvessem seguido as exortações recebidas, teria sido melhor para eles e teriam sido fortalecidos” (ALCORÃO, 4.66 (69)).

A proibição do suicídio no Islã nasce a partir de sua gênese em meio às pequenas tribos árabes. Tal qual as primitivas aldeias judias, os árabes precisavam da participação de todos os integrantes da comunidade para que seu funcionamento não entrasse em colapso. E, se no Alcorão a vedação não é tão explícita, o mesmo não ocorre com a hadith (tradição). As hadiths são compilações dos ensinamentos de Maomé enquanto experiências que ele próprio viveu. Tradições de comportamento que devem ser seguidas por todo muçulmano, que foram editadas - a partir de passagens reais - por autores após a morte do profeta e de seus sucessores diretos.

<sup>37</sup> Tem o mesmo significado que o *daemon* grego, mas para algumas culturas – como algumas tribos árabes – possuía semântica pejorativa, como um espírito maligno que representava as intenções de entidades nefastas.

<sup>38</sup>The doctrines of Mohammed in respect to suicide are revealed in numerous parts of the Koran; it is spoken of as a crime which rouses all the anger of Allah, and warns believers that its commission will be punished in another life.

Algumas hadiths trazem opiniões diretas sobre o suicídio. Em uma delas, Maomé presencia um homem golpeado mortalmente, tirar sua própria vida antes que a ferida o fizesse, e sentencia com a palavra de Alá, dizendo “meu servo antecipou minha ação tomando sua alma (vida) em suas próprias mãos; assim sendo, ele não será aceito no paraíso<sup>39</sup>” (ROSENTHAL, 1946, p. 242)

Em outra ocasião, ao mencionar uma declaração de Maomé, a escritura evoca uma tradição impiedosa que manifesta nitidamente a danação de quem tira sua própria vida. Segundo essa hadith, os suicidas serão condenados a repetirem infinitamente no inferno o ato que praticaram e que tirou de Deus seu direito de decidir quem vive ou morre. Nela o profeta fala sobre a prática em si da morte voluntária, dando exemplos e determinando a punição. Diz ele: "Quem se estrangula vai repetir sua ação no fogo, e quem mata si mesmo esfaqueando seu próprio corpo com alguma arma vai repetir seu feito no fogo<sup>40</sup>" (Ibid, p. 244). Além disso, algumas das hadiths afirmam que Maomé costumava negar dizer orações sobre os corpos dos indivíduos que haviam se matado.

O Alcorão exalta aqueles que se empenham nas batalhas, verbais ou físicas, em nome da palavra de Alá. É importante ressaltar que – embora ele não se preocupasse com o registro – a obra de Maomé<sup>41</sup> ia sendo construída de acordo com as suas experiências. Por isso, ao ter que encarar batalhas com tribos resistentes à sua nova religião, ele passou a tratar mais da *jihad* (luta ou esforço) em suas pregações e, ao final, essas experiências resultaram em volume robusto de fragmentos que compuseram as bases do que os ocidentais chamam hoje de Guerra Santa. Ao todo existem mais de 160 versos relacionados de alguma maneira com a *jihad* e alguns deles mostram como o sacrifício da vida em prol da “causa” era bem visto.

Ó vós que credes, não sejais como os descrentes que dizem dos seus irmãos que viajam pela terra ou participam da guerra: “Se tivessem ficado conosco, não teriam morrido nem teriam sido mortos”. Deus queria implantar-lhes a angústia no coração. Pois é Deus que dá a vida e dá a morte. E ele observa o que fazeis. Se morreres ou fordes mortos pela causa de Deus, sabeis que a indulgência de Deus e a clemência de Deus valem mais do que tudo quanto os outros amontoam. E quer morrais quer sejais mortos, para Ele voltareis. (3.156-158)

<sup>39</sup> My servant anticipated my action by taking his soul (life) in his own hand; therefore, he will not be admitted into Paradise.

<sup>40</sup> Whoever strangles himself will repeat his deed in the Fire, and whoever kills himself by stabbing his own body with some weapon will repeat his deed in the Fire.

<sup>41</sup> Toda a doutrina recitada por Maomé foi compilada no Alcorão apenas após a sua morte. Enquanto em vida, o profeta não escreveu nenhuma linha dos livros utilizados pelos califas para propagar sua obra.

Trechos como esse iniciariam a prática de comportamentos similares aos dos protocristãos, que se entregavam aos seus algozes como meio de garantir sua presença ao lado de Deus na vida eterna. Desde as primeiras formações de sociedades muçulmanas, dar a vida na jihad significava grande honra para o morto e sua família, algo que evoluiu até o imaginário das seitas terroristas dos “homens-bomba” da atualidade. Se o martírio representa prestígio na sociedade muçulmana, o suicídio tem significado contrário nesse e no outro mundo.

O uso islâmico do termo martírio é normalmente interpretado como morte em uma jihad, e sua recompensa é a bem-aventurança eterna, descrita com certo detalhe em textos religiosos mais antigos. O suicídio, ao contrário, é um pecado mortal e leva à danação eterna, mesmo para aqueles que, de outra forma, teriam garantido um lugar no paraíso. Os juristas clássicos distinguem claramente entre defrontar a morte nas mãos do inimigo e matar-se com as próprias mãos. A primeira leva ao céu, a outra, ao inferno. (LEWIS, 2003, pag. 30)

O crescimento do islamismo veio transformar na contemporaneidade essa concepção do suicídio, ampliando no imaginário islâmico o conceito de mártir nas jihads e o nascimento de diversos grupos terroristas. E essa eficiente intervenção da religião no imaginário foi um dos temas estudados por um dos fundadores da sociologia, o já citado francês Émile Durkheim.

Dele vem um dos conceitos mais reproduzidos acerca de fontes de ideias e comportamentos comuns à maioria dos integrantes de uma sociedade: a consciência coletiva. De acordo com Durkheim, que elaborou esse conceito na segunda metade do século XIX, essa consciência permeia as mentes dos indivíduos e atua como catalisadora da força coercitiva, impondo suas particularidades na construção dos fatos sociais. É ela que une os indivíduos na direção de uma coesão comunitária e possui vida própria, alheia às vontades de quem quer que seja.

[...] Ela não tem por substrato um único órgão: está, por definição, difusa por toda a extensão da sociedade; mas nem por isso deixa de ter características específicas que fazem dela uma realidade distinta. Com efeito, é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram; eles passam, ela permanece. É a mesma no Norte e no Sul, nas grandes e nas pequenas cidades, nas diferentes profissões. Do mesmo modo, não muda a cada geração, mas ao contrário, liga as gerações sucessivas umas às outras. [...] A consciência coletiva é o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, assim como os têm os tipos individuais, embora de outra maneira. (DURKHEIM, 2016, pp.83-84)

Embora não se preocupe em tentar explicar os estágios anteriores a essa consciência, Durkheim elabora uma concepção que converge para o descobrimento de ideias ocultas,

símbolos e imagens presentes na psique humana que são materializados em forma de fatos sociais. O próprio suicídio, nosso objeto de estudo, é tido por ele como um fato social pois “cada sociedade tem, em cada, momento de sua história, uma predisposição definida para o suicídio” (2014, p.19), portanto, influenciado – direta ou indiretamente - pela consciência coletiva.

[...] a taxa social de suicídios só se explica sociologicamente. É a constituição moral da sociedade que fixa a cada instante o contingente das mortes voluntárias. **Existe, pois, para cada povo, uma força coletiva, de energia determinada, que impele os homens a se matar.** Os movimentos que o paciente realiza, e que, à primeira vista, parecem exprimir apenas seu temperamento pessoal, são, na realidade, a sequência e o prolongamento de uma situação social que eles manifestam exteriormente. (DURKHEIM, 2014, p.297, grifo nosso)

Essa força coletiva a qual Durkheim se refere não possui, de acordo com ele, um depósito identificável, pois não é unificada, sua potência vem de diversas fontes. A similaridade entre a consciência coletiva de Durkheim e a constituição imaginária que viria a seguir com os autores que se dedicaram exclusivamente a ela, pode ser vista principalmente quando ele elabora sua teoria sobre religião, na qual a simbologia presente nas relações dos grupos sociais tem grande destaque. Para ele, a religião, manifestada por meio de cultos - os ritos e seus rituais, representa um sistema de signos que é interpretado coletivamente e que atua também como um conjunto de recursos para inventar e reinventar a realidade. Esses signos não são utilizados apenas no sistema de prática de cultos, mas para exprimir visões de mundo, e fazem parte de uma simbologia adquirida há várias gerações e aplicada para manter a coesão de uma determinada sociedade.

Portanto, há na religião algo de eterno que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso sucessivamente se envolveu. Não pode haver sociedade que não sinta necessidade de conservar e de reforçar, em intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade. (DURKHEIM, 2000, p.472)

O caráter religioso das sociedades atuando no imaginário foi abordado até mesmo por Karl Marx (2010) em meados do século XIX. Esse é o ponto de partida dele para tratar, ainda que indiretamente, das construções simbólicas da mente. De acordo com a teoria levantada por ele, como resposta aos conceitos de Hegel sobre a filosofia do direito, a religião exerce papel dominante no meio social, representando a mais alta expressão do imaginário popular em qualquer sociedade. Porém, a relevância maior das representações primárias da mente humana

foi dada a partir de sua relação com o estudo do fetichismo na obra *O capital*<sup>42</sup> (2013). Nela Marx utiliza o conceito de *fantasmagoria* para descrever as feições sociais do trabalho sendo sobrepostas pelos valores simbólicos dos produtos criados. Com essa ideia ele afirma que as mercadorias produzidas ganham maior valor que o trabalho humano que foi realmente gasto nelas, em um processo onde se atribui uma série de significados sociais inerentes à maioria dos indivíduos.

#### **1.4 Demente ou são? A loucura no suicídio e o suicídio na razão**

Outra manifestação binária do imaginário social sobre o suicídio que se firmou através da história foi o da loucura versus o da razão. Se a abdicação da vida em alguns momentos foi vista como uma consequência de um mal incurável que faz o indivíduo perder o senso, como a corrente de pensamento do período de transição entre medievo e modernidade; em outros ela foi abraçada como um direito do ser humano, que nada tem de contraditório devido ao livre arbítrio. Filósofos famosos como Epicuro, Zenão e Sêneca, utilizaram essa opção de dar cabo de suas vidas.

O posicionamento de criminalizar o suicídio, desde que chegou ao seu clímax na Europa medieval e até hoje repercutindo nas construções imaginárias que se impõem sobre os juízos que se fazem dele, demorou para ser atenuado. Esse abrandamento começou a partir do momento em que se percebeu que ele poderia ser resultado de um estado de espírito alheio à vontade humana. Algo que foi codificado na loucura, em primeiro plano, e na tristeza (ou melancolia), em uma segunda etapa.

Mas isso não se deu de modo rápido. Quando falamos em Idade Média, estabelecemos um intervalo de cerca de mil anos, que podem ser analisados com poucas mudanças em suas concepções morais cristãs, mas ainda assim com algumas transformações. O campo da medicina – mesmo que de forma incipiente - atuou de modo a auxiliar nessas modificações tornando menos difícil a vida dos indivíduos. A loucura, por exemplo - que em alguns períodos chegou a ser considerada manifestação de demônios em corpos habitados por espíritos fracos - passou a ser vista com mais benevolência na Baixa Idade Média, quando foi associada a um produto do defeituoso metabolismo corporal: a bílis negra. Esta era a causa do aparecimento da melancolia, condição relacionada com situações de apatia e sofrimento, que podia levar a

---

<sup>42</sup> A primeira publicação de O Capital data de 1867.

estados de desvarios e até ao auto sacrifício. Para evitar que o problema avançasse, quando alguém era diagnosticado com a bÍlis negra, recomendava-se a realização de sangrias.

Com isso criava-se um refúgio, mas não a solução para a honra dos medievais que praticavam suicÍdio. Nem para as suas famÍlias. O clima de tensão a respeito do impacto que o homicÍdio de si causava em um ambiente se justifica pelo modo como era tratado tanto na esfera do clero, quanto na secular. Quando uma morte desse tipo era registrada, corriam os clérigos a analisar se ela havia sido motivada pela loucura. Em caso afirmativo, o cadáver era deixado em paz para que seus entes cuidassem dele. Porém, se investigação constatasse que ele havia sucumbido à *desperatio*, a sentença era implacável em todos os âmbitos.

No aspecto religioso, eram lhe negados os ritos fúnebres tradicionais e o enterro em solo consagrado pela igreja – que significava o sofrimento eterno, uma vez que o sepultamento ao lado de santos e mártires da Igreja era garantia de acordar junto deles no dia do JuÍzo Final. Além disso, com a excomunhão, selava-se o destino além-vida da alma do morto, deixando agonia e vergonha para seus familiares já que o senhor feudal reclamava da perda do seu servo, que não poderia ser reposta, e a comunidade ficava maculada pela magnitude do pecado cometido.

À justiça secular cumpria dar satisfação a uns e outros, pelo confisco de bens móveis do morto, pela punição física e moral infligida ao cadáver. Na França, o costume determinava que o corpo fosse arrastado por cavalos pelas ruas da localidade e publicamente enforcado. Em Metz, era então abandonado ao rio dentro de um tonel, com uma inscrição recomendando que o “deixassem ir”. Já em Zurique, os que se afogavam deviam ser enterrados a cinco pés da margem da água, e os que se jogavam da janela inumados sobre uma montanha ou junto a um caminho, presos ao solo por três grandes pedras postas sobre a cabeça, o ventre e os pés. [...] Ainda na Inglaterra dos Tudors, os suicidas eram considerados *felones de se* “traidores de si mesmo”; suas posses confiscadas pela Coroa e seus corpos enterrados em encruzilhadas ou caminhos públicos com face voltada para baixo e atravessados por uma estaca de madeira. (VENEU, 1993, pp 15-16)

Cravar uma estaca de madeira no corpo de uma pessoa que cometeu suicÍdio é um bom exemplo de como as alegorias medievais formatavam o imaginário dos indivíduos. A alma suja de quem ousou interromper os planos de Deus, vai juntar-se aos seres imundos ojerizados pelos vivos porque fazem o mal. Torna-se um ser notívago, que ameaça os vivos e, por isso, como um vampiro, precisa ser contido com um instrumento sagrado enfiado no peito. As instruções de como lidar com vítimas de suicÍdio eram repassadas pelo clero, cujos bispos e clérigos em geral eram as autoridades capazes de ensinar os métodos de salvamento dos que permaneciam vivos ante as ameaças sobrenaturais de quem morria de uma forma tão profana.

As influências simbólicas dessa forma de compreensão das consequências do ato suicida podem ser analisadas através do imaginário social explicado por Roger Caillois (1913-1978). O estudioso francês é outro que trata do assunto de forma a embasar suas teses principais e, ao analisar as características dos sistemas totalitários e como o poder pode ser depositado de bom grado nas mãos de ditadores carismáticos - em um prosseguimento notório da teoria de dominação desenvolvida anteriormente por Weber -, afirma que esse processo se dá pela junção da potência bélica identificada em um indivíduo com a coletiva força sagrada e subjetiva cultivada culturalmente na busca fácil e simplista de um salvador. Nesse caso, o poder coletivo se enfraquece ao ser transferido, em um processo de “magia real” para um único indivíduo, pois “como o poder encontra sua fonte no jogo das coisas sagradas, ele se enfraquece como resultado direto de sua tendência a esvaziar as coisas sagradas de seu conteúdo criminoso” (CAILLOIS, 1988, 135-136).

A força desse carisma, segundo Caillois, tem sua origem no imaginário social, que não estabelece diferenças entre o que é realidade e o que é falso, uma vez que essa diferença não tem importância se o resultado final for alcançar seus objetivos – no caso a manutenção (ou recuperação) do *status quo*, seguro e estável. É assim que o líder carismático consegue sua liberação de qualquer controle que se deva ter sobre um comandante. Suas atitudes não são questionadas, seus malfeitos sempre justificados, suas ideias repetidas à exaustão por seguidores que o veneram. Tudo irrigado pelo símbolo do herói destemido que consegue resolver problemas complexos com ações simples, e para isso precisa de apoio incondicional de seus protegidos.

Quando se leva em consideração a aceção de Caillois, a atribuição da vontade de dar-se morte ao desvario teve no imaginário social seu cerne, estimulado por fluxos de pensamentos que surgiram no classicismo. Delegar à razão as causas dessa tomada de decisão foi algo que muitos pensadores e correntes filosóficas realizaram desde a Antiguidade. Nessa perspectiva, as correntes filosóficas tiveram destacada relevância. O epicurismo e o estoicismo são duas das que mais se destacaram, obtendo grande número de adeptos. Existiram praticamente na mesma época – depois de Platão e Aristóteles - e tinham quase a mesma inclinação com relação à morte voluntária.

O epicurismo previa a morte como algo que não devia preocupar os homens pois era contrária aos sentimentos vitais: enquanto sentirmos a vida a morte não estaria presente e, quando esta chegasse, não sentiríamos nada. Os homens não deveriam buscar a morte, mas quando ela se impusesse de alguma forma, eles deveriam acolhê-la sem medo de serem punidos.

Em sua obra clássica sobre a vida dos filósofos ilustres, Diôgenes Laértios dá entender que Epicuro, fundador dessa escola, cometeu o auto sacrifício. "‘Adeus, e lembrai-vos de minha doutrina!’ Estas foram as últimas palavras de Epícuro moribundo aos amigos; entrando então na tina de água quente, bebeu um gole de vinho puro e no mesmo gole o frio de Hades.” (LAËRTIOS, 2008, p.286).

O estoicismo baseava a vida do homem na razão, uma vez que o mundo é regido por uma lei universal. Cabe aos homens se adaptarem mesmo aos males que lhe afligem, buscando a serenidade a todo custo. Aqui também a morte não deveria ser um objetivo, porém é importante ceder quando ela se insinua. Zenão, fundador do estoicismo, quando em idade avançada, teria bebido o máximo de vinho que pode para acelerar sua morte (Id., p.76). Essas aceções de como a morte deveria ser encarada, tanto no epicurismo quanto no estoicismo, descomplicavam a opção pelo auto sacrifício, quando este estava apoiado na razão. Sêneca e Catão, estoicos famosos, também cometeram suicídio (ANDRÉS, 2015).

Na China, as percepções éticas do confucionismo foram os fundamentos da percepção sobre a morte voluntária. Para Confúcio, a vida era um bem, mas não o bem maior de um ser humano. Em seus Analectos<sup>43</sup> (2009), que alcançaram na China o mesmo nível de popularidade que a Bíblia no Ocidente, ele ratifica qual postura se deve adotar diante da morte.

O Mestre disse: “Em se tratando de cavalheiros determinados e homens de benevolência, ao mesmo tempo em que é inconcebível que busquem permanecer vivos sacrificando a benevolência, pode acontecer que tenham de aceitar a morte para conseguir realizar a benevolência”. (CONFÚCIO, 2009, 15:9)

Os primeiros anos da Idade Moderna trouxeram poucas mudanças no modo de se tratar o suicídio com relação ao período anterior, o medievo. No início do século XVI a Igreja perdia aos poucos a sua influência sobre as instituições europeias, entretanto a culpabilização do suicídio ainda era algo presente e que possuía bastante força. No imaginário cristão, matar-se continuava a ser motivo de um desprezo moral muito grande. Por isso os corpos dos suicidas ainda eram enterrados em separado, na parte norte do cemitério, mesma área reservada aos excomungados, aos não batizados e a todos aqueles que haviam se “desgarrado” de alguma maneira do caminho indicado pelo catolicismo.

---

<sup>43</sup> Os Analectos (diálogos) de Confúcio só foram compilados em livro após a sua morte, que ocorreu no ano 479 A.C.

Apesar disso, o movimento crescente de valorização da racionalidade, que culminaria com a instituição da filosofia iluminista, estimulou diversos ramos da ciência a se dedicarem ao estudo desse tema. Para além de um espírito fraco influenciado pelo demônio, o indivíduo com ideação suicida tomou outras formas: a de um sujeito que poderia sofrer de problemas mentais, de alguém que conseguia encontrar a solução ideal para alguma aflição ou, simplesmente, de uma pessoa que tinha o direito de escolher não viver. Para esses pensadores, a influência do estoicismo grego - uma vez que a filosofia helênica exerceu demasiada interferência no pensamento iluminista - foi muito grande.

Foi nesse período que a relevância que o imaginário possui hoje começou a se consolidar. Seu fortalecimento se deu – indiretamente - com um dos pilares do pensamento cartesiano: os critérios essenciais de racionalidade. Estabelecida por René Descartes (1596-1650) como a fonte mais confiável para se chegar à conclusão de um raciocínio sistemático, a racionalidade enfraqueceu as bases religiosas e contemplativas do pensamento medieval. O método fundamentado na intuição e dedução, ao mesmo tempo em que cria o rigor intelectual com a supremacia da razão, dá contornos tangíveis ao imaginário, tanto para que ele possa ser usado – até certo ponto – como fonte da indução, como para ser o limite que a razão deve ter cuidado em ultrapassar. Os fenômenos devem ser analisados com base no que possui definição estabelecida e o imaginário é tudo o que é indefinível. Contudo, desvencilhar-se dessas referências mentais não é possível em qualquer situação. A prova disso é que Descartes afirma que a inspiração para criar sua metodologia surgiu de três sonhos reveladores e os sonhos são o principal meio de manifestação dos símbolos arquetípicos do imaginário, de acordo com as teorias de Jung e Durand, conforme já vimos. Além disso, após concluir a elaboração de sua teoria, ele fez uma viagem à Itália para agradecer a Deus pela inspiração, um ato carregado de simbologia religiosa.

Claro que adotar uma postura de aceitação ampla e irrestrita do suicídio causaria grande alvoroço social. Por isso aqueles que pensavam assim tinham que embasar muito bem suas convicções. E entre os que mais se destacaram está Thomas Morus, personagem fortemente ligado a valores morais religiosos e que chegou a ocupar o cargo de líder máximo da igreja inglesa. Em sua obra *Utopia*<sup>44</sup>, Morus pondera que as pessoas que cometem ou pensam em cometer o suicídio quando estão doentes, devem ser respeitadas. Por outro lado, a eutanásia sem a aprovação dos sacerdotes era um crime grave contra a sociedade.

---

<sup>44</sup> Utopia foi publicado pela primeira vez em 1516

[...] no caso da doença ser não apenas incurável, mas também provocar um sofrimento atroz e contínuo, os sacerdotes e as autoridades públicas exortam o enfermo a não prolongar mais sua agonia. [...] Seria um gesto sábio, dizem eles, uma vez que, para ele, a morte põe um fim à agonia. Além disso, estaria seguindo os conselhos de sacerdotes, que são os intérpretes da vontade de Deus, e que asseguram que esse seria um gesto santo e piedoso. [...] Nas circunstâncias em que a morte é recomendada pelas autoridades públicas, considera-se a eutanásia um gesto honrado. O suicídio, no entanto, é considerado indigno da terra ou do fogo, e o corpo daquele que se mata sem a aprovação dos sacerdotes ou do senado é ignominiosamente lançado no pântano mais próximo. (MORUS, 2004, p. 92-93)

O clérigo inglês John Donne, em sua obra *Biathanatos*<sup>45</sup>, publicada de forma póstuma pelo medo que teve em dar visibilidade a ela, analisa o suicídio de forma cautelosa. Nessa obra, Donne elabora uma defesa muito bem fundamentada da morte voluntária em uma época em que ainda era extremamente interdito falar de tal ação, ainda mais para alguém em sua posição clerical, pois foi pastor anglicano e chegou a ser nomeado decano da catedral de São Paulo.

Muitas vezes tenho uma inclinação tão doente; seja ela porque eu cresci e tive conversas com homens de uma religião reprimida e infeliz, acostumada a desprezar a morte e com fome por um anseio por martírio, porque o Inimigo encontra essa porta em mim mal fechada [...] ou porque minha consciência sempre me garante que nenhum outro consentimento para o pecado, acompanha esses pensamentos que eu possuo, ou que um esplêndido desdém, ou uma covardia fraca gerá-lo, quando às vezes uma aflição me agride, acho que tenho nas minhas mãos a chave da minha prisão, e nenhum remédio é apresentado tão rápido ao meu coração quanto a minha própria espada<sup>46</sup>. (DONNE, 2007, p. 29, tradução nossa)

Donne elabora algo inédito até então: um trabalho inteiramente dedicado à reflexão e aquiescência sobre a morte voluntária e, o que gera ainda mais polêmica, buscando justificativas não só na racionalidade, mas também no cânone das leis do cristianismo. Para defender seus argumentos, Donne divide o livro em três partes, onde busca explicar - dando exemplos de personagens famosos da história - que o suicídio não é um crime contra a lei da natureza, contra

---

<sup>45</sup> John Donne escreveu *Biathanatos* entre 1608 e 1610, porém a obra só foi publicada em 1647, dezesseis anos após sua morte, pelo receio que ele tinha das represálias que podia sofrer por falar tão abertamente sobre suicídio. A reedição do livro só ocorreu mais de 50 anos depois, em 1700. Durante sua vida, Donne passou por muitas dificuldades, chegando a ser preso por casar-se em segredo quando sua esposa ainda era menor de idade, sofrendo com a morte de vários de seus onze filhos, e na pobreza, dependendo da ajuda de amigos para conseguir alimentar sua numerosa família. Diante de inúmeras dificuldades, não é surpresa que uma produção tão densa e reflexiva quanto *Biathanatos* tenha sido escrita.

<sup>46</sup> A menudo tengo yo tal inclinación enfermiza; ya sea porque me crié y tuve conversaciones con hombres de una religión suprimida y desgraciada, acostumbrados a despreciar la muerte y hambrientos de un anhelado martirio, ya porque el Enemigo halle en mí esa puerta peor cerrada [...] o porque mi conciencia siempre me asegura que ningún rebelde menosprecio de los dones de Dios, ni otro consentimiento al pecado, acompaña estos pensamientos que albergo, o que un espléndido desdén, o una débil cobardía lo generen, cuando a veces una aflicción me asalta, creo tener en las manos la llave de mi prisión, y ningún remedio se presenta tan presto a mi corazón como mi propia espada.

a lei da racionalidade e nem contra a lei de Deus. De acordo com seu raciocínio, o ato não é contra a lei da natureza pois se assim fosse teríamos que condenar todas as práticas que tentam domesticar a nossa natureza. Além disso, diz ele em uma aproximação com a lógica levantada por Durkheim mais de dois séculos depois, as pessoas sempre se mataram em todos os lugares em todos os tempos, o que mostra que essa prática não pode ser considerada antinatural.

Também não é contrário à lei da razão, afirma Donne, pois o suicídio nem sempre foi condenado socialmente – e em alguns locais ele não era considerado crime. De acordo com ele, ao contrário, a razão nos informa quando nossa vida deixa de nos ser útil para atrapalhar nossa existência. Por outro lado, Donne diz que a morte voluntária também não se levanta contra a lei de Deus, pois são inúmeros os casos de suicídio que existem na Bíblia, incluindo o do próprio Cristo, e a criminalização do ato se deu por parte dos teólogos e não das Escrituras em si. E era precisamente sobre essa criminalização que Donne queria atuar. Para ele, antes de caracterizar alguém que pratica o auto sacrifício como pecador e criminoso é preciso avaliar as condições em que o ato se deu.

A despeito da profundidade e singularidade de sua obra, John Donne estava longe de ser o único que começava a debater suicídio como escolha do ser humano. Também na Inglaterra outros autores começaram intensos debates sobre o assunto, ainda que de forma indireta. Podemos citar o dramaturgo William Shakespeare<sup>47</sup> como alguém que expõe abertamente o dilema de matar-se ou não. Na Alemanha, Immanuel Kant, um dos filósofos que exerceu maior influência no pensamento moderno ocidental, tinha opinião contrária à de Donne. Para o alemão, o homem possui uma obrigação de si para si em fazer seu instinto racional superar os instintos animais para preservar a vida. Ele afirmou, em sua obra *Metafísica dos costumes*<sup>48</sup>, que o homem tem um dever consigo mesmo de se manter vivo, por isso qualquer ato contra sua integridade é um crime pois, de acordo com a sua teoria, se nós colocarmos de lado “todas essas relações [para com a sociedade e com Deus], um ser humano ainda permanecerá obrigado a preservar sua vida simplesmente em virtude de sua qualidade de pessoa” (KANT, 2003, p. 264).

---

<sup>47</sup> Entre as obras de Shakespeare que falam sobre a morte voluntária está *Otelo* (1951), onde protagonista se mata ao constatar que - por ciúmes - assassinara injustamente a esposa. *Romeu e Julieta* (1968) cometem suicídio após uma série de desencontros em sua curta vida amorosa. Em *Hamlet* (1948), a jovem Ofélia se mata afogada ao enlouquecer após o assassinato do pai - e a corte nega a realização das suas exéquias -, Gertrudes, a mãe de Hamlet, toma vinho envenenado ao perceber que seu filho o beberia sem saber, e o próprio Hamlet, do alto da torre de seu castelo, cogita se jogar para encurtar sua dor, e reflete em um dos monólogos mais famosos da dramaturgia: “Ser ou não ser? Eis a questão”. O dilema levantado por Shakespeare é: será mais nobre desistir diante da incapacidade de se resolver um problema ou enfrenta-lo até o final? Ele decide continuar a viver e buscar o assassino de seu pai.

<sup>48</sup> Cujas primeiras publicações são datadas de 1785

Por outro lado, na Inglaterra, David Hume levantou-se frontalmente contra essa concepção, particularmente contra os dogmas religiosos que estigmatizavam os suicidas. Hume escreveu um dos textos filosóficos sobre suicídio mais importante do século XVIII – o ensaio *Do suicídio*<sup>49</sup>, onde argumenta que esse ato não deve ser tratado como uma afronta a nós mesmos, à sociedade ou a Deus. Para Hume, já que o ser humano pode alterar o curso de vários outros fenômenos naturais, não há incoerência alguma em mudar o curso da própria vida. Assim, não há como se conceber que a decisão de apenas uma pessoa possa ser motivo de desarranjo da Providência. Segundo ele esse raciocínio só teria sentido caso se pensasse em um uma Providência que possuísse falhas, que fosse imperfeita, o que seria sem sentido. Além disso, o instinto natural do homem o afasta da morte e, se ele a procura, é porque sua razão o impulsiona diante de uma situação insustentável para seu ser.

Acredito que nenhum homem tenha abandonado a vida enquanto valia a pena conserva-la. Porque o medo natural que temos da morte é tal, que os motivos mais insignificantes nunca serão capazes de nos conciliar com ela. Mas, ainda que a saúde e a fortuna de um homem não queiram essa conciliação, podemos acreditar que qualquer pessoa que tenha recorrido a ela sem motivo aparente, tenha sofrido uma degradação incurável ou uma melancolia em seu comportamento capaz de envenenar toda a alegria e de deixá-lo igualmente infeliz, como se tivesse caído sobre ele a pior das desgraças. [...] Se não é um crime [o suicídio], tanto a prudência quanto a coragem nos alentam a abandonar de vez a existência quando ela se torna um fardo<sup>50</sup>. (HUME, 2009 p.58, tradução nossa)

### **1.5 Melancolia romântica, dolorosa depressão: variações da tristeza à patologia**

Aos poucos o autocídio foi se transformando em algo menos grave que a loucura, embora ainda distante da sanidade, tornando-se uma espécie de abatimento espiritual. Pesquisadores da mente do final da Idade Média e início da Moderna começaram a divulgar seus trabalhos que mostravam que o indivíduo poderia ser influenciado pela sua disposição de ânimo. Foi assim que a ideia de suicídio provocado por uma melancólica tristeza começou a permear o imaginário social, que se consolidou com o surgimento da era do romanticismo na Europa. Este é o tipo de auto sacrifício cometido por meio de um ideal romântico da busca pela felicidade que, sendo difícil de ser alcançado, acaba por causar grande decepção levando à

<sup>49</sup> Publicado originalmente em 1757, em conjunto com História natural da religião e outros três ensaios.

<sup>50</sup> Creo que ningún hombre ha abandonado la vida mientras valiera la pena conservarla. Porque el miedo natural que tenemos a la muerte es tal, que los motivos más insignificantes nunca podrán reconciliarnos con ella. Mas, aunque quizás la salud y la fortuna de un hombre no parezcan requerir esta cura, al menos podemos estar seguros de que cualquiera que haya recurrido a ella, sin razón aparente alguna, padecía una degradación incurable o una melancolía de temperamento capaz de envenenar toda alegría y de dejarlo igualmente desdichado cual si hubiera caído sobre él la peor de las desgracias. [...] Si no es un crimen, tanto la prudencia como el coraje nos alentarán a abandonar de una vez la existencia, cuando se haya vuelto una carga.

busca da morte. O jovem poeta inglês Thomas Chatterton e os leitores suicidas da obra de Goethe são exemplos. Esse imaginário vai se contrapor à sua própria evolução enquanto ideia, que ganha corpo no mundo contemporâneo, onde a auto aniquilação nessas condições só é praticada por quem está com depressão - doença provocada pela desregulação dos hormônios cerebrais - que só pode ser tratada através de medicamentos ou com psicanálise.

Foi a inserção da compreensão de melancolia que começou esse intenso debate. Uma das publicações que ganharam repercussão por falar das pessoas que poderiam estar com alguma "tristeza exacerbada" foi *Treatise of Melancholie* (Tratado de Melancolia) publicado em 1586 pelo inglês Timothy Bright, e que trazia a tese de que essa doença - já há algum tempo estudada pelos especialistas - fazia com que os pensamentos se separassem do corpo e estimulava o aumento dos sentimentos de desespero e solidão. Era a melancolia que fazia os homens percorrerem o caminho mais curto rumo ao auto sacrifício.

A obra de Bright vinha se juntar com os inúmeros trabalhos voltados para o problema da melancolia. Alguns deles começaram a associar essa “doença do espírito” com uma patologia cerebral chama de bílis negra. Esta passou a ser vista como a causa da melancolia. A bílis negra tomava o cérebro e fazia com que as pessoas perdessem a sanidade, passando a ver imagens inexistentes, falar com pessoas imaginárias e - uma vez que a religiosidade ainda era muito forte - receber a visita de Satã. A loucura passava a estar intrinsecamente ligada à melancolia, e vice-versa.

A melancolia é uma "loucura sem febre nem furor, acompanhada pelo temor e pela tristeza". Na medida em que é delírio - isto é, ruptura essencial com a verdade - sua origem reside num movimento desordenado dos espíritos e num estado defeituoso do cérebro; [...] Na melancolia, os espíritos são arrastados por uma agitação, porém uma agitação débil, sem poderes nem violência. (FOUCAULT, 1978, p. 273)

O jeito mais “brando” de ver a melancolia, atribuindo-a a um estado de loucura provocado por uma doença - no caso a atuação da bílis negra no cérebro - tornava a prática do suicídio mais tolerável socialmente. Ainda assim desfazer a influência do imaginário social medieval cristão não era fácil, e o assunto permaneceu tabu nos círculos sociais mais influentes, movidos pelo conservadorismo e apego religioso. Por essa razão, a prática de matar a si mesmo continuou sendo criminalizada. Na verdade, a influência das pesquisas médicas no que diz respeito a sanidade dos pacientes que cometiam suicídio não tiveram grande influência até pelo menos a metade do século XVIII na Inglaterra - e só posteriormente no restante da Europa - na decisão dos juízes de culpar ou não o auto homicida (VENEU, 1994).

Entretanto as portas para uma dedicação maior em compreender o fenômeno já estavam abertas. E não foram poucos os pesquisadores renomados que se dedicaram a ele nesse período. As teorias iluministas de Montesquieu fizeram dele um dos maiores críticos à criminalização do suicídio na França. O auto sacrifício de Roxane uma das personagens do romance *Cartas Persas* (1994) já mostrava sua tendência a validar o suicídio. Esse livro ganhou grande repercussão por criticar os costumes franceses, e impulsionou a carreira de Montesquieu como um grande intelectual. Quando já era um respeitado pensador da França, publicou *Do espírito das Leis*<sup>51</sup> (1985), onde contesta diretamente a criminalização do suicídio ao fazer a comparação das leis francesas e inglesas: “Está claro que que as leis civis de alguns países tiveram motivos para estigmatizar o homicídio de si mesmo, mas [...], não se pode puni-lo, como não se punem os efeitos da demência” (1985, p. 207).

Mas nenhuma dessas discussões filosóficas a respeito do suicídio ganhou mais notoriedade e gerou mais preocupação que um romance escrito pelo alemão Johann Goethe: *Os sofrimentos do jovem Werther*. Essa obra teve grande repercussão na Europa, mas foi precedida por uma morte voluntária famosa, a do poeta britânico Thomas Chatterton, que se matou aos 17 anos, bem no início de uma carreira brilhante como literato precoce.

Chatterton, deixara claro sua vaidade exacerbada pelo talento que possuía e sua ansiedade em conseguir notoriedade o quanto antes. E isso o tornara famoso em grande parte do continente (ALVAREZ, 1999). Mas as dificuldades em conseguir o reconhecimento aliadas as agruras pelas quais passou ao deixar sua casa para tal, agiram como estopim para que desse cabo de sua vida bebendo arsênico em 1770. Símbolo de uma juventude romântica, Chatterton criou grande comoção com a sua morte e sedimentou no imaginário de toda uma geração a ideia de que o auto sacrifício pode ser uma solução para as decepções da vida, em um claro exemplo de morte voluntária movida pela tristeza. Conceitos como esse estimularam as mentes da sociedade romantizada da época a perceberem beleza no sofrimento, impulsionando uma busca por ele. É nessa direção - do embate entre a razão e o desvario do homem romântico do final da Idade Moderna - que podemos analisar suas formas imaginárias no conceito estabelecido por Edgar Morin.

Morin desenvolveu seu pensamento a respeito do imaginário, na segunda metade do século XX, sobre a tese de que o homem necessita dela frente à angustiante constatação da morte. Ao se dar conta que existe, e da finitude de sua existência, o homo sapiens adota uma

---

<sup>51</sup> *Cartas Persas* foi publicado originalmente em 1721 e *Do espírito das leis* em 1748

postura de resistência frente à sua mortalidade, diz Morin. A partir de então, cria imagens que lhe auxiliam em sua busca pela eternidade pois "a imagem não é apenas o entroncamento entre o real e o imaginário, é o ato constitutivo radical e simultâneo do real e do imaginário" (MORIN, 2014, p. 14). Assim nascem os símbolos e os mitos, elementos de uma complexidade estrutural só possíveis através da mente do ser humano, de sua atividade de pensar, por isso Morin o chamou de homem imaginário.

Nesse sentido, o imaginário manifesta-se como pilar para acepção do real e o mito direciona como visão do mundo. Para Morin, ao formar sua estrutura racional, o homem a baseia em um pensamento dialógico oposto por duas expressões que habitam no humano, o *sapiens* – a racionalidade, a sensatez, a sanidade – e o *demens* – a loucura, a leviandade, o desvario – que se unem em um só indivíduo. O homem é ponderado e insano dentro do mesmo limite de sua racionalidade, precisamente por utilizar o imaginário para construí-la.

O que é preciso compreender é que, na visão de Morin, o homem e sua trajetória social só se tornaram viáveis a partir do momento em que se começa a produzir imagens e suas respectivas representações no meio. A realidade só é inteligível quando decodificada através das representações forjadas pela imagem.

A permutação entre o real e o imaginário, que chega, às vezes, a uma confusão, resulta de sua oposição e concorrência, mas igualmente de sua verdade complementar. Nesse contexto, não é surpreendente que a realidade antropossocial seja um misto entre o real e o imaginário e que só aflore, em solidez e espessura, quando é tecida por esse imaginário. Os mitos e crenças, as ficções e os sonhos cercam e ordenam segundo sua lógica, as aspirações, os desejos, e os medos modelados pelas imagens, trabalhados pelas potências subjetivas que vão introduzi-los em uma visão mágica do mundo. (LEGROS, 2014, p.97)

Quatro anos depois da morte de Chatterton, em 1774, Goethe publica *Os sofrimentos do jovem Werther*, obra que narra o amor platônico do protagonista por uma bela moça chamada Carlota. Apesar de saber que seu amor é correspondido, Werther compreende que não pode ficar com Carlota, uma vez que o casamento dela já fora arranjado com um outro homem, do qual ele se tornou amigo, fazendo-o sofrer mais ainda. Com o passar do tempo Werther se apaixona cada vez mais, até que um dia, após ele forçar alguns beijos, Carlota diz que eles não se verão mais. Presumindo que não conseguiria viver distante da mulher amada, Werther então mata-se com um tiro na cabeça. A descrição feita por Goethe da morte de jovem tornou-se um dos momentos mais trágicos da literatura universal.

Deixa estar, Carlota! Não tremo ao pegar nas mãos o cálice frio e terrível ao qual beberei a vertigem da morte! Tu mo alcanças e eu não hesito. Assim,

pois, estão realizados todos os desejos e esperanças da minha vida. Todos! Todinhos! Bater tão frio, tão rígido nas portas de bronze da morte... Ah, se eu tivesse tido a felicidade de morrer por ti! De me sacrificar por ti, Carlota! Eu morreria feliz e ditoso se pudesse dar-te o sossego, as delícias da vida! Mas, ah! Isso foi concedido a apenas uns poucos privilegiados... derramem seu sangue pelos seus e através de sua morte fazer despontar no seio daqueles que amavam uma vida nova e cem vezes renovada. [...] Ah, eu não pensava que o caminho me levaria até aqui... Sossega, eu te peço, sossega! Elas estão carregadas... Dá meia-noite! Que seja assim! Carlota! Adeus Carlota! Adeus!". (GOETHE, 2010, p. 83-84)

O brilho da obra de Goethe – seja literária, romântica ou filosófica – trouxe a ele milhares de fãs devotos. *Os sofrimentos do jovem Werther* rapidamente tornou-se uma das obras mais lidas em solo europeu e influenciou o comportamento desses seguidores, que repetiram não só os ideais do personagem, mas o seu destino trágico, criando uma onda de suicídios como nunca antes vista na Europa. O impacto da obra no estímulo ao auto sacrifício foi tão grande que muitos países proibiram sua publicação e Goethe teve que adicionar uma nota nas primeiras páginas da segunda edição do livro, onde orientava os leitores que tivessem algum tipo de ideia suicida a procurarem ajuda de alguém próximo (MELO, 2013).

Como a arte imita a vida, o próprio Goethe pensou em se matar, mas afirmava que caíra em si a decidira viver (ANDRÉS, 2015, p.327). O receio da repercussão moral fica claro nas duas últimas frases do livro quando ele diz que, em seu enterro, Werther “foi carregado por operários. Nenhum sacerdote o acompanhou” (GOETHE, 2010, p.85).

Mas a era do auto sacrifício romântico não tardou a acabar. O desenvolvimento da medicina e da psicanálise fez com que os aspectos negativos da morte voluntária passassem a ser encarados por um novo viés, onde o homem padece de uma doença que pode ser curada, seja através de potentes medicamentos que vão interferir no metabolismo cerebral, ou por meio de conversas direcionadas com um especialista em uma psicoterapia.

A separação efetiva do estado e da igreja e o enaltecimento dos direitos individuais que se destacaram após revolução francesa e a guerra civil estadunidense foram as principais características da contemporaneidade que atribuíram um novo olhar sobre o suicídio. A sociologia e a psicanálise começavam a ganhar força e, em contraposição, o aspecto religioso chega ao seu menor patamar de influência sobre o suicídio. Não que ele tivesse deixado de existir, pois os séculos de atuação sobre as estruturas imaginárias ainda vão influir sobre a postura diante de um suicídio, porém não possui força o bastante para manter o mesmo nível de ação a ponto de a legislação social punir os praticantes e suas famílias. Essa nova postura também pode ser clarificada nos moldes da teoria desenvolvida pelo alemão Georg Simmel

(1858-1918) que tratou do tema social e relacionou-o ao imaginário. Grande influenciador dos estudiosos da Escola de Chicago, Simmel deu os primeiros passos no sentido de dar mais escopo material ao que hoje identificamos como imaginário social. Para ele, a coesão das relações sociais em ambientes vastos – como os centros urbanos - só se explicavam por meio de um “focus imaginário”, onde as pessoas permitem deixar de lado seus inúmeros antagonismos intelectuais, em prol de uma convivência harmônica (LEGROS, 2014, p.71). Nesse sentido, ver o suicídio de uma outra forma era uma maneira de garantir conciliação social.

Ao mesmo tempo que os estudos sociológicos avançavam, a medicina também tomava o suicídio como alvo de suas pesquisas. Afastando o aspecto místico que ainda fluía nos meios sociais, a ideiação suicida foi indicada como uma das “doenças vergonhosas” que, ao mesmo tempo em que minimizava a culpa que a religião atribuía a ela, pouco avançava no sentido de acabar com o preconceito (MINOIS, 1999). O psiquiatra francês Philippe Pinel se dedicou ao tema e ratificou essa teoria afirmando que um defeito mental – que provocava uma reação exagerada a eventos desagradáveis - estava ligado às tendências suicidas. Afirmava o médico que “um estado habitual de doença, a lesão grave de um ou vários órgãos internos, [ou] um declínio progressivo pode agravar ainda mais a sensação de que a existência é dolorosa e apressar uma morte voluntária<sup>52</sup>” (PINEL, apud MINOIS, 1999, p. 318, tradução nossa). Um abalo emocional forte poderia ajudar a curar um paciente com ideiação suicida, dizia ele, dando como exemplo o caso de um homem que estava a caminho do rio Tâmsa para morrer afogado, quando foi atacado por ladrões. O homem se assustou, se defendeu e depois disso nunca mais pensou em se matar. Esse parecer de Pinel era reproduzido em larga escala no campo médico e, segundo Minois, reflete o pensamento descreditado que a medicina da época dava aos que estavam doentes da mente. Conforme o historiador, o tratamento era o mesmo de outros males. “A ciência médica do início do século XIX tendeu assim a ver a melancolia depressiva e as tendências suicidas como coisas para se sentir culpado, e os médicos preferiam drásticos ‘métodos morais’ de tratamento, como em qualquer tipo de vício<sup>53</sup>” (Ibid, p. 318).

Se a medicina ajudou a secularizar, mas continuou a martirizar o destino dos pacientes com ideiação suicida, o surgimento e proliferação da psicanálise dá novos contornos à situação. Os estudos psicanalíticos colocam os suicidas em posição de indivíduos repletos de decisões complexas, influenciados pelo trabalho do inconsciente, ou seja, levados a realizar um ato que,

---

<sup>52</sup>“A habitual state of illness, the grave lesion of one or several internal organs, [or] a progressive decline can further aggravate the feeling that existence is painful and hasten a voluntary death”.

<sup>53</sup> Early nineteenth-century medical science thus tended to see depressive melancholia and suicidal tendencies as things to feel guilty about, and physicians preferred drastic “moral methods” of treatment, as with any sort of vice.

mesmo sendo racional e direcionado, possui origens difusas, difíceis de serem explicadas. É o que elucida o psicanalista Erwin Stengel, ao afirmar que o viés psicanalítico surge possibilitando a melhor compreensão dos aspectos psicodinâmicos que atuam na decisão de uma determinada pessoa a respeito de tirar sua própria vida, em especial porque a decisão tem causas múltiplas e boa parte delas não são conscientes. De acordo com Stengel, "enquanto os psiquiatras relacionavam a incidência do suicídio à desordem mental, os psicanalistas examinam o comportamento suicida à luz de seus conceitos básicos" (apud PEREIRA, 1988, p. 4).

Por essa razão os estudos de Freud sobre o suicídio foram de grande relevância para desmacular essa prática. O psicanalista alemão atribui a morte voluntária ao que ele chama de pulsão da morte, quadro mental onde o sujeito possui um objeto alvo de agressão e, por não poder investir contra ele em razão das convenções sociais, esse se volta para si próprio, utilizando a melancolia como vetor. Para ele esse tipo de fenômeno é comum a qualquer pessoa.

[...] é provável que ninguém encontre a energia mental necessária para matar-se, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, esteja ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem. Tampouco a descoberta regular desses desejos de morte inconscientes naqueles que tentaram o suicídio precisa surpreender-nos (não mais do que deveria para fazer-nos refletir que isso confirma nossas deduções), de vez que o inconsciente de todos os seres humanos se acha bem repleto de tais desejos de morte, até contra aqueles a quem amam. (FREUD, 1996, p.102)

Aliado a isso, Freud também se dedicou a analisar como a sociedade atua a ponto de deixar o indivíduo em situações de aflição que - em sujeitos mais propensos - podem levar a ideação suicida. Ele explica que existem três dimensões da realidade que se apresentam como potenciais fatores para o sofrimento humano. A primeira delas é o corpo, destinado à morte e que não consegue evitar a dor e o seu declínio. A segunda é o mundo externo, o meio ambiente, as forças da natureza que podem se abater sobre nós sem que possamos fazer nada. E a terceira é a nossa relação com os outros humanos, sujeitos sociais que somos.

No tocante às duas primeiras, nosso julgamento não tem porque hesitar: ele nos obriga ao reconhecimento dessas fontes de sofrer e à rendição ao inevitável. Nunca dominaremos completamente a natureza, e nosso organismo, ele mesmo parte dessa natureza, será sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho. Tal conhecimento não produz um efeito paralisante; pelo contrário, ele mostra à nossa atividade a direção que deve tomar. Se não podemos abolir todo o sofrer, podemos abolir parte dele, e mitigar a outra parte [...]. Temos uma outra atitude com a terceira fonte de sofrimento, a social. Esta não queremos admitir, não podendo compreender por que as instituições por nós mesmos criadas não trariam bem-estar e proteção para todos nós. (FREUD, 2011, p. 30)

Os avanços científicos das décadas mais recentes permitiram que a medicina se posicionasse ao lado da psicanálise na derrubada da visão discriminatória das pessoas com ideação suicida. As descobertas no campo da neurociência de hormônios que agem auxiliando na comunicação dos neurônios e influenciando o estado de espírito das pessoas ocasionaram a possibilidade de analisar as condições fisiológicas cerebrais dos pacientes, tornando mais fácil perceber e atuar na ideação suicida enquanto disfunção metabólica. Com isso foi possível produzir medicamentos que atuam na regulação das taxas de hormônios - como a serotonina e a dopamina - e manter os níveis ideais no cérebro para que a tendência ao auto sacrifício possa diminuir. No entanto, boa parte dos estudiosos criticam as ações da psiquiatria com a utilização dos medicamentos, uma vez que eles curam o problema fisiológico, mas não resolvem a dinâmica social que levou o paciente a sofrer com aquela disfunção (ANDRÉS, 2015, p. 359).

Apesar de todo esse suporte científico, da igreja não fazer mais parte da administração do estado e da legislação não proibir e punir o suicida e sua família, o assunto ainda é interdito mesmo nos dias de hoje, resultado de milhares de anos de construção do imaginário. Aliás, foi essa mesma tendência simbólica de repressão à morte voluntária que fez com que ela viesse a se tornar hoje uma questão de consultório - seja do psiquiatra, seja do psicanalista. Isso se deu não apenas pelo tabu da morte auto infligida, mas também pelo distanciamento da morte a que a civilização contemporânea se impôs. A partir do século XX, em um processo que começou com o fim da Idade Média, o morrer tornou-se motivo de asco. A busca pela imortalidade - que criou os mitos e símbolos primordiais do imaginário humano - torna-se mais intensa e a morte significa o fracasso do homem nessa empreitada. Os hospitais passam a ser os depósitos de quem está prestes a morrer. Medicamentos e aparelhos de última geração prolongam ao máximo a vida dos moribundos, muitas vezes às custas da dignidade. Ariès (2014) afirma que essa é uma prática que se consolida com o aumento populacional das sociedades urbanizadas que, portanto, só tende a crescer.

O auto sacrifício hoje é tratado quase que exclusivamente como caso de saúde pública, associado principalmente à depressão. E isso não o torna mais fácil de ser digerido, mesmo entre aqueles que já passaram por experiências relativas a ele. A psicoterapeuta Karina Fukumitsu, pesquisadora desse fenômeno, monta um retrato real de como essa situação se dá atualmente. No livro *Suicídio e luto* (2013), ela entrevistou filhos de pessoas que cometeram suicídio, sobre o fato de não se comentar o assunto, nem com os amigos e nem mesmo com os familiares.

O diagnóstico feito pela psicóloga é que a pressão social que se exerce para que a morte voluntária seja execrada influencia para que ela seja silenciada, mas isso em nada diminui o grande contingente de pessoas que está pensando em realizar o ato. Ao contrário, faz crescer o número e aumentar a quantidade de vítimas, já que inibe a procura por ajuda, uma vez que ninguém quer ser rotulado como um doente.

O suicídio parece ofender a concepção do que é normal e esperado pela sociedade e destoa das representações sociais preconizadas pelo mundo e pelos homens. Os colaboradores apontaram que o estigma foi, provavelmente, um dos maiores empecilhos encontrados na vida do suicídio de seu genitor. Lembram-se dos cochichos, olhares dos outros e, sobretudo, do silêncio acerca do assunto. (FUKUMITSU, 2013, p.220)

O estigma mencionado pela pesquisadora é o mesmo que assola as vítimas de suicídio e suas famílias desde as primeiras civilizações. Conforme explica Goffman (2017) o estigma é um “atributo profundamente depreciativo” (p.13), que nos faz mudar nossa percepção a respeito da identidade de alguém. Estigmas são marcas que nós mesmos conferimos a alguém a partir de expectativas que construímos dos membros de uma sociedade.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem [...]. (GOFFMAN, 2017, p. 12)

A estigmatização das pessoas envolvidas com o suicídio, mortas ou vivas, encontra base imaginária na teoria desenvolvida a partir de 1950 pelo filósofo grego Cornelius Castoriadis. A teoria dele é assentada em um contexto sócio histórico que concentra novas formas de organização dos sujeitos sociais. Nesse contexto, o social e o histórico se confundem, ambos se revelando como atividade humana de autotransformação. Castoriadis afirma que a história é o fazer e o pensar dos homens através do tempo e é isso o que ele chama de instituição social.

É a partir desse parecer que Castoriadis edifica sua noção de imaginário. Para ele, o imaginário é o que sobra quando a racionalidade e a funcionalidade da instituição social acabam. Esse excedente é o componente criativo-imaginativo da instituição social, que estabelece a coesão grupal ao organizar as manifestações simbólicas em acepções compreensíveis e lógicas para a coletividade. Nessa perspectiva, o imaginário atribui sentido às redes simbólicas presentes no social.

Além da atividade consciente da institucionalização, as instituições encontraram sua fonte no *imaginário social*. Este imaginário deve se entrecruzar com o simbólico, do contrário a sociedade não teria podido “reunir-se”, e com o econômico-funcional, do contrário ela não teria podido sobreviver. [...] existe, certamente, uma *função* do imaginário da instituição, embora ainda aqui constatemos que o efeito do imaginário *ultrapasse* sua função; não é “fator último” (aliás, não o procuramos) - mas sem ele, a determinação do simbólico como a do funcional, a especificidade e a unidade do primeiro, a orientação e a finalidade do segundo permanecem incompletas e finalmente incompreensíveis. (CASTORIADIS, 1982, p. 159, grifos do autor)

Em meios às engrenagens que movimentam a máquina social, o imaginário de Castoriadis se revela como um fator não determinado, que aparece como um conjunto de regras, valores, costumes, etc., que constituem a instituição social. Apontando para esse excedente da sociedade instituída, a instituição imaginária da sociedade revela que as coisas não possuem uma essência definitiva, suas definições são carregadas de simbolismos em constante mutação. O estigma ao suicídio se edifica quando ele se impõe quebrando o consenso social de que a vida humana deve sempre ser preservada

O pesquisador grego afirma que o imaginário de cada indivíduo se encontra na psique humana e se exterioriza como uma representação, propiciando o aparecimento do imaginário radical. Este pode ser definido como a operacionalização da realidade psíquica, utilizada por cada sujeito para erigir os vínculos coletivos e dar andamento à dinâmica da instituição social.

A história é impossível e inconcebível fora da *imaginação produtiva* ou *criadora*, do que nós chamamos o *imaginário radical* tal como se manifesta ao mesmo tempo e indissolavelmente no *fazer* histórico, e na constituição, antes de qualquer racionalidade explícita, de um universo de *significações*. (CASTORIADIS, 1982, p. 176, grifo do autor)

Essa condição de estigma na qual vivem não apenas as pessoas que tentaram o suicídio, mas também suas famílias - tanto quanto os parentes daqueles que morreram nessas circunstâncias -, torna claro o motivo do crescimento dos casos de auto sacrifício no mundo. A esfera de estigmatizados potencializa o aumento de problemas psicológicos, o que faz com que a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2017) estime em mais de 90% o total de casos de suicídio relacionados às doenças mentais na atualidade. Índice questionado por alguns estudiosos da área.

Se se garante que até 95% dos suicídios consumados apresentam uma sintomatologia depressiva, não é menos impróprio acreditar que o episódio mental possa ser referido como um episódio de depressão causado pelo espasmo às vezes vigoroso da existência. Isso não significa estar deprimido devido a uma causa patológica, mas reagir naturalmente e humanamente a

uma contingência que é frequentemente apresentada ou interpretada como insolúvel. Ao observar esses dados, e o que em torno deles é especulado, parece aconselhável não esquecer a afirmação de Jaspers: "As estatísticas do suicídio não dão uma ideia da alma individual<sup>54</sup>". (ANDRÉS, 2015, p. 399)

A alta incidência de suicídios e sua consequente estigmatização social vem despertando nas novas ciências grande interesse de aprofundamento. A bioética é um desses segmentos. Voltada para a junção do conhecimento biológico com os valores essenciais dos humanos, essa ciência vê na morte voluntária o produto da exigência de padrões sociais lesivos, que corroem os indivíduos até que eles não consigam mais suportar o fato de não alcançarem as expectativas.

Em cada sujeito que se mata, fracassa uma proposta social. É a constatação de que um projeto social falhou na pessoa do suicida. Projeto esse que não pode ser balizado somente na dimensão da dor e do sofrimento daquela vítima – e se é certo que na atualidade a patologia suicida é uma patologia social, então a forma de entendê-la, enfrentá-la e curá-la não pode ser senão social. A repercussão do suicídio para a sociedade e, em especial, para a família do suicida é chocante. É a percepção de que algo deixou de ser feito. É a constatação de que a sociedade, possuidora de alta tecnologia e poder, não tem habilidade e tempo para ouvir, diagnosticar e ajudar uma pessoa à beira de ato tão radical. (DAOLIO, 2012, p.439)

Seguindo nessa direção, podemos inserir a visão generalizada da morte voluntária como patologia na sociedade contemporânea a partir do imaginário em oposição aos simulacros, trabalhado desenvolvido por Jean Baudrillard na década de 80, que decreta uma crise do imaginário na sociedade atual. Para ele o imaginário se manifesta no ser humano como forma de ratificar o que é real. Através de edificações de imagens das coisas do mundo real, se estabelece a comparação, e, portanto, a autenticação entre realidade/irrealidade. Porém, diz Baudrillard, o fluxo de imagens produzidas pelo homem chegou um ponto em que as cópias têm se mostrado mais perfeitas que o que foi copiado. O mundo moderno, com sua tecnologia avançada e padrões superestimados, tem criado em excesso imagens que ultrapassam o conceito definido daquilo que representam, resultado em variações irreais do que está no ambiente em que os homens vivem. É o que ele chama de hiper-real.

Quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade. Sobrevalorização de verdade, de objetividade e de autenticidade de segundo plano. Escalada do verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo, onde o

---

<sup>54</sup> Si se asegura que hasta un 95% de los suicidios consumados presentan una sintomatología depresiva, no es menos improprio creer que pueda denominar-se enfermedad mental a un episodio de depresión causado por las veces contundentes embates de la existencia. Eso no significa estar deprimido por causa patológica, sino reaccionar de manera natural y humana ante una contingencia que a menudo se presenta o interpreta como irresoluble. Al observar estas cifras, y lo que en torno a ellas se especula, parece aconsejable no olvidar la afirmación de Jaspers: 'Las estadísticas del suicidio no dan una idea del alma individual'.

objeto e a substância desapareceram. Produção desenfreada de real e de referencial, paralela e superior do desenfreamento da produção material: assim surge a simulação [...] uma estratégia de real, de neo-real e de hiper real [...]" (BAUDRILLARD, 1981 p. 14)

Daí nascem os simulacros. Simular, diz ele, é fingir uma presença ausente, elaborar imagens que não possuem correspondentes na realidade. Isso porque, quanto mais se distancia do real, mais se consegue perceber suas reais feições. Daí, como as imagens do imaginário estão morrendo nas idealizações do hiper-real, os simulacros ganham força e as substituem. No entanto, Baudrillard alerta que os simulacros são desconexos com a realidade e esta só pode ser salva, validada, no mundo do imaginário.

Assim se formaram as feições principais do imaginário do suicídio através do tempo. Reiteramos que as quatro categorias dispostas neste capítulo foram elaboradas com o intuito de facilitar a compreensão de como a força do imaginário (bem como suas várias concepções) conseguiu se impor no comportamento social e marcou as condutas grupais nas diversas épocas da história. Muitas outras posturas ante o suicídio foram reproduzidas também nesses períodos, porém as destacadas aqui foram as correntes mais reproduzidas socialmente. No próximo capítulo veremos como essas formas imaginárias se manifestaram na sociedade piauiense e como isso se refletiu nas taxas de suicídio da capital.

## **CAPÍTULO 2 - MORTE E MORRER: O auto homicídio em terras piauienses e em sua capital**

### **2.1 Aspectos da morte e do suicídio: imaginários do Piauí e Teresina**

Pretendemos tratar nesse capítulo como a morte e o suicídio foram vistos pelos piauienses - em especial os teresinenses - desde a época da colônia. Para isso foram utilizadas fontes bibliográficas, como pesquisas acadêmicas, reportagens jornalísticas e obras literárias. Um conjunto de fontes que acreditamos destacar com relativa fidelidade as manifestações imaginárias da sociedade do Piauí. Também destacamos os altos índices de suicídio na capital utilizando documentos oficiais que atestam essas taxas.

Na tarde do dia 14 de agosto de 2013 técnicos da Eletrobras, Piauí, que trabalhavam na manutenção da rede de energia, encontraram o corpo de um dos clérigos mais conhecidos de Teresina enforcado em uma árvore às margens da BR-316, no município de Barro Duro, cerca de 90 quilômetros ao sul de Teresina. Com uma empatia muito grande, que ganhou maior alcance através de um programa diário exibido por uma emissora de televisão - onde celebrava missas e transmitia mensagens bíblicas de inspiração e esperança - o padre Lauro de Deus cativara uma parcela grande da população teresinense e a notícia de sua morte trágica ganhou grande repercussão midiática. Seu velório teve missa celebrada pelo arcebispo da cidade e contou com a participação de muitos amigos e fiéis de todas as partes do Piauí, perplexos com o acontecido. O corpo do padre foi sepultado em outro município, na cidade de Inhuma, onde nasceu, e a comoção geral continuou durante algum tempo mesmo após o enterro do eclesiástico, pois ainda se esperava que a polícia concluísse as investigações sobre a causa da morte. Boa parte da população esperava que a perícia conseguisse descobrir algum indício de quem pudesse ter feito algo tão bárbaro com alguém tão estimado e feliz. A hipótese de um assassinato disfarçado de suicídio ainda era ventilada, mesmo que a polícia não tivesse encontrado vestígios de violência no cadáver nem mesmo de roubo no local onde o corpo do padre foi achado. O resultado veio cerca de duas semanas depois e afligiu ainda mais as pessoas que esperavam por um resultado diferente: o laudo pericial do Instituto Médico Legal mostrava que Lauro de Deus havia mesmo cometido suicídio (PASSOS, 2013). Era mais uma vítima da epidemia que vem crescendo ano a ano na capital piauiense.

Naquele mesmo ano, outras 53 pessoas foram vítimas da mesma epidemia e deram fim à própria vida em Teresina. Por ser de alguém de destaque local o resultado da análise dos

peritos do IML sobre a causa da morte do padre teve que ser divulgado pela imprensa, mas foi um caso raro. O alto índice de pessoas que cometem suicídio na capital ainda é bem pouco divulgado. Por isso a maior parcela da população não faz nem ideia do problema amplo que existe para ser resolvido. Um estudo realizado pela Secretaria Estadual de Saúde (SESAPI, 2017) com base nos dados do Sistema de Informações e Agravos à Saúde, mostrou que entre 2010 e 2016 um total de 367 pessoas cometeram suicídio na capital (tabela 1). Média de um caso a cada semana, número expressivo para uma cidade com pouco mais de 800 mil habitantes. E esse índice vem assustando em todo o Piauí, estado que mostrou uma taxa bruta de mortalidade por suicídio maior que a do Brasil e a do Nordeste, entre os anos de 2010 e 2014. Entre 2010 e 2016 o Piauí registrou cerca de 18 suicídios a cada mês.

Apesar dos gráficos mostrarem que os casos de suicídio no Piauí vinham em uma linha exponencialmente ascendente desde o início do século XXI, conforme mostraram as pesquisas do Ministério da Saúde, o poder público demorou para organizar uma frente de embate. E quando o fez, foi de maneira tímida e com pouca mobilização, somente em setembro de 2013, quando o Piauí passou a contar com o Comitê Interestadual de Combate ao Suicídio, iniciativa de um fórum da sociedade civil que realizara um simpósio sobre o tema no mês anterior. O comitê reunia uma equipe composta por profissionais atuantes em campos diferentes de enfrentamento do suicídio, mas que pouco conseguiu avançar na elaboração de ações sistemáticas de atuação. O resultado esperado de queda na quantidade de ocorrências não aconteceu, ao contrário, a taxa bruta de mortalidade entre 2010 e 2015 continuou subindo, principalmente do sexo masculino, que cresceu 24,7% no período. Em agosto de 2017 uma nova tentativa de articulação foi iniciada, mas dessa vez capitaneada apenas pelo poder público. O governo do estado lançou o Plano de Ação para Prevenção do Suicídio, mirando o fortalecimento da rede de assistência do governo. A meta era qualificar profissionais das áreas de saúde, educação e segurança para que pudessem não apenas saber como se portar diante de situações relativas ao suicídio e abastecer o governo com dados, mas também atuar junto às comunidades da capital e do interior como propagadores de diretrizes de atuação que pudessem ser utilizados por qualquer pessoa. Ao destacar a urgência de capacitação de servidores públicos, o plano permite perceber o quanto a rede de atendimento é falha, negligenciando os atendimentos relativos à saúde mental.

**Tabela 1.** Distribuição dos municípios do Piauí com maior número absoluto de casos de suicídio nos anos de 2010 a 2106 e soma total nos demais municípios.

<b>Município</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>Total</b>
Teresina	46	56	57	54	56	58	40	<b>367</b>
Parnaíba	7	5	4	8	13	11	4	<b>52</b>
Picos	10	6	7	10	3	7	7	<b>50</b>
Floriano	4	5	3	8	4	8	8	<b>40</b>
Piripiri	1	8	15	3	0	7	6	<b>40</b>
Campo Maior	3	5	5	4	3	5	5	<b>30</b>
Oeiras	5	4	3	4	4	5	1	<b>26</b>
Castelo do Piauí	3	5	4	4	3	3	3	<b>25</b>
Altos	4	4	1	2	7	5	1	<b>24</b>
Pedro II	2	4	3	4	6	5	0	<b>24</b>
Batalha	3	3	2	3	2	4	4	<b>21</b>
<b>Total</b>	<b>88</b>	<b>105</b>	<b>104</b>	<b>104</b>	<b>101</b>	<b>118</b>	<b>79</b>	<b>699</b>
<b>Soma nos demais municípios</b>	<b>213</b>	<b>234</b>	<b>231</b>	<b>221</b>	<b>243</b>	<b>266</b>	<b>152</b>	<b>1.560</b>

**Fonte:** Sesapi/Sinan.

O descaso com a saúde mental reflete nas taxas elevadas de auto sacrifício pois, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2014), os transtornos mentais estão presentes em mais de 90% dos casos de suicídio. Descuidar dessa área é permitir que esse cenário continue a se expandir. E é o que acontece quando setores da saúde pública que tratam da prevenção a doenças, como câncer de pênis por exemplo, possuem esforços maiores para publicidade e ações organizadas que o suicídio. Para efeito de comparação, o câncer de pênis tem uma incidência de 6 mil novos casos por ano, resultando na morte de cerca de 400 pessoas anualmente. Já a depressão atinge 11,5 milhões de brasileiros e o suicídio é responsável pela morte de 11 mil pessoas a cada ano. Do mesmo modo a estrutura de atendimento a pessoas com transtornos mentais é extremamente precária. No Piauí, enquanto todos os 224 municípios possuem uma unidade para atendimentos básicos em saúde, o atendimento especializado para doenças da mente não chega nem a um terço desse total. Ao todo são 64 CAPS (centros de atenção psicossocial) pelo estado, estando presentes em apenas 36 municípios, a maior parte na capital. Além disso, existe apenas uma unidade de atendimento psiquiátrico de emergência (24 horas) em todo o estado, no Hospital Areolino de Abreu, em Teresina.

Esse conjunto de informações estatísticas serve como baliza para que possamos dimensionar a importância que é dada ao suicídio em âmbito social. A ausência de ações mais eficazes do poder público não diagnostica apenas falhas administrativas, mas também espelha o grande anseio da população em deixar de lado a discussão, buscando evitar o debate com esperanças que o problema deixe de existir se não se falar nele. Se em campanhas de combate

a outros tipos de males, como câncer de mama ou AVC, existe grande empenho da sociedade e de seus governos, o que explicaria que com relação ao suicídio essa disposição seja quase mínima? E mesmo com relação aos esforços mais tímidos que vêm sendo trabalhados desde o final do século passado, o que fez com que durante essas quase duas décadas tenha se buscado por uma visão humana mais compreensiva da prática do suicídio e não se tenha conseguido alcançar êxito mais visível?

São questões difíceis de responder, especialmente em razão da pouca produção de pesquisadores sobre o assunto. O suicídio é um tema pouco debatido em estudos acadêmicos ao se levar em consideração o altíssimo índice de mortes e seu atual impacto social. Além disso, a quase totalidade das análises realizadas são do campo da psicologia clínica, revelando uma tendência a atuar junto às pessoas que já possuem a ideia suicida e não nas causas que as levaram a desenvolver essa ideia. E esse não é um contexto específico do Brasil. A Organização Mundial de Saúde (2016) estabelece que o auto sacrifício costuma resultar de uma complexa estrutura multifatorial, incluindo a interconexão de fatores sociais e biológicos, que vão se acumulando no decorrer de vários meses ou anos, e essa diretriz parece desestimular os esforços de investigações detalhadas sobre os antecedentes da ideia suicida em quase todas as partes do mundo. Se os estudiosos focaram habitualmente em temas como noções de identificação de pessoas com ideia suicida, suporte aos enlutados por suicídio e até mesmo em contagem de neurotransmissores que contribuem na promoção do ato suicida, os fatores sociais que vão dar início a esses quadros são quase sempre negligenciados. Com exceção do desconhecido estudo de Karl Marx (2006) sobre o tema, no qual atribui as ocorrências do suicídio à opressão moral da sociedade, e do clássico de Émile Durkheim (2014), que afirma que o suicídio é um fato social comum em qualquer época e local, obras escritas ainda no século XIX - e já analisadas nesse trabalho - poucas outras investigações globais detalhadas de grande impacto a respeito da morte voluntária foram realizadas.

No Piauí a quantidade de pesquisas de cunho social sobre o suicídio é quase nula, e entre as raras estão quatro estudos que destacamos aqui, todos focados na capital. No ano de 2008 dois trabalhos com temática sobre o suicídio foram produzidos. Um deles foi uma monografia de conclusão de curso. O teólogo Flávio Moreira analisou a responsabilidade social da igreja evangélica Assembleia de Deus na prevenção e conscientização dos fiéis diante do crescimento dos números de suicídio na capital. Ele entrevistou líderes espirituais dessa crença para descobrir suas posturas ante esse tipo de morte. O pesquisador conseguiu coletar depoimentos que nos dão uma ideia de como o imaginário da religião age. “Três dos entrevistados versaram

sobre uma definição de cunho religioso [...] dizendo que o suicídio significa ‘o descumprimento de dois grandes mandamentos de Deus: amarás o teu próximo como a ti mesmo e não matarás’” (MOREIRA, 2008, p.26).

A outra pesquisa realizada em 2008 tornou-se um livro. O psiquiatra Francisco de Assis Rocha se dedicou a analisar o efeito da morte voluntária nos familiares sobreviventes. O trabalho delimita os abalos sofridos pelos pais, irmãos e cônjuges dos suicidados, além de aspectos como o impacto econômico sofrido pelo grupo familiar com a morte e as redes de ajuda mútua que alguns formam para conseguir superar o trauma. O aspecto da morte interdita também fica evidenciada no estudo.

O luto foi vivenciado de maneiras diferentes por homens e mulheres, seguindo, tipicamente, os estereótipos dos gêneros: as mulheres expressaram seus sentimentos e compartilharam mais sua dor de forma franca e emotiva, enquanto os homens ficaram mais contidos, lidando com o luto por meio da repressão e buscando desviar ativamente o pensamento pelo mergulho no trabalho. Algumas famílias demonstraram que o suicídio de um membro é um assunto constrangedor, que deve ser mantido em segredo, inclusive na própria esfera familiar, sendo, para algumas, vivenciado como um tema tabu. (ROCHA, 2008, p.133)

Uma outra pesquisa aprofundada realizada em Teresina foi desenvolvida pelo psicólogo Carlos Henrique Aragão Neto, em sua dissertação de mestrado do programa de antropologia da Universidade Federal do Piauí, em 2013. Em um trabalho etnográfico, ele acompanhou cinco pessoas que desenvolveram a ideia suicida como forma de análise de aspectos socioantropológicos que contribuem para a tentativa de suicídio.

Os sintomas sociais nem sempre são sentidos pelo senso comum ou medidos por métodos quantitativos. A busca da morte autoinfligida vem sinalizando em diversas culturas (diversos locais ou lugares) que o homem não está suportando o peso da vida. Os valores da vida moderna associados a fatores mais circunstanciais do nosso tempo, como a violência urbana, drogas, consumismo desenfreado, ausência dos pais, ideologia da competitividade e do sucesso, podem ser verdadeiros explosivos para pessoas menos resilientes diante das agruras existenciais. (ARAGÃO NETO, 2013, pp 41-42)

O outro trabalho que destacamos é o do sociólogo Benedito Carlos de Araújo, que publicou em 2014 sua tese de doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com base na assustadora elevação de 150% na taxa de suicídios entre os jovens de 15 a 24 anos na primeira década do século XXI. O estudo bibliográfico debate as causas do fenômeno e expõe questões como a falta de políticas públicas, bem como salienta a importância de diagnósticos produzidos por cientistas sociais.

A nós, sociólogos de hoje, cabe restabelecer os pilares epistemológicos e metodológicos da sociologia, em bases novas, admitindo os erros do passado e preservando acertos. Podemos continuar a utilizar a sugestão do fundador da sociologia e analisar o suicídio como fato social ainda relevante, olhando-o, porém, com uma visão mais complexa. Tentar refazer o pensamento, de modo a perceber as conexões multidimensionais dos fatos humanos. (ARAÚJO JÚNIOR, 2014, pp 71-72)

Seguindo por caminhos diferentes do nosso, esses estudos não se propõem abordar o cerne do problema que leva à construção do tabu sobre a morte voluntária: a observação das causas primeiras do comportamento estigmatizante do ato suicida. Em uma tentativa de chegar a esse ponto, lançamos nesse trabalho a perspectiva de consegui-lo através do levantamento dos símbolos e imagens que formam as estruturas imaginárias, rumo ainda não tomado por nenhuma pesquisa.

## **2.2 O imaginário da morte em terras piauienses**

Antes de nos lançarmos efetivamente sobre essa análise, é importante mostrar como o piauiense percebe o ato de morrer. No Piauí como um todo, por ser um território ainda com traços comportamentais predominantemente rurais, a concepção da morte é majoritariamente voltada ao catolicismo. As dinâmicas dos velórios - ou sentinelas, como se diz no interior -, as práticas dos sepultamentos e as homenagens póstumas, com as missas e as visitas ao cemitério, são todas direcionadas pelas práticas que se popularizaram na Idade Média e permanecem até hoje.

Essa fisionomia da morte pelo interior do Piauí mudou pouco com o passar dos anos e até os dias atuais revela como a maioria dos habitantes dessa região ainda guarda muitas semelhanças com o imaginário que ganhou força durante o medievo, da proximidade com os mortos e o processo de morrer. Uma das experiências que tive quando passei um tempo na zona rural de Campo Maior pode servir como um bom exemplo disso.

Dona Maria Abrão, uma das vizinhas da minha avó no povoado Alto do Meio, era uma mulher que vinha das castas mais simples da comunidade e que representava a maioria das pessoas que vivem ali. Não havia estudado, por isso não sabia nem ler nem escrever. Fora lavradora a vida toda, ficou viúva de um marido violento e criou seus filhos com dificuldades, mas todos conseguiram "se ajeitar na vida", não obstante nenhum tenha conseguido estudar. Não tinha posses e a casa pequena em que vivia com uma filha adulta com problemas mentais - embora bastante independente - era povoada também pelas galinhas que elas criavam, como

muitas que se vê ao andar em casas humildes da zona rural do Piauí. A residência era abastecida com energia elétrica, mas somente para a utilização de lâmpadas, pois não tinha objetos eletrônicos como geladeira ou televisão.

Gostava de assistir novelas e usufruía desse prazer nas casas dos vizinhos, principalmente da minha avó, moradora da casa da frente. Sempre bem-vinda, sua ingenuidade causava graça quando confundia os personagens que os atores faziam em novelas passadas com as que estavam atuando naquele momento e gerava muitas brincadeiras quando - entre risos - tapava o rosto com as duas mãos para não ver alguma cena de sexo ou mesmo um beijo na televisão. Mesmo não tendo estudado, tinha bastante conhecimento empírico, e sabia a receita de chás e tratamentos para diversos males.

Foi esse conhecimento empírico que fez com que ela se preocupasse comigo ao me ver "estudando demais". Eu estava passando uma temporada no interior para poder me dedicar mais ao vestibular, por isso dispndia horas a fio em frente aos livros. Dona Maria me relatava sempre dois casos de jovens que conhecera e que ficaram "doidos" por estudarem demais, me orientando a manear. Eu ria e assentia, procurando um lugar para ler onde ela não pudesse me ver. Só percebi o tamanho de sua preocupação quando passei no vestibular e, no meio da comemoração, ela me chamou em um canto para me dizer que tinha feito uma promessa para "as almas do Jenipapo", pedindo que elas permitissem que eu não perdesse a sanidade em troca de - no caso do meu sucesso - rezar um terço no cemitério onde seus corpos estavam enterrados. O fato me comoveu e - mesmo não sendo praticante de religião - fui com ela, minha mãe e minha avó, pagar a promessa às almas.

A capacidade de se preocupar com os outros e sua extrema religiosidade, fizeram com que dona Maria se tornasse bastante querida na comunidade. A ponto de, ao perceberem a proximidade de sua morte, os vizinhos lotarem sua casa para lhe acompanharem "até o fim". O caso se deu logo após os médicos decretarem um estágio avançado de câncer, que não teria mais como retroceder. Em um claro exemplo de como a morte hoje está interdita, a notícia de que ela morreria em breve foi dada apenas aos filhos e negada a ela. Já bastante debilitada, dona Maria foi levada para casa e a notícia foi espalhada pelos parentes.

Durante cerca de quatro dias a pequena casa ficou completamente abarrotada de pessoas. Gente que vinha todos os lugares para ver e se despedir da idosa. Eu também fui visita-la e percebi a casa bem mais limpa que de costume. As galinhas estavam do lado de fora, o chão bem varrido, o café exalava um cheiro forte e bom que tomava conta do lugar e os visitantes a

toda hora se serviam dele. Além dos filhos, amigos mais próximos ajudavam a organizar tudo: compravam bolo de goma e biscoito de polvilho para servir com o café, traziam cadeiras para que os visitantes pudessem se sentar, acendiam velas e davam uma mão na limpeza da casa e da moribunda. A morte podia chegar, tudo estava devidamente organizado para tal. Dona Maria estava deitada em seu pequeno quarto, que ficou menor ainda com as pessoas que se aglomeraram para lhe fazer companhia. Os olhos imóveis fitavam as telhas em cima, a boca também estava aberta em virtude da dificuldade de respirar. Alguém me incentivou a falar com ela, o que eu fiz, mas não houve resposta, ela sequer se moveu. Saí dali extremamente incomodado com a visão. Claramente eu não havia sido preparado para ver alguém tão próximo da morte.

Mas o meu incômodo não parecia ser partilhado pelas outras pessoas que frequentavam a casa naquelas últimas horas de dona Maria. Da varanda da residência de minha avó era possível ver os visitantes bem calmos, conversando sobre problemas do cotidiano e não raro até dando risadas. Cânticos religiosos também eram bastante comuns várias vezes ao dia. Somente à noite o lugar se acalmava, mas permanecia aberto, facilitando a visão das velas acesas por toda a casa.

Até que um dia, um dos filhos saiu da casa gritando entre lágrimas: “Oh meu Deus, ela se acabou-se”. E os vizinhos próximos saíram de suas residências e foram até lá para iniciar o velório.

As particularidades de todo o processo pelo qual dona Maria passou, revelam a proximidade que ainda existe no Piauí da morte medieval descrita por Ariès (2012). Mesmo tendo procurado um médico, ao saber que a mãe morreria, o filho a levou de volta para casa. Os amigos foram avisados, as cerimônias em volta da doente foram realizadas e ela morreu cercada de quem lhe era familiar. Até meados do século XVIII as mortes ocorriam assim, ninguém morria sozinho. Um exemplo claro de como esse imaginário ainda está vivo na mente dos piauienses.

Teresina é uma cidade de “imigrantes” da zona rural do Piauí. Encontrar alguém que não tenha família no interior é algo difícil de acontecer. Por isso todos os símbolos presentes no processo de morrer de dona Maria Abrão, são facilmente identificados e assimilados pelos moradores da cidade. No entanto há dois aspectos que precisam ser observados. O primeiro diz respeito às práticas modernas de negação da morte. À dona Maria não foi dada a possibilidade de saber que estava em seus últimos dias. Essa informação lhe foi negada para evitar “que ela sofresse mais e morresse mais rápido”. O segundo aspecto é uma possibilidade: se tivesse

dinheiro, a família de dona Maria teria a deixado morrer em um leito de hospital, tentando prolongar ao máximo a vida dela? Não saberemos.

O que podemos dizer com certeza é que esses dois aspectos que ressaltamos hoje fazem parte do imaginário dos teresinenses. Mesmo que extremamente ligada aos valores universais católicos, a morte em si passou a ser rejeitada. Aos moribundos destina-se os quartos vazios e monocromáticos dos hospitais, sem sequer saber a fatalidade de seus destinos. A morte do homem comum, seu encontro com Deus, está em outro plano de existência. Nesse aqui, a visão da morte agride, o fim inevitável é insultuoso e deve ser combatido a qualquer custo. O paradoxo dessa postura é que dois dos maiores símbolos da capital piauiense estão diretamente ligados à morte.

As margens do rio Poti, na zona norte de Teresina, hoje são o ponto de peregrinação de uma infinidade de fiéis que vão adorar o motorista Gregório, assassinado à beira das águas. Gregório, uma pessoa real que foi vítima de uma injustiça, passou por martírios angustiantes antes de seu fim trágico. Nascido na Paraíba, ele se mudou para a cidade de Barras, a 100 quilômetros de Teresina, onde começou a trabalhar como motorista. Em um dia de festa no município - em outubro de 1927 - ele atropelou um menino que saiu de casa correndo pelo meio da rua. Gregório ainda tentou desviar e frear o carro, mas não conseguiu e a criança morreu. O garoto era filho de Florentino Cardoso, delegado da cidade, que imediatamente mandou prender Gregório, deixando-o sem comer e beber por três dias. O juiz da cidade, que estava dentro do carro com Gregório no momento do acidente, concedeu um habeas corpus para a liberação do motorista, mas o delegado decidiu trazê-lo para Teresina no mesmo veículo em que vinha o caixão com o corpo de seu filho. Na capital, o carro parou para ser descarregado e atravessar o rio Poti. Florentino acorrentou o motorista a uma árvore e este começou a se lamentar de sede ao ver a proximidade com a água. Aborrecido com os pedidos incessantes de Gregório - e vendo o caixão de seu filho no chão - Florentino deu um tiro na cabeça do motorista, matando-o e criando um mito (ARAGÃO, 2011).

A partir de então, Gregório passou a ser símbolo do martírio de um inocente. Morrer de sede ao lado de um rio tão volumoso quanto o Poti era uma arbitrariedade incompreensível, uma prova da crueldade humana e similar aos martírios de puros, pelos quais somente os santos haviam passado. Seu nome foi alçado aos céus e a imagem de sua saga absorvida pelos teresinenses, que passaram a atribuir-lhe poderes sobrenaturais. Não demorou para que ele se tornasse milagreiro. Hoje o motorista Gregório possui um monumento em forma de gota d'água nas proximidades onde morreu, e seus devotos, ao fazerem pedidos, sempre levam - além de

ex-votos – garrafas com água, para aplacar sua sede, que agora se eternizou no imaginário coletivo.

Todas essas informações se unem numa só estrutura que tem contornos maleáveis. Há a manutenção de uma base principal de quem foi/é o motorista Gregório, que é cercada por uma nuvem de imaginários construída pela soma das ações de pessoas que tenham qualquer tipo atuação sobre o santo em questão. Os contornos maleáveis são imaginários individuais, mas que estão subordinados a um imaginário coletivo: o sofrimento de um injustiçado que morreu de sede olhando para um rio. (ARAGÃO, 2011, p. 63)

O outro símbolo de Teresina que vamos destacar talvez seja a maior lenda até mesmo do Piauí: o cabeça de cuia. Homicida da própria mãe, esse personagem mítico foi amaldiçoado a se transformar em um monstro e sua redenção só ocorre quando ele matar outras pessoas. Uma lenda paradoxal, que tem a morte como base em sua origem e em seu final. O mito conta a história de Crispim, um pescador da região do bairro Poti Velho, onde se encontram os rios Poti e Parnaíba. Certo dia, após se desapontar com a pescaria fraca, chegou em casa zangado para comer. A mãe lhe deu um prato de pirão de osso. Enraivecido com a comida simples, ele bate nela com um corredor (osso grande da perna do boi), ferindo a mortalmente. Porém, antes de morrer, ela lhe lança uma maldição. Pelo pecado que cometera, ele se transformaria em um monstro e só conseguiria voltar a ser um humano quando devorasse sete mulheres virgens de nome Maria. Então, ao perceber sua transformação, ele se esconde dentro do rio e passa a habitar ali. Outras versões da história afirmam que Crispim ainda se disfarça para andar em meio às pessoas.

Costuma aparecer na superfície da água, nas noites de lua cheia. Uma enorme cujuba (cuia) surge e desaparece, metade do ano no rio Parnaíba e a outra metade no Poti (Teresina fica entre esses dois rios). Dizem, ainda, que ele costuma se incorporar em algum louco que perambula pelas ruas de Teresina. (OLIVEIRA apud MAGALHÃES, 2011, p. 153)

O que chama atenção é o fato de uma lenda tão violenta ter se transformado em um símbolo tão grande. O cabeça de cuia hoje é o principal personagem lendário do estado. A explicação para isso está no fato do exemplo a ser seguido pelos jovens. Crispim comete o pior dos crimes, mata a sua mãe. Fere dois dos mandamentos em uma única ação. Assim mostra toda o grotesco que existe em um ser humano que se desvia do bem. Seu monstro é revelado, exposto, e ele precisa se esconder para não ser atacado.

Mas mesmo um monstro pode conseguir sua redenção. Se arrepender dos pecados e procurar consertá-los - como fez Édipo - pode trazê-lo de volta. A busca da remissão está no arquétipo da pureza, do casto, representado pelas Marias virgens. Somente ao conseguir devorar

sete delas, ele será perdoado de seu pecado. O paradoxo está em conseguir sua redenção ao matar mais sete pessoas ou, como em todo mito, talvez a metáfora queira dizer outra coisa:

Comer sete Marias Virgens aponta para renascimento, ou deixar nascer o novo homem em que se transformará Crispim após um período de aprendizagem para enfrentar novas formas de vida que se impõem. Este novo homem estará apto a trocar uma velha forma de vida, aquela da vila do Poti por uma nova, a da cidade de Teresina. (MAGALHÃES, 2011, p. 159)

Esses dois exemplos podem nos ajudar a compreender como está povoado imaginário dos teresinenses acerca da morte. É um imaginário que vai influenciar diretamente a visão social sobre o suicídio. No próximo capítulo analisaremos o imaginário - em seus aspectos mais amplos e públicos - sobre o suicídio na capital. Antes veremos como o suicídio se apresentou e foi assimilado no Piauí e em Teresina.

### **2.3 De heróis da independência a Torquato Neto: suicídio no Piauí e em sua capital**

A história do povoamento do Piauí é também a história de dizimação de suas tribos indígenas. Os mais variados historiadores narram como desbravadores tal qual Domingos Afonso Mafrense, Domingos Jorge Velho e - principalmente - João do Rego Castelo Branco, exterminaram as inúmeras nações de índios que povoavam as vastas terras da área que viria a se tornar o Piauí (DIAS, 2008). No entanto, ao contrário do que pode ser percebido em estudos recentes de diversos documentos históricos de outros estados, é difícil encontrar relatos de silvícolas que cometiam a morte voluntária diante das barbaridades que foram cometidas por tais exploradores.

O primeiro registro amplamente conhecido e estudado de atitudes suicidas no Piauí se deu durante as manifestações pela independência do país, na Batalha do Jenipapo<sup>55</sup>, em 13 de março de 1823. A refrega entre camponeses - pobres, desarmados e sem prática alguma em movimentos bélicos estratégicos - e soldados portugueses - acostumados com treinamento de combate e muito bem armados - não poderia ter bons resultados para os primeiros e a missão pareceria suicida desde a primeira ideia de confronto. Mas não foi o que houve nas horas

---

<sup>55</sup> A Batalha do Jenipapo foi uma das mais sangrentas ocorridas no Brasil em 1822 na adesão dos estados à independência declarada por Dom Pedro. Ao voltar de Parnaíba - onde foi anular a declaração da câmara local de apoio ao movimento emancipacionista - rumo à capital, Oeiras, o recém nomeado governador das armas do Piauí, João José da Cunha Fidié encontra uma célula de resistência dos revolucionários na Vila de Campo Maior. Por haver poucos soldados na cidade, os revoltosos eram formados por voluntários como vaqueiros, comerciantes e agricultores, que enfrentaram Fidié com espingardas de caça, foices e facões às margens do riacho Jenipapo. Morreram cerca de 200 voluntários na batalha (NEVES, 1985).

anteriores ao embate. O que se via era grande entusiasmo e um sentimento forte de amor à pátria.

O povo esteve acima de qualquer expectativa. Cada um, o vaqueiro e o roceiro, foi mais pronto em alistar-se para o tributo de sangue. Ninguém se recusou a acudir ao apelo e, dentro de três dias as fileiras engrossaram-se e uma numerosa multidão ficou à espera dos portugueses para o combate. [...] só a loucura patriótica explica a cegueira desses homens que iam partir ao encontro de Fidié quase desarmados. (NEVES, 1985, p. 119-120)

Em suas pesquisas sobre a Batalha do Jenipapo, expostas no livro *A guerra do Fidié*<sup>56</sup> (1985), o historiador Abdias Neves acredita que essa percepção dos revoltosos de que poderiam ganhar a batalha desapareceu assim que foram cercados pela tropa de Fidié. Entretanto, diz ele, não se abateram e nem fugiram. Se resignaram em continuar lutando mesmo ao se darem conta que morreriam se permanecessem ali.

Que podiam fazer, armados de chuços e foices, espadas e facões, espetos e espingardas velhas, contra a artilharia e o armamento novo do chefe lusitano? **Muitos vieram morrer à boca das peças, com um desamor pela vida, que pasmava os soldados, pouco afeitos a semelhantes atos de heroísmo! E o cansaço dominou-os primeiro que a consciência da derrota. As armas caíam-lhes das mãos trêmulas. As pernas anquilosavam-se-lhes. O peito arfava-lhes. Já não combatiam, arrastavam-se para a morte.** (Ibid, p.121-122, grifo nosso)

O comportamento suicida dos combatentes da Batalha do Jenipapo enquadra-se no conceito elaborado por Durkheim, que se caracteriza por todo ato - direto ou indireto - que o indivíduo saiba que vai levar à sua morte. Contudo, a postura dos voluntários, em ato de bravura, se sacrificando pelo bem maior da independência do país, aciona símbolos mentais arquetípicos coletivos, que autorizam essa prática. Os anônimos que morreram ao enfrentar Fidié são heróis que deram sua vida pela nossa.

Na verdade, mesmo sendo um estado com imaginário arraigado às tradições católicas, o Piauí possui amplo repertório de abordagens sobre o assunto. Alguns dos maiores clássicos da literatura piauiense, por exemplo, mostram isso. No denso *Ulisses entre o amor e a morte* (1986), O. G. Rego de Carvalho narra a história de Ulisses, que se encontra tendo que lidar com a desordem psicológica da adolescência ao mesmo tempo em que seu pai morre e ele se apaixona por uma jovem. É nesse turbilhão de emoções que o irmão dele tenta se matar ingerindo formicida. No livro, Ulisses não faz juízo de valor sobre o ato, mas o autor resolve o caos formado inserindo a salvação divina.

---

<sup>56</sup> A primeira publicação de *A guerra de Fidié* data de 1907.

Entramos numa saleta e vimos José estendido no leito, pálido como nunca. O mano nos ofereceu as mãos, o arrependimento estampado no rosto.

- Quando voltarei para casa? – Perguntou.

- Já, meu filho – e a velha mordia os lábios, enquanto tomava as mãos dele entre as suas.

Anália e eu nos aproximamos e também nos sentimos tocados da ventura que inundava os corações de mamãe e José.

Houve um instante de compreensivo silêncio, que meu irmão cortou para anunciar sua nova resolução:

- Mamãe – disse, enfrentando nossos olhares – prometi a Deus que me dedicaria à sua obra, se me salvasse. – E esboçando um sorriso ante nosso consentimento: Vou ser padre. (CARVALHO, 1986, p.85)

Em uma obra bem mais sombria, Assis Brasil narrou o desespero de um homem preso em uma cela escura que não tem consciência de onde está nem porque está preso, em uma reflexão séria - em pleno século XX - sobre o valor da morte voluntária em certas condições. Lançado durante a ditadura militar, a obra *Os que bebem como os cães*<sup>57</sup> (2005) surgiu como uma crítica à desesperança trazida pelo regime dos militares. O personagem principal – que só com a história bem avançada lembra que seu nome é Jeremias - parece estar entorpecido. As mãos algemadas às costas o obrigam a se alimentar como um cachorro, enfiando o rosto no prato de comida e água colocados no chão, além de defecar e urinar na própria roupa. A cela é escura e ele não consegue ver muita coisa, em seus devaneios causados pela solidão, faz amizade com um rato. É retirado da cela com uma certa regularidade - que ele não consegue identificar bem - para tomar banho e lavar suas roupas. A estadia no pátio o único momento em que vê outras pessoas, todos prisioneiros nas mesmas condições dele. Proibidos de falar pelos guardas, sob pena de ficarem sem refeição e ainda serem amordaçados, alguns prisioneiros se rebelam e gritam, para os outros, palavras de esperança como “mãe” e “Deus”. Após esse curto intervalo, volta para cela, onde passará mais um tempo interminável antes de voltar ao pátio novamente, em um ciclo de angústia e dor aparentemente infinitas.

É nesse contexto que se origina o cenário para a discussão a respeito da validade do suicídio. No pátio, ele começa a se dar conta que os guardas sempre passam com prisioneiros mortos em macas. Em comum todos eles têm sangue escorrendo pelos braços. Com o tempo, percebe que alguns de seus companheiros estão se matando, esfregando os pulsos em pedras cortantes que formam um muro branco no final do pátio. Aflito com a constatação, ele quer dizer aos companheiros que parem de se matar, mas passa a ponderar a situação.

---

<sup>57</sup> Publicado originalmente em 1975

[...] viu quando o homem saiu correndo e começou a esfregar os pulsos no muro. Um guarda estava distante. Alguns homens se afastaram um pouco do tanque e deram uma espécie de cobertura ao companheiro que se sacrificava. Teve ímpeto de gritar, berrar: párem, vocês estão loucos, vivam, vivam. Mas com que direito lhes pediria que vivessem a vida miserável que viviam? E pôde observar, de perto, que o homem esfregava furiosamente os pulsos no muro - a princípio seu rosto expressava dor ou medo - o sangue descia em abundância - ele desafiava a prepotência (podia sentir isso), a injustiça - desafiava o desconhecido - e já liberto do medo e da angústia, seus olhos brilhavam e ele sorria, sorria. (BRASIL, 2005, p.111)

A reflexão que Assis Brasil faz sobre a morte voluntária reflete o momento histórico pelo qual passa o país. Presos políticos e pessoas com direitos básicos tolhidos. Quem pode reivindicar a obrigação de uma pessoa viver uma vida miserável, cheia de dor e martírios? Dentro de sua cela, Jeremias mensurou sua posição, e chegou à conclusão quase inconsciente de que não era justo consigo mesmo se manter em uma existência sofrível sem qualquer perspectiva de resgate de sua vida anterior. E diante do ato de coragem de homens tão bravos como seus companheiros de prisão, ele se sentiu impelido a proceder da mesma forma e acabou esfregando os pulsos nas pedras cortantes.

Descobre-se de joelhos e suas mãos não alcançam a última mancha, mas a sua cor rubra está ali, esmaecida ou por fenecer, completa e uniforme – para os que saberão vê-la e senti-la: o esforço dos homens, o seu tributo. O sangue escapa-lhe das veias como uma pequena torrente – uma poça se forma no chão, no pé do muro, e tenta se lembrar quando gritou pela última vez por sua mãe. [...] Quem disse que a única desculpa para Deus é a de que não existe? – ainda consegue um sorriso: lembra-se das cenas repetidas, as macas, o sangue, a água generosa, um desfilar contínuo de homens que haviam escolhido o próprio destino. (Ibid, p. 139-140)

Ao abordar em um romance aflitivo e claustrofóbico os limites da maldade humana, Assis Brasil traz à tona novamente o maior dilema do homem: aceitar a curso da vida como ele é imposto ou abreviar o ciclo vital para fugir dos males incuráveis? Seja qual for o caminho a ser tomado, pensa Jeremias, é o próprio homem quem deve escolher.

É também em um período de ditadura que outro clássico piauiense traz o suicídio como solução para seu enredo. O romance *Palha de Arroz*<sup>58</sup>(2004), de Fontes Ibiapina, se passa em momento de muita tensão na cidade de Teresina, tanto pela ditadura implantada por Getúlio Vargas no país, quanto pela proliferação de incêndios de residências na capital piauiense. Casas com teto de palha eram comuns até o final da década de 40 em Teresina, principalmente na periferia, em razão do custo baixo para a construção e também por diminuir o calor da residência. Essa peculiaridade fez com que tais edificações ficassem vulneráveis justamente ao

---

<sup>58</sup> A primeira edição de *Palha de Arroz* foi publicada em 1968.

que tentavam amenizar: o calor extremo da capital. Nesse período eram corriqueiras as ocorrências de casas queimadas de norte a sul da cidade, que resultaram em diversos mortos, feridos e prejuízos psicológicos e materiais.

É esse o contexto de Teresina onde se passa a história de Chico da Benta, também conhecido como Pau de Fumo, que era ladrão e foi preso pela polícia. Morador de região identificada como Palha de Arroz, área pobre e cheia de casas com teto de palha, Chico vê da prisão mais um incêndio nas proximidades de sua casa. Depois ele descobriria que o incêndio havia mesmo sido em seu barraco e que sua filha, Zefinha, morreria no incidente. O evento deixou sua esposa com problemas mentais e logo ela cometeria suicídio. Pela gravidade religiosa do ato, especula-se se ela terá direito às exéquias e um lugar no cemitério.

De princípio, a opinião do povo era que ela não seria sepultada no cemitério. Mas Chico da Benta pensava ao contrário. A seu ver, nesse caso a religião se denunciava de vaidosa. Que culpa podia haver? Uma coitada alma penada. Um pobre cristão sem um pingão do uso da razão. Mas o vigário colado à Paróquia de Nossa Senhora das Dores a que a morta estava sujeita não foi com a opinião do povo. [...] Não disse nada. Ainda fez foi lamentar o ocorrido. E recomendou o corpo. (IBIAPINA, 2003, p. 173)

Mesmo tentando retomar sua vida, Pau de Fumo encontra inúmeras dificuldades e - entre denúncias feitas por Ibiapina de abusos da polícia da época - o personagem é mandado embora de Teresina pelos policiais da ditadura, que o acompanham até a Ponte Metálica para que ele atravesse de vez pra Timon. Em uma manifestação contra o sistema político-econômico brasileiro, Pau de Fumo se joga para a morte no rio Parnaíba.

Aí Pau de Fumo sentiu que se era de um sapo viver chorando de fome e ouvindo a sapa velha e seus sapinhos chorando de fome a vida toda, melhor morrer. [...] Aterrou os pés e correu. E, da prancha entre os dois vagões, gritou: - Filhos duma puta!  
Aí soltou uma gargalhada espalhafatosa e atirou-se das alturas do meio da ponte, nas águas do rio velho. [...] Morreu de verdade. Acabou-se o homem. (Ibid, p.213-214)

O retrato traçado por Fontes Ibiapina de Teresina da década de 40 é uma mostra da tensão que pairava sobre a cidade em razão dos incêndios. Essa conjuntura foi analisada pelo historiador Francisco Alcides do Nascimento, no livro *A cidade sob o fogo* (2002), onde ele relata que os incêndios causaram muitos problemas psicológicos nos teresinenses, embora não mencione nenhum caso que tenha levado ao suicídio de alguém. O depoimento do médico Clidenor Santos, à época diretor do Hospital Areolino de Abreu, dá uma mostra de como a aflição era uma constante.

As tensões psicológicas e o estado de pânico quase que permanentes da população da periferia fizeram aumentar de um modo alarmante o número de pacientes no asilo de alienados, do qual era diretor. Para se ter uma ideia, tive que criar um novo ambulatório junto ao hospital para atender às consultas, tal movimento, em decorrência desses incêndios, gerando um problema social da maior gravidade. Posso dizer que o estado mental da cidade era de angústia e inquietação. (SANTOS apud NASCIMENTO, 2002, p. 239)

Situações como essa – que afetam de modo tão intenso os ânimos sociais – atuam como catalisadoras de casos de morte voluntária, como Durkheim (2014) constatou. Se, tal qual os índios e os negros no Piauí colônia, não temos notificações de suicídio nesse período, isso se deve mais à dificuldade dos pesquisadores em encontrar registros claros dessas ocorrências - pois a interdição do suicídio impede que ele seja tratado abertamente mesmo em documentos oficiais - do que à inexistência de casos.

Efetivamente, nunca houve grande preocupação com relação à compilação da prática do suicídio na capital piauiense. Os estudos que registram alguma passagem são poucos e não raro falam sobre outros temas. Um deles é o do historiador Bernardo Filho (2008) que, em sua pesquisa sobre a região do meretrício no centro de Teresina, evidenciou a vida marginal e envolta em problemas sociais, morais e psicológicos das pessoas que viviam naquela área entre as décadas de 30 e 70 do século passado. Entre a sujeição aos desmandos de seus clientes, padrões, o pouco dinheiro, o acometimento de doenças venéreas e a falta de perspectivas sociais, as prostitutas da região praticavam a automutilação e o suicídio.

Algumas as ocorrências mencionadas falam de garotas de programa que se cortavam utilizando lâminas de barbear, como forma de chamar atenção dos homens pelos quais se interessavam: “Algumas aplicavam golpes de gilete nas próprias coxas e nos braços” (FILHO, 2008, p.196). Hoje esse tipo de comportamento de automutilação é muito praticado por jovens teresinenses que possuem ideação suicida (OLIVEIRA, 2001). Há também casos bárbaros de mulheres que ateavam fogo ao próprio corpo. A entrevista de Luiz Cavaquinho, um dos músicos que tocavam em bordéis dessa época, narra um desses episódios.

Rapaz foi o seguinte: ela era apaixonada por um cara, e parece que ele era paraibano. E ela se incendiou dentro do quarto, [...] Tinha até uma musiquinha que ela cantava, tava apaixonada. “Adeus, adeus, adeus... quem por mim tem que chorar”. Pois no dia que ela cantou isso, lá na orquestra, ela entrou por quarto e se incendiou. Lá no Ideal. [...] Naquele tempo, rapaz, era muito difícil um socorro. [...] Ela voltou para a zona toda queimada. (CAVAQUINHO apud FILHO, 2008, p. 198)

As situações de suicídio também eram frequentes. Geresa, uma das entrevistadas da pesquisa de Bernardo Filho, lembra que a prática de atear fogo em si mesma levou à

autoimolação de ao menos uma prostituta. “Ângela, uma acreana se suicidou. Ela se tocou fogo” (Ibid, p.197). Mas a maioria dos casos, como ocorre comumente com a prática da morte voluntária, parece não ter explicação.

Quando a Mercedes suicidou-se... Ninguém sabe por quê. [...] Foi bala. Ela tendo um caso com um oficial do Exército, pegou o revólver dele, pufo! Se matou. Ainda deixou uma carta dizendo que ele não tinha culpa de nada. Ele tava morto de bêbado [...] Ela também bebia muito... (GERUSA, apud FILHO, 2008, p.197)

Para além dos casos anônimos, desses que raramente ganham maior projeção que o círculo do qual fazem parte, o caso de morte voluntária que mais ganhou repercussão em Teresina até hoje foi o de um de seus maiores expoentes no campo cultural: Torquato Neto. Amante da arte, Torquato deixou uma obra imensa em que atua em inúmeros segmentos artísticos, tais como poeta, ator, dramaturgo e cineasta, por exemplo. É autor de uma produção visceral, que demonstra sob diversos aspectos, alguém que pouco se enquadra em papéis sociais impostos. O inconformismo e a inquietude que sobressaiam em uma sociedade conservadora criaram nele o quadro psicológico de onde geralmente surge a ideação suicida. Durante sua vida, tentou matar-se diversas vezes e passou alguns períodos internados para se tratar de distúrbios psicológicos, algumas dessas internações foram realizadas por iniciativa própria (ANDRADE, 2008).

Sua incomodação inata foi canalizada em sua obra, em sua maioria composta por poesias que retratam os mais diversos tipos de assuntos. Boa parte de sua produção fala em morte. Alguns de seus poemas mais famosos revelam isso, como em *Todo dia é dia D*, de 1971.

todo dia é dia dela  
 pode ser, pode não ser  
 abro a porta e a janela  
 todo dia é dia D  
 desde que saí de casa  
 trouxe a viagem de volta  
 gravada na minha mão  
 enterrada no umbigo  
 dentro e fora assim comigo  
 minha própria condução  
**todo dia santo dia**  
**queremos, quero viver**  
**meu coração na bacia**  
**todo dia é dia D**  
**há urubus no telhado**  
**e a carne seca é servida**  
**um escorpião enterrado**  
**na sua própria ferida**  
**não escapa, só escapo**

**pela porta da saída**  
**todo dia é o mesmo dia**  
**de amar-te, amor-te, morrer**  
 todo dia menos dia  
 mais dia é dia D  
 (Apud KRUEL, 2008, p. 281, grifo nosso)

Outro poema bastante significativo em sua abordagem da morte e bem mais conhecido de Torquato é Cogito, de 1970, que em seu título já traz as potencialidades das ações que ele tinha em sua mente de forma constante.

eu sou como eu sou  
 pronome  
 pessoal intransferível  
 do homem que iniciei  
 na medida do impossível

eu sou como eu sou  
 agora  
 sem grandes segredos dentes  
 sem novos segredos dentes  
 nesta hora

eu sou como eu sou  
 presente  
 desferrolhado indecente  
 feito um pedaço de mim

**eu sou como eu sou**  
**vidente**  
**e vivo tranqüilamente**  
**todas as horas do fim.** (1973, p.11, grifo nosso)

Andrade lembra que a temática da morte costuma ser constante em produções poéticas, mas em Torquato Neto ela assume um caráter de alternativa velada "revelando-se uma possibilidade latente, especialmente pelas tensões manifestas, textual e existencialmente" (2008, p.153).

As constantes atribuições psicológicas com as quais convivia levaram Torquato a cometer suicídio no dia 10 de novembro de 1972, madrugada seguinte ao seu aniversário de 28 anos. A tranquilidade com que ele afirma viver as "horas do fim", em Cogito, ficaram expressas na carta que escreveu enquanto esperava o gás do banheiro - ele havia aberto a torneira do gás para morrer intoxicado - fazer efeito.

atesto q FICO. Não consigo acompanhar a marcha do progresso de minha mulher ou sou uma grande múmia que só pensa em múmias mesmo vivas e lindas feito a minha mulher na sua louca disparada para o progresso. Tenho saudades como os cariocas do tempo em que eu me sentia e achava que era

um guia de cegos. Depois começaram a ver, e, enquanto me contorciam de dores, o cacho de banana caía. De modo Q FICO sossegado por aqui mesmo enquanto dure. Ana é uma SANTA de véu e grinalda com um palhaço empacotado ao lado. Não acredito em amor de múmias, e é por isso que eu FICO e vou ficando por causa deste amor. Pra mim chega! Vocês aí, peço o favor de não sacudirem demais o Thiago. Ele pode acordar. (KRUEL, 2008, p. 109)

A partir de então Torquato passa a ser um dos maiores ícones da contracultura brasileira, expressada por sua participação na Tropicália, pelas inúmeras parcerias artísticas que efetivou, mas principalmente pelo seu carisma, que não sofreu abalo com sua morte controversa. Ao contrário.

O feito ajudou a envolvê-lo numa aura romântica: o poeta que não temia a morte. [...] Com certa frequência, seus poemas foram musicados por artistas do rock e da MPB, e escritos de sua autoria (alguns inéditos) foram incluídos em antologias poéticas no Brasil e exterior. Mesmo morto, a voz e as idéias de Torquato continuam a ecoar. (ANDRADE, 2008, p. 9)

Essa relação de não dar importância ao fato de que Torquato havia cometido suicídio pode ser vista no momento de seu enterro. O sepultamento ocorreu no Cemitério São José, zona norte de Teresina, onde centenas se acotovavam para ver seu ídolo morto. O corpo foi levado ao cemitério à noite e ainda assim foi “acompanhado por uma grande multidão, formada principalmente por jovens, garotas e senhoras” (KRUEL, 2008, p. 113). O curioso dessa passagem é a grande presença de mulheres com idade mais avançada, geralmente as mais relacionadas com os dogmas religiosos cristãos, quando se fala da sociedade teresinense.

Sendo um ícone da cultura, Torquato tem a seu favor o imaginário coletivo de que artistas e pessoas famosas em geral possuem uma certa “concessão” para atos considerados proibidos, seja no campo simbólico ou mesmo crimes previstos na legislação. A ideia é que a criatividade e a postura mais inquisidora diante das agruras da vida podem gerar condutas sociais de denúncias mais contundentes e até mesmo uma tendência maior à autodestruição. Stack (2008) concluiu que artistas possuem até 270% mais disposição a cometerem suicídio que uma pessoa de outra área profissional. Por isso, até hoje o túmulo de Torquato é um dos mais visitados em Teresina no dia de finados. “A sepultura de Torquato Neto, poeta, jornalista, letrista de música popular, experimentador da contracultura brasileira amanheceu bastante florida, com arranjos ornamentais e velas” (CAMPELO, 2009).

Mas foi somente algumas décadas depois da morte de Torquato que os números crescentes de suicídio em Teresina começaram a chamar a atenção de alguns pesquisadores. O início dos anos 2000 trouxe consigo altíssimas taxas de morte voluntária na capital piauiense e,

como já ocorria em diversas partes do mundo e algumas áreas do Brasil, era importante analisar os números para tentar encontrar soluções. Nasceu ali a necessidade de implantação dos centros de atendimento a pessoas com ideação suicida e aqueles que se propuseram a lidar com essa situação serão o foco da nossa atenção no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 3 - SÍMBOLOS E SIGNIFICAÇÕES: Os atendentes e as matrizes arquetípicas do suicídio**

A partir de agora faremos uma análise sobre as manifestações imaginárias dos atendentes da rede de combate à ideação suicida de Teresina. As imagens foram colhidas por meio de entrevistas e examinadas com a técnica da análise de conteúdo. Para iniciar mostraremos como funcionam as instituições nas quais eles atuam e o imaginário social praticado por aqueles que seguem linhas religiosas.

Conforme explicamos na introdução, a cidade de Teresina possui atualmente seis entidades que atuam no auxílio às pessoas com ideação suicida. São organizações que foram se formando a partir da percepção de que a cidade havia se tornado um dos locais com maior taxa de morte auto infligida em todo o país. Desse total, por motivos metodológicos - para que nossa amostra não ficasse tão ampla a ponto de comprometer os prazos - definimos trabalhar com apenas quatro delas. Uma pública e as demais organizações não governamentais, que atuam por meio do voluntariado. No entanto, para efeito de conhecimento, levantaremos a seguir um breve perfil de todas as seis, com objetivo de evidenciar seu funcionamento.

### **3.1 PROVIDA**

É a única iniciativa do poder público de ação preventiva especializada para fazer frente ao crescimento dos índices de suicídio em Teresina. É gerido pela prefeitura da capital, mas começou a funcionar somente em 2014, no dia 10 de setembro, mais de uma década depois dos índices de morte intencional subirem vertiginosamente (ARAÚJO JÚNIOR, 2014).

O local conta com atendimento especializado para quem está com ideação suicida, porém a equipe é bastante reduzida. São três psicólogos e um psiquiatra, além de dois auxiliares (também capacitados para lidar com os pacientes que chegam em situações mais urgentes, enquanto aguardam o atendimento profissional). As consultas são realizadas de segunda a sexta, nos dois turnos, e o ambulatório funciona no Centro Integrado Lineu Araújo, no Centro de Teresina.

O PROVIDA funciona com atendimento de demanda espontânea, ou seja, de acordo com a procura de quem precisar de assistência. No entanto a falta de divulgação faz com que o projeto seja desconhecido da população em geral e quase 100% dos atendimentos são

provenientes de encaminhamentos de outras unidades de saúde da capital, públicas e particulares. Nem por isso a demanda é pequena, ao contrário, por mês são realizados em torno de 260 consultas, número altíssimo para o pequeno número de profissionais que atua no local.

### **3.2 Centro de Valorização da Vida (CVV)**

Um dos mais conhecidos serviços de auxílio a pessoas com ideias de auto homicídio, o Centro de Valorização da Vida é uma associação que iniciou suas atividades em 1962, na cidade de São Paulo, e hoje está presente em municípios de 19 estados do país. Em Teresina o CVV começou a funcionar em 1984 e desde então o serviço vem registrando aumento no número de ligações, ano a ano.

O CVV atua com o atendimento de pessoas que estão passando por algum nível de depressão ou aquelas que já chegaram a ponto de não conseguir mais desassociar a resolução de seus problemas dos ideais de morte. Para atender a essas pessoas são selecionados voluntários que passam por um curso de capacitação, onde aprendem as técnicas de escutar sem expressar opinião. É essa a principal característica do serviço oferecido pelo CVV: ouvir as pessoas que ligam e estimulá-las a desabafarem, mas não dar nenhum tipo de conselho.

Até novembro de 2017 o CVV Teresina funcionava com um telefone específico para a capital piauiense, mas a partir dessa data passou a receber chamadas gratuitas através do número 188, que se tornou padrão da instituição em todo o país através de uma parceria com o governo federal. Desde então a demanda aumentou, em razão da gratuidade do serviço.

E por ser uma entidade sem fins lucrativos, o centro em uma cidade só consegue funcionar através de doações, que são poucas na capital piauiense. Por essa razão as dificuldades estruturais são muitas, especialmente em períodos de capacitação dos voluntários. Além disso, pela complexidade do serviço, conseguir voluntários para trabalhar na entidade sempre foi difícil, principalmente no turno da madrugada, um dos períodos em que mais ligações são realizadas. O número de voluntários costuma variar bastante, mas atualmente oscilam em torno de 40, com plantões fixos de 4 horas cada um.

### **3.3 Grupo de Apoio Contato Esperança (GRACE)**

É um serviço que atua com aconselhamento sob o viés religioso. É voltado para cristãos evangélicos, mas abrange o atendimento a todos os religiosos que têm a Bíblia como livro sagrado, pois é esse o guia dos argumentos utilizados nas conversas por telefone com os usuários. Foi criado em 2006 por integrantes da igreja Assembleia de Deus, após um episódio de depressão pós-parto de sua fundadora, Raimunda Alves.

O GRACE atua em três frentes de combate ao suicídio, nem todas necessariamente religiosas. Duas linhas telefônicas estão disponíveis para quem precisa de ajuda, uma delas transmite gravações de versículos bíblicos ininterruptamente objetivando dar alento a quem não quer um contato direto com um atendente, a outra linha faz a conexão com os conselheiros do serviço, que atendem em escalas de revezamento, nos três turnos. Os atendimentos pelo telefone são feitos através da conversação voltada para ensinamentos bíblicos a respeito do valor da vida. Ao todo são 12 conselheiros que atuam nesses atendimentos. Aliado a isso, para aqueles que precisam, integrantes do GRACE realizam visitas domiciliares, onde aplicam os aconselhamentos e realizam orações.

Além disso, as pessoas que estão em um estágio mais avançado da ideação suicida encontram no GRACE a disponibilização de atendimento com psicólogos - igualmente voluntários - que recebem os pacientes na sede da entidade. Embora os profissionais que realizam essas consultas sejam também cristãos evangélicos, o tratamento psicológico prestado por eles na entidade não envolve a religião. Por dia, em média, o GRACE atende em torno de 30 ligações e realiza cerca de 10 atendimentos psicológicos mensais.

### **3.4 Projeto Caminhos**

É a mais recente dessas organizações não governamentais, pois iniciou suas atividades em 2014, sendo uma iniciativa da Federação Espírita Brasileira. O Projeto Caminhos foi criado por dois seguidores da doutrina espírita, o mineiro Rener Cunha e a piauiense Vânia Reis, e tem como um de seus eixos investir na formação dos trabalhadores de casas espíritas que lidam com a problemática da ideação suicida. O projeto também se volta para as demandas da dependência química e da depressão.

No Piauí não atua apenas em Teresina, pois o treinamento dos colaboradores das casas espíritas ocorre também nos municípios do interior do estado. Essa capacitação ocorrer através de seminários e cursos realizados pelos idealizadores, com o foco no que prega a doutrina

espírita. No entanto, o atendimento às pessoas com ideação suicida nem sempre é voltado para o espiritismo ou mesmo para o cristianismo, uma vez que pessoas de qualquer religião podem ser atendidas, desde que haja a crença em um deus, pois a filosofia do projeto é teísta.

O atendimento realizado se desenvolve presencialmente, nas diversas casas espíritas que existem pela capital. As pessoas que precisam de auxílio por estarem com ideação suicida participam de “conversas fraternas” com os integrantes voluntários desses centros que já possuem a devida preparação. Essas conversas podem ocorrer em vários encontros e toda vez que é percebida a necessidade de intervenção profissional, é indicado à pessoa procurar atendimento de um psicólogo ou psiquiatra, sempre nas unidades públicas de saúde.

### **3.5 Centro Débora Mesquita**

É mais uma das entidades não governamentais que atuam na capital. Foi fundada por Késia Mesquita em 2013, um ano após sua irmã, Débora, cometer suicídio. O objetivo geral do projeto é atuar no atendimento presencial de pessoas que desenvolveram ideias de autocídio. Embora a presidente, a própria fundadora, seja cristã evangélica e filha de pastor, e o local onde o centro funciona seja cedido pela igreja Assembleia de Deus, o atendimento é realizado sem vínculos religiosos.

Possui oito psicólogos e mais outras 15 pessoas no atendimento. Os profissionais são pagos com dinheiro arrecadado com as doações. O centro possui um sistema bem estruturado de finanças, com departamento de marketing e conselho fiscal. O atendimento gratuito é feito em um consultório instalado na própria sede, após o agendamento via telefone. Mesmo o atendimento presencial não sendo realizado 24 horas, existe sempre alguém previamente treinado com o telefone para atender os casos mais urgentes fora do horário comercial e repassar para um psicólogo quando necessário.

### **3.6 Hospital Areolino de Abreu**

Atua no atendimento psiquiátrico de indivíduos com problemas mentais que estão em estado de urgência. As pessoas que cometeram tentativas, que foram impedidas antes de cometê-las ou que estão na iminência de tentar, podem ser encaminhadas para o local, que é o único do Piauí a possuir atendimento psiquiátrico 24 horas (o PROVIDA também possui atendimento de urgência, mas só funciona no período comercial - 8h às 17h - e é pouquíssimo conhecido pela população).

O serviço é realizado pelos próprios médicos plantonistas do hospital, que dividem seu tempo com outros tipos de pacientes que também precisam de atendimento imediato. É um local cheio de estigma e que tende a ser recusado por pacientes e evitado por familiares, em razão do senso comum de que um hospital psiquiátrico é local de atendimento de “pessoas loucas”.

Desses seis serviços disponíveis em Teresina, os dois últimos - Centro Débora Mesquita e Hospital Areolino de Abreu - não fizeram parte da nossa pesquisa de campo, pelos motivos já evidenciados no capítulo em que explicamos a metodologia.

Das 20 pessoas entrevistadas, apenas cinco não são voluntárias, pois pertencem ao quadro de funcionários do PROVIDA que, por ser da prefeitura de Teresina, exige concurso público para seu ingresso. No entanto nenhum deles participou do certame com o intuito de ingressar diretamente na instituição, pois o edital era voltado para preencher o quadro de profissionais da área da psicologia e psiquiatria na Fundação Municipal de Saúde. Todos eles foram parar no PROVIDA ao acaso, sendo transferidos de acordo com a necessidade do órgão em fazer uma distribuição dos profissionais pelas unidades de saúde do município.

Essa falta de possibilidade de escolha desses funcionários públicos em atuar ou não em uma instituição que atua junto a pessoas que afirmam estar passando por um sofrimento tão intenso a ponto de quererem abdicar de suas vidas provoca emoções difíceis de serem processadas. Alguns dos servidores indicados para atuarem no PROVIDA costumam ter de passar o período de apenas um ano no local, com possibilidade de prolongar mais esse tempo caso manifestem o desejo para tal. No entanto, isso não ocorre e a rotatividade de profissionais é grande na entidade. Durante a pesquisa de campo, um dos atendentes afirmou estar ansioso pelo fim de seu período no local por considerar uma demanda de “carga emocional muito pesada”, e outro disse ter solicitado sua transferência da entidade por estar passando por um momento difícil e lidar com aquele serviço era um “peso”.

Já os outros atendentes são todos voluntários, incluindo os psicólogos que atuam no GRACE. Porém, mesmo com a totalidade deles tendo se voluntariado em razão da vontade de ajudar de algum modo, nem todos escolheram lidar especificamente com essa demanda e acabaram chegando nessas instituições ao acaso. Mesmo alguns dos atendentes que atuam no CVV afirmaram que só tiveram uma percepção geral do tipo de pessoas com quem iam lidar ao participarem do treinamento. No quadro geral dos 15 voluntários entrevistados, sete afirmaram ter planejado trabalhar no atendimento a pessoas com ideação suicida. Por outro lado, mesmo

sem que esse planejamento tenha ocorrido, a proximidade com a prática da morte auto infligida envolve, de algum modo, a maioria desses atendentes: 80% dos entrevistados afirmaram já ter pensado em cometer suicídio e/ou possuírem alguém no círculo pessoal que praticou o ato.

### **3.7 Linhas de atendimento e o imaginário social**

Embora a maioria dos atendentes não tenha formação acadêmica de psicólogo, os modos como eles operam seguem um padrão similar ao desses profissionais - dando bastante atenção ao que o atendido tem a dizer e deixando-o falar o quanto quiser - mas com peculiaridades que obedecem às filosofias que pregam as entidades nas quais atuam. Os profissionais da psicologia e da psiquiatria que atuam na assistência do PROVIDA e também nas consultas presenciais no GRACE, realizam os procedimentos de avaliação psicológica e sessões de psicoterapia orientadas pelo Ministério da Saúde, de acordo com o que pregam seus respectivos códigos profissionais e de ética.

Em paralelo, os voluntários de CVV atuam de acordo com o treinamento recebido durante a triagem dos candidatos. São conhecimentos repassados através do Manual do Voluntário, onde estão registrados os princípios básicos de escutar sem aconselhar ou, principalmente, julgar. Os atendentes não assumem posição de orientador, apenas se colocam à disposição para ouvir o que têm a dizer as pessoas que telefonam.

Por sua vez, os voluntários do GRACE que realizam o atendimento via telefone ou fazem a visitas residenciais atuam com o aconselhamento religioso com base na Bíblia, fonte da filosofia judaico-cristã que norteia essa entidade evangélica. Não obstante as palavras de conforto que auxiliam as pessoas dessa religião no combate à ideação suicida, o receio da condenação da alma de quem se mata - que foi edificado durante a Idade Média - é percebido na aplicação desse método. Não que os voluntários atuem pressionando os atendidos, coagindo-os a desistir de sua ideação com ameaças respaldadas em ensinamentos bíblicos. Ao contrário, como veremos adiante, existe grande esforço dos atendentes cristãos em relativizar a suposta danoção eterna da alma de quem pratica a morte voluntária. Contudo, não apenas a pregação embasada no cânone do Velho e do Novo testamentos traz subsídios para que essa ideia de penalização se perpetue, como o próprio imaginário já consolidado sobre o tema age nesse sentido.

As estruturas simbólicas de desaprovação e criminalização do suicídio que foram sedimentadas no imaginário cristão durante os mil anos medievais ficam bem explícito através

de um poema épico que se tornou uma das obras mais clássicas a retratar a vida após a morte: a *Divina Comédia*<sup>59</sup>, do italiano Dante Alighieri. O livro, publicado durante o Renascimento e usado pelo clero como forma de persuadir os fiéis (DUARTE, 2013), descreve minuciosamente como as almas são tratadas no além-vida, e se tornou um tratado sobre o comportamento dos cristãos, delineando a moral que deveria ser seguido pelos fiéis da época.

Em um dos trechos do poema - no livro denominado Inferno - Dante descreve o destino das pessoas que matam a si próprias. A punição para esse pecado, considerado um dos maiores que se pode cometer, é aplicada no segundo nível do Sétimo Círculo do Inferno. Ao chegar nesse ambiente, uma densa floresta povoada por harpias que se alimentam dos galhos, Dante afirma que ouve muitos uivos e lamentações, mas não consegue identificar de onde vêm, até que Virgílio, seu companheiro de viagem pelo mundo dos mortos, pede que ele quebre um pequeno galho de uma árvore. Quando faz isso, Dante se horroriza ao perceber que começa a jorrar sangue do tronco, que geme de dor: o castigo dado aos suicidas é serem transformados em árvores que são mutiladas repetidamente pelas harpias<sup>60</sup>, em um sofrimento lento e de grande aflição. A alma condenada a se transformar no espinhento tronco explica aos dois viajantes que aquele suplício será reproduzido por toda a eternidade.

Quando alguma alma se separa do seu corpo por sua própria vontade, Minós a manda para a sétima foz. De lá, cai nesta selva escura, brota como uma semente e cresce, até tornar-se um espinhoso arbusto. As Hárpias nutrem-se de nossos galhos e assim nos trazem eterna e intensa dor. Como os outros, um dia retornaremos para reaver nossos corpos, mas nunca mais poderemos vesti-los, pois, injusto seria que tivéssemos algo que rejeitamos. Nós os arrastaremos até aqui onde, nesta triste floresta, nossos corpos serão para sempre pendurados nos galhos de suas almas vis. (ALIGHIERI, 1999, pp. 40-41)

Essa sina desesperadora e eterna dos suicidas descrita por Dante revela como estava consolidada no imaginário social a ideia de que abrir mão da própria vida era um erro que os cristãos não podiam cometer. É uma visão cujo enraizamento ganha mais relevância quando se

---

<sup>59</sup>A Comédia narra uma viagem feita por Dante pelo mundo dos mortos. Na companhia da alma do escritor Virgílio - famoso poeta romano da Antiguidade que escreveu a obra Eneida, e do qual era grande admirador - Dante percorre os nove círculos do Inferno e as sete cornijas do Purgatório. Já para conhecer as dez esferas do Paraíso ele tem como guia a alma de Beatriz, mulher por quem fora apaixonado. A metáfora presente na Comédia é a de um pecador na busca pela salvação divina e a obra pode ser vista como uma reunião das alegorias imaginárias criadas pela igreja cristã durante a Idade Média. Foi publicada em três partes: Inferno em 1317, Purgatório em 1319 e Paraíso somente após a sua morte, em 1321. O termo "divino" no título só foi acrescentado mais de 200 anos depois por causa de uma sugestão do poeta Giovanni Boccaccio, admirador da obra.

<sup>60</sup>As harpias são monstros da mitologia grega com corpo de ave de rapina, mas com cabeça de mulher e seios. Por serem perversas e violentas, são figuras mitológicas que representam no imaginário a punição cruel aos desvários humanos.

leva em consideração que a obra foi escrita justamente no período do Renascimento, quando começa a ganhar força o pensamento racional, em detrimento dos dogmas religiosos.

Desde então, essa mitologia cristã acerca da culpabilização de quem comete a morte intencional tem sido reproduzida pelos fiéis e mesmo o advento de transformações estruturais da fé, como a Reforma Protestante, não exerceram influência relevante no sentido de mudar sua configuração. A base principal desse conjunto simbólico prevê um lugar ruim e de intenso sofrimento (não necessariamente onde almas viram árvores para serem devoradas por monstros) está reservado para tais pecadores. E é essa concepção que permeia o imaginário dos atendentes evangélicos, que atuam com base na filosofia cristã.

É essa mesma filosofia que semeia o imaginário dos atendentes que atuam no Projeto Caminhos, mas estes possuem mudanças relevantes no que diz respeito ao “fim” dado àquela alma. Adeptos do espiritismo - doutrina derivada do cristianismo -, esses atendentes operam com os princípios “revelados” por Allan Kardec de que os seres possuem existência ininterrupta e estão em constante evolução. Assim, a vida terrena é um dos planos utilizados como ambiente para experiências, boas ou ruins, como forma de aprendizados designados por Deus na busca do progresso dos espíritos enquanto seres viventes.

Nesse sentido, a experiência da encarnação, ou seja, do espírito na Terra, possui um propósito que não pode ser abdicado. O assassinato de si é uma falta dupla: a de violar a lei universal da vida e a de abrir mão da evolução que deveria ter sido conquistada com determinada adversidade naquela encarnação.

Para evidenciar melhor como o imaginário atua nos atendentes do Projeto Caminhos, vamos dedicar mais alguns parágrafos acerca das concepções do espiritismo sobre o suicídio, algo que não coube no primeiro capítulo desse estudo, como feito com outras filosofias religiosas de grande alcance.

Essa postura é considerada tão relevante para os adeptos que está bem explícita em três dos cinco livros escritos por Kardec que orientam a doutrina espírita, a chamada Codificação Espírita<sup>61</sup>. Uma sessão inteira foi dedicada ao assunto no *Livro dos Espíritos*, onde o autor afirma que os castigos para o autocídio não seguem um padrão. “As penas do suicídio são muito

---

<sup>61</sup> De autoria de Allan Kardec na França do século XIX, a Codificação Espírita é um conjunto de cinco livros que orientam as práticas dos adeptos da nova doutrina, ao qual ele chamou de espiritismo. Para escrever o primeiro deles, o *Livro dos Espíritos* (publicado em 1857), Kardec afirmou ter recebido orientações de espíritos desencarnados, que afirmaram a ele que a humanidade já possuía conhecimento suficiente para aceitar e reconhecer tal realidade. As outras quatro obras são *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1867).

diversas. Não há penas fixadas e, em todos os casos, são sempre relativas às causas que os produziram” (KARDEC, 2016b, Livro IV, cap. I, it. 957). No *Evangelho Segundo o Espiritismo* a doutrina deixa claro que a Lei de Deus proíbe que qualquer pessoa abra mão de sua vida.

Apresenta-nos os próprios suicidas a informar-nos da situação desgraçada em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a Lei de Deus, que proíbe ao homem encurtar a sua vida. Entre os suicidas, alguns há cujos sofrimentos, nem por serem temporários e não eternos, não são menos terríveis e de natureza a fazer refletir os que porventura pensam em daqui sair, antes que Deus o haja ordenado. O espírita tem, assim, vários motivos a contrapor à ideia do suicídio: a certeza de uma vida futura, em que, sabe-o ele, será tanto mais ditoso, quanto mais inditoso e resignado haja sido na Terra; a certeza de que, abreviando seus dias, chega, precisamente, a resultado oposto ao que esperava; que se liberta de um mal, para incorrer num mal pior, mais longo e mais terrível; que se engana, imaginando que, com o matar-se, vai mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que no outro mundo ele se reúna aos que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar; donde a consequência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. (KARDEC, 2017, cap. V, it. 17)

Em outra obra da Codificação, *O Céu e o Inferno*, Kardec descreve casos de espíritos que morreram através do suicídio e relataram sua realidade no plano dos desencarnados. As experiências terrenas dos personagens citados que os levaram a cometer o ato são as mais variadas, e todas levam ao mesmo fim: o sofrimento em uma região conhecida como o Vale dos Suicidas. Nessa região do plano espiritual, aqueles que cometeram a morte voluntária devem se redimir de sua falta. É um lugar de grande sofrimento, onde as almas atormentadas precisam compreender a gravidade do que fizeram para achar novamente o caminho que leva a Deus. Um dos relatos do livro expõe a história de um homem que, ao se ver na miséria durante a velhice, decide matar-se jogando-se de uma torre. Sua penitência é tão desesperadora que ele mesmo procura os médiuns em busca de orações pela sua alma.

“Tereis piedade de um pobre miserável que passa de há muito por cruéis torturas?! Oh! o vácuo... o Espaço... despenho-me... caio... morro... Acudam-me! Deus, eu tive uma existência tão miserável... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice; e foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo. Quis morrer, e atirei-me... Ó meu Deus! Que momento! E para que tal desejo, quando o termo estava tão próximo? Oraí, para que eu não veja incessantemente este vácuo debaixo de mim... Vou despedaçar-me de encontro a essas pedras! Eu vo-lo suplico, a vós que conheceis as misérias dos que não mais pertencem a esse mundo. Não me conheceis, mas eu sofro tanto... (KARDEC, 2016a, cap. V, it. 3)

No caso relatado, a morte por suicídio condenou o espírito a se ver continuamente no momento em que praticou o ato que o matou. É uma visão similar à da religião muçulmana, onde o espírito infrator é sentenciado a repetir eternamente o momento em que provocou sua

morte. No entanto, essa sina parece arrefecer conforme a alma toma mais consciência de sua condição e se percebe com mais nitidez no espaço de punição no qual foi lançada, conhecido por Umbral. O guia espírita brasileiro Chico Xavier, no livro *Nosso Lar* - cuja autoria é atribuída ao espírito André Luiz<sup>62</sup>, através de um processo de psicografia - dá mais detalhes sobre essa região do plano espiritual.

O Umbral funciona, portanto, como região destinada ao esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena. (LUIZ, 2018, pp.68-69)

Mas a produção que torna mais evidente como se processa o imaginário da morte voluntária na religião espírita é um dos livros mais relevantes da doutrina: *Memórias de um suicida*. A obra, atribuída ao espírito do escritor português Camilo Castelo Branco<sup>63</sup> – que se identifica como Camilo Cândido Botelho - foi psicografada pela médium fluminense Yvonne do Amaral Pereira. O livro narra a história do próprio Camilo que, após matar-se em momento de desespero, acreditando que conseguiria aliviar seu sofrimento, vai parar no Vale dos Suicidas (denominado por ele de Vale Sinistro) e experimenta anos de intenso tormento nesse ambiente extremamente aflitivo, onde o suplício é tão volumoso que não se consegue nem mesmo implorar pela intervenção divina.

E, envolvidos em tão enlouquecedores fogos, não havia ninguém que pudesse atingir um instante de serenidade e reflexão para se lembrar de Deus e bradar por sua paternal misericórdia! Não se podia orar porque a oração é um bem, um bálsamo, é uma trégua, é uma esperança! E aos desgraçados que para lá se atiravam nas torrentes do suicídio impossível seria atingir tão altas mercês! [...] Procurávamos então fugir do local maldito para voltarmos aos nossos lares; e o fazíamos desabaladamente, em insanas correrias de loucos furiosos! Aasveros malditos, sem consolo, sem paz, sem descanso em parte alguma... ao passo que correntes irresistíveis, como imãs poderosos, atraíam-nos de volta ao tugúrio sombrio, arrastando-nos de envolta a um atro turbilhão de nuvens sufocadoras e estonteantes. (BOTELHO, 2018, pp. 23-24)

---

<sup>62</sup> André Luiz é o nome dado pelo médium mineiro Chico Xavier (maior celebridade do espiritismo mundial) ao espírito que mais participou de sua obra psicografada. Não se sabe ao certo quem teria sido André Luiz em vida, mas em sua última encarnação ele fora médico (afirma-se que poderia ter sido Carlos Chagas ou Oswaldo Cruz). Junto com Chico Xavier, André Luiz é responsável pelas descrições mais minuciosas das colônias do plano espiritual e das regiões do Umbral através de *Nosso Lar* e mais de uma dezena de obras.

<sup>63</sup> Camilo Castelo Branco foi um dos escritores mais importantes de Portugal no século XIX e é tido como o expoente do romantismo português. Atuou como romancista, poeta, cronista, dramaturgo, crítico, tradutor e historiador. Autor de obras como *Amor de salvação* e *Amor de perdição*, ganhou bastante notoriedade ainda em vida. Matou-se aos 65 anos, após uma doença tirar-lhe a visão.

A obra deixa clara sua intenção de evitar a prática do suicídio, ao mesmo tempo em que fortalece a criminalização do mesmo. Os princípios espíritas deixam claro que as falhas cometidas nesse mundo serão liquidadas no outro de forma proporcional. A morte voluntária mexe com uma rede grande de destinos que não envolve apenas o indivíduo que comete o ato, mas também todas as pessoas que se envolveriam com ela naquela encarnação. Por isso, uma série de aprendizados fica comprometida, em uma cadeia de prejuízos no processo evolutivo espiritual. Perceber o quanto isso foi danoso é importante para o progresso daquele ser, daí a necessidade de se passar pelos terrores do Vale dos Suicidas, no Umbral.

Ainda no sentido de evidenciar como o imaginário influi na percepção dos espíritas sobre a auto aniquilação, é significativo acentuar o aspecto mais notório na diferenciação da sorte dos suicidas em comparação com os cristãos evangélicos e católicos. Se todas as três correntes do cristianismo recriminam essa prática a ponto de alertar seus adeptos sobre as consequências do ato, somente o espiritismo a vê como algo passageiro. Para evangélicos e católicos após o julgamento divino o condenado passará a eternidade sob intenso martírio no inferno. Já para os espíritas, essa sentença é temporária, com a extensão necessária para que o infrator possa ter consciência da gravidade da postura que adotou, sendo resgatado por agentes sagrados quando isso ocorre.

Partindo daí, a responsabilização dos suicidas pelos adeptos do espiritismo torna-se mais natural, uma vez que a possibilidade de salvação daquele espírito - após o período da penalização - é quase integral. Na morte voluntária existe uma ruptura com a doutrina, não com a ideia de eternidade, por isso não há choque frontal com as estruturas imaginárias. Perceberemos isso melhor a seguir quando analisaremos a simbologia presente nas respostas das entrevistas realizadas com os atendentes.

### **3.8 As configurações simbólicas da morte voluntária**

O modo como o imaginário age sobre o suicídio sofre grande influência das impressões sobre a morte que o indivíduo possui. Nas entrevistas realizadas com os atendentes foi questionado a eles qual a primeira imagem que vem à mente quando ouvem falar em morte. A despeito da maioria ser religiosa e acreditar em uma vida imaterial distante do plano terreno, foi demonstrada uma visão bem negativa desse fenômeno. A dor e o sofrimento, aliados à sua consequente tristeza, predominaram nas respostas dessa questão relativa à imagem da morte. O processo intrínseco à vida que vai culminar em separação, na perda de alguém, é visto até mesmo como inesperado por alguns.

Já citamos aqui que a teoria durandiana afirma que a aflição diante da finitude da vida mobilizou a mente dos seres humanos a criar o imaginário. Isso, em algum momento, permitiu a formação das religiões, que sistematizaram os mitos que orientam a vida após a morte. Mas a despeito da propagação desse consolo espiritual, a morte sempre causou resistência dos indivíduos de qualquer sociedade: há muitas sensações boas a serem experimentadas no mundo, de tal forma que ninguém quer morrer. Além disso, existe o sentimento de carência causado pela ausência do morto.

A antropologia e a sociologia vêm explicando ao longo do tempo que o processo de morte e o morrer são geradores de conflitos sociais e - principalmente - psicológicos dos mais variados. A superação desses conflitos se dá através de rituais que, conforme mostrou Turner (1974), estabelecem a ligação entre a estrutura (instituições e indivíduos em condições estáveis de atuação social) e a antiestrutura (período de transição da condição de um indivíduo na comunidade) de uma sociedade. Tais procedimentos atuam na coesão dos atores de determinada coletividade, unindo-os em torno de interesses subjetivos comuns.

Os rituais fúnebres trazem em si todo o simbolismo do medo da morte dos seres humanos e seu desejo de atingir o incerto mundo espiritual. O antropólogo José Carlos Rodrigues (2006) explica que a morte representa bem mais que a extinção de uma condição física e biológica, pois alcança também a condição de um ser que possui interação com outros e faz parte de uma rede de comunicação que será desconectada em muitos pontos. Ou seja, é a extinção também de uma série de processos dialógicos. As exéquias, nessa linha de pensamento, guardam em si a esperança dos vivos de não encontrarem o vazio no fim da vida e de que essa rede de comunicação terá continuidade na existência incorpórea.

Os ritos da morte comunicam, assimilam e expulsam o impacto que provoca o fantasma do aniquilamento. Os funerais são ao mesmo tempo, em todas as sociedades [...] uma crise, um drama e sua solução: em geral, uma transição do desespero e da angústia ao consolo e à esperança. (RODRIGUES, 2006, pp. 20-21)

Com isso em mente podemos estabelecer que o imaginário age em duas vertentes: concebendo ambientes sagrados destinados à vida espiritual eterna, mas também elaborando resistências à essa passagem, produzindo os símbolos de dor e sofrimento relacionados ao processo de deixar a vida terrena. Assim sendo, mesmo para aqueles atendentes que acreditam na vida em outro plano de existência, o medo e a angústia são imagens que se evidenciam ao se pensar na morte.

Eu acredito, por questões espirituais, que existe vida após a morte, mas é aquele momento que você percebe que não vai mais ter contato com uma pessoa nessa vida, que você não vai poder mais fazer parte da vida dela, ela não vai mais fazer parte da sua vida. Só mesmo nas lembranças e nas memórias que você vai guardar. (Atendente 12)

[...] é sofrimento, é perda para quem fica, dependendo da maneira, se foi uma morte não esperada, não por conta de adoecimento. Por exemplo o suicídio é uma perda muito dramática para quem fica. Eu tenho essa visão de morte como algo ruim, como uma perda, separação. (Atendente 14)

A aversão à morte presente nos discursos dos atendentes reflete o medo que é inerente à condição humana, conforme mostra a maioria dos estudos da psicologia (BECKER, 1973). A visão supostamente natural que se afirma ter sobre o fenômeno do perecimento guarda em si o horror de deixar de existir. Foi o que explicou o psicanalista russo Gregory Zilboorg, para quem o temor da morte raramente se revela na vida cotidiana das pessoas, embora esteja por baixo de todas as aparências, uma vez que se encontra universalmente presente.

Porque por trás da sensação de insegurança diante do perigo, por trás do sentimento de desânimo e depressão, sempre se esconde o medo básico da morte, um medo que sofre elaborações muitíssimo complexas e se manifesta de muitas maneiras indiretas. [...] Ninguém está livre do medo da morte. [...] As neuroses de angústia, os diferentes estados fóbicos, até mesmo um número considerável de estados depressivos suicidas e muitas esquizofrenias demonstram amplamente o sempre presente medo da morte, que se entrelaça com os principais conflitos das condições psicopatológicas dadas. [...] Podemos considerar como ponto pacífico que o medo da morte sempre está presente em nosso funcionamento mental. (ZILBOORG, 1943, apud BECKER, 1973, p.29)

O sociólogo alemão Norbert Elias corrobora essa teoria. De acordo com ele a morte não deveria ser motivo de medo pois quando ocorre não é possível senti-la. O sofrimento real é sentido pelas pessoas doentes, em processo de morrer, que sentem a dor do corpo deixando de funcionar. No entanto, afirma ele, as fantasias que se criam em torno do perecimento - numa clara alusão à atuação do imaginário - geram essa visão assustadora a ponto de a agonia sentida ser similar à dos moribundos. Diz ele que “muitas pessoas [...] vivem secreta ou abertamente em constante terror da morte. O sofrimento causado por essas fantasias e pelo medo da morte que engendram pode ser tão intenso quanto a dor física de um corpo em deterioração”. (ELIAS, 2001, p.41)

É por essa razão que, mesmo para aqueles que afirmam ver a morte com naturalidade, essa imagem da perda, do sentimento de impotência diante dos fatos inevitáveis da existência,

ganha bastante relevância, uma vez que a morte pode ser um acontecimento repentino. Além disso, o processo de morrer, o modo como a morte vai se realizar, também causa preocupação.

[...] a gente realmente ainda tem esse receio... Morte: o que é que eu deixei de fazer? Como vai ficar a família? Então [para] a gente ainda é um pouco assim... inesperado. [...] A gente busca esse consolo através da doutrina e busca entender, mas até a gente internalizar, vivenciar isso, é uma coisa assim... bem diferente. (Atendente 18)

É uma coisa que eu sei que vai acontecer, isso é um fato, eu sei disso, eu tenho consciência disso. A minha preocupação às vezes, eu estou falando de mim mesmo, é o como. É como isso vai acontecer. Mas o fato em si, não. É o que traz assim de imediato, na primeira imagem, é de perda, de coisas que vão e que você não pode segurar. Saiu e você não tem como segurar, como prender, foi... (Atendente 11)

Alegoria comum no imaginário da morte, o espectro de cor enegrecida que vaga pela terra incomodando os vivos também foi uma das imagens citadas durante as entrevistas. “O símbolo do luto é o preto, e a imagem é como se fosse, não propriamente uma caveira, mas de um fantasma preto. A imagem [da morte] que eu tenho é essa” (Atendente 9). A resistência de expressar explicitamente o temor do perecimento, transforma esse terror em perigos sobrenaturais, que só se tornam ameaças reais quando voltamos nossa atenção a elas.

Fazer parte de um ciclo natural da existência corpórea também foi uma das concepções mais citadas pelos atendentes sobre a morte. A ideia de um caminho a ser trilhado com início, meio e fim permeia a mente de muitos deles, porém com a angústia de que ter a ciência de que aquilo no que se acredita - existir ou não uma continuidade da experiência terrena - pode não ser verídico.

É o fim da vida. É o fim da história. É o fim de tudo. De certa forma a morte é uma coisa muito ruim... Mas a morte em si eu vejo como uma coisa natural, se ela for natural... Você chegando na velhice, as etapas da vida... (Atendente 1)

[...] eu aprendi desde cedo que o ser humano nasce, cresce, reproduz e morre: o ciclo natural que todo mundo sabe. Porém morte sempre é um impacto muito grande, a gente nunca está preparado para morrer, sendo que isso pode acontecer a qualquer instante. (Atendente 6)

Essas percepções sobre o fenômeno da morte vão balizar as dinâmicas do imaginário dos atentes acerca do ato suicida. O conflito criado pela incompreensão de um ato volitivo tão radical - que aproxima o indivíduo daquilo que mais causa terror aos que estão ao seu redor - cria posicionamentos, se não violentos, pelo menos contundentes e reticentes. Veremos isso

mais detalhadamente a seguir, quando analisaremos as manifestações imagéticas da morte voluntária nos atendentes.

### 3.9 Um fenômeno polimorfo

O exercício de dar contornos de imagem ao suicídio pareceu uma tarefa bem mais difícil que se podia prever antes do início das entrevistas. Por mais que estejam lidando em seu cotidiano com essa prática, ouvindo argumentos a favor e alegando razões contrárias, os atendentes de um modo geral sentiram dificuldade em conseguir expressar figuras, ícones ou representações cognoscíveis para descrever o suicídio. Embora haja uma tendência do ser humano a se definir como “visual”, a materialização de pensamentos em produtos verbais é um processo cheio de complexidades nem sempre fáceis de ultrapassar.

Desse modo, ao fazermos a pergunta sobre qual a primeira imagem que vinha à mente assim que se falava em suicídio, vimos uma repetição da maioria em atribuir as palavras *dor* (emocional) e *sofrimento*, que já haviam sido as mais citadas quando o tópico discutido era a morte<sup>64</sup>. No entanto, esses sentimentos vieram tonificados por outra palavra também muito citada: o *desespero*. Com isso, observa-se o caráter catastrófico conferido socialmente ao auto aniquilamento.

Nesse mesmo sentido, a *tristeza* e a *angústia* foram “formas” dadas à imagem do suicídio. Aqui se revela como a culpa que recai sobre quem pratica o autocídio deve ser atenuada em virtude de condições psicológicas particulares, pois a morte voluntária só é cometida por quem está em situação de extrema desesperança e pessoas em tais condições não podem ser totalmente responsabilizadas pelas consequências de seus atos.

O produto que resulta dessas impressões é o de calamidade para a vida. O *fim trágico* de quem comete suicídio é atestado nas entrevistas de alguns dos atendentes objetos dessa análise. A tragicidade é explicada pela maneira como o fenômeno afeta a vida das pessoas envolvidas, tanto antes - quando sua possibilidade aflige a vida da pessoa com ideação e seus familiares -, quanto depois do desenlace - quando atormenta e atrapalha o cotidiano dos sobreviventes.

Não obstante, a tendência do ser humano de ser “visual” conseguiu elaborar algumas imagens na mente dos atendentes entrevistados, a maioria relativa aos meios costumeiros da

---

<sup>64</sup> A disposição das imagens, palavras e expressões citadas pelos atendentes e analisadas nesse e no próximo capítulos podem ser conferidas nas tabelas 1 e 2 dos apêndices.

prática do suicídio, como enforcar-se ou saltar de prédios altos. O sentimento de coisas ruins atreladas ao suicídio dá também a impressão de algo pesado, que pressiona a existência dos sobreviventes, como citado pelos entrevistados. Uma das cenas mencionadas nesse quesito foi a de um rinoceronte em queda, um animal robusto que não aguenta o peso de seu próprio corpo e cai.

Buscando os símbolos arquetípicos dessas figuras na classificação de Gilbert Durand poderíamos inserir a maioria no Regime Diurno, o das antíteses, caracterizado pelo maniqueísmo das imagens. A simbologia destacada nesses depoimentos se enquadra entre as categorias nictomórficas (da noite) catamórfica (da queda) e teriomórfica (do bestiário). Vamos analisa-la mais detalhadamente.

Para uma melhor compreensão da abrangência arquetípica dos sentimentos expressados durante as entrevistas, vamos associa-los aos mitos usados para descrever sua existência desde a Antiguidade. A efígie da *dor* e do *sofrimento*, os termos mais citados como imagem do autocídio, são as *algea*<sup>65</sup>, que na mitologia grega eram *daemones* femininos trigêmeas que produziam o sentimento de padecimento nos homens com o intuito de leva-los à morte. Eram filhas de *Éris* (a Discórdia) e netas da Noite, bem como irmãs de uma série de desventuras que afligem os homens, tais como as fadigas, a fome e os homicídios. Em sua *Teogonia*<sup>66</sup>, Hesíodo afirma que as *algea* são responsáveis pelo surgimento de seus irmãos desgraçados.

Depois, a Discórdia odiosa deu à luz [...] as Dores que trazem consigo o Pranto e as Batalhas, as Guerras, os Assassínios, os Massacres, as Querelas, os Enganos, as Falas e as Discussões, a Desordem e o Desvario que andam sempre juntos e o Juramento, que para aos homens que habitam sobre a terra causa a maior das ruínas quando alguém voluntariamente perjura. (HESÍODO, 2005, p. 48)

Cada uma das três é responsável por um tipo específico de sofrimento: *Lupe* era a dor emocional (da vida sentimental), *Ania* era a dor psicológica (do estresse cotidiano) e *Acos* a dor física (das doenças e acidentes). As duas primeiras definições estão mais diretamente ligadas à nossa análise, uma vez que é subjetiva a dor imensurável que as pessoas com ideiação suicida afirmam sentir quando conversam com os atendentes.

O fato do símbolo da dor ser uma múltipla representação feminina é uma reverberação da matriz arquetipal da feminilidade funesta, delimitada por Durand como uma das famílias de

---

<sup>65</sup> Derivado do grego *algos* (άλγος), que significa literalmente “dor”. Esse nome está relacionado com o conhecido sufixo “-algia” que denota, em português, uma condição dolorosa.

<sup>66</sup> Poema épico escrito pelo poeta grego Hesíodo no século VIII A.C. Também é conhecido como Genealogia dos Deuses, uma vez que explica toda a mitologia grega e seus personagens desde a criação do mundo.

simbolismo negativo nictomórfico, que é aquele regido pela noite e suas representações maléficas: as trevas, o escuro, a água negra (quando está parada, como nos lagos), a lua e outros mais. Entre esses símbolos está o sangue menstrual, em um isomorfismo entre a água e lua, uma vez a menstruação era fortemente ligada ao ciclo lunar nas civilizações antigas.

A água negra do isomorfismo nictomórfico, segundo Durand, atribui ao sangue uma simbologia terrível, porque é ele quem determina quando inicia a vida e quando chega a hora da morte. E o sangue menstrual, nessa perspectiva, representa o primeiro relógio humano, que se manifesta através da representação da feminilidade. Por essa razão, todo o esforço empregado na luta contra o tempo cai por terra a cada manifestação menstrual da mulher: a prova de uma luta sem sentido, pois o ciclo temporal continua em vigor e não existe nada que o homem possa fazer para interrompe-lo.

Além do sangue, os cabelos longos - na maioria das vezes atribuídos às mulheres - também se inserem na família de símbolos perniciosos ao ser humano. As ondas dos cabelos ligam-se ao movimento das águas negras, que só se mexem na iminência da revelação de um monstro. As ondas das águas relacionam-se à agitação dos cabelos femininos, em uma alegoria de exposição de um ser das trevas.

Essa simbologia do feminino como manifestação maligna está presente em diversas culturas e foi assim que se estabeleceu como matriz arquetípica de expressão nociva. Na mitologia grega, de onde veio a personificação das dores, a feminilidade foi sempre fundida com a animalidade, como podem ser vistos em diversos mitos, como a Medusa, a Hidra, a Equidna, a Esfinge, as Sereias, as Gréias, etc. Homero, em um de seus poemas épicos mais conhecidos, a *Odisseia*<sup>67</sup>, revela a natureza danosa do feminino desde o início até o final da história.

Não é inútil lembrar que Ulisses se faz atar ao mastro do seu navio para escapar simultaneamente ao laço mortal das Sereias, a Caribde e às mandíbulas armadas de uma tripla fila de dentes do dragão Cila. Estes símbolos são aspecto negativo extremo da fatalidade mais ou menos inquietante que, de resto, Circe, Calipso ou Nausica personificam. Circe, a feiticeira, a meio caminho entre as Sereias e a encantadora Nausica, Circe dos belos cabelos, senhora do canto, dos lobos e dos leões, não é ela que introduz Ulisses nos infernos e lhe permite contemplar a mãe morta, Anticléia? Toda a

---

<sup>67</sup> Poema épico atribuído a Homero, que conta a história de Ulisses (Odisseu, em grego) em sua viagem de volta para casa ao terminar a Guerra de Tróia. Um dos principais heróis do embate, Ulisses leva mais de 17 anos perambulando pelo mar tentando chegar em seu reino, Ítaca, sendo alvo de monstros e entidades sobrenaturais que retardam de vários modos seu progresso.

Odisséia" é uma epopeia da vitória sobre os perigos das ondas e da feminilidade. (DURAND, 1997, p. 105)

Com isso em mente podemos perceber como o arquétipo nefasto da dor - e seu consequente sofrimento - se apoderou do parecer sobre o suicídio dos atendentes, uma vez que foi o mais lembrado entre os citados. É perceptível também como a influência desses símbolos serve em algum nível para minimizar a perturbação causada pelo fato de alguém se predispor a dar cabo de sua própria vida. Uma decisão tomada por influência da dor e do sofrimento nunca poderá ser uma decisão racional, porque envolve a perda do senso de equilíbrio do ser humano.

As imagens da dor e do sofrimento trazem consigo principalmente a ideia de que abrir mão da própria vida nunca é uma opção que traz contento a quem a escolhe. Decidir matar-se (ou entregar-se a morte por outrem) está sempre ligado a algum tipo de insatisfação, mesmo quando a insatisfeita - a priori - não é a própria pessoa.

Aqui não cabe nenhum julgamento [...]. É uma constatação: as pessoas que cometem suicídio, elas estão em sofrimento profundo. Uma prova simples disso é que não se tem notícia de ninguém que tenha cometido suicídio por excesso de felicidade, de alegria, de prazer na vida. Desconhece-se isso. O suicídio sempre existiu na história da humanidade, sempre. Agora, até onde sabe, ele sempre acontece por um descontentamento. Ele pode até ser o suicídio altruísta, como Durkheim já nos ensina. Pode até ser, a pessoa querendo quitar a sua vida porque está dando um trabalho muito grande para outras pessoas e não quer incomodar a esse ponto. Mas a pessoa não está fazendo isso por felicidade, ela está fazendo por tristeza com aquela situação. Dor que aquela situação está trazendo e ela quer libertar os outros daquele sofrimento, daquela dor. (Atendente 13)

Aliado a isso, a dor dos sobreviventes também é incluída nas impressões desse imaginário manifesto. Aqueles que perderam alguém em razão do suicídio possuem questionamentos impossíveis de responder e que vão se traduzir em uma dor que já seria intensa pela morte em si, mas que é multiplicada pelos questionamentos que esse fenômeno costuma deixar naqueles que possuíam ligações afetivas com a pessoa morta.

Dor para quem vai, dor para quem fica. Dores diferentes. Porque quem fica, fica cheio de interrogação. Sobreviventes do suicídio, os familiares, os amigos, ficam se perguntando porque e querem saber. E são necessidades que ninguém pode preencher. Chega alguém diz alguma coisa e tal, mas é algo que é o eu espiritual do outro que é incompreendido: porque você fez isso? (Atendente 17)

Outro aspecto importante que foi observado é como o convívio com os indivíduos que afirmam estar dispostos a cometer suicídio mobiliza os atendentes de modo a tentar compreender suas insatisfações. De um modo geral quem busca atendimento em alguma dessas

instituições está passando por momentos de solidão. Isso se dá em razão das dificuldades em conseguir expressar para o seu círculo de relações pessoais os sentimentos que o levaram a querer acabar com sua vida. O desconsolo ao se dar conta de tal incapacidade potencializa as causas do problema.

O papel de interlocutor escolhido para tal desabafo dá aos atendentes uma percepção de que sua função possui características *sui generis*, no sentido de que eles atuam não apenas como ouvintes e conselheiros, mas como alguém que - ao mesmo tempo em que não deve julgar - consegue encontrar meios que explicam um ato com alto teor de desaprovação social. Isso pode explicar as feições com que o imaginário da dor reveste o suicídio, como uma conduta caracterizada pela falta de discernimento do indivíduo, que perde por completo o autocontrole.

[...] é aquela dor do isolamento. E a gente fica com pena, porque eu imagino a dor dessa pessoa. Ela simplesmente quando chega a pensar no suicídio é como se fosse um curto-circuito mental [...] em que ela perde a noção do medo de tirar a própria vida, de valor da própria vida, da importância da vida dela pra ela mesma e pra família, por exemplo. Então dá um curto-circuito. É uma coisa que a pessoa sai do seu prumo. (Atendente 1)

O aditivo responsável em transformar a dor na pulsão pela morte é o *desespero*, de acordo com os participantes da pesquisa. No imaginário esse sentimento extremo é o que leva ao suicídio. Uma pessoa pode coexistir com sua dor, desde que ela se apresente em níveis suportáveis (levando em consideração que o parâmetro do que é suportável ou não vai depender da maturidade psicológica de cada indivíduo, das dificuldades que já experimentou em sua vivência). As dores do espírito (psicológicas) se formam com os desapontamentos e contrariedades da vida em comunidade e são comuns a qualquer existência. Parece ser improvável que exista alguém que não traga consigo algum tipo de dor, seja pelo fim de um relacionamento ou a morte de alguém querido. No entanto são padecimentos toleráveis, sendo até mesmo necessários para que o processo evolutivo social possa se dar naquele indivíduo que os possui.

Porém, a dor que causa um sofrimento tão intenso que pode levar ao desespero é algo que passou dos limites suportáveis para aquele sujeito, a ponto desse desespero querer levá-lo à morte. Para os atendentes, o desespero citado é algo tão intenso que raramente é possível enxergar meios de apaziguar aquela dor. Existe aí uma confluência com o que afirma o filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard, que se dedicou ao estudo do desespero.

Em seu livro *O desespero humano*<sup>68</sup> (ou *Doença até à morte*), ele afirma que o ser humano é uma síntese de duas instâncias que sempre se relacionam (eterno e finito, liberdade e necessidade, etc.) em um processo dialético, e o desespero seria a manifestação dessa síntese quando ela discorda de si mesma. O resultado de tal síntese é o espírito, o “eu” de cada pessoa, que irá se manifestar doente quando se der conta da responsabilidade que possui consigo mesmo e de sua incapacidade de conter em si todas as instâncias contraditórias necessárias para que o próprio eu apareça. Daí nasce a discordância, que é o desespero, visto por ele como uma doença que segue sempre rumo à morte.

O vigor com o qual esse desespero vai se manifestar, segundo Kierkegaard, depende do quanto o indivíduo possui de consciência sobre o próprio desespero, isto é, a constatação de que se está desesperado proporciona o aumento desse sentimento. Ele explica como se dá essa intensidade utilizando como exemplo nosso objeto de estudo, a morte voluntária.

[...] a intensidade de desespero aumenta com a consciência. Quanto mais, por possuir uma exata ideia do desespero, se desespera, tanto melhor se tem a clara consciência de o ser, tanto melhor se sente a sua intensidade. Quando alguém se mata com a consciência de que matar-se é um ato de desespero, e, portanto, com uma visão exata sobre o que seja o suicídio, é mais desesperado do que matando-se sem saber ao certo que isso significa desespero; pelo contrário, o matar-se tendo uma falsa ideia do suicídio, representa um desespero menos intenso. Por outro lado, quanto mais lucidamente nos conhecemos (consciência do eu) ao suicidar-nos, mais intenso é o nosso desespero, em comparação com o daquele que se suicide num estado de alma indeciso e obscuro. (KIERKEGAARD, 1979, pp.356-357)

A imagem de um desespero inerente ao ser humano, conforme delineada por Kierkegaard, não foi notada nas análises das entrevistas. Porém, a ideia de um sentimento profundo e dotado de grande força é perceptível em diversas falas. O desespero causado pela dor do que se perdeu, ou de algo que nem mesmo se sabe o que é, torna-se o gatilho para a vontade de morrer e suas sequelas, como o isolamento.

Desespero. Falta de esperança. Falta de praticamente... solução para algo que a pessoa está passando. A desesperança em geral. Ela não vê solução para o seu problema, ela não vê saída, ela se percebe estranha nesse meio, no meio das pessoas. Ela se sente totalmente alheia a estar naquele momento ali naquele lugar, naquela situação. (Atendente 5)

[...] no meu período de luto, eu nunca tive vontade de me matar, mas eu tive vontade de morrer. Pela dor que era enorme, gigantesca. Eu passei por momentos de desespero que eu acho que se não fosse a questão da minha fé religiosa e da minha outra filha, eu não sei se eu teria tido outro rumo. Mas eu

---

<sup>68</sup> Publicado originalmente em 1849

só penso no desespero da pessoa no momento, no desespero enorme que ela sente. (Atendente 7)

Embora sigam por caminhos aparentemente distintos, os símbolos e as imagens que foram citados nas entrevistas estão relacionados a essa ideia de atitude desesperada. O *enforcamento* é um exemplo disso. Laçar o pescoço para morrer estrangulado é um dos símbolos que surge entre as imagens citadas como a primeira que vem na mente quando se fala sobre o suicídio.

O arquétipo do enforcamento é um dos mais antigos a se manifestar no imaginário. Está relacionado principalmente ao deus nórdico Odin, por seu sacrifício enforcando-se na árvore que crescia no centro do mundo para conseguir a sabedoria do reino dos mortos. Por essa razão, seus seguidores costumavam enforcar homens e animais como forma de imolação. Vem daí a maior força de sua simbologia, uma vez que os cristãos medievais o transformaram em um ritual satânico, onde pessoas inocentes eram utilizadas como oferenda para um ente diabólico. A própria força passou a ser símbolo de pecado e danação, como mostram alguns artistas do medievo, que “representavam demônios acorados debaixo de sua força esperando para levar sua alma para o inferno pelo duplo pecado de traição e suicídio” (MARTIN, 2012, p. 746)

A corda da força remete também aos símbolos de ligação universal, que podem ser identificados pelos nós, ainda ligados aos movimentos ondulares da água negra das estruturas nictomórficas. O enforcamento nesse sentido seria uma revelação dos atamentos de caráter nocivo, uma vez que, como salienta Durand (1997) - citando Eliade - existe uma conexão etimológica nas palavras ligar e enfeitiçar. Assim fica mais fácil inferir que perder o senso da relevância da vida pelo desespero é similar a ser enfeitiçado e não ter mais controle sobre seus atos. Postura conferida pelos atendentes a quem comete o suicídio. Nos aprofundaremos sobre o arquétipo da força mais à frente.

Já a estrutura arquetipal da queda é outra que ficou exposta na análise realizada nas entrevistas dos participantes. O *salto no vazio* em busca da morte é uma imagem que causa surpresa e espanto, mas faz parte da família de símbolos catamórficos, há muito existente nas mais profundas esferas do imaginário. São símbolos mais visivelmente relacionados aos reflexos da dominante postural. A queda é a primeira experiência que o ser humano possui ao sair do corpo materno durante o parto, quando se é expulso do ambiente seguro e reconfortante do útero, caindo durante o processo, para chegar a um ambiente frio e barulhento, o que leva o bebê a chorar com a nova realidade. Esse é, portanto, símbolo nitidamente de frustração e infelicidade.

Nos pesadelos ou nos devaneios (o sonhar acordado) a queda é sempre vista como um momento aflitivo, o instante que precede a morte. É um símbolo ligado à falta de controle e, portanto, de vulnerabilidade. “Cair no sono” é perder a consciência, “cair no conto do vigário” é ser enganado por alguém, até mesmo se apaixonar é visto como um salto no vazio, quando dizemos “cair de amores” ou a frase famosa, na língua inglesa, *fall in love*. No imaginário religioso o simbolismo é o mesmo. Após perder a guerra angelical Lúcifer foi jogado dos céus e se tornou o anjo caído. A queda (moral) de Adão fez o homem ser expulso do paraíso e se tornar mortal. Na mitologia grega, Ícaro caiu ao tentar chegar perto dos deuses, se aproximando demais do Sol, que fez suas asas de cera derreterem.

A queda é também parâmetro de obediência, utilizado pelas doutrinas religiosas como meio de simbolizar a submissão aos deuses que as guiam. “O orgulho, dizemos nós, precede a queda. A humildade é mais segura. As nossas religiões dizem-nos para cairmos de joelhos ou para o chão da mesquita, reconhecendo poderes maiores que os nossos.” (MARTIN, 2012, p.434)

Por sua personificação de angústia, o símbolo da queda gera evidentes conflitos ao ser inserido no fenômeno do assassinato de si. Se o homem tem procurado fugir do salto rumo ao vazio - pelo resultado iminente de morte, de fim da existência - aqueles que o buscam desvirtuam o comportamento padrão, causando um confronto mental que tende sempre a resultar na criminalização de quem o pratica.

Antes de prosseguirmos nosso diagnóstico com as próximas imagens apontadas na análise de discurso é preciso que nos detenhamos em um fato que pode estar parecendo óbvio. As duas últimas imagens citadas pelos entrevistados, a do enforcado e a do saltador, podem dizer respeito - para além de seus respectivos arquétipos - com a frequência comum de suicídios que ocorrem utilizando esses tipos de recursos. Nos arriscaríamos a dizer que sim, pois a convivência próxima com os casos de morte voluntária deixa suas marcas visivelmente impressas na mente dos atendentes, principalmente com relação a esses dois tipos, excessivamente usuais nos casos registrados em Teresina.

No entanto, o fato de elaborarmos imagens de fenômenos recentes em nosso imaginário não significa dizer que as matrizes arquetípicas similares às daqueles fenômenos foram subjugadas. Longe disso, essas imagens e as impressões que elas conotam são reforçadas pelas estruturas que já estavam presentes na mente de cada indivíduo, sofrendo as transformações sociais que a prática cotidiana traz, consoante o trajeto antropológico já conceituado pela teoria durandiana. Por isso, se existem muitas ocorrências de suicídio por enforcamento ou com

peessoas se precipitando de lugares altos, esses casos vão sim influenciar em elaborações mentais de estruturas imaginárias recentes, mas essas estruturas novas remeterão imediatamente aos símbolos da força e da queda, já presentes nas bases arcaicas do sistema imaginário.

A metáfora de uma pessoa *sem saída* para designar a morte auto infligida também foi utilizada bastante nas entrevistas. O indivíduo preso em um espaço do qual não sabe - ou afirma não querer - escapar é um símbolo que também conota contrariedade. A prisão é um ambiente mentalmente insalubre, que o homem busca evitar desde o momento em que nasce. A liberdade de agir, de ir para onde se quer, de pensar da forma que se deseja é o objetivo de qualquer ser humano e estar confinado em um lugar sem saída é torturante.

A designação *sem saída* pode estar ligada à duas estruturas arquetípicas. A primeira delas é a prisão propriamente dita. Lugar de grande desesperança, a prisão representa o encarceramento do espírito, o confinamento da psique. Configura também um castigo a alguma ofensa cometida contra alguém, ou contra si mesmo. Essa prisão pode ser materializada por diversos fenômenos, sendo qualquer coisa que nos prenda a algo - uma vontade, um comportamento, alguém - sem a possibilidade de escape. Ficar sem saída nesse sentido da prisão significa não ter para onde ir, chegar no limite de si mesmo.

A segunda estrutura a qual podemos relacionar o termo *sem saída* é a que simboliza o labirinto. Complexo grandioso criado para confundir, o labirinto tem vários caminhos que levam a lugar nenhum, são trilhas sem saída. Sua forma convoluta é encontrada facilmente na natureza, desde as conchas dos caracóis até o movimento das serpentes. Durand salienta a representação imagética do labirinto como estrutura teriomórfica, ao reforçar sua forma ziguezagueante com o sistema digestivo de uma fera (as bestas mitológicas, como o dragão), iniciando em sua boca e fazendo todo o percurso intestinal até chegar ao ânus. É um labirinto angustiante e repulsivo, que salienta o caráter pessimista dessa ordenação mental. De todo modo, existe uma forma de escapar dali, pois a alegoria labiríntica exprime dualidade quando se expressa através do imaginário.

A natureza essencialmente dupla e paradoxal do labirinto é circular e linear, simples e complexa, histórica e temporal. Contida num espaço compacto, uma comprida e difícil via dá constantemente meia volta, levando indiretamente a um misterioso centro. Do interior, a vista é extremamente restrita e confusa, enquanto de cima descobre-se uma arte e uma ordem supremas. Assim, o labirinto encarna simultaneamente a confusão e a clareza, a multiplicidade e a unidade, o aprisionamento e a liberdade, o caos e a ordem. (MARTIN, 2012, p.714)

Embora seja uma marca da dualidade, existe apenas uma única opção para se chegar ao corredor com a saída correta do labirinto e somente aqueles que são merecedores - seres especiais - conseguem esse feito. Quando se atribui a sina de alguém que está com ideação suicida à percepção de que ela está traçando um caminho confuso, mas que pode ser desvendado, mostra-se um fio de esperança de que aquele indivíduo ainda possa ser salvo, mas para isso ele precisa mostrar ser um sujeito notável.

Também está entre as imagens citadas nas entrevistas o comportamento de *alguém que não se vê com uma corda no pescoço*. É uma frase que pode ser remetida ao simbolismo da criatura cega. Não apenas a cegueira física, da visão ocular, mas especialmente a cegueira mental, a incapacidade de ver ações que correm aos olhos. A cegueira como representação de um indivíduo impedido de enxergar situações obscuras faz parte da família dos símbolos espetaculares, segundo a classificação durandiana. São símbolos que se dirigem à luz e imediatamente opostos às imagens nictomórficas. A cegueira se enquadra aí por ser a anulação da capacidade do olho de receber a luz, em um isomorfismo com os esquemas simbólicos da noite macabra. O olho simboliza a capacidade humana de vislumbrar a criação e agir para transformá-la e a cegueira a transcendência da visão física, a porta de entrada ao desenvolvimento dos sentidos e espiritualidade mais apurados.

Por outro lado, a cegueira também pode ser encarada como “uma metáfora para a falta de habilidade de ver a verdade espiritual e moral” (O’CONNELL, 2016, p.155). Nessa versão, a cegueira personifica a dissolução das aptidões de percepção do homem que, mesmo possuindo olhos que podem enxergar, não consegue ver o que importa para sua existência. É uma falta de visão subjetiva, mas que traz consequências sérias para a vida de seu portador.

No contexto do suicídio, e seguindo as manifestações imaginárias dos participantes da pesquisa, a cegueira inibe a censura que deveria existir quando se pensa em dar fim à própria vida. Concebendo até o parecer de que aquela ação não causará dano algum. Como afirma um dos atendentes ao aludir uma das conversas com uma pessoa com ideação suicida.

A imagem de suicídio é que ele [acredita que] não morre, que ele não se vê nem com uma corda no pescoço. Ele está em pé, por exemplo, e ele vai. A imagem é essa, que um suicida descreve para mim. “Eu não vou sentir naquele momento dor [...] eu vou direto”. (Atendente 9)

A pessoa com ideação suicida, nesse caso, se cerca de uma cegueira conveniente às suas aspirações. Pretende dar cabo de sua vida e para isso precisa se fazer acreditar que não vai sentir nada ao praticar o ato. Sua compreensão de como as coisas deveriam ser sobrepõe-se

ao que realmente são. Ao manifestar sua cegueira voluntária, desperta gatilhos simbólicos que revelam arcaicas imagens arquetípicas em seu interlocutor.

Uma das imagens citadas pelos atendentes entrevistados nos direciona para a família dos símbolos teriomórficos, o do bestiário. O atendente fala de um animal selvagem, robusto e sempre associado à força e à coragem: o rinoceronte. Para ele, a perda do vigor desse avantajado animal tem correspondência com a ideação suicida.

É como se fosse um rinoceronte caído no chão, como se tivesse desistido. Um animal forte, um animal robusto, mas numa posição muito vulnerável, como se tivesse cedido, como se tivesse desistido de prosseguir. (Atendente 4)

Um *rinoceronte caído* possui grande conteúdo simbólico. O rinoceronte é um animal que possui em si pouca simbologia, mas que pode ser atrelado a duas figuras cheias de significados arquetípicos. Uma delas, pela corpulência, é o elefante. No geral, elefantes possuem duas epítomes, a da majestade gigante que reina de forma suave, e a da destruição colossal. Ambas as acepções podem ser atribuídas ao rinoceronte. Se por um lado ele pode representar a grandiosidade do ser poderoso que consegue abrir todos os caminhos e ainda assim ser pacato (a ponto de ser herbívoro), por outro representa a truculência, a desordem emocional e comportamental. É um paradigma da dificuldade que as pessoas possuem em saber lidar com a grandiosidade de seus sentimentos que podem fugir ao controle em momentos de raiva, angústia e sofrimento.

Outro ser que pode ser vinculado ao rinoceronte é o unicórnio. O chifre grande no meio da cabeça fez surgir diversas lendas quando os homens da Antiguidade tiveram contato pela primeira vez com esses animais, ao começarem a viajar com mais frequência para a África e Ásia, de onde são nativos. Daí surgiu o reforço do mito do unicórnio e sua relação com o rinoceronte. Na simbologia, surge como arquétipo de pureza e bondade, e de personificação do mundo espiritual na Terra. Possui grande agilidade e não pode ser capturado vivo, a não ser quando atraído por uma mulher virgem (de pureza similar à dele), que o engana para que o caçador possa pegá-lo. O unicórnio é a transfiguração da bondade e virtuosidade.

Nesse sentido, o arquétipo mobilizado ao se referir ao rinoceronte é o de resgate da dignidade da pessoa com ideação suicida. A valorização dele enquanto pessoa íntegra e vigorosa, que possui força extrema para conseguir se sustentar diante do peso mental que carrega com suas dores. A robustez do rinoceronte é a mesma da vontade de resistir do suicida.

E seu tombo não deveria ser visto como a queda de um ser fragilizado com medo de encarar os desafios, mas de um organismo potente que só tombou por não aguentar mais seu próprio peso.

### **3.10 As manifestações arquetipais da sensorialidade**

Por se constituir a partir das percepções fisiológicas dos seres humanos com base em suas práticas sociais, o imaginário possui vínculo estreito com o sistema sensorial do corpo. Os discernimentos que fazemos através das nossas sensações corporais são a chave para a produção de símbolos que conduzem nossas práticas. A visão costuma se destacar em razão da facilidade de identificação imagética dos objetos, porém os outros sentidos, além de também se constituírem como símbolos, ainda reforçam ícones que constituem o imaginário, unindo domínios sensoriais diferentes.

Nesse sentido, procuramos estimular o as reações sinestésicas dos corpos dos entrevistados, inserindo em nosso inquérito uma questão que pedia a conexão dos sentidos com a memória do fenômeno da morte voluntária. A questão instava o entrevistado a dizer qual a cor, o cheiro ou o som que remete ao suicídio, com o objetivo de ter uma amplitude maior do modo como o imaginário dessa prática se apresenta para os atendentes.

Como já ressaltamos, é indiscutível a predominância do sentido da visão na atividade humana. Não é à toa que os pensadores dessa instância psicológica tratam como esfera imaginativa o âmbito psíquico que serve como qualificador primordial das criações do pensamento. O próprio complexo cerebral age por meio das imagens, outorgando cenas e retratos às sensações causadas pelos outros sentidos: o cheiro do bolo de milho remete à fazenda dos avós onde se passava as férias na quando criança, o som do riso de uma criança à infância dos filhos e assim por diante. Aquilo que é visual sempre sobressai na vida humana, por isso as cores foram inseridas nesse quesito, já que, sozinhas, possuem grande simbolismo.

Os outros dois itens inquiridos, o som e o cheiro, tiveram poucas variações, sendo - na maioria das vezes - deixados sem respostas. Tomamos essa circunstância como resultado da dificuldade em conseguir, de forma consciente, associar a audição e o olfato à formação da memória de longo prazo. Não obstante, os fundamentos teóricos de Gilbert Durand não especificam arquétipos para as sensações, pois dão destaque para as formas. Nesse sentido, trabalharemos sua classificação de acordo com os símbolos que mais se aproximarem dos resultados que encontrarmos em nossas análises.

### 3.11 Colorido com a cor da amargura

Por mais que seja considerado um tipo extremamente trágico de morte, o suicídio possui muitas referências às construções imaginárias do perecimento comum. A associação com as cores da morte é uma delas e por isso a cor mais citada durante as entrevistas foi o *preto*. Não apenas o preto do sofrimento, mas aquele que se endereça diretamente ao plano sombrio, à ausência de iluminação, à escuridão (que veremos mais adiante quando falarmos dos símbolos atribuídos pelos atendentes ao auto homicídio).

O preto traz consigo a visão da tristeza pela morte. Durante o luto é socialmente proibido ver cores que possam trazer arroubos de alegria. Somente a infelicidade da ausência de cor é consentida. É sujo e asqueroso como as úlceras e os corpos em putrefação. Traz o mau agouro, como os gatos pretos e personifica a maldição, como as galinhas pretas e os pássaros dos rituais de magia negra. Representa a ruptura dolorosa, porém necessária com vistas a um bem maior, para si ou para os outros. E é também a cor da sobriedade, presente nas vestimentas dos magistrados, bem como da nobreza de reinos orientais, como dos califados muçulmanos. Na classificação durandiana, a cor negra se encontra principalmente associada aos lúgubres símbolos nictomórficos (que revelam maior aproximação com os depoimentos colhidos nesta pesquisa), mas também se associa a outras famílias, em especial do Regime Noturno.

Opositor imediato do branco benevolente, puro e iluminado, o preto representa também a ausência de iluminação, pois, segundo o cânone científico, é a materialização da absorção de toda a luz, não deixando escapar nenhuma cor e trazendo a escuridão. É essa a imagem que os entrevistados demonstraram possuir ao destacar o preto como a cor que representa o autocídio.

O suicídio me remete à falta de cor. Porque enquanto a vida tem cor, enquanto eu consigo perceber o brilho da luz, as cores da natureza, a minha vida ainda tem sentido, mas quando eu olho para o Sol e não estou nem aí se ele está brilhando; passo pelo jardim, tudo lindo, cheio de flores, até aroma tem, e eu nem percebo; quando meu lar, meus familiares vão perdendo a importância para mim; essa vida vai perdendo o colorido, vai perdendo a graça e eu vou fechando dentro de mim, apagando algumas coisas, que para mim é a treva, é o medo e o preto é ausência de cor. É nesse sentido que eu falo, [...] você perde o brilho, a vida perde a cor, e a gente termina achando que a vida perdeu a graça. (Atendente 17)

Diante do sentimento de morbidez, [existe uma cor] sim. É uma cor escura, porque é uma ausência total de luz. Luz que eu digo é entendimento. É uma ausência total quando a pessoa não vê nenhuma perspectiva, ou seja, é como se ela tivesse trancada num ambiente escuro, hermeticamente fechado. Então aquele ambiente escuro ele não tem sol, ele não é arejado, ele é fechado [...] e ele é totalmente escuro. As paredes podem ser coloridas como houverem, mas

a pessoa não tem essa percepção porque a escuridão está aqui dentro.  
(Atendente 10)

O destaque da cor preta evidencia as impressões que a morte auto infligida constrói no inconsciente humano. O pavor causado com as possíveis consequências desse ato reflete na fabricação de cenas obscuras, que se desvelam como punições para pecadores. O preto evoca o caos, o nada, o céu da noite sem luar tomada pelas nuvens, o escuro pavoroso e o espaço de castigo dos errantes. É a cor dos corpos medievais amaldiçoados por abdicarem do dom da vida.

Por outro lado, como todo símbolo, o preto apresenta variações de significado que complementam e podem até mesmo se opor às descrições anteriores. Dito isto, vemos que mesmo salientando as mazelas do além-mundo, também pode representar suas benesses, trazendo consigo inferências dúbias.

O preto abrange os terrores e as belezas do submundo e os seus tenebrosos recintos de cura e de iniciação. As divindades “pretas” são ambíguas, ctônicas e decisivas. Os forjadores de metais divinos são pretos devido à fuligem das forjas vulcânicas das profundezas criativas do ardor da mente. O solo escuro de Kali, a Negra, absorve o sangue do sacrifício e de massacre da natureza e alimenta a semente do regresso. Maria Negra, Ísis, Perséfone, Ártemis, Hécate possuem o útero preto da misteriosa escuridão e da lua nova.  
(MARTIN, 2012, p.658)

Aliado ao preto como uma das cores mais citadas está o *cinza*. Esta é, por excelência, a cor mais ligada aos sentimentos de tristeza. O cinza é um ícone das sensações sombrias, sempre interpretado como algo sem atrativos, pobre de valor. E é justamente por possuir essas características que, semanticamente, possui extenso valor no campo da simbologia. O acinzentado traduz um meio-termo entre o preto e o branco, a euforia e a angústia, o prazer e o terror, representando a falta de emoção e o desinteresse pela vida.

É o cinza que domina a mente das pessoas que passam por estados depressivos e aumenta o fardo de quem a possui e pensa em suicídio. Essa, que sempre foi uma teoria especulada e poeticamente popularizada, encontrou respaldo em estudo realizado por pesquisadores alemães, que concluíram que pacientes diagnosticados com depressão - em razão de alterações neuroquímicas - não conseguem perceber de forma apurada as tonalidades das cores, levando-as a ver o mundo em tons de cinza (BUBL, 2010). É uma descoberta que revela que a carga carregada na psique se transforma em indisposição fisiológica, dificultando ainda mais a caminhada no sentido inverso e dando escopo biológico à negatividade do cinza. Como resume um dos atendentes: “Cor, cinza. Geralmente quando vem essa pergunta [sobre o suicídio] eu vejo algo muito cinzento, sabe? Um cinza pesado” (Atendente 11).

O cinzento atribuído pelos atendentes ao suicídio é a cor da falta de interesse pelo mundo. O fascínio que se espera ter pelos acontecimentos que experimentamos no dia a dia com as outras pessoas ou na interação com a natureza, se extingue. Não sobra nada além de um grande vazio, um espaço que está deixando de ter cor. Nesse sentido, o acinzentado é a moderação destruidora, que diminui o ímpeto essencial à manutenção da existência.

O cinzento evoca “chumbo” saturnino e os estados de espírito que o cinzento transmite: tristeza, inércia, melancolia, indiferença ou tédio. [...] Para a personalidade direcionada para fora, que procura excitação e o estímulo, o cinzento representa tudo o que é opressivo e limitador. Num discurso de 1899, Theodore Roosevelt proclamou “É muito melhor arriscar grandes coisas, alcançar triunfos gloriosos, mesmo arriscando a derrota, do que permanecer com os pobres de espírito que não gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem a penumbra cinzenta que não conhece nem vitória nem derrota”. (MARTIN, 2012, p.662)

A diferença com relação ao preto é que no cinzento a cor da vida não se extinguiu por completo ao ponto de causar desespero pela falta de visão, há apenas o esmaecimento do colorido, que não chega a causar medo, bem como não exorta a sentir alegria. O que resta é apenas a monotonia.

Cinza no imaginário de que as coisas estão entre o preto e o branco, entre a totalidade de cores e ausência de cores. Uma coisa que tudo para de ter colorido, de ter graça, de ter pinceladas emocionais, enfim. É difícil de descrever essa sensação, [...] nessa coisa de que nada mais faz sentido. Até sair da cama não faz nenhum sentido para mim, para a minha vida. A dor que eu chego... A dor existencial, a dor psicológica [...] Aí a gente vê os casos de automutilação, de implicação de uma dor física, para que a dor física faça esquecer a dor psicológica. É uma coisa muito cinza, sim. Não há colorido de nada. (Atendente 15)

Os símbolos cristãos trazem o cinza como a cor da ressurreição dos mortos. Diversas pinturas medievais mostram Cristo utilizando uma capa acinzentada nas representações do Juízo Final<sup>69</sup>, quando ocorrerá o julgamento das almas. Nas estruturas psíquicas de Durand, o cinza se apresenta em diversos pontos, como resultado da queima do fogo na incineração de archotes indicando eufemizações de ritos sacrificiais - abstração que se conecta com nosso objeto de estudo.

Em coerência com as impressões já descritas, a cor *violeta* está entre as mencionadas nas entrevistas. Também indicada pelos entrevistados como *roxo* (e conhecida largamente

---

<sup>69</sup> Na escatologia cristã, o Juízo Final representa o dia do julgamento de todas as almas. Esse evento será precedido pela volta de Jesus Cristo e pela ressurreição dos mortos. Deus irá julgar todas as almas de acordo com o que fizeram em suas vidas e sua aceitação ou não de Cristo como o Salvador.

como púrpura), ela pode espelhar dinamicidade e esplendor e possui vínculo com o plano intuitivo e o desenvolvimento do espírito. O violeta é considerado como o símbolo máximo da alquimia, por indicar uma "transusão espiritual", que significa o poder de influência de um homem sobre outro, através da persuasão oral, da dominação ou até mesmo da mágica.

Durante muito tempo foi associada à nobreza da China e às divindades de seu povo. No império romano, durante algum tempo, seu uso era permitido somente aos nobres. Na cultura popular é conhecida por ser a última cor do arco-íris. Nesse sentido, tem a representatividade de marcar o fim de tudo o que se conhece, a última etapa antes do desconhecido. Vem daí sua ligação com os estados terminais dos indivíduos, que estão às portas da morte. A feição mágica da cor violeta direciona seu simbolismo até a transmigração da alma.

O dogma da transmigração das almas ou da reencarnação parece estar claramente expresso nesta camada. Basta lembrar que na Grécia clássica o ato de derramar líquido de um copo para outro é tomado como sinônimo de metempsicose. Saliente-se que a alquimia, e mais geralmente a doutrina hermética, repousa no esquema da troca perpétua entre o céu e a terra pelo mecanismo de evolução, ou ascensão, seguida por involução ou nova descida. É, em outras palavras, o ciclo periódico de renovação, já que a morte e a sublimação são seguidas de renascimento ou reencarnação<sup>70</sup>. (CHEVALIER, 1986, p.1074)

Essa conexão com a reencarnação - e, portanto, com a imortalidade - mostra como o violeta possui grande significância na formação do imaginário. Representa a evolução mística, a chegada da maturidade psíquica e mostra o calor, a intensidade, ação e a paixão do indivíduo. Virtudes essenciais para a existência no outro plano. Gilbert Durand coloca o violeta como complementar do preto em sua classificação arquetípica, assimilando-o à coloração da água negra e a simbologia da noite escura.

Embora esteja ficando em desuso como emblema mortuário na atualidade, essa cor ainda possui força no imaginário do tema aqui estudado. A morte voluntária traz nos depoimentos dos atendentes uma conotação de fenômeno espiritual muito grande. Pode-se inferir daí a associação dela ao luto do roxo e não ao preto tradicional. “Antigamente tinha aquelas coisas do luto. Me remete a isso aí. Aquelas roupas roxas. [...] Então, quando vem o suicídio eu lembro essas cores, cores escuras, roxas”. (Atendente 3)

---

<sup>70</sup> El dogma de la transmigración de las almas o de la reencarnación parece expresado en esta lámina de manera evidente. Basta con recordar que en la Grecia clásica el acto de verter de un vaso a otro se toma como sinónimo de la metempsicosis. Señalemos que la alquimia, y de manera más general la doctrina hermética, descansa sobre el esquema del intercambio perpetuo entre cielo y tierra por el mecanismo de la evolución, o ascensión, seguido de la involución, o nuevo descenso. Es, en otras palabras, el ciclo del renuevo periódico, puesto que la muerte y la sublimación van seguidas del renacimiento o de la reencarnación.

A última das cores referenciada nos discursos dos pesquisados foi o *amarelo*. Esta é uma cor com um nível maior de dificuldade para compreensão de seu significado arquetípico, uma vez que, diferente das outras, não possui uma tendência simbólica majoritária. Antes de tudo possui a forte conexão com o Sol e toda representação vital que ele confere através de sua luminosidade vinda do céu. Além disso, une-se também à metáfora do ouro, a representação das dádivas solares na Terra: o ouro é luz dourada e através dela é possível chegar aos deuses.

O amarelo também tem forte ligação com a degradação da vida. “Envelhecer é amarelecer: o papel dos livros antigos e as folhas das árvores de Outono, os dentes dos animais e dos humanos velhos” (MARTIN, 2012, p.644). As primeiras civilizações orientais viam o amarelo como a cor dos mananciais subterrâneos que conduzem ao reino dos mortos. Essa cor formava juntamente com o preto o caldo primordial do caos e deu origem à Terra, por isso sua associação com o chão, onde os corpos são enterrados com vistas a que o espírito alcance a vida eterna no outro plano.

Essa presença do amarelo no mundo ctônico, sob o pretexto de eternidade introduz [...] o aspecto simbólico desta cor, seu aspecto terreno. De fato, o amarelo triunfa sobre a terra com o verão e o outono: é a cor das espigas de milho maduras que se erguem sobre a terra e a cor desta quando perde seu manto viçoso. Anuncia então o declínio, a velhice, a aproximação da morte. No limite, o amarelo chega a substituir o preto<sup>71</sup>. (CHEVALIER, 1986, p.88)

Durand traz o amarelo atrelado à aurora e ao ouro, na concepção da união da esfera humana com os deuses. Está inserido entre os símbolos espetaculares (da luminosidade da inteligência dos homens e da sabedoria divina), portanto, para ele, a ideia que essa cor venha a possuir negatividade é muito vaga.

No entanto, no estudo exposto, quando se conecta a um ato polêmico como o suicídio, o amarelo se reveste de uma outra face bastante conhecida na América do Sul, a covardia. Ficar amarelo de medo é uma expressão comum, bem como o “amarelou”, que é autoexplicativo em qualquer frase de uma conversa. Ao se levar em consideração a pecha atrelada aos suicidas, de que são covardes que não conseguem enfrentar seus problemas, essa cor tem um realce bastante significativo.

---

<sup>71</sup> Esta presencia del amarillo en el mundo ctónico, bajo pretexto de eternidad, introduce el segundo aspecto simbólico de este color, su aspecto terreno. En efecto el amarillo triunfa sobre la tierra con el verano y el otoño: es el color de las espigas maduras que se inclinan hacia la tierra y el color de esta misma cuando ha perdido su manto de verdor. Anuncia entonces la declinación, la vejez, el acercamiento a la muerte. En el límite, el amarillo llega a substituir el negro.

No entanto, na menção feita pelo atendente durante a entrevista, o amarelo possuía conteúdo leve, denotando confiança e perspectivas positivas.

A cor primeira que vem é o amarelo, por conta até mesmo das campanhas que existem, nessa questão mesmo da Esperança de vida que a pessoa tem que ter, que por mais que tudo parece embaraçoso, ainda existe vida ali. E enquanto existir vida tem jeito. (Atendente 12)

Além do sentimento de esperança, de tentar desanexar da morte voluntária toda a carga negativa que a acompanha, podemos conferir a essa concepção a familiaridade do atendente com as campanhas de prevenção ao suicídio, que todos os anos são intensificadas durante o mês de setembro. Esse aumento das ações e orientações é conhecido por Setembro Amarelo, que - por seu nome sugestivo - poderia ter influenciado no momento da resposta. No entanto, a denominação da campanha, que surgiu em 2003, possui razões de criação<sup>72</sup> distantes da simbologia que já detalhamos aqui, tendendo meramente à casualidade. Por essa razão, observamos que o depoimento se inclina a reproduzir a ideia de que as pessoas com ideação suicida podem encontrar ajuda para superar seus problemas, já que o amarelo nesse campo representa as perspectivas de um futuro em paz.

### 3.12 O cheiro acre da putrefação

A memória olfativa costuma ser pouco usada conscientemente pelos seres humanos. Apesar da imensidão de aromas que sentimos em todos os momentos da nossa vida, não nos damos conta das relações que fazemos entre eles e os fatos em que estamos inseridos. No entanto, o inconsciente está a todo momento registrando essas informações e guardando-as no repositório do nosso imaginário. Portanto, esses cheiros também se envolvem na criação dos símbolos que conduzem nossas práticas sociais.

Das perguntas feitas durante a entrevista a que pedia a atribuição de um cheiro ao suicídio foi a que menos respostas obtive. Ainda assim, as interpretações dos poucos elementos citados convergem para as percepções que levantamos até aqui, de uma visão essencialmente negativa da morte voluntária. O *cheiro fétido* foi um dos mais mencionados, embora sem relação específica com algum tipo de substância ou fenômeno. Para tentarmos compreender de

---

<sup>72</sup> A campanha acontece nesse mês por causa da determinação da Associação Internacional para a Prevenção do Suicídio (IASP, na sigla em inglês) em colocar o dia mundial da prevenção no dia 10 de setembro. A data foi escolhida em razão do suicídio aos 17 anos do jovem estadunidense Mike Emme, em 1994. Mike tinha conseguido restaurar sozinho um carro modelo Mustang, que pintou todo de amarelo. Esse carro foi usado para seu suicídio. No dia do funeral, amigos distribuíram muitos cartões com fitas amarelas orientando às pessoas que procurassem ajuda se estivessem pensando em suicídio. Os cartões ganharam grande popularidade e se espalharam pelo país. A fita amarela que vinha com eles se tornou o símbolo da prevenção do suicídio. (DELGADO, 2019)

forma mais ampla como esse fedor se conecta com nosso objeto de estudo vamos aproxima-lo de arquétipos mais tangíveis. Na natureza os cheiros ruins estão primeiramente associados ao podre, àquilo que já extinguiu seu tempo de vida útil e, portanto, não nos serve mais. A fedentina é um aviso natural de que aquela coisa pode ser prejudicial e de que devemos nos manter longe. Sua materialização como símbolo se dá através de um dos processos mais caros e temíveis aos homens: a decomposição.

Ao ser desprendido de sua consciência, de seu espírito, o corpo fica desamparado, perde seus movimentos, sua autonomia e é entregue ao decurso de desmonte de suas partes. Já não é mais relevante. Sua desintegração ocorre por meio de um processo desapiedado. A estrutura orgânica vai aos poucos morrendo e liberando composições malcheirosas, odores acres, que despertam repugnância, humilhação e lembram aos que permanecem vivos qual é o seu destino. Nesse processo, a matéria biológica também serve como alimento para outras criaturas. Vermes e insetos utilizam o corpo como fonte de alimento próprio e de sua prole, deixando-o repleto de larvas. Daí surge um significado simbólico complementar ao do fim da jornada e da fragilidade do homem, o do renascimento. A morte chega já oferecendo meio para o surgimento de uma nova vida. E o ciclo reinicia.

Como arquétipo primordial, a decomposição é símbolo de ciclicidade e aparece no processo de eufemização da realidade e do embate contra a temporalidade nos esquemas do Regime Noturno. Durand afirma que a função fantástica da imaginação age no sentido de tentar melhorar o mundo para a atuação do ser humano e cria subterfúgios para impedir percepções chocantes. “Luta contra a podridão, exorcismo da morte e da decomposição temporal, é assim que nos parece, no seu conjunto, a função eufêmica da imaginação” (DURAND, 1997, p. 406).

O cheiro fétido da matéria putrefata tem vínculo indissociável de qualquer tipo de morte. No entanto, ao ser relacionada com o suicídio, ele ganha aportes que se direcionam novamente à ideia do castigo dado aos suicidas. “[...] seria um cheiro fétido, um cheiro ruim. Porque realmente a ausência de luz nos leva para lugares psíquicos terríveis” (Atendente 13). O obscurantismo do cheiro ruim associado à morte intencional revela também o entorpecimento, a dificuldade em sentir outros odores que não os desagradáveis, como o do *mofo*, também relacionado ao processo de decomposição

Então, [a pessoa com ideação suicida] não sente cheiro, quer dizer... e sente, porque tudo é mórbido. Pode sentir um cheiro do Chanel número 5, mas não tem sentido. É o cheiro de morte. [...] No suicídio, porque que a gente está vendo aqui como o clímax do adoecimento mental, [...] o cheiro é de mofo, é fétido, o belo se torna obscuro[...]. (Atendente 10)

O macabro evidenciado nessa fala diz respeito à iminência da perdição, quando o suicida abre mão de sua vida e se torna um delinquente espiritual. É uma maneira branda de anunciar essa realidade. É válido observar que esses depoimentos mostram que - embora a simbologia da decomposição como fonte de renovação e renascimento faça parte das matrizes arquetípicas - com a transformação comportamental diante da morte vista nos últimos séculos, passando a ser vista como um interdito, esse símbolo possa ter ganhado significação derivada e bastante peculiar, remetendo à desgraça humana e ao horror que ela desperta.

Mais fiel ao simbolismo dominante da decomposição pode estar a iconografia do *cheiro ácido*, outro que foi mencionado nas entrevistas. O ácido possui odor acre, extremamente desagradável e que possui relação bem próxima com o enxofre. O escritor francês Antoine-Joseph Pernety estabelece essa relação em seu tratado sobre os símbolos da alquimia. De acordo com ele, o ácido é o “ouro filosófico, enxofre dos sábios, e o ensinamento nascido do vermelho<sup>73</sup>” (PERNETY, 1993, p.27). O enxofre tem estreita ligação com o fogo secreto dos rituais alquímicos que, entre muitas facetas, podia ser extremamente fétido, em uma representação das profundezas do mundo. Sua estrutura arquetipal o une ao do cheiro ruim da decomposição. Além disso, o ácido está ligado também à bÍlis, o odor - e sabor - pestilento produzido pelo próprio corpo na regurgitação. O vômito tem significado daquilo que não pode mais ser contido e que precisa ser eliminado para que a evolução possa ocorrer.

O *sangue* é uma das substâncias com maior identificação com a morte e faz parte do conjunto de cheiros que permeia o imaginário dos entrevistados. Citar o cheiro de sangue costuma ser um ato extremamente emblemático, uma vez que seu odor é muito brando, quase imperceptível aos narizes humanos. Diante disso, percebe-se que a simbologia do sangue se faz presente de modo robusto nesse vínculo com a morte voluntária. O sangue é a vida, afirma Chevallier (1986), e está desde o início dos tempos no centro dos rituais de comunicação entre os deuses e humanos.

Todo o material líquido que os antigos sacrificaram aos mortos, aos espÍritos e aos deuses (leite, mel, vinho) eram imagens ou antecedentes de sangue, o presente mais precioso, fornecido nas culturas clássicas pelo sacrifício do cordeiro, do porco e do touro, e nas asiáticas, africanas e americanas por sacrifícios humanos (assim como na Europa pré-histórica). O ditado dos árabes "o sangue correu, o perigo passou" expressa resumidamente a ideia central de todo sacrifício: a oferenda apazigua os poderes e distancia as maiores punições que poderiam acontecer. (CIRLOT, 1992, p.399)

---

<sup>73</sup> “Oro filosófico, Azufre de los Sabios, e el Magisterio llevado al rojo”.

Aliado a isso, o sangue possui uma relação intrínseca com a cor vermelha (que veremos mais adiante) e com a menstruação, mais uma vez estabelecendo relação com a imagem da feminilidade nefasta da teoria durandiana. Seu vínculo com o auto aniquilamento vem da imagem de verter o sangue sagrado, fonte de vida em uma prática repugnante, tal qual nos causa asco a cena de um vampira sugando um ser humano.

Destoando das representações odoríferas que já demonstramos, com visíveis valores nocivos, o *lírio* se destacou como imagem citada nas entrevistas. O lírio é uma flor presente em quase todo o mundo e - por sua beleza - possui significado icônico positivo ou de neutralidade ante os fatos ruins, ao evocar uma imagem receptiva, sem se deixar contagiar por desejos ou aspirações pessoais. Está predominantemente ligado a cores claras, como o branco, e por isso faz parte dos símbolos espetaculares na estrutura durandiana, que remetem ao paraíso terrestre no oriente brilhante. Também está unido à imagem de Jesus Cristo, de acordo com as interpretações místicas do século II (CHEVALIER, 1986), vinculada à árvore da vida, plantada no paraíso.

Contudo, o lírio também pode representar a hipocrisia dos homens, que se escondem sob máscaras aparentemente imaculadas para conseguir alcançar seus objetivos. “[...] a brancura do lírio não é perfeita. Em inglês existe a expressão, “lily white” [branco como o lírio], que pode significar um caráter irrepreensível e sem mácula, mas também pode indicar aquilo que, enganadoramente, não tem sombra”. (MARTIN, 2012, p. 156).

Na complexidade que exista para definir o cheiro que remete ao suicídio foi aludido também a *falta de cheiro*, ou o *insípido*. A insipidez diz respeito à ausência de sabor, não ao cheiro, o que revela também a conexão umbilical do olfato com o paladar. De todo modo, a insipidez ou, no caso, o inodoro, remete ao vazio, ao nada. O nada é um estado de indiferença, que se encontra no meio das possibilidades de sim e de não. É um espaço não preenchido que, em sânscrito, significa vazio, ou zero. Na Idade Média, o zero foi relacionado a trabalhos demoníacos, que trazia terror à criação de Deus. Vincula-se aos símbolos da queda por sua associação com o vazio do abismo. O insípido ou o inodoro ligado ao suicídio revela falta de perspectiva, de desencanto com a vida que nada mais tem a oferecer e, portanto, já não vale mais a pena ser vivida.

### 3.13 Um grito estridente

Se o suicídio tem disposição a ser considerado uma morte carregada de angústia e desespero, essa tendência vem acompanhada de suas variantes comportamentais. Ao pedirmos a identificação do som que sintetiza a morte auto infligida, os barulhos referenciados pelos entrevistados foram canalizados de sentimentos que retratam dor e aflição. E mesmo aqueles que pretendem significar mais sobriedade ou resiliência, também se enquadram no cenário de choque frente ao ato cometido.

Imagem mais comum do desespero, o *grito* foi o comportamento mais citado nesse quesito. Revela um significado primordial, pois é o primeiro som que o ser humano emite ao nascer. Envolvido em choro de insatisfação e medo, esse primeiro grito humano se reverbera pela vida, ganhando conotações diferentes, de dores, ameaças, espantos, alívios, alegrias etc. O grito em si é uma representação do terror do desconhecido, pelo fato de chegar antes da materialização visual do perigo. Bachelard (1996), lembra que o som possui maior força que a visão, sendo o ouvido mais sensível que os olhos.

Durand insere o grito entre os símbolos nictomórficos, associando-o ao negrume da boca, de onde sai apenas o barulho e se é incapaz de enxergar o que está além. A boca é a metáfora da caverna escura e “[...] a obscuridade é amplificadora do barulho, é ressonância. As trevas da caverna retêm nelas o grunhido do urso e o respirar dos monstros” (DURAND, 1997, p.92). O *som estridente* também mencionado com relação ao grito pode ser associado à voz feminina ou da criança e ao simbolismo da fragilidade, bem como do feminino maligno.

Como vimos, na iconografia do grito está inserido ainda o *choro*, conduta também citada entre as referências sonoras que sugerem o autocídio, também vinculado à metáfora do buraco escuro da simbologia nictomórfica. Além do som e do soluço, o choro traz consigo as lágrimas. Estas, representam a purificação do corpo de sentimentos ruins que acometem os seres humanos. É ícone da pureza e do arrependimento, mas também das experiências dolorosas e situações sem solução aparente, estabelecendo aí sua conexão emblemática com o assassinato de si.

O *eco* é outro atributo relacionado ao grito que foi citado. Sua raiz como símbolo está na mitologia grega, onde era uma das ninfas que habitavam a Beócia e - conhecida por sua tagarelice - foi convocada por Zeus para distrair sua esposa, Hera, enquanto ele dava seus passeios amorosos. Ao descobrir a artimanha, Hera condena Eco a repetir somente o final das frases que lhe diziam, impedindo-a de voltar a conversar. Eco então se apaixona por Narciso,

mas não consegue estabelecer diálogo nem ser compreendida e, triste por ter sido rejeitada por ele, isola-se, indo habitar o meio de florestas densas e o fundo das cavernas. Com o tempo, definha e se transforma em rocha (BRANDÃO, 1987). A iconografia de Eco está relacionada à regressão, à repetição e à passividade, tendo vinculação com a simbologia analisada do suicídio na direção em que pode apontar pedidos subjetivos de ajuda, nem sempre perceptíveis ou compreensíveis. Na classificação de Durand pode ser inserida na família dos símbolos femininos que introduziram o mal no mundo. No sentido da reverberação de uma mensagem de alguém que cometeu suicídio, o eco se relaciona com a *gravação da voz*, símbolo moderno que também foi citado como som referente a essa prática.

Ao mesmo tempo em que uns veem o grito como a personificação sonora do suicídio, outros veem nessa prática um ritual sem sons. O *silêncio*, do qual o grito é oposto mais evidente, representa o início e o fim de um processo. Antes da existência, ele estava lá, bem como estará quando tudo deixar de existir. Representa transcendência e o caminho para encontrar a fonte de todo o bem para os seres vivos, uma vez que é através dele que os homens conseguem se conectar com as forças divinas que possuem essas respostas.

A representação negativa do som pode ser identificada pela incapacidade dos envolvidos com o suicídio de perceberem as músicas da existência, tal qual ocorre com as impressões acerca das cores e o cinza. Nesse sentido, essa simbologia leva ao “[...] som do silêncio, da ausência de sensações” (Atendente 15). Seguindo essa linha, o silêncio se enquadra - pelos mesmos motivos que o vazio - na família dos símbolos catamórficos.

Por outro lado, é possível perceber alguma imprecisão nas referências ao silêncio, em uma possível confusão com o mutismo. “E o som é o silêncio. O silêncio de quem não conseguiu ir adiante” (Atendente 14). A ausência de som se mostra presente nesse contexto especialmente pelo interdito que o autocídio levanta. Matar-se requer discrição, esconder suas intenções de modo a não permitir que alguém as perceba e crie impedimentos. Daí não provém o silêncio, mas o mutismo, o calar-se. São manifestações distintas e até mesmo antagônicas.

O silêncio é um prelúdio da abertura à revelação, o mutismo é o encerramento da revelação, seja por causa da recusa em recebê-lo e transmiti-lo, seja como uma punição por tê-lo entrelaçado com o tumulto de gestos e paixões. O silêncio abre uma passagem, o mutismo a corta. [...] O silêncio envolve grandes eventos, o silêncio os esconde; um dá às coisas grandeza e majestade: o outro despreza e degrada-os. Um marca um progresso, o outro é uma regressão<sup>74</sup>. (CHEVALLIER, 1986, p.947)

---

<sup>74</sup> El silencio es un preludio de apertura a la revelación, el mutismo es el cierre a la revelación, sea por rechazo a recibirla y a transmitirla, o sea como castigo por haberla enredado con el alboroto de gestos y pasiones. El silencio

### 3.14 Feições de monstros noturnos

Além das impressões particulares que os atendentes demonstram ter sobre a morte voluntária, a pesquisa tentou inquiri-los no sentido de mostrar como ele percebe a reação da comunidade diante desse fato. Queríamos algo que o entrevistado acreditasse que pudesse representar o suicídio não apenas para si, mas que fosse reconhecido socialmente como um ícone dessa prática. Algo que contivesse em si todo o conteúdo relatado anteriormente por ele. A ideia era conseguir que eles elaborassem um símbolo universal para o autocídio que, na prática, revelaria mais de suas convicções sobre o fenômeno.

O mais citado foi a *forca*, que já analisamos anteriormente. No entanto, antes de prosseguirmos, é importante ressaltar que esse é o símbolo que se expressa com maior intensidade no imaginário do suicídio, principalmente por ter sido a forma que foi vista com mais frequência em várias partes do mundo. Como afirma um dos participantes. “Todo suicídio eu lembro de uma imagem da forca. Não sei se é pela maioria dos suicídios serem dessa forma, mas é o símbolo que me vem, uma corda. Quando me vem o suicídio, [eu penso em] uma forca” (Atendente 3). Possui também essa relação intrínseca com a *corda*, outro arquétipo citado que está presente nas bases mais profundas do imaginário, sob a forma do fio. Os fios representam linhas de orientação em labirintos, significando direcionamento no caminho dos homens. Corporificado na corda, o fio atua como um limite entre o sagrado e o profano e seus nós, que amarram e prendem, revelam a coercitividade social e divina que, na desobediência, pode resultar no laço da forca.

É um arquétipo dos mais influentes no imaginário. Está presente nas cartas do tarô, com um indivíduo suspenso na forca pela perna, representando a desgraça e a impotência do homem que, quando submetido a uma paixão ou desilusão não tem consciência de que se tornou escravo dela. É uma metáfora do sujeito que se entrega às suas próprias vontades ao ponto de acreditar que somente elas são verdadeiras.

A situação do enforcado é interpretada com a ideia que ele não vive a vida deste mundo, mas vive em um sonho de idealismo místico, sustentado por uma estranha forca que é representada pela cor amarela para indicar que seu material é de luz condensada, isto é, o pensamento fixo. Com isto quer se dizer

---

abre un pasaje, el mutismo lo corta. Según las tradiciones hubo un silencio antes de la creación; habrá silencio al fin de los tiempos. El silencio envuelve los grandes acontecimientos, el mutismo los esconde; el uno da a las cosas grandeza y majestad: el otro las desprecia y las degrada. El uno marca un progreso, el otro una regresión.

que o enforcado se curva à sua própria doutrina à qual se une ao ponto de pendurar toda a sua pessoa<sup>75</sup>. (CIRLOT, 1992, p.59)

Além da forca, outros métodos de consumação do suicídio foram visualizados como possíveis símbolos gerais desse ato. Os objetos ou substâncias utilizadas como instrumentos para a morte voluntária de forma mais comum são, além da forca, a *lâmina da navalha* e as substâncias tóxicas - ou *veneno*. A iconografia da navalha direciona para a ideia de sublimidade, de romper barreiras e ingressar em outro plano de existência, seja inferior ou superior ao que se está. É um símbolo de busca pela sagacidade pois o fio da navalha atua como a lâmina que corta a linha que mantém o homem em seu ambiente de proteção, colocando em situações que exigem perícia e sabedoria.

O veneno é um símbolo majoritariamente obscuro. Representa tudo o que ingerimos como nocivo e funesto. As toxinas da mordida da cobra, da picada da aranha, do toque do sapo são letais e cabe ao homem estar atento a aparição desses seres que trazem malignidade. Por outro lado, há também a representação de defesa agressiva do veneno, que pode liquidar os inimigos e proteger a presa. A designação de sua toxicidade está em todo lugar, pois “todas as substâncias são veneno, observou Paracelso, o médico e alquimista do século XV, o que faz a diferença no seu efeito é a dosagem” (MARTIN, 2012, p.740).

Juntamente com a forca, a *cruz* foi outro arquétipo mencionado que tem relação com calvário, com suplício. Apesar disso, possui um valor simbólico extremamente amplo, servindo como metáfora de síntese, de medida e de orientação. Age como condutora dos homens, balizando o caminho correto na direção de Deus e da eternidade concedida por ele. Por isso é também um símbolo ascensional: as cruzes antigas eram representadas por uma árvore que simbolizava o itinerário que deveria ser seguido pelos homens, com as raízes no inferno e o seu vértice servindo como o trono celestial.

A cruz também tem atuação como a conjunção de contrários. Representa ao mesmo tempo os opostos positivo e negativo, vida e morte, claro e escuro, ascensão e queda. “Em um sentido simbólico e ideal, ser crucificado é viver a essência do antagonismo básico que constitui a existência, sua dor agonizante, seu cruzamento de possibilidades e impossibilidades, de construção e destruição” (Ibid, pp.155-156).

---

<sup>75</sup> Se interpreta la situación del ahorcado diciendo que no vive la vida de esta tierra, pero vive en un sueño de idealismo místico, sostenido por una extraña horca que se representa de color amarillo para indicar que su materia es de luz condensada, es decir, el pensamiento fijado. Con esta expresión se dice que el ahorcado pende de su propia doctrina a la que se liga al extremo de colgar de ella toda su persona.

A correlação estabelecida com o auto aniquilamento aponta para outro tipo de simbolismo da cruz, que ganhou força com a ascensão do cristianismo nos últimos dois mil anos: o de martírio, de suplício. O cumprimento da pena de morte de Jesus de Nazaré deu à cruz conotações mais trágicas nas interpretações imaginárias. A dor excruciante que se prolongou por horas até o momento de sua morte, passou a ser vista como paradigma da dor emocional sentida pelas pessoas em estados depressivos ou com distúrbios mentais, como a ideação suicida.

[O símbolo do suicídio é] uma cruz mesmo. O sofrimento da pessoa. Como Cristo quando estava vivo e todo aquele sofrimento demorado. E muitas vezes as pessoas se suicidam e estão ali... Não é uma coisa de uma hora para outra, é como Cristo sofreu também... E as pessoas vão sufocando. E às vezes querem tirar a forca e não conseguem. (Atendente 1)

O sofrimento de Cristo na cruz possui uma representatividade maior com relação ao suicídio uma vez que sua morte também foi voluntária. A crucificação de Jesus de Nazaré reflete um auto sacrifício que redime a humanidade e serve como expiação para seus pecados: a ligação com o divino foi restabelecida graças à sua imolação. Por ser a manifestação do divino na terra, Cristo teve garantida sua redenção na cruz. O mesmo não ocorre com as outras pessoas. Para os demais indivíduos, a cruz simboliza uma morte cheia de tormento e aflição, repleta de tensão psíquica (MARTIN, 2012).

Assemelhando-se ao simbolismo da cruz está a *fita cruzada do Setembro Amarelo*. Na verdade, o ícone da campanha do Setembro Amarelo significa um laço<sup>76</sup> (que representaria o simbolismo da união, do comprometimento, da obrigação com um propósito), mas foi aludido pelo atendente como um cruzamento, um sinal de duelo.

Eu gosto daquele símbolo, ele me remete bem, o símbolo do Setembro Amarelo, a fitinha. Não pelo formato [...] mas você percebe naquele símbolo que ele vai e ele cruza. Então o conflito que ser humano fica consigo mesmo na hora: eu quero viver, não quero viver, porque não viver, não sirvo mais para viver. Remete bem àquele símbolo. (Atendente 9)

Essa ponderação que remete a fita ao conflito interno do ser humano, une a iconografia da cruz, com a da guerra e do guerreiro. Nesta, o simbolismo alude a mudanças significativas

---

<sup>76</sup> Os laços são usados como símbolos de campanhas contra diversos problemas e conscientização pelo mundo inteiro. Começaram a ser utilizados na década de 90, na cor vermelha, pelos ativistas que combatiam a AIDS. Atualmente possuem grande representatividade visual, como o rosa (ícone da luta contra o câncer de mama) e o azul claro (de combate ao abuso sexual de crianças). A tradição do laço possui duas explicações: uma delas é que os laços honravam os soldados estadunidenses mortos na Guerra do Golfo, a outra é que as mulheres irlandesas colocavam laços vermelhos na fachada da casa quando seus maridos marinheiros morriam em combate.

que ocorrem na vida e como nos posicionamos com relação a elas. A guerra sempre traz alterações - sejam positivas ou negativas - e sempre cria uma tensão no guerreiro, que vacila antes de agir por não ter certeza para onde suas ações vão lhe levar. O guerreiro se vê sempre prestes a entrar em terreno inimigo disposto a abdicar da sua vida se for necessário, porém nunca tem certeza se sua lealdade à causa que defende é inquestionável.

O aspecto acinzentado voltou a ser mencionado pelos atendentes neste tópico. A sentença *uma cor cinza com rosto triste* foi utilizada com imagem que simboliza o suicídio e possui confluência com a expressão *algo bem triste*, também usada. Como as significações da cor cinza (de monotonia e falta de interesse pelas coisas do mundo) no contexto das percepções dos atendentes com relação ao auto homicídio já foram debatidas anteriormente, vejamos agora o simbolismo do que é tido como triste.

Tal qual a dor, a tristeza possui um epítome feminino. Sua personificação era Oizus, *daemon* que representa também a angústia e a miséria. Filha da Noite, é irmã gêmea de Momo - o sarcasmo e a fraude - e não possui um pai. Também é vista como a irmã mais nova de Hemera - a luz do dia. Nesse sentido, a tristeza é o oposto da iluminação, surgindo quando as trevas se apresentam, ao mesmo tempo que possui existência baseada em impressões falseadas da vida, dada sua ligação umbilical com Momo. Também voltamos a destacar o arquétipo da feminilidade danosa que está ligada às dores que acometem os homens.

O cinzento volta a aparecer na locução *quadro pintado com cores cinzas bem densas, bem escuras*. Aqui temos similaridade com a imagem da *pintura feita de carvão*, pois ambas seguem para a mesma iconografia: a da escuridão. Embora o simbolismo do carvão seja voltado para o fogo, a iluminação e o vermelho, seu uso nessa expressão se dá como instrumento para a pintura de um quadro em preto e branco, onde é responsável pelos tons mais escuros, tais qual o cinza denso mencionado na frase anterior

A escuridão pode se revelar como o início de tudo, o princípio que gerou o caos, de onde se separaram a criação luminosa das trevas. Nesse sentido, não representa negatividade, mas a matéria da gênese, fonte de toda a energia existente. Porém, sua iconografia está mais atrelada à ausência de luz, de domínio do negrume que envolve os seres vivos deixando-os sem enxergar, onde somente a luz pode salva-los das ameaças. “Seria uma coisa muito densa... Uma pintura, um quadro bem pesado em cores, principalmente de cores muito cinzas, muito escuras... E é engraçado, eu não vejo coisas vermelhas, eu vejo assim com essas coisas cores bem escuras mesmo” (Atendente 11).

Nessa perspectiva, o suicídio não possui cores vivas, enérgicas, como o vermelho. Ele está envolto em escuridão e, no máximo, possui a apatia do cinza. Diferente da escuridão anterior à criação, o negrume que chegou ao mundo é pernicioso e prejudica o homem. É ele que envolve os corações dos suicidas e não permite que eles vejam além. “A escuridão projetada no mundo subsequente ao aparecimento da luz é regressiva; portanto, é tradicionalmente identificada com o princípio do mal e com as forças inferiores não sublimadas<sup>77</sup>” (CIRLOT, 1992, p.344).

Imagem que atenua um pouco essa visão sombria - mas não tanto - é a de uma *flor vermelha* como símbolo do suicídio. A imagem pode ter surgido a partir de suas conexões com os rituais fúnebres, conforme explica o atendente, que afirma não ter certeza de onde surgiu sua elaboração.

[...] pensando agora me veio à mente uma flor vermelha. Eu nunca tinha pensado nisso, mas quando você falou me veio à mente uma flor vermelha. [...] Não sei se é porque eu assimilei ao fato de que quando a gente vê um velório a pessoa joga uma rosa... Veio isso na minha mente no momento em que você falou (Atendente 7).

A iconografia das flores é bastante variada, cada uma delas possui seu próprio significado, mas em geral a flor tem símbolo positivo, remete à delicadeza, perfeição e pureza. Já a rosa - mesmo também englobando esses conceitos - guarda em si uma significância mais ampla, refletindo também atributos espinhosos que despertam a ideia de agressividade, em particular quando se leva em consideração sua cor vermelha. O vermelho é a cor da paixão e da sensualidade. É também emblema do status elevado. Na Roma da Antiguidade, estava ligado às famílias nobres, representando riqueza, posição elevada e honra. Essas impressões foram transportadas para o mundo atual e o vermelho ainda tem ar de nobreza.

O vermelho é a cor que mais possui vinculação com a simbologia da vida. Os corpos onde o sangue pulsa estão vivos, ao contrário, se ele é derramado a vida se esvai. Foi tido primordialmente como a cor do fogo e do sangue, e vem daí sua afinidade com a morte. Possui forte associação com o preto, que é tido como seu complementar opositor do eixo norte-sul (Terra e submundo) no plano espiritual: o preto reveste os mundos inferiores onde, ao se manifestar, o vermelho se destaca livremente. É o fogo primordial de onde surgiu toda a vida,

---

<sup>77</sup> [...] la oscuridad proyectada en el mundo ulterior a la aparición de la luz es regresiva; por ello se identifica tradicionalmente con el principio del mal y con las fuerzas inferiores no sublimadas.

e para onde ela vai voltar. Nas tribos primitivas essa conexão do vermelho com o sangue do início da vida era utilizada em rituais de iniciação, como na antiga Frígia<sup>78</sup>.

[...] os iniciados nos mistérios da deusa Cibele eram deixados em um fosso, onde recebiam o sangue de um touro ou de um carneiro, que ficava sobre uma grade em cima do fosso e era ritualmente sacrificado sobre eles, enquanto uma serpente ia beber diretamente na ferida da oferenda. [...] Nas ilhas Fiji, em um ritual análogo, se mostrava aos jovens uma fileira de homens aparentemente mortos, cobertos de sangue com o corpo aberto e as vísceras à mostra. Mas a um grito do sacerdote os supostos mortos se erguiam e corriam ao rio para limparem-se do sangue e das vísceras de porco que com se haviam coberto<sup>79</sup>. (CHEVALIER, 1986, p.888)

A alusão da flor (uma rosa) vermelha ao suicídio remete à ideia de um procedimento difícil, espinhento, cercado de proibições, que leva inevitavelmente a um novo patamar, uma área desconhecida e perigosa, mas que envolve fragilidade e receio, que conota vulnerabilidade dos envolvidos.

Também com significado positivo e ligada à cor vermelha, a ave mítica *fênix*, está entre os símbolos relacionados. No mito, a fênix é uma ave com poderes mágicos e penugem dourada como o Sol, representando a iluminação divina sobre o ser humano. Não se alimenta de flores, frutos ou pequenos animais, como outras aves, mas de incenso e raízes odoríferas - num indicativo de que a alimentação espiritual é importante para o autoconhecimento do homem - e depois de viver quinhentos anos, constrói no alto de uma palmeira uma pira onde coloca cinamomo, nardo e mirra. Depois se posiciona sobre a pira e “morre, exalando seu último suspiro entre os aromas. Do corpo da ave surge uma jovem fênix, destinada a viver tanto quanto sua antecessora” (BULFINCH, 2006, p.295).

Durante a Idade Média, a fênix foi vista como um ícone da imortalidade de Jesus Cristo, que também morreu para alcançar uma nova vida. A representação da fênix junto ao fenômeno do suicídio é afirmativa. Contém em si a ideia de que podemos sobreviver às diversas mortes que nos acometem a cada instante, às quais chamamos de decepções.

Símbolo de proteção e poder, *a mão* está entre os elencados pelos atendentes durante as entrevistas. Sua iconografia se estabelece através da ideia de que foi o instrumento utilizado pelos deuses de várias religiões para a criação da existência, assim como dá ao homem a

<sup>78</sup> A Frígia existiu onde hoje está o território da Turquia

<sup>79</sup> [...] los iniciados a los misterios de Cibeles habían bajado a un foso donde recibían sobre el cuerpo la sangre de un toro o de un morueco, situado sobre una reja encima del foso y ritualmente sacrificado encima de ellos, mientras que una serpiente iba a beber directamente de la herida de la víctima. [...] En las islas Fidji, en un ritual análogo, se les mostraba a los jóvenes «una hilera de hombres aparentemente muertos, cubiertos de sangre, con el cuerpo abierto y saliéndoseles las entrañas. Pero a un grito del sacerdote los pretendidos muertos se erguían de pie y corrían al río para limpiarse de la sangre y de las entrañas de cerdo con las que se les había cubierto.

habilidade necessária para realizar tarefas e conseguir sua autonomia no mundo. A potência presente na mão é percebida pelas expressões relativas a ela: ser “tocado pela mão de Deus” significa receber bênçãos espirituais, não escapar à “mão forte da Justiça” quer dizer sofrer as consequências pelos atos errados. “Uma mão lava a outra”, “a mão que afaga é a mesma que apedreja” e “dar uma mão” são ditos que expressam toda a relevância da mão no imaginário

A eficácia, a diligência, a adaptação e a auto expressão são algumas das significações da mão em seu vasto campo semântico. O etnomusicólogo alemão Marius Scheneider, conferiu às mãos um poder extraordinário “por ser a manifestação corporal do estado interior do ser humano [pois] ela indica a atitude do espírito quando este não se manifesta pela via acústica<sup>80</sup>” (SCHENEIDER, Apud CIRLOT, 1992, p.296)

Sua significação ante o suicídio parece estar relacionada ao aspecto divino de salvação ou condenação. A civilização judaico-cristã enxerga na mão de Deus a totalidade de seu poderio, como exprimem diversas figuras que mostram apenas a mão saindo das nuvens para dar graças, com a mão direita, ou amaldiçoar, com a mão esquerda. Por serem pessoas que estão diretamente lidando com a possibilidade de ajudar quem está com ideiação suicida, os atendentes podem sofrer a influência do arquétipo da mão, tanto no sentido de que é preciso dar suporte a essas pessoas, quanto no sentido de reforçar a relevância de sua atividade.

Ao analisarmos todos esses símbolos sob a perspectiva dos conceitos de Gilbert Durand percebemos o aparecimento de signos do Regime Noturno, que são o veneno e sua representação ofídica - pertencente à família dos símbolos cíclicos -, a cruz e sua significação da união dos contrários - da família dos esquemas rítmicos - e a flor, com a iconografia da penetração viva e do engolimento sexual - relativa à simbologia da inversão. Segundo Durand, essas são constelações responsáveis pela união e harmonização das tensões psíquicas causadas pelo medo da morte. Os símbolos do Regime Noturno fazem parte de esquemas que eufemizam os monstros (representação do tempo) que afligem nossa existência.

Porém, a maioria das imagens citadas fazem parte do Regime Diurno, o da eterna luta entre a luz e as trevas: a força (com simbolismo do atador fúnebre e nefasto), a tristeza (feminilidade nociva) e escuridão (substância maléfica da noite) da constelação dos símbolos nictomórficos; a lâmina (gládio, espada) da constelação diairética, a do herói; a fênix (iluminação, renascimento) da constelação dos símbolos espetaculares; e a mão (postura

---

<sup>80</sup> por ser la manifestación corporal del estado interior del ser humano [pues] ella indica la actitud del espíritu cuando éste no se manifiesta por la vía acústica.

vertical, autonomia) dos símbolos ascensionais. As imagens presentes no Regime Diurno possuem significação mais fácil de ser percebida, uma vez que estão sempre girando ao redor da disputa “luz-trevas”. São monstros criados para representar tempo e as formas elaboradas para derrota-los, e fica explícito na fala dos atendentes o medo da destruição da existência que está representada na prática do suicídio.

É evidente que a interpretação de um conjunto tão complexo de signos não pode ser exata. Em especial porque as aproximações realizadas aqui fazem parte de um esforço subjetivo de analisar discursos tão subjetivos quanto. Aliado a isso, ainda há a ambiguidade de significações presentes nos próprios arquétipos, sempre apontando diversos caminhos a seguir. No entanto, pelas similaridades encontradas nesses discursos e a confluência das opiniões, parece ser factível acreditar que existem sim matrizes arquetípicas que direcionam o comportamento humano frente a esse fenômeno tão controverso. Nesse sentido, como forma de tentar reforçar os resultados de nossas hipóteses submetemos os pesquisados a uma segunda etapa de pesquisa, que veremos a seguir.

## CAPÍTULO 4 – AS MÁSCARAS DA MORTE POR SUICÍDIO: Entre imagens de dúvidas e de culpa

A análise de conteúdo realizada entre os atendentes nos permitiu ter um panorama mais vasto sobre a simbologia que se manifesta em suas perspectivas sobre o suicídio. Além das imagens que já foram examinadas, elencamos também as palavras e as expressões mais reproduzidas nessas entrevistas pois, assim como realizado com as imagens e símbolos, era nossa intenção avaliar o nível de interposição do imaginário sobre essa postura através dos vocábulos e sentenças mais utilizados.

Novamente os resultados conduzem a uma percepção dos pesquisados de que o auto aniquilamento só ocorre em condições de intensa manifestação emocional, sendo esta circunstância a responsável pela compreensão de que é necessário dar um termo à vida. Assim, as palavras mais utilizadas foram outra vez *dor*, *sofrimento* e *desespero*, em consonância com as imagens mentais formuladas que expomos anteriormente. Também confluem para essa percepção, as expressões *não vê saída*, *não achou caminhos para continuar* e *não vê luz no fim do túnel*, que estão no topo da lista das mais repetidas.

A desaprovação do ato também ficou evidenciada nas respostas, porém no sentido de que é preciso ser leniente com seus praticantes, uma vez que palavra *perdão* foi uma das mais citadas, de acordo com a análise de discurso. É um indício robusto de que a perspectiva dos atendentes inclui um elevado nível de condescendência com as atitudes das pessoas que se mataram ou tentaram se matar. Isso fica mais evidente quando se leva em consideração que os termos *fraco* e *vulnerável* aparecem com a mesma incidência de citação, bem como as locuções *estado de perturbação*, *não pode fazer juízo de valor* e *fundo do poço*. Nesse panorama, as fragilidades que resultam das doenças mentais das pessoas com ideação suicida criam condições prejudiciais e as deixam mais expostas a cometerem tal feito condenável. Mesmo existindo culpa em cometer esse ato, ela é atenuada pela situação difícil que levou àquilo.

O juízo que se faz socialmente sobre os indivíduos desse segmento também ficou evidente na fala dos atendentes. *Julgamento*, *impacto*, *culpa* e *estigma* foram termos recorrentes nas entrevistas. Somam-se a eles as sentenças *a pior das pessoas* e *antecipar uma situação*. O parecer dos pares da comunidade em que vivem é frequentemente motivo de grande angústia para aqueles com ideação suicida, por isso sendo motivo de intenso debate entre eles e os

atendentes durante as sessões. Nada mais natural, portanto, que esse seja um aspecto tão frequente nos discursos destes.

Embora esse estigma social esteja cravejado de impressões e condutas religiosas, o aspecto sagrado não ficou entre os destaques nos discursos analisados com relação a esse tópico. Termos como *prece*, *pecado*, *escuridão* e *inferno* foram citados, do mesmo modo que as expressões *depois da morte vem o juízo* e *Deus pesa os motivos*, mas não com a mesma frequência dos anteriores. No entanto, pela relevância que possuem na construção do psiquismo, as concepções religiosas estão fragmentadas nas palavras e expressões usadas em outros campos semânticos. É possível perceber isso ao examinar o contexto utilizado dessas palavras e locuções nas entrevistas das quais foram destacadas.

A variedade grande de manifestações arquetipais que foram detectados na análise de discurso dos pesquisados pode ter relação com a pluralidade de atividades exercidas por eles, que são na maioria voluntários. São pessoas de diversas áreas de atuação social, como artistas visuais, assistentes sociais, economistas, teólogos e, claro, psicólogos e psiquiatras. Com origens em áreas tão distintas, poderia se pressupor que a maioria escolheu atuar como atendente dessas entidades de combate à ideação suicida. No entanto não foi o que se constatou com o grupo pesquisado, no qual apenas 35% afirmou ter ingressado nesse ramo de forma programada. Operar nesse segmento como obra do acaso se deu principalmente com os funcionários do poder público, que após serem aprovados em concurso não têm ideia de onde vão trabalhar. Porém, são muitos os atendentes que planejaram exercer serviços voluntários, mas não imaginaram lidar com uma questão tão complexa. “A ideia era essa, de fazer algo, [...] ajudar de alguma maneira. Mas não era esse o objetivo. De pensar ‘vou fazer isso com as pessoas que estão pensando em cometer suicídio’. Não, não foi por aí” (Atendente 11).

Todavia, a despeito de ter ou não escolhido atuar na área, o fato de lidar diariamente com essa situação faz com que esses atendentes passem a enxergar o suicídio de modo diferente do que viam antes e esse foi um dos motes para a realização desse estudo. Nossa hipótese era de que os atendentes que lidam frequentemente com pessoas com ideação suicida acabam transformando suas opiniões, que são moldadas por influência do imaginário, adquirindo um grau maior de tolerância que os demais membros de sua comunidade. Isso porque ao serem expostos às histórias pessoais de cada um dos postulantes ao auto homicídio, supostamente seu envolvimento os impele a ser mais condescendentes com essa prática.

No entanto, basear essa indulgência analisando apenas os atendentes poderia nos induzir a uma avaliação parcial, pois nossa base comparativa comportamental seria apenas a do nosso

conhecimento empírico enquanto membros participantes de determinada comunidade. Como forma de tentar contrapor minimamente essas posturas, realizamos visitas a velórios em Teresina, cujos mortos haviam sido vítimas do suicídio. Nosso objetivo foi colher impressões sobre a morte voluntária daqueles que vivenciam esse fenômeno de perto, ou seja, familiares, amigos e conhecidos, os círculos mais próximos da pessoa morta.

No entanto, justamente pelo estigma sofrido pelos familiares em razão do tabu do suicídio, a observação desses ambientes durante os ritos fúnebres foi realizada de forma encoberta. A estratégia foi se inserir nos velórios e apenas observar as discussões e expressões corporais e gestuais dos participantes de modo a construir os perfis de postura ante a morte voluntária no momento em que essa morte se manifesta de forma mais intensa. Embora seja um método legítimo, regularizado pelo Conselho Nacional de Saúde devido sua relevância para os avanços científicos - consoante ressaltado na introdução deste trabalho, onde explicamos o procedimento metodológico -, a pesquisa encoberta gera hesitação na comunidade científica, principalmente por ser um procedimento que impede que haja o consentimento dos pesquisados. O argumento utilizado é que a falta de consentimento traz riscos potenciais para os participantes quando da divulgação da pesquisa.

O sociólogo inglês Paul Spicker (2011) afirma que isso não torna menos válida a pesquisa encoberta, uma vez que o pesquisador está sempre preso às suas responsabilidades, independentemente do nível de consentimento que o pesquisado conferiu a ele. Como reforço, menciona um trecho da resolução da Associação de Antropologistas do Reino Unido (ASA na sigla em inglês), onde está reiterado o fato de que “o consentimento dos sujeitos não isenta os antropólogos de sua obrigação de proteger os participantes da pesquisa, tanto quanto possível, contra os efeitos potencialmente prejudiciais da pesquisa<sup>81</sup>” (ASA, 1999, apud SPICKER, 2011, p.126). Por isso, afirma Spicker, o dever de sigilo de uma pesquisa encoberta é a mesma de qualquer outra, pois “existe a obrigação de considerar salvaguardas apropriadas para proteger participantes, sujeitos e outros de consequências indesejáveis. Se uma pesquisa encoberta é realizada, ela está sujeita a tais salvaguardas<sup>82</sup>” (Ibid, p.127).

A observação encoberta realizada foi do tipo passiva (GIVEN, 2008) pois não houve interação verbal com as pessoas presentes e as impressões foram colhidas a partir das conversas entre os indivíduos presentes a respeito do auto homicídio da vítima. Esse tipo de observação

---

<sup>81</sup> Consent from subjects does not absolve anthropologists from their obligation to protect research participants as far as possible against the potentially harmful effects of research.

<sup>82</sup> There is an obligation to consider appropriate safeguards to protect participants, subjects and others from undesirable consequences. If covert research is undertaken, it is subject to such safeguards.

costuma ser taxada de limitada por prejudicar os resultados finais, uma vez que “as notas de campo devem ser preparadas a partir da memória, após o pesquisador ter saído do campo e, portanto, estão sujeitas a erros de omissão e recordações imprecisas<sup>83</sup>” (Ibid, pag. 133). Porém não se verificou tal adversidade durante essa pesquisa em razão do auxílio tecnológico, uma vez que as anotações foram realizadas por meio do smartphone e o aparelho era largamente utilizado pelos participantes das cerimônias - incluindo os parentes da pessoa morta - não sendo, por isso, estranho o seu emprego por parte desse pesquisador enquanto participava dos rituais de exéquias.

A participação nesses velórios estava condicionada ao surgimento de notícias a respeito de mortes desse tipo no decorrer da realização da pesquisa. Ao longo desse tempo (entre os anos de 2017 e 2018), tive o conhecimento imediato<sup>84</sup> de sete mortes por suicídio e consegui a localização dos velórios de cinco deles. Um dos endereços não foi encontrado, em outros dois (que aconteceram com um dia de diferença, envolvendo profissionais do mesmo segmento do setor público) não foi possível participar em razão do processo de recuperação de um acidente motociclístico, que me deixou incapacitado de sair de casa por alguns dias. Acompanhamos, portanto, dois velórios e sepultamentos, ambos com uma movimentação muito grande de participantes.

Diversas etnografias - e a experiência empírica - nos permitem inferir que, atualmente, comparecer a um velório é uma conduta desprovida de importância social significativa, a não ser para a família de quem morreu. Em centros urbanos como Teresina, onde há grande concentração de pessoas, ocorrem muitos velórios todos os dias e a participação em qualquer um deles se torna apenas mais um item em uma agenda cheia de compromissos. Foi esse fato que diminuiu meu receio de ser interpelado por alguém que me indagasse o que eu estava fazendo ali. Além disso, as duas vítimas de suicídio já eram adultas e exerciam atividades de protagonismo social em suas comunidades, por conseguinte possuíam um círculo bem amplo de conhecidos e - como ocorre em qualquer tipo de velório - por diversas vezes vi pessoas se aproximando dos familiares para informar quem eram e de onde conheciam os falecidos.

---

<sup>83</sup> Field notes must be prepared from memory after the researcher has left the field and, therefore, are subject to errors of omission and faulty recall.

<sup>84</sup> Me refiro aos suicídios que me eram informados a tempo de participar do velório. As mortes por suicídio costumam representar vergonha para a família, por isso suas exéquias são realizadas sem muita divulgação.

#### 4.1 O Sorriso da morte

Era mês de outubro quando Olívia<sup>85</sup> cometeu suicídio após um período de intensificação de problemas psicológicos que lhe acometiam há muitos anos. Já idosa, por volta de 70 anos, seu velório foi realizado com a presença de muitas pessoas, pois possuía uma vida intensa de participação em grupos religiosos, atuando com caridade e no suporte às cerimônias sagradas. Mostrou ser muito estimada por quem a conhecia, uma vez que foram muitas as coroas de flores enviadas por associações civis e congregações cristãs.

Foi velada em um espaço sóbrio de uma funerária. O ambiente era estéril, completamente branco com apenas um vaso grande de flores e cadeiras para os participantes, mobília padrão da funerária para qualquer velório realizado ali. Na frente, ao centro ficou o caixão, de tom de bege claro e fechado, em razão das condições do corpo, que havia ficado comprometido com a queda que causou sua morte. Para compensar e facilitar o adeus dos conhecidos, uma foto dela sorridente e serena foi colocada em cima do ataúde, como que para dizer: “esta que está indo tinha esse lindo sorriso!”.

Logo ao chegar me deparei com duas mulheres na porta conversando sobre como Olívia tinha passado muito tempo em tratamento psicológico para “acabar com essa doença terrível”. As duas, também idosas, estavam do lado de fora, afastadas do grupo principal, e falavam alto, lamentando o fato de que tentaram ajudar durante muito tempo, mas que não conseguiram porque Olívia “estava determinada a fazer aquilo”.

Dentro do salão, o ambiente não diferia em nada do velório de alguém morto involuntariamente. Algumas pessoas sentadas e outras em pé conversando alto entre si. Muitas distraídas com smartphones na mão, tratando até mesmo de outros assuntos. Entrei e fui para o fundo da sala, onde estava o café, a água e os aperitivos, como bolo e biscoitos de polvilho, um local onde a maioria dos visitantes sempre passa, em companhia de outros, onde é possível conversar sobre o falecido sem atrapalhar aqueles que o estão velando mais próximos ao caixão.

Um dos filhos chegou e foi consolado pelos presentes. Com exceção do tênis marrom, vestia-se completamente de branco, diferindo em muito das cores costumeiras do luto, como o preto. Um outro filho que já estava no local quando cheguei, vestia calça preta com camisa cinza. O recém-chegado foi até o caixão da mãe falecida e tocou sua foto. Só então me dei conta

---

<sup>85</sup> Nome fictício para preservar a identidade e a privacidade da vítima e seus familiares.

que ninguém havia se aproximado do caixão ainda, como é um comportamento comum nos velórios de morte involuntária.

Conforme foi se aproximando a hora do enterro, a sala ficou um pouco mais cheia, ainda assim nunca chegou a ficar lotada. Mesmo havendo sempre cadeiras disponíveis, a maior parte dos participantes preferiu ficar em pé, conversando do lado de fora. Muitas das conversas que eu ouvi se referiam ao fato do transtorno psicológico ter sido a causa da morte de Olívia, mas foram poucas as vezes em que alguém verbalizou o pensamento de censura com relação ao suicídio que ela havia cometido. Porém, com três pessoas isso ocorreu de forma bastante explícita. Em uma delas, uma mulher já idosa, dialogava com algumas pessoas sentadas nas últimas cadeiras sobre como já vinha tentando ajudar Olívia há algum tempo e, em determinado momento, percebeu que seria uma tarefa vã: “eu ficava preocupada quando a gente terminava de conversar, e pensava ‘não vai ser hoje, mas vai acontecer’. Ninguém pode salvar uma pessoa que se mata”, disse ela em um ato falho, misturando o pensamento passado com a morte presente. Essa opinião foi ratificada por um de seus interlocutores, um homem por volta de 40 anos, que complementou a frase dela com “o que ela fez foi muito sério, infelizmente”. Pouco antes do corpo ser levado para o sepultamento, uma outra mulher idosa - aparentemente desacompanhada - exclamou alto para si mesma: “são esses os estragos que uma doença como essa faz. E o sofrimento dela ainda não acabou”. O sofrimento não terminado é uma clara referência aos castigos que, para ela, provavelmente serão aplicados no além vida.

Durante todo o tempo em que permaneci no local, além do filho, somente uma pessoa se aproximou do caixão. Uma mulher com algo em torno de 50 anos, que encostou na foto e permaneceu ao lado do ataúde com a cabeça baixa por cerca de dois minutos, aparentemente realizando preces. Uma outra mulher também fez menção de se aproximar, mas, após prestar condolências aos filhos, desistiu e apenas estendeu o braço na direção do corpo, balbuciando alguma oração de longe.

Um padre veio celebrar uma missa antes do corpo ser levado para o cemitério, o que pode ser uma demonstração de como a postura da igreja católica tem sido maleável com relação aos suicidas, ou apenas um traço de solidariedade de algum sacerdote influenciado pela dedicada atuação de Olívia à religião quando em vida. Em seu sermão, o padre falou sobre morte e reencontro no fim de tudo. Influído pelo clima do ambiente, discursou sobre como é importante procurar a capacidade de compreensão que somente Cristo pode conceder para quem busca paz nessa vida, assim como o conforto e a ternura necessários para o coração dos sobreviventes, em uma menção aos conflitos psicológicos que afligem o círculo pessoal de

quem cometeu a morte voluntária. Também alteou a voz quando disse que o julgamento sobre os atos de quaisquer pessoas só pode ser realizado por Deus, não cabendo aos homens qualquer juízo sobre assuntos espirituais. “Nunca deixe ninguém desconstruir uma pessoa”, recomendou ele.

Antes do sepultamento, que foi acompanhado por não mais que trinta pessoas, um pastor evangélico pediu a palavra. Lembrou que conhecia Olívia e que tinha passado os últimos anos orando com ela para afastar os sentimentos ruins por meio dos salmos, que eram os versos que ela mais gostava. Aludiu ao fato de que muitos podiam estar se perguntando porque Deus não apareceu para salvar Olívia e afirmou que ela mesma se desesperou por diversas vezes. “Ela dizia ‘Deus não me ouve’. E eu dizia que estava ouvindo, sim”. Recitou o Salmo 88, um dos mais prezados por ela, de acordo com ele. Intitulado *Súplica do fundo da angústia* o salmo fala de alguém que está passando por horrores enormes e se indaga porque foi abandonado por Deus.

Iahweh, meu Deus salvador, de noite eu grito a ti: que minha prece chegue à tua presença, inclina teu ouvido ao meu clamor. Pois minha alma está cheia de males e minha vida está à beira do Xeol; sou visto como os que baixam à cova, tornei-me um homem sem forças: despedido entre os mortos, como as vítimas que jazem no sepulcro, das quais já não te lembras, porque foram separadas de tua mão. Pusete-me no fundo da cova, em meio a trevas nos abismos; tua cólera pesa sobre mim, tu derramas tuas vagas todas. Afastaste de mim meus conhecidos, tornaste-me repugnante a eles: estou fechado e não posso sair, com a miséria meu olho desgastou-se. Iahweh, eu te invoco todo o dia, estendendo as mãos para ti: "Realizas maravilhas pelos mortos? As sombras se levantam para te louvar? Falam do teu amor nas sepulturas, da tua fidelidade no lugar da perdição? Conhecem tuas maravilhas na treva, e tua justiça na terra do esquecimento?" Quanto a mim, Iahweh, eu grito a ti, minha prece chega a ti pela manhã; por que me rejeitas, Iahweh, e escondes tua face longe de mim? Sou infeliz e moribundo desde a infância, sofri teus horrores, estou esgotado; passaram sobre mim teus furores, teus terrores me deixaram aniquilado. Eles me cercam como água todo o dia, envolvem-me todos juntos de uma vez. Tu afastas de mim meus próximos e amigos, a treva é a minha companhia. (SALMOS, 88:1-19)

Com base no salmo, o pastor ressaltou que Deus fala de diversas maneiras e que as dificuldades que passamos são demandas que Ele impõe, embora não saibamos os motivos. Reforçou que não temos controle sobre os nossos sentimentos e que é preciso esforço de cada um para superar esse ato pois, segundo ele, “não existe pílula para o perdão do pecado”. Um dos parentes de Olívia, ao discursar relatando o quanto estava transtornado com aquela situação, mencionou a passagem bíblica em que Jesus acalma uma tempestade quando está com os

discípulos no barco<sup>86</sup>. Para ele o barco é uma metáfora da vida e a tempestade é a morte de Olívia e que estando com Jesus ele se sente calmo, pois não adianta qualquer sentimento de culpar quem quer que seja.

Após o sepultamento, algumas pessoas ainda seguiram para um ciclo de orações em prol da alma de Olívia.

## 4.2 O silêncio da morte

Nilson<sup>87</sup> cometeu suicídio na última semana do ano. Assim como Olívia, ele já havia passado por problemas psicológicos e tinha enfrentando muitos anos de tratamento contra uma depressão. Por ter trabalhado em órgão do poder público durante anos, possuía um número grande de conhecidos e foi velado em um espaço amplo para acolher as muitas pessoas que vieram se despedir dele.

O espaço era árido, com o branco e o cinza - considerados cores frias - predominando. A movimentação foi intensa no local e, a despeito de ser feriado, muitas coroas de flores circundavam o caixão. Este - de aspecto marmóreo, colorido com tonalidades neutras de bege e marrom - estava fechado e não havia nenhuma foto em cima para lembrar a imagem de Nilson vivo. Sobre o caixão apenas uma estátua dourada de Jesus Cristo na cruz. A efígie presa à tampa se destacava pelo tamanho avantajado, prendendo a atenção de quem adentrava no recinto.

O fato de haver muitas pessoas presentes fez com que houvesse bastante ruído no local que, por ser extenso e nunca ter ficado completamente lotado - mais uma vez a maioria preferiu ficar do lado de fora -, dava muito eco aos murmúrios ininteligíveis. Aliado a isso, o barulho alto do motor do aparelho de ar condicionado dificultou muito o acompanhamento das conversas. Mais uma vez me posicionei no fundo do salão, próximo à mesa onde foram servidos o café e os aperitivos. Os filhos, já adultos, recebiam as condolências ao lado do caixão. Dois deles vestiam-se completamente de branco (mais uma vez, com exceção dos calçados) e, desses

---

<sup>86</sup> A passagem referida é a seguinte: “Depois disso, entrou no barco e os seus discípulos o seguiram. E, nisso, houve no mar uma grande agitação, de modo que o barco era varrido pelas ondas. Ele, entretanto, dormia. Os discípulos então chegaram-se a ele e o despertaram, dizendo: "Senhor, salva nos, estamos perecendo!" Disse-lhes ele: "Por que tendes medo, homens fracos na fé?" Depois, pondo-se de pé, conjurou severamente os ventos e o mar. E houve uma grande bonança. Os homens ficaram espantados e diziam: "Quem é este a quem até os ventos e o mar obedecem?" (Mateus 8:23-27).

<sup>87</sup> Nome fictício

dois, um deles não interagiu com ninguém, se posicionando atrás dos outros sempre que alguém se aproximava para falar com eles.

Se durante a cerimônia de velar Olívia houve poucas pessoas falando em tom audível para condenar sua atitude, no de Nilson isso ficou mais explícito. Atribuímos esse comportamento mais desinibido ao fato do espaço ser mais amplo e ter mais ruídos, o que fazia com que as pessoas percebessem que seria difícil alguém desatento ouvi-las. Em um grupo de conversa, onde conhecidos debatiam os sinais de que ele estava próximo de outra crise psicológica, alguns demonstraram receio pelas consequências espirituais do ato. Um homem perguntou: “ele estava legal ultimamente? Porque a justificativa pra isso tem que ser forte” e outro completou a frase indagando se “ele brigou com alguém ontem”, ao que foram respondidos por um outro, mais velho, que atestou “brigando ou não, o resultado disso não é bom. Estou triste pela alma dele. Não consigo entender isso”. A afirmação foi acompanhada de assentimento por todas as pessoas do grupo, ao que um deles completou, “é difícil entender alguém sujar sua mão com seu próprio sangue”.

Um padre chegou para rezar a missa, em uma atitude que demonstra mais uma vez uma possível flexibilização dos dogmas cristãos frente à morte voluntária. Começou seu sermão lembrando que era época de celebrar o nascimento de Cristo e que, por isso, era preciso levar ainda mais a sério as palavras que o nazareno deixou na Terra. “Jesus disse que não veio aqui para julgar”, disse ele e lembrou que Cristo deu sua vida para que as pessoas pudessem ser perdoadas. O padre afirmou que entendia as dúvidas que estavam na cabeça de cada um dos presentes ali, mas salientou que não adiantava perguntar ou procurar os motivos, pois ninguém nunca vai obter resposta alguma. Ele orientou que todos fizessem preces para que Deus concedesse a Nilson a reconciliação com a paz, agora que havia encontrado a morte.

Para auxiliar nas orações, o padre recomendou uma leitura bíblica - também um salmo, o de número 103 - chamado *Deus é amor*, que fala sobre como Jesus pode eximir as culpas e sarar todas as dores. Um familiar de Nilson foi chamado para fazer a leitura do texto bíblico.

Bendize a Iahweh, ó minha alma, e tudo o que há em mim ao seu nome santo!  
Bendize a Iahweh, ó minha alma, e não esqueças nenhum dos seus benefícios.  
É ele quem perdoa tua culpa toda e cura todos os teus males. É ele quem redime tua vida da cova e te coroa de amor e compaixão. É ele quem sacia teus anos de bens e, como a da águia, tua juventude se renova. Iahweh realiza atos justos, fazendo justiça a todos os oprimidos; revelou seus caminhos a Moisés e suas façanhas aos filhos de Israel. Iahweh é compaixão e piedade, lento para a cólera e cheio de amor; ele não vai disputar perpetuamente, e seu rancor não dura para sempre. Nunca nos trata conforme nossos erros, nem nos devolve segundo nossas culpas. Como o céu que se alteia sobre a terra, é forte

seu amor por aqueles que o temem. Como o oriente está longe do ocidente, ele afasta de nós as nossas transgressões. Como um pai é compassivo com seus filhos, Iahweh é compassivo com aqueles que o temem; porque ele conhece nossa estrutura, ele se lembra do pó que somos nós. O homem!... Seus dias são como a relva: ele floresce como a flor do campo; roça-lhe um vento e já desaparece, e ninguém mais reconhece seu lugar. Mas o amor de Iahweh!... Existe desde sempre e para sempre existirá por aqueles que o temem; sua justiça é para os filhos dos filhos, para os que observam sua aliança e se lembram de cumprir suas ordens. Iahweh firmou no céu o seu trono e sua realza governa o universo. Bendize a Iahweh, anjos seus, executores poderosos da sua palavra, obedientes ao som da sua palavra. Bendize a Iahweh, seus exércitos todos, ministros que cumpris a sua vontade. Bendize a Iahweh, todas as suas obras, nos lugares todos que ele governa. Bendize a Iahweh, ó minha alma! (SALMOS, 103:1-22)

Com a escolha do salmo o padre pareceu tornar mais evidente sua intenção de conscientizar os presentes a não criminalizar o ato cometido pelo morto. Antes de concluir ele afirmou que ninguém deveria esquecer que “Deus está sempre presente, mesmo em nossas misérias”. Após isso pediu que todos levantassem as mãos em direção ao caixão para pedir uma corrente de oração.

Depois o caixão foi levado para o sepultamento. Enquanto as pessoas saíam, no fundo do salão, já vazio, ficaram dois homens que não se conheciam e nem conheciam Nilson (explicaram um ao outro que apenas acompanhavam outras pessoas que estavam no velório) dialogavam com frases soltas, em concordância mútua. “É sério demais. Fazer isso sem o consentimento de Deus”, disse um. “Morrer sem Deus é a pior coisa que pode acontecer a alguém”, respondeu o outro, que complementou: “o cidadão passa por tanta coisa para no fim fazer uma besteira dessa”.

Do lado de fora uma mulher idosa também lamentava a sina do falecido. “O Nilson estava muito agoniado. Tentou se jogar do prédio e eu chamei ele para outro lugar. Disse que na minha frente ele não faria aquilo. Mas ele não ouvia ninguém. Olha no que deu. Que Deus tenha piedade”. Antes da sepultura ser fechada, os presentes jogaram flores e rezaram um pai nosso para Nilson, algo comum em enterros de mortos involuntários.

### **4.3 Máscaras da morte**

Alguns pontos observados nesses velórios de pessoas que morreram em consequência da morte auto infligida devem ser melhor esmiuçados. O primeiro deles diz respeito ao nosso intento principal: observar um potencial comportamento condenatório por parte dos sujeitos com relação a essa prática. A ideia de participar de um velório para encontrar o ambiente mais

propício para se perceber esse tipo de postura mostrou resultados ambíguos. A impressão que tive foi que estava, sim, em uma esfera que compelia os indivíduos a manifestarem suas mais profundas convicções a respeito do auto homicídio, mesmo havendo esforço para não deixar isso ser mostrado e para impedir que outros o fizessem. Por outro lado, em um ambiente repleto de elementos envolvidos emocionalmente com o morto, tal esforço dificultou uma percepção de comportamentos que tendessem mais à naturalidade.

Ainda assim, a culpabilização do suicídio foi percebida sob diversos aspectos. Os diálogos expostos entre participantes dos velórios revelam a ideia implícita de que quem comete suicídio terá uma existência espiritual fadada à danação. E, se alguns dos pareceres mostraram indignação explícita com a “decisão” das vítimas em se matar, a maioria aparentou querer minimizar esse sentimento - atitude que, por si só, já revela a existência dele - justificando o ato por causa da doença ou encontrando subterfúgios religiosos para isso.

A propósito, o ambiente religioso no qual estávamos contribuiu para isso. Como visto anteriormente, os rituais fúnebres aproximam o ser humano de sua mortalidade e isso ativa as matrizes mais antigas do imaginário, aguçando a consciência natural de busca pela imortalidade. No velório de uma pessoa que decidiu dar cabo de sua vida, os mitos criados para nos afastar da morte vão se revelar da forma mais intensa possível, em alerta sobre o perigo que se apresenta. Por isso, os arquétipos que se anunciam nessas condições indicam necessariamente imagens semanticamente negativas, do contrário estariam agindo contra sua própria razão de existência, criando um paradoxo. Mostrar receio ou repulsa diante de um suicídio é algo natural para essa instância da mente humana, especialmente nesse contexto.

No entanto, isso não significa que essas bases arquetipais não possam ser confrontadas. O imaginário não age sozinho, está sempre interagindo com outros campos da psique humana, bem como se transformando a partir das experiências sociais de cada indivíduo. Daí a possibilidade de surgimento de tentativas de amenizar essa prática inerentemente censurável, que encontra expediente até mesmo nos sistemas criados para isso, como - nesse caso - a religião.

No velório de Nilson, por exemplo, há a figura ampliada de Cristo sobre o caixão. A imagem do que a cruz representa já foi abordada neste trabalho, mas nesse caso a crucificação em si tem um significado mais amplo. É o emblema do sofrimento e agonia que termina com a promessa de ressurreição. Das torturas que se enfrentam na vida, que fatalmente levam à morte. A estrutura agigantada de Jesus crucificado na tampa do ataúde vislumbra uma reafirmação contundente de que se acredita na salvação daquela alma.

A foto sorridente de Olívia sobre o caixão fechado também segue um caminho similar. Embora a referência não seja tão explícita quanto a da cruz ampliada, ela remete à felicidade experienciada pela vítima do autocídio, mesmo em meio aos problemas que a levaram a “optar” por abdicar de sua vida. Ao se depararem com a foto sobre o caixão, os conhecidos que foram prestar sua última homenagem fariam a conexão com esse outro aspecto da vida de Olívia, a de alguém que gostava de viver e não abriria mão da própria existência sem a influência de um fator que fosse determinante: sua doença psicológica.

Outro ponto a ser observado durante esses velórios foi a cor da vestimenta de alguns dos filhos dos falecidos, que foram à cerimônia completamente de branco. O simbolismo do branco no luto tem conotação de oposição ao preto, trazendo a imagem de busca pela iluminação e fuga das trevas. Diante do conceito de uma morte “tão torpe” quanto a do suicídio, o branco traz a mensagem da pureza, da paz, do imaculado. É também símbolo da ressurreição, já que todo o fim de uma vida é o início de outra, e o início se dá a partir da iluminação. Vestir-se de branco parece ser uma demonstração de esperança em um além vida onde possa haver redenção, uma vez que os tormentos desse mundo ficaram para trás. Além disso, o vestir-se de branco assegura a existência de um tipo de morte diferente da natural. O branco se opõe ao preto, pois este é normal no contexto de morte involuntária. As pessoas começam a dar sentido ao ocorrido para si mesmas, pois é uma necessidade para os que ficam, não para quem vai.

A reação dos familiares ao se vestirem de branco também pode estar relacionada a uma autodefesa de interpretações sociais de que, de algum modo, eles possuem alguma responsabilidade no ato realizado. É bastante comum que familiares de pessoas que cometeram suicídio relatem provocações de conhecidos que indagam se eles não perceberam nada de errado com a vítima antes que ela se matasse. Isso aumenta o sofrimento e, em alguns sobreviventes, desperta compreensões de que talvez falharam em algum momento (FUKUMITSU, 2013 e ROCHA, 2008). Um indicador de que reações de defesa como essa são motivadas pelo imaginário é que esse tipo de postura se dá em diversas partes do mundo, e não apenas no Brasil. Em um estudo que fez sobre o comportamento em velórios de pequenas comunidades na Colômbia, o antropólogo Santiago Alvarez constatou a forte rejeição que se deu ao suicídio, em especial daqueles praticados por mulheres, posto que isso significava a culpabilização da família, principalmente das figuras masculinas como maridos e pais. Em um dos casos relatados no estudo, ele conta que durante o velório de uma mulher que cometeu o auto homicídio, os homens presentes, incluindo familiares da morta, faziam chacota da atitude dela. Uma reação

bem mais agressiva que a utilização da simbologia da cor branca, mas ainda uma forma de tentar desviar uma possível culpa familiar.

Ideias de comunidade e de gênero entrelaçam-se para condenar o suicídio feminino como um ato de egoísmo extremo. No entanto, alguns familiares próximos, particularmente mulheres, tentaram demonstrar respeito pelas mortas. Por que, então, os homens em um desses funerais trataram de zombar da solenidade do ritual? Na verdade, eles tentavam conter a difusão da interpretação mais óbvia do suicídio: suicidando-se, a mulher estaria acusando sua família e, em particular, à de seu marido pela sua morte. Dessa forma, a autoridade masculina era posta em risco e o comportamento dos homens no funeral pode ser compreendido como uma resposta a esse risco. As mulheres, por outro lado, colocavam-se na posição da suicida e, compassivas, tentavam acusar os homens pelo seu comportamento. Tratava-se de uma pequena batalha pela interpretação dessa morte. A despeito da resistência, a interpretação masculina foi a predominante. (ALVAREZ, 2001, p.52)

A recusa de um dos filhos de Nilson em se comunicar com as pessoas que vinham prestar solidariedade aos familiares, também pode ser encarada como uma forma de autodefesa. Esse indivíduo - que era um dos que estava de branco - se posicionava atrás dos irmãos, dificultando a comunicação, escondendo-se, fugindo dali, de si, do fato. É uma postura que indica revolta pela situação e traz à tona toda a rejeição gerada por esse tipo de morte.

Já os salmos que foram abordados durante as cerimônias possuem significados que direcionam para caminhos distintos. O salmo 88 fala sobre alguém que possui um sofrimento intenso e precisa encontrar conforto nos braços de Deus, ao mesmo tempo em que atribui a culpa de todo o seu infortúnio ao próprio Iahweh. Os versos deixam claro que mesmo os filhos de Deus passam por momentos difíceis e que somente aqueles que se apegam a Ele sem se deixar abater, conseguem sua salvação. Ceder às dificuldades é sinônimo de perdição.

O salmo 103 é um dos mais famosos da Bíblia. Fala sobre como Deus concede perdão àqueles que dele se aproximam. É uma mensagem que busca confortar as pessoas que têm consciência que se desvirtuaram de algum modo da doutrina. O salmo fala de como os pecadores podem se redimir diante de Iahweh pois ele cura todos os males e é “lento para a cólera”, uma alusão do padre ao fato de que sempre é possível se arrepender e, em nosso contexto de estudo, de que mesmo o espírito dos que cometeram suicídio talvez possam se redimir de algum modo.

Esses expedientes de falsificação de posturas para ocultar sentimentos que vão de encontro às correntes de pensamento da consciência coletiva (DURKHEIM, 2012) são comuns nesse contexto. São máscaras sociais utilizados com grande frequência para facilitar a vida em sociedade. A teoria psicanalista de Jung criou o termo *persona* para designar o inato

comportamento humano de ocultar sua verdadeira personalidade através dessas máscaras com o intuito de satisfazer o grupo pois “a sociedade espera e tem que esperar de todo indivíduo o melhor desempenho possível da tarefa a ele conferida” (JUNG, 2008, p.79). Nesse caso, a atribuição dada aos familiares é a de aceitar a mácula infligida pela morte de forma proibida de seu parente. Ao mesmo tempo, essas máscaras que se revelam através de objetos e atos simbólicos, são - em primeira instância - a manifestação de uma intensa insatisfação, que precisa ser transparecida de alguma forma, pois é o único meio de expressão que se dispõe para tal. Durand afirma que essa linguagem através de símbolos, por sua ambiguidade inerente, concede um sentido de liberdade pessoal a quem a utiliza. “É por isso que o símbolo não pode explicitar-se: a alquimia da transmutação, da transfiguração simbólica só pode, em última instância, efetuar-se na experiência de uma liberdade” (DURAND, 1993, p.33). A linguagem simbólica das máscaras nesses rituais configura a exteriorização da contestação dos sobreviventes à desonrosa sina moral atribuída aos mortos e aos familiares que eles deixam.

Esse conjunto de símbolos que conseguimos visualizar nas manifestações dos indivíduos que participaram dos velórios nos permitem ter uma concepção mais ampla sobre a postura social praticada cotidianamente com relação à morte voluntária. De um modo geral, a culpabilização do suicídio está implícita nas várias esferas de expressões comunicativas do grupo de indivíduos que participou desses rituais. Ao mesmo tempo, embora os sujeitos que mantinham vínculos afetivos com as vítimas se mostrassem inclinados a encontrar uma justificativa para o ato, quase sempre foram incapazes (querendo ou não) de mostrar isso através de argumentos verbais. Essas inferências vão nos servir de parâmetro para a segunda etapa do nosso estudo, onde analisamos quantitativamente a concordância dos pesquisados com as tendências imaginárias analisadas até aqui.

#### **4.4 O teste Likert**

Após levantar os símbolos e imagens que mais ficaram evidenciados nas entrevistas dos atendentes, voltamos a campo para fortalecer nossas impressões. Com base no que tínhamos constatado foi elaborado um inquérito com proposições voltadas para reforçar as indicações de algumas das hipóteses que foram formuladas. Isso foi feito no formato de um teste Likert - com 15 questões, aplicadas nas mesmas vinte pessoas que participaram das entrevistas -, um dos procedimentos mais eficazes e objetivos na busca pela mensuração de fenômenos em ciências humanas (SILVA JUNIOR, 2014). Nosso interesse era apenas com a concordância ou a

discordância dos entrevistados com relação a cada uma das proposições, por isso as opções do teste poderiam ter apenas três itens: *discordo*, *indiferente* e *concordo*.

No entanto, visto que estamos analisando a influência de arquétipos, ou seja, de tendências comportamentais, conforme explica a teoria de Carl Jung (1964), a escala de três itens poderia dificultar a percepção dessas tendências. Isso porque, uma vez que o entrevistado - ao perceber não estar completamente de acordo com alguma proposição - indicasse o item *indiferente*, impossibilitando a apreensão de sua tendência arquetípica para a concordância ou a discordância. Por essa razão, o teste contou com cinco opções: *discordo muito*, *discordo parcialmente*, *indiferente*, *concordo parcialmente* e *concordo muito*, com o intuito de oferecer mais caminhos a serem seguidos pelos pesquisados.

Os itens *discordo parcialmente* e *concordo parcialmente* foram inseridos no inquérito como forma de dar uma maior possibilidade de relativizar questões que são complexas em sua essência e, assim, facilitar a resposta dos entrevistados pela concordância ou pela discordância. No entanto, para fim de análise das inclinações instintivas, a contagem de pontos desses dois itens foi somada com seus tópicos correlatos - *discordo muito* e *concordo muito*, respectivamente - sendo contabilizados de forma distinta somente quando os percentuais entre a concordância e a discordância foram bem próximos uns dos outros, para distinguir as respostas pela intensidade dada a elas. A contagem total detalhada pode ser conferida na Tabela 4, na página 201.

A primeira hipótese que tentamos reforçar foi a que norteou essa pesquisa desde o início: a de que pessoas que atuam no atendimento a indivíduos com ideação suicida são mais tolerantes com as ideias de criminalização dessa prática. Quatro proposições foram elaboradas com esse intento, de forma a que se complementassem, conforme os Quadros 1 a 4, a seguir.

**Quadro 1. A morte por suicídio sempre envolve sofrimento**

Q1 – A morte por suicídio sempre envolve sofrimento	Concordância	Neutralidade	Discordância
	100%	0%	0%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 2. Uma pessoa com ideação suicida sente grande dor psicológica**

Q2 – Uma pessoa com ideação suicida sente grande dor psicológica	Concordância	Neutralidade	Discordância
	95%	5%	0%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 3. Pessoas com ideação suicida sofrem grande estigma social**

Q3 - Pessoas com ideação suicida sofrem grande estigma social	Concordância	Neutralidade	Discordância
	85%	15%	0%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 4. O suicídio só é praticado por pessoas muito fragilizadas**

Q4 - O suicídio só é praticado por pessoas muito fragilizadas	Concordância	Neutralidade	Discordância
	60%	20%	20%

Fonte: Dados de campo (2018).

As questões dos Quadros 1 e 2 reforçam a impressão de sofrimento e dor atribuídos pelos atendentes às pessoas com ideação suicida. São aspectos que ficaram em evidência durante as entrevistas e a análise de conteúdo e que confirmam a tese de que, para eles, não existe ato de auto homicídio distante de uma condição de grande tormento e amargura. Assim, qualquer ação que atente contra a vida está alicerçada em um discernimento embaçado pela falta de capacidade provocada por esses sentimentos.

É o que se percebe também com relação a questão do Quadro 4, embora com um menor índice de concordância, em torno de 60%. O objetivo da proposição foi reforçar essa mesma ideia de que o sofrimento torna as pessoas com ideação suicida mais fragilizadas emocionalmente. Contudo, o nível de discordância e neutralidade (20% para cada) mostra que algo mais influenciou na resposta. Podemos supor que a teoria do suicídio impulsivo - que ocorre em um momento de desvario do sujeito (PINEL, apud MINOIS, 1999) - pode ter contribuído para esse resultado.

A outra proposição vinculada a essa hipótese, descrita no Quadro 3, acionava um senso de solidariedade com o preconceito sofrido por quem possui a ideação suicida. A ideia de que a intolerância social torna ainda mais difícil a vida de quem já está atormentado causa reações de amparo em quem possui detalhes das razões que levaram o indivíduo a chegar naquele quadro.

Portanto, os índices de tendência para a concordância em 100% na primeira, 95% na segunda e 85% na terceira questão revelam que existe no grupo pesquisado uma conduta de suavização da disposição imaginária de condenação. A intensidade da feição incriminatória do imaginário nós vimos em seu estado mais perceptível nos discursos dos participantes dos

velórios que observamos. E, embora a questão quatro não tenha tido um percentual tão alto de concordância, ela ainda possui um índice confirmativo de 60% nessa tendência.

A segunda hipótese que queríamos fortalecer através do teste era a de que o imaginário que se formou a partir da religião - em especial do elaborado pelos dogmas cristãos - possui uma predisposição a reforçar a vocação do imaginário de culpabilizar a prática do suicídio. Os resultados estão dispostos nos Quadros 5 a 8, a seguir, e foram contabilizados levando em consideração as respostas de apenas catorze dos atendentes que se afirmaram seguidores de filosofias e doutrinas religiosas, em sua totalidade adeptos do cristianismo.

**Quadro 5. Quem cometeu suicídio agiu contra a lei da vida**

Q5 - Quem cometeu suicídio agiu contra a lei da vida	Concordância	Neutralidade	Discordância
	71,4%	14,2%	14,2%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 6. Somente Deus pode julgar quem cometeu suicídio**

Q6 - Somente Deus pode julgar quem cometeu suicídio	Concordância	Neutralidade	Discordância
	78,5%	21,4%	0%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 7. As pessoas com ideação suicida devem fortalecer seu lado espiritual**

Q7 - As pessoas com ideação suicida devem fortalecer seu lado espiritual	Concordância	Neutralidade	Discordância
	71,4%	21,4%	7,1%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 8. A morte por suicídio está envolta em escuridão**

Q8 - A morte por suicídio está envolta em escuridão	Concordância	Neutralidade	Discordância
	57,1%	21,4%	21,4%

Fonte: Dados de campo (2018).

A questão do Quadro 5 envolve diretamente um dos aspectos principais do imaginário relativo à doutrina religiosa: o dom da vida. O dogma de que foi Deus quem nos permitiu existir e somente ele pode destituir essa faculdade é o cerne dessa discussão. A lei da vida prega sujeição aos episódios da vivência, por mais severos que eles sejam ao indivíduo, como uma submissão à vontade divina. É o ponto principal da culpabilização religiosa - particularmente a

cristã, no nosso caso - sobre quem pratica o autocídio, e a tendência de 71,4% de concordância com essa proposição aponta que ela possui grande influência entre os pesquisados.

Do mesmo modo, a proposição do Quadro 6 registrou 78,5% de tendência à concordância e nenhuma discordância dos atendentes religiosos. Ela, ao mesmo tempo em que ressalta a onipotência divina, reforça o raciocínio da primeira hipótese testada, a da relativização da culpa do crime contra a vida. Quando se fala que somente Deus pode julgar quem cometeu suicídio, está se atestando que uma violação séria foi efetivada e que ela possui tamanha vastidão que a justiça social ou o juízo moral do homem não é capaz de estabelecer critérios para apreciá-la. Esse crime será analisado somente pelo criador máximo do universo. Foi o que ficou patente também nos sermões dos padres durante os velórios.

Por outro lado, esse mesmo pensamento retira do homem não só a pretensão, mas a obrigação de ter que se posicionar sobre o assunto, permitindo sua isenção e, em consequência, favorecendo a predisposição dos atendentes a atenuar a gravidade que o imaginário atribui à morte voluntária. Atitude que vimos também praticada pelas pessoas próximas das vítimas de suicídio presentes nos velórios, quando focavam no fato de que o ato praticado era consequência exclusivamente de problemas psicológicos.

A questão do Quadro 7 traz a ideia de que é necessário se fortalecer na religião para evitar que as adversidades ou a insatisfação com a vida permitam que alguém venha a se matar, ou mesmo pense em tal atitude. Estar dentro de uma filosofia religiosa, seguindo à risca seu sistema de ritos, auxilia no distanciamento dos pensamentos ruins e a materialização da prática de um crime tão atroz contra si mesmo torna-se mais difícil. O índice de concordância em 71,4% indica que a linha de pensamento segue nesse sentido, o que pudemos observar quando ouvimos frases como “morrer sem Deus é a pior coisa que pode acontecer a alguém”, de um dos participantes dos velórios. Esse tipo de pensamento vem se perpetuando desde o início do fortalecimento do cristianismo, ainda durante a Idade Média, e com o tempo passou a fazer parte dos princípios propagados pela igreja de Roma (MINOIS, 1999).

Por último, o enunciado do Quadro 8 destaca o caráter punitivo das filosofias religiosas na existência pós morte dos suicidas. A associação desse tipo de morte com a escuridão foi repetida por diversas vezes durante as entrevistas com os atendentes religiosos e é uma visão carregada de simbolismo das trevas, do negro maléfico e macabro, da concepção sinistra da morte que está atrelada ao interdito do sagrado. Foi essa a percepção observada em muitas das falas dos presentes nos velórios, que proferiram frases como “ninguém salva uma pessoa que se mata” ou “o sofrimento ainda não acabou”.

Contudo, o nível de concordância dessa proposição não conseguiu grande destaque, embora tenha obtido o maior percentual. Além disso, do total de concordantes - oito pessoas - cinco concordaram muito (35,7%) e três concordaram parcialmente (21,4%), o que sinaliza uma certa dissonância da proposição mesmo com a tendência para aquiescer a frase. Acreditamos que isso se dá em razão da já anunciada predisposição dos atendentes em não condenar os suicidas, o que reforça novamente nossa primeira hipótese.

Tentamos fortalecer uma terceira hipótese com o teste, que foi a de que o imaginário, ao buscar a eternidade do homem, cria uma visão pejorativa do suicídio a despeito das motivações que o causaram. Vejamos os Quadros 9 a 12, a seguir:

**Quadro 9. Alguém em sã consciência não comete suicídio**

Q9 - Alguém em sã consciência não comete suicídio	Concordância	Neutralidade	Discordância
	35%	15%	50%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 10. A morte por suicídio sempre causa grande choque nas pessoas**

Q10 - A morte por suicídio sempre causa grande choque nas pessoas	Concordância	Neutralidade	Discordância
	90%	0%	10%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 11. Quem cometeu suicídio não conseguiu achar o suporte mental adequado**

Q11 - Quem cometeu suicídio não conseguiu achar o suporte mental adequado	Concordância	Neutralidade	Discordância
	75%	10%	15%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 12. Só comete suicídio quem está incapacitado de enxergar outras saídas**

Q12 - Só comete suicídio quem está incapacitado de enxergar outras saídas	Concordância	Neutralidade	Discordância
	65%	20%	25%

Fonte: Dados de campo (2018).

Durante a entrevista foi questionado aos participantes se eles acreditavam que alguém que estava mentalmente sã poderia cometer suicídio e houve uma divisão bem acentuada entre as respostas, algumas até contradiziam afirmações de outras partes da entrevista.

Simultaneamente, ao longo do levantamento do perfil dos entrevistados constatou-se que a maioria deles teve algum tipo de envolvimento próximo com o suicídio, ou através da morte de alguém do círculo pessoal ou mesmo do próprio atendente ter pensado nisso em algum momento da vida.

A partir desse cenário, a questão do Quadro 9 foi elaborada para trazer mais luz sobre a perspectiva desse ato relacionado a pessoas sem ideação. Nosso objetivo era repetir a mesma pergunta (dessa vez em forma de proposição) para avaliar as respostas e o resultado revela um índice baixo de concordância, com apenas 35% do total de entrevistados, enquanto que a discordância obteve tendência de 50%. Mas dois fatores têm de ser levados em conta com relação a esse resultado. O primeiro deles diz respeito ao aspecto já tratado do suicídio por impulso, que se afasta da ideação suicida e traz muito mais surpresa aos sobreviventes, e que foi bastante mencionado durante as entrevistas. O segundo deles - que parece ser mais determinante - é que, do total de pessoas (10) que discordaram da proposição, 80% tiveram suicídios no círculo pessoal e/ou eles próprios pensaram em se matar. Nesse caso, concordar com a questão indicaria estigmatizar a si próprio ou ao seu conhecido que cometeu o autocídio, o que justificaria a tendência à discordância.

Já as respostas dadas à questão do Quadro 10 mostram como o imaginário se impõe sobre a prática do suicídio. Quando se fala em causar choque, está se assumindo a incredulidade social ante um fenômeno paradoxal com relação aos instintos de sobrevivência humanos. Algo extremamente difícil de aceitar e que gera oposição naturalmente, conforme visto em manifestações nos velórios, como o homem que disse que “a pessoa passa por tanta coisa na vida pra no fim fazer uma besteira como essa”. Vem daí o grau de concordância de 90% com a proposição, mas sem neutralidade, pois os 10% restante tendem a discordar.

A reação do imaginário do suicídio também foi analisada por meio do enunciado do Quadro 11, que complementa o do Quadro 12. No primeiro deles temos a tese de que a falta de suporte mental adequado faz com que os indivíduos com ideação acabem por se matar. Aí está implícito o entendimento oposto pois, caso houvesse o suporte mental apropriado, os suicídios não aconteceriam. A tendência de concordância com esse enunciado foi de 75%, tendo a discordância não ultrapassando os 15%.

Já o enunciado seguinte afirma que a incapacidade de enxergar saídas alternativas para o enfrentamento da dor e do sofrimento que provocam a ideação, fazem com que o suicídio ocorra. A expressão “sem saída” foi uma das mais utilizadas durante as entrevistas,

corroborando com os 65% de tendência a concordância obtido nessa questão. A discordância, porém, ficou em 25%.

A quarta e última hipótese verificada por meio do teste Likert não estava entre os objetivos iniciais da pesquisa, porém foi adicionada após a realização das entrevistas e da análise de conteúdo. Existiu uma inclinação dos atendentes que possuem formação acadêmica profissional para o suporte mental às pessoas com ideação suicida, a procurar a neutralidade ao estabelecer suas convicções a respeito do fenômeno da morte voluntária. Por essa razão, decidimos inserir no teste proposições que pudessem esclarecer melhor esse posicionamento, que poderia até se contrapor à visão religiosa com aptidão à condenação. Vejamos os resultados, obtidos somente com atendentes com base de formação acadêmica em suas áreas de atuação, a seguir, no Quadros 13 a 15.

**Quadro 13. A ciência consegue compreender melhor que a religião o fenômeno do suicídio**

Q13 - A ciência consegue compreender melhor que a religião o fenômeno do suicídio	Concordância	Neutralidade	Discordância
	42,8%	42,8%	14,2%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 14. A religião consegue compreender melhor que a ciência o fenômeno do suicídio**

Q14 - A religião consegue compreender melhor que a ciência o fenômeno do suicídio	Concordância	Neutralidade	Discordância
	0%	42,8%	57,1%

Fonte: Dados de campo (2018).

**Quadro 15. - Conversar com alguém com ideação suicida causa grande angústia**

Q15 - Conversar com alguém com ideação suicida causa grande angústia	Concordância	Neutralidade	Discordância
	57,1%	14,2%	28,5%

Fonte: Dados de campo (2018).

Essas foram as questões que mais obtiveram equilíbrio nas respostas, tornando a inferência difícil de ser feita. Na proposição do Quadro 13 existe uma resistência em atribuir à ciência o domínio preponderante sobre a compreensão da prática da morte voluntária. A concepção de que os métodos científicos estão melhor direcionados para o estudo do suicídio do que a religião, registrou tendência a concordância de 42,8%, que é o mesmo percentual obtido pela neutralidade, o que indica hesitação em aquiescer uma possível supremacia de métodos de base científica.

Por outro lado, quando se afirma o contrário, ou seja, que a religião possui bases mais sólidas para compreender a complexidade desse fenômeno, como exposto no Quadro 14, o nível de concordância registrado foi zero, em contraposição à discordância, que atingiu 57,1% de tendência. Os números mostram que, se a ciência não tem perícia o suficiente para conseguir dimensionar a obscuridade do suicídio, a religião se distancia ainda mais desse objetivo. O que parece ser uma incoerência de resultados, quando se comparar as duas questões, na verdade mostra uma confluência lógica com a noção que os atendentes possuem sobre o suicídio, de um fenômeno complexo e ainda carente de estudos aprofundados, sejam acadêmicos ou espirituais.

A questão do Quadro 15 também converge para essa conclusão pois, um total de 57,1% dos pesquisados tende a concordar que se sente extremamente angustiado ao conversar com pessoas com ideação suicida, o que se afasta da presunção de que há uma busca maior pela equidade de concepções.

Enfatizamos que o teste não serviu para confirmar (ou não) de forma incontestável as hipóteses levantadas, pois tal feito é impossível nas ciências humanas. Tudo o que se pode conseguir são indicações. E os resultados obtidos com o inquérito apontam que, das quatro hipóteses formuladas, três revelaram-se factíveis. Os elementos imaginários testados assinalaram a compreensão de que um contato mais próximo com as pessoas com ideação suicida mexe com as formações imaginárias dos atendentes a ponto de torná-los mais clementes em seu julgamento social. Esse foi o aspecto mais evidente nas respostas colhidas. A influência das concepções religiosas de condenação e estigmatização das pessoas com ideação, originárias do cristianismo medieval - outra hipótese formulada antes do início da pesquisa - também se mostrou patente nas respostas.

As outras duas hipóteses foram levantadas a partir dos resultados das pesquisas bibliográficas e de campo. Uma delas referente ao fato de que a estrutura imaginária, conforme formulada por Gilbert Durand, choca-se frontalmente com a prática do auto aniquilamento pois, por ter sido elaborada pela mente humana como forma de eternizar a existência em sua angústia diante da mortalidade, não suporta conter em si o assentimento da aspiração pela própria morte, pois seria uma incongruência. A outra dessas hipóteses é a de que os atendentes que atuam com base em suas formações acadêmicas possuem predisposição a buscar a neutralidade em suas posições ante o suicídio, uma vez que a prática científica poderia trazer justificativas fisiológicas para essa prática que a religião não concebe. Porém não foram colhidos elementos no teste que pudessem apontar qualquer pressuposição nesse sentido.

## 5 - CONCLUSÃO

Se existe algo que os seres vivos possuem em comum é o medo de perder suas vidas. Ser é uma circunstância concreta, pois o existir é um estado de certeza - pelo menos para os nossos sentidos orgânicos, que nos permitem experimentar sensações que corroboram com essa convicção. Diante disso, é natural afligir-se ante a dúvida do não-ser que existia antes de vida e que voltará quando a morte chegar. Esse medo é inato e independe do nível de consciência que o ser possui sobre si mesmo, uma vez que até mesmo os animais o possuem. Schopenhauer (2000) afirma que a aflição que o homem desenvolve em sua existência se dá não pelo medo de sentir dor, mas simplesmente pelo receio de que essa dor o leve à morte.

Nesse sentido, toda ação que o homem pratica durante a sua existência é realizada para afastá-lo o máximo possível de momentos desagradáveis que o conectem à sua condição mortal. Por isso podemos atestar - numa alusão à clássica definição do fazer histórico dada por Marx - que a história do homem é a história de luta para prolongar sua vida. O desenvolvimento do ser humano enquanto espécie se elabora a partir da busca incessante por sua eternização enquanto criatura. E, por ser um fenômeno inato, o medo da morte vai ser sempre presente na vida humana como uma angústia latente.

Mostramos anteriormente que é nesse ponto que o imaginário age em confronto com o suicídio. Aceitar e cooperar com a noção de que a escolha de morrer é uma opção disponível para o ser humano não podem ser condutas de uma instância psíquica que se estrutura exatamente a partir do oposto dessa noção. As bases do imaginário se fundamentam no sentimento inato do medo da morte e sua resistência ao auto homicídio será sempre algo comum. E se, no transcorrer da história, a prática religiosa foi o principal caminho utilizado para difusão dos símbolos que reforçam esse parecer de interdição, na contemporaneidade os meios utilizados são bastante diversificados.

No mundo atual, o caráter proibitivo do imaginário do suicídio consegue se propagar de forma rápida e massificada. Isso porque, aliado à religião, estão as produções de comunicação em massa difundidas com maior rapidez em função das novas tecnologias. Esse fenômeno ocorre em especial por meio das obras populares de entretenimento - como músicas, novelas, filmes e histórias em quadrinhos - que, em muitos momentos, também se põem a questionar essa postura, mesmo que de forma tímida. Podemos exemplificar essa ampla difusão do imaginário do suicídio por meio de duas famosas criações artísticas contemporâneas.

Em 1982 o cantor carioca Gonzaguinha lançou uma das músicas mais reproduzidas nas rádios brasileiras da época. A canção *O que é, o que é?* foi celebrada pelo público como uma ode à vida, exaltando a superação dos problemas cotidianos e a reverência às coisas belas que a existência concedida por Deus proporciona. Um dos trechos da canção revela como o suicídio, mesmo sendo cogitado diante das adversidades, deve ser deixado de lado em face da fé nos desígnios divinos.

Você diz que é luta e prazer  
 Ele diz que a vida é viver  
**Ela diz que melhor é morrer**  
**Pois amada não é**  
**E o verbo é sofrer**  
**Eu só sei que confio na moça**  
**E na moça eu ponho a força da fé**  
 Somos nós que fazemos a vida  
 Como der, ou puder, ou quiser  
**Sempre desejada**  
**Por mais que esteja errada**  
**Ninguém quer a morte**  
**Só saúde e sorte**  
**E a pergunta roda**  
**E a cabeça agita**  
 Eu fico com a pureza  
 Da resposta das crianças  
 É a vida, é bonita  
 E é bonita  
 (Gonzaguinha, 1982, grifo nosso)

Percebe-se pela canção como a negação do autocídio se manteve presente no imaginário popular de forma resistente. É um fenômeno que pode ser percebido também em larga escala em outro setor do entretenimento de massa, o cinema.

Mais de uma década depois da canção brasileira, em 1997, o cineasta iraniano Abbas Kiarostami leva às salas de projeção um dos filmes mais controvertidos a respeito das reflexões sobre o interdito da morte voluntária. *Gosto de cereja* traz o enredo de um homem que decide cometer suicídio e está à procura de alguém para enterrar seu corpo. A história se passa na periferia da capital do Irã, Teerã, no cenário árido de uma pedreira, onde o protagonista - um homem por volta de 50 anos chamado Badii - tenta convencer algum indivíduo a ser seu cúmplice no ato pecaminoso (todos os personagens são adeptos do islamismo) que pretende cometer. O filme está repleto de simbolismos visuais e narrativos sobre o dilema do suicídio e possui um elemento inquietante para o espectador: Badii não conta em momento algum porque tenciona se matar.

O primeiro homem a conversar com o postulante ao suicídio é um jovem e inexperiente soldado, que fica tão aflito com a proposta que foge correndo para longe do local onde Badii afirma que quer ser enterrado. O segundo, um seminarista adulto, argumenta uma série de motivos pregados pela religião islâmica para que Badii não se mate, mas o protagonista contesta. “Chega o momento em que um homem tem que agir. Você compreende minha dor, mas não pode senti-la. E estar infeliz é um grande pecado também. Quando você está infeliz, você fere outras pessoas. E isso é um grande pecado” (GOSTO DE CEREJA, 1997). Contudo, o religioso recusa o trabalho. O terceiro, um senhor idoso, aceita fazer o enterro por precisar da alta quantia em dinheiro que Badii oferece, mas ainda tenta convencê-lo a não praticar o ato, dizendo que ele mesmo - quando jovem - pensou em suicídio, mas desistiu na iminência de praticá-lo. O filme termina com Badii deitado no buraco cavado por ele para ser seu túmulo, mas sem deixar claro se o suicídio foi ou não cometido.

Essas duas obras de segmentos diferentes da arte, sugestionam como as formas de expressão da cultura humana trazem em si as construções controversas acerca da morte voluntária que foram acentuadas durante a Idade Média. E daí surge uma reflexão que entrelaça esses dois aspectos: se a intensificação dessa proibição ocorreu há mais de mil anos e os meios pelos quais ela se propaga possuem vetores bem mais eficazes e ligeiros hoje, poderia se supor que o número de auto sacrifícios, se não diminuíssem, pelo menos seguissem uma linha média tendendo à estabilidade. Por que razão, então, nas últimas décadas os índices de suicídio vêm crescendo em proporção acelerada, não só em Teresina, mas em todo o mundo?

A resposta para essa questão pode estar no fenômeno da vida moderna, com sua sociedade globalmente conectada e de transformações frenéticas. Ainda no século XVIII Voltaire já reclamava de como o cotidiano exigia sacrifícios em demasia dos indivíduos. Em uma das cartas que escreveu a seus amigos ele ironizou a modernidade que ainda se consolidava quando afirmou não saber o que é a vida eterna, mas ter certeza que esta é uma brincadeira de mau gosto (VOLTAIRE, 2011). Desde então o fenômeno moderno e seu ritmo desumano vêm sendo alvo de estudos.

O modo como a modernidade afeta a vida social e, conseqüentemente, a dos indivíduos foi tratado por Giddens (1991). De acordo com ele o período identificado como modernidade se caracteriza pelo surgimento de costumes e uma organização social surgida na Europa e que se espalhou rapidamente pelo mundo inteiro. Esse período se caracteriza pelo surgimento e consolidação do sistema de produção capitalista, do processo de industrialização, da ampliação da vigilância populacional por parte do Estado e do crescimento do poderio militar com o

monopólio da violência pelo poder público. Esses fatores em conjunto contribuíram para tornar ainda mais difícil (porque esse processo já era complexo mesmo antes da Modernidade) a forma como as pessoas constroem suas identidades.

Nesse contexto, afirma Giddens (2002), surge o fenômeno da *reflexividade*, que se caracteriza como a constante reformulação do conhecimento humano afetando diretamente a vida social. A isso se soma a proeminência das influências globais de comportamento - impulsionadas pelo rápido avanço das tecnologias de difusão da informação - que vão sobressair excessivamente sobre as locais. Ocorre, então, a dificuldade em conseguir estabelecer a própria identidade, já que o comportamento local não é mais suficiente para a colocação na sociedade de mercado e a conduta global padroniza ações, distanciando o sujeito da comunidade em que está inserido. Viver nesse ambiente é viver sob risco constante, pois todas as circunstâncias nas quais estamos inseridos possuem estabilidade incerta.

É essa incerteza que cria inconstância na formação do eu de cada indivíduo da sociedade moderna. Em momentos anteriores da história era possível ter uma noção mais estável do que a vida reservaria em alguns anos, pois os sujeitos em geral desejavam apenas o que lhes parecia alcançável dentro de suas possibilidades sociais. Hoje o futuro se divide em infinitas perspectivas, a maioria ruins e angustiantes, principalmente pelas expectativas que se criam em torno dessas possibilidades onde não cabem todos. As frustrações são tão certas e tão comuns que o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2007), pesquisador da modernidade, classificou-as como uma ocorrência comum chamando-as de espiral da sociedade da decepção. Essa imprecisão exacerbada do amanhã que os tempos modernos trouxeram, predispõe o surgimento de crises constantes, que vão se manifestar em cada sujeito de formas diferentes e, por isso, serão invariavelmente confundidas com atribuições pessoais, quando na verdade são adversidades criadas pelas circunstâncias da vida moderna globalizada e as turbulências da sociedade de risco (BECK, 1997). As ameaças constantes do mundo cobiçoso, violento e cada vez mais bélico transformaram a vida de cada indivíduo que vive nele em um estado ininterrupto de medo e sofrimento, trazendo cada vez mais à tona a reflexão sobre se vale a pena viver dessa forma (KALINA e KOVADLOFF, 1983).

Marx (2006) denunciava essa realidade já no século XIX, em suas conclusões sobre os dados coletados por Peuchet. Ali ele afirmava que a opressão resultante dos valores burgueses da busca ininterrupta por capital, tanto por camadas sociais como por indivíduos, resulta em condições psicológicas que fomentam a morte voluntária. Mesmo não sendo o suicídio sua preocupação principal, ele estava entre os efeitos que poderiam ser combatidos na busca pela

libertação do proletariado no cenário moderno que se desenhara há pelo menos dois séculos. Não podemos, porém, esquecer que Marx via o suicídio como um recurso legítimo aos indivíduos que padecem com os males sociais. Não se pode exigir que alguém aceite viver em condições desumanas, diz ele.

O pensador alemão, no entanto, viu o autoextermínio como algo padrão nas sociedades onde exista divisão do trabalho - em particular na burguesa, onde há o acirramento da disputa entre os humanos corporificada em representações morais opressoras - e insinuou que as mortes voluntárias tendem a diminuir com reformas administrativas e questionamentos de condutas que horizontalizem as posições dos sujeitos nas comunidades. Esse raciocínio soa como um contrassenso pois, partindo do materialismo histórico dialético proposto por ele próprio pode-se questionar a razão dos esforços empenhados desde a Antiguidade para se conter o suicídio estarem embasados na conscientização para a condescendência diante do sofrimento. Ora, não seria mais eficaz se esse estratagema fosse voltado para dar fim às causas do sofrimento? Se é a moral social que dá origem ao sofrimento que leva ao suicídio, é ela a fonte do mal. E é ela, portanto, que deve ser modificada.

A sociedade tóxica prevista por Marx, Voltaire, Giddens e tantos outros é a que ganha volume ao redor do globo. Nesse contexto vão se desenvolver as ideias suicidas que se tornaram tão comuns em qualquer parte do mundo atual. Isso não significa dizer que os aspectos pessoais não vão influenciar na formação desses quadros, apenas reforça o caráter psicossocial da morte voluntária e mostra como a epidemia desse fenômeno têm suas raízes em eventos sociais. Por sinal, esse é um fato que costuma ser negligenciado quando se observam as estratégias de combate e prevenção ao suicídio das instituições que se propõe a tal empreitada. O foco é quase sempre a saúde mental - o indivíduo - deixando de lado as causas externas que motivaram o surgimento daquela situação, ou seja, o ambiente comunitário no qual a pessoa vive.

É esse aspecto social do problema do suicídio que tentamos evidenciar nesse trabalho. Fazer o levantamento das estruturas imaginárias da postura que se desenvolve ante o suicídio possui, em um plano mais amplo, o intento de mostrar que essa esfera das elaborações societárias possui interferência significativa nas atividades dos atores sociais. A partir dos produtos simbólicos mentais criam-se os níveis de aceitação dos comportamentos das pessoas com ideia suicida, que determinam a intensidade de sua inserção no grupo. E a força de integração de cada indivíduo junto a coletividade, isto é, da harmonização de seu pensamento

junto aos pares, vai determinar com que velocidade o transtorno desenvolvido irá se desenvolver, até onde a vontade de se matar vai avançar.

Durkheim explicou essa integração no sentido contrário, ao falar de como a anomia reflete no aumento dos casos de suicídio. Para ele, a rápida desintegração das normas sociais vigentes leva os indivíduos a se sentirem desajustados, sem o amparo grupal necessário para embasar suas atitudes (2014). A ideia desenvolvida é que a coerção social age no sentido de dar direcionamento comportamental às pessoas, auxiliando no modo como elas devem se portar em determinadas situações, em especial naquelas em que nunca estiveram. É uma espécie de freio social imposto no caminhar supostamente livre de cada um dos indivíduos que, mesmo sem perceber, o utilizam como fonte de comodidade e de refúgio. Nesse contexto, o raciocínio é: se sabemos como queremos ser tratados e qual nossa postura para alcançar nossos objetivos, e temos os parâmetros para que isso ocorra, nos sentimos seguros em nossas interações.

Por outro lado, quando a sociedade perde, por alguma razão, sua capacidade de exercer coerção, a insegurança passa a predominar e, segundo Durkheim, as curvas das taxas de suicídio tendem a crescer. Se a força social coercitiva age na direção dos indivíduos, como afirma a pai da sociologia, existe uma força contrária que a busca em rota oposta, partindo dos indivíduos que precisam encontrar nela seu suporte enquanto atores de determinada comunidade. É esse estímulo que age dentro do propósito ao qual nos referimos aqui, o de manter os integrantes do grupo coesos entre si. Quando existe vigor nessa coesão com os demais, o indivíduo tende - mesmo diante das pressões modernas - a desenvolver com mais lentidão sua tendência à ideação suicida. Isso, claro, para aqueles nos quais ela vai florescer. É a integração social, a capacidade que cada um possui de se ajustar no ambiente em que vive, que vai determinar quais símbolos serão movidos no imaginário para agir frente à ideação e ao ato suicida.

Entretanto, mesmo nos voltando para um setor onde o público específico está passando por problemas emocionais a ponto de precisar de ajuda de profissionais, não pretendemos afirmar que as ideias de suicídio se desenvolvem apenas em quem está nessas condições psicológicas.

Sob uma visão humanista, não se pode escolher nascer. Quando o indivíduo se dá conta de sua presença no mundo - ontologicamente falando - ele já existe há algum tempo enquanto matéria orgânica pensante. Mas o livre arbítrio do homem (sob uma perspectiva filosófica, não religiosa) permite-lhe desistir de viver. Em geral, como já mostramos, essa escolha pela morte vem acompanhada de sofrimento e desilusão com as experiências vividas e foi essa a impressão de um dos atendentes entrevistados ao dizer que “não se tem notícia de algum suicídio cometido

por excesso de felicidade”. Mesmo existindo um grau elevado de lógica nessa constatação, existem inúmeros casos que podem contestá-la, como muitas das mortes voluntárias dos protocristãos em busca do encontro com Cristo, dos druidas da religião celta medieval e das mulheres indianas no ritual conhecido como sati, quando eram sepultadas com seus maridos (há relatos de disputa entre as viúvas casadas com o mesmo homem para decidir quem teria a honra de ser enterrada com ele). São situações que despertam emoções ambíguas, difíceis de serem catalogadas entre a satisfação (felicidade) ou a tristeza.

Todavia, a controvérsia criada pelo imaginário vai sempre trazer a polêmica em torno desse ato e isso foi algo que também ganhou vigor com a chegada da modernidade. Podemos perceber isso a partir de eventos recentes onde o imaginário macabro do suicídio atormentou a sociedade por meio de um veículo extremamente acessível e difícil de controlar, a internet.

A partir de 2015 a popularização de um desafio mórbido que ficou conhecido como Jogo da baleia-azul e era propagado entre adolescentes por meio das redes sociais, deixou autoridades do mundo inteiro em alerta. O desafio consistia em realizar 50 tarefas - entre as quais automutilações e comportamento de risco, como subir no parapeito de prédios altos - das quais, a última seria a morte auto infligida. Centenas de suicídios pelo mundo foram atribuídos a pessoas que participavam desse jogo - mas nenhum deles teve comprovação dessa relação - e no Brasil iniciou-se uma caçada da polícia aos curadores do jogo (PENNAFORT, 2017). O fato criou pânico porque era disseminado por canais bastante populares, como o americano Facebook e o russo Vkontakte, veículos com os quais os jovens têm bastante intimidade e os pais têm pouco domínio. Uma das tarefas do jogo seria “desenhar” no braço com uma lâmina, uma baleia-azul, animal tido como suicida, uma vez que, supostamente, costuma ir sozinho à praia para encalhar e morrer<sup>88</sup>. O simbolismo do imaginário de pesar e tormento relacionado ao suicídio se desvela aqui de forma visível: mutilações, dores, sofrimento e sangue, aliados a velocidade e ao alcance da era da informação moderna. Uma mistura aterrorizante.

Em 2018 um evento similar também assustou a população mundial, o desafio da Momo. Aqui o imaginário do suicídio se apresenta de forma mais sinistra. Momo é uma boneca com características assustadoras, de olhos esbugalhados e boca grande similar a um bico de

---

<sup>88</sup> Os biólogos afirmam que esse tipo de comportamento ocorre com diversas espécies de cetáceos, não apenas a baleia-azul, e que é atribuído à desorientação causada por diversos fatores, como poluição dos mares e parasitas. Mas não existem estudos científicos que comprovem que seja suicídio, portanto essa hipótese não é aceita pela comunidade científica (CARVALHO, 2017).

pássaro<sup>89</sup>, e que passaria - através do aplicativo WhatsApp - recomendações para que seus interlocutores praticassem automutilação. Quem enviava mensagens à boneca pelo aplicativo, recebia de volta imagens violentas, ameaças de morte e estímulos ao suicídio (BBC, 2018). O caso evoluiu para algo mais grave após denúncias de que a boneca estaria aparecendo no meio de vídeos infantis ensinando como as crianças deveriam fazer para dar cabo de suas vidas, levando os pais a redobrar a vigilância sobre o que seus filhos pequenos estavam assistindo na internet. Assim como no caso da Baleia-azul, as autoridades não conseguiram nenhuma comprovação de que alguém tivesse se ferido com gravidade por causa do Desafio da Momo.

Os dois casos citados servem para nos dar uma dimensão de como o imaginário nefasto do suicídio ganhou projeções colossais na modernidade. Essas imagens pérfidas foram utilizadas pelos criminosos para tentar intimidar e coagir os participantes do desafio a seguirem suas ordens. E foram essas mesmas imagens que mobilizaram pais, autoridade e sociedade em geral a criar forças-tarefas e grupos de “contra-ataque” pela preservação da vida.

No entanto, ao contrário do que poderia se supor, o rescaldo dessa experiência traumática não se refletiu em políticas públicas para aumentar o debate e a conscientização sobre o suicídio, o que seria um dos aspectos mais relevantes em uma sociedade que sofre com os índices crescentes, mesmo antes das ameaças dos desafios de internet. Falar sobre o suicídio é o caminho mais curto para a diminuição desses índices. Foi o que conseguimos inferir dos resultados dessa pesquisa.

O levantamento dos símbolos imaginários dos atendentes que atuam no combate à ideação suicida em Teresina revelou a existência de fortes tendências de desaprovação da prática do suicídio. As imagens que atuam na formação dos juízos sobre esse fenômeno são extremamente negativas, confluindo para a solidificação da hipótese de que o imaginário repele a ideia da busca pela morte, algo que ficou perceptível também nos velórios frequentados.

Essa negatividade simbólica se impõe como recurso severo de aviso a algo extremamente pernicioso para a vida. O imaginário se ergue com uma função eufemística, afirma Durand, pois lhe cabe, de forma ética, negar o negativo (1993), isto é, se manifesta com imagens rígidas, porém que são inseridas de forma suave. Notemos que o eufemismo aqui não se trata de remeter aos símbolos do Regime Noturno - que se encaminham para imagens brandas

---

<sup>89</sup> A imagem feminina da boneca Momo era uma reprodução de uma escultura chamada *Mother Bird* (mãe pássaro) do artista plástico japonês Keisuke Aiso, que ficou exposta em uma galeria em Tóquio em 2016. A obra é inspirada na lenda japonesa da Ubume, que surge quando uma mulher morre grávida ou durante o parto e retorna para cuidar do filho, atormentando as pessoas vivas (LIMA, 2019).

e reconfortantes - mas a uma designação geral dessa instância psicológica. Isso porque o eufemismo da ação do imaginário sobre a morte voluntária, nesse caso, está não nos símbolos e mitos destacados, mas no próprio ato de utilizar a imaginação como forma de mostrar resistência à conduta.

O campo imaginário conforme visto por Durand não tem apenas a função de camuflar a consciência dos seres humanos diante da finitude da vida, mas também de promover a harmonia em seu convívio social. Esse aspecto é melhor compreendido quando o analisamos através do trajeto antropológico, ou seja, da evolução do imaginário a partir das experiências individuais que os sujeitos vivenciam cotidianamente. As tendências de rejeição ao suicídio revelam a influência do trajeto antropológico pela diversidade de símbolos que foram mencionados pelos atendentes ou expressados pelos participantes dos velórios. Esse mesmo fenômeno pode explicar como os atendentes conseguem deixar sua empatia se sobrepor à desaprovação do suicídio e o os participantes dos velórios, não.

Na prática, o contato direto estabelecido pelos atendentes com as pessoas que buscam ajuda, suaviza esse parecer, mesmo não o anulando por completo. O que se percebeu nos depoimentos colhidos é que a partilha de informações íntimas por parte dos atendidos desperta neles um sentimento de solidariedade, que ameniza os efeitos inatos do imaginário. No grupo escolhido para a pesquisa, percebeu-se que esse abrandamento foi reforçado pelo envolvimento emocional que a maioria possui com a prática, com 80% deles tendo pensado em cometer suicídio ou sendo próximos de alguém que efetivou o ato.

Tais resultados foram corroborados pelo teste Likert, que indicou existe uma disposição dos atendentes a uma maior tolerância ao lidar com pessoas com ideação suicida. Ao mesmo tempo, o teste permitiu robustecer a ideia de que uma forte influência religiosa atua na geração de símbolos condenatórios do suicídio, também enfraquecida devido ao fator citado anteriormente.

Nesse sentido, nem mesmo as matrizes do imaginário conseguem se sobrepor ao instinto de solidariedade e empatia desenvolvido por meio das experiências de interação dos atendentes com os atendidos. Daí se pode concluir que o conhecimento mais estreito do suicídio, conseguido por meio do diálogo aberto, contribui para diminuir o estigma ancestral que recai sobre o ato. Isto posto, voltamos a pontuar que a elaboração de políticas públicas direcionadas para um rico debate social sobre o assunto tem potencial para tornar o suicídio menos polêmico e diminuir a discriminação sofrida por quem desenvolveu a ideação, pelos familiares dos mortos e até mesmo pela honra das vítimas.

Essa pesquisa se constitui como apenas um viés de colaboração para o estudo do fenômeno da morte voluntária, uma vez que sua análise reivindica ações de campos muito variados da ciência. Sob uma perspectiva sociológica, queremos mostrar que - mesmo que a maior parte dos estudos produzidos sobre essa temática seja de natureza das atividades mentais, em especial da psicologia – as ocorrências que envolvem as condutas comunitárias estão presentes desde o início do problema e exercem forte ingerência nos resultados finais.

Pensar o autocídio sob a ótica do imaginário dos atendentes da rede de combate à ideação suicida representa apenas uma tenra aproximação dessa vasta superfície repleta de campos ainda inexplorados, mas que - acreditamos - possui pertinente relevância na busca pelo decréscimo das taxas que afligem as mais diversas sociedades, desde as mais pobres, até as mais abastadas. Isso porque, a despeito dos grandes esforços das ciências voltadas para as manifestações mentais, os propulsores que estimulam um sujeito a cometer suicídio - e os recursos para enfraquece-los - podem ser melhor visualizados no ambiente em que este indivíduo vive e pratica suas atividades diárias, do que nos obscuros cantos da mente.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **A cidade de Deus**. Livro I. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Goubekian, 1996.
- ALCORÃO, O/ MAOMÉ. Tradução de Mansour Challita. 7ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- ALDROVANDI, Cibele E.V. **As exéquias do buda Sakyamuni**: morte, lamento e transcendência na iconografia indiano-budista de Gandhara. Tese de doutorado em arqueologia e etnologia. Universidade de São Paulo, 2006.
- ALI HAKEM, A. M. **A civilização de Napata e Méroe**. In: História geral da África, II: África Antiga. Brasília. Unesco, 2010.
- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**: Inferno. Tradução de Helder L. S. da Rocha. São Paulo, 1999. Disponível em <http://www.stelle.com.br/ebooks/Inferno.pdf> . Acesso em: 10/02/2019.
- ALVAREZ, A. **El dios salvaje**: un estudio del suicidio. Bogotá. Editorial Norma, 1999.
- ALVAREZ FERREIRA, Agripina Encarnacion. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: [http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/dicionario%20de%20imagem\\_digital.pdf](http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/dicionario%20de%20imagem_digital.pdf). Acesso em: 12/08/2018.
- ALVAREZ, Santiago. Enterrando heróis, patriarcas, suicidas e traidores: solidariedade e ostracismo nos Andes colombianos. **Mana** [online], vol.7, n.2, pp.35-55, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-93132001000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-93132001000200002&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 03/08/18.
- ANAZ, Sílvio; AGUIAR, Grazyella; LEMOS, Lúcia; FREIRE, Norma; COSTA, Edwaldo. Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. In: **Revista Nexi**. n.3, 2014.
- ANDRADE, Rodrigo de. **Torquato Neto**: uma poética da contracultura. Dissertação de mestrado em letras. Universidade de Passo Fundo, 2008.
- ANDRÉS, Ramón. **Historia del suicidio en occidente**. Barcelona: Península, 2015.
- AQUINO, Tomás. **Suma de Teologia**. Madri: Biblioteca de autores cristianos, 1988.
- ARAGÃO, Iury Parente. **A criação do santo não canônico motorista gregório**. Acta Científica, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 3, p. 53-64, set/dez 2011.
- ARAGÃO NETO, Carlos Henrique de. **Os aspectos socioantropológicos que contribuem para a tentativa de suicídio em Teresina-PI**. Teresina. Dissertação de mestrado em antropologia. UFPI, 2013.

ARAÚJO JÚNIOR, Benedito Carlos de. **Apoptose na Cidade Verde**: suicídios em Teresina na primeira década do século XXI. São Paulo. Tese de doutorado em ciências sociais. PUC-SP, 2014.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ARMSTRONG, Karen. **Maomé**: uma biografia do profeta. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

**ARS MORIENDI**. London: Royal College of Physicians of London, 1881. Disponível em <https://archive.org/details/b22650222/page/n6> . Acesso em: 20/03/17.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACON, David Francis. **Lives the apostles of Jesus Christ**. New Haven: L.H. Young, 1836.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'água Editora, 1981.

BBC Brasil. **O que é a 'Momo do WhatsApp' e quais são os riscos que ela representa?** Reportagem não assinada. São Paulo, 26/07/18. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-44961410> Acesso em: 01/04/19.

BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. Réplicas e críticas. **In**: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1973.

BELTRÃO, Jane Felipe et al. **Vida e morte entre povos indígenas**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 206-238, jan./jun. 2015.

**BÍBLIA**, A. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Tradutores diversos. São Paulo: Paulus, 2002.

BOTELHO, Camilo Cândido (espírito). **Memórias de um suicida**. Psicografado por Yvonne do Amaral Pereira. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2018.

BOTTÉRO, Jean. **No começo eram os deuses**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Volume II. Petrópolis: Vozes, 1987.

BRASIL, Assis. **Os que bebem como os cães**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. Coleção Prestígio.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.** Diário Oficial da União 2016; 7 abr.

BROWN, Ron. **The art of suicide.** London: Reaktion Books, 2001.

BUBL, Emanuel et al. Seeing Gray When Feeling Blue? Depression Can Be Measured in the Eye of the Diseased. **Biological Psychiatry**, Nº 10, 2010.

BULLEN, George. Introduction. In: **ARS MORIENDI.** London: Royal College of Physicians of London, 1881. Disponível em <https://archive.org/details/b22650222/page/n6> . Acesso em: 20/03/17.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CAILLOIS, Roger. *Power.* IN: HOLLIER, Denis. **The college of Sociology.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.

CAMPELO, Iury. **Túmulos de personalidades piauienses atraem admiradores.** Cidadeverde.com, Teresina, 02/11/2009. Disponível em <https://cidadeverde.com/noticias/47219/tumulos-de-personalidades-piauienses-atraem-admiradores> . Acesso em: 07/08/2018.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

CANHÃO, Telo F. **A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização.** Tese de doutorado em História Antiga. Universidade de Lisboa, 2010a. Vol. I/1.

CANHÃO, Telo F. **A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização.** Tese de doutorado em História Antiga. Universidade de Lisboa, 2010b. Vol. I/2.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Revista Saber Acadêmico.** (6):73-80, 2008.

CARVALHO, André. **Baleia-azul não é suicida: saiba mais sobre o animal que dá nome ao jogo.** UOL, São Paulo, 20/04/2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2017/04/20/conheca-a-baleia-azul-animal-que-da-nome-ao-jogo-mas-nao-sao-suicidas.htm> . Acesso em: 05/04/19.

CARVALHO, O.G. Rego. **Ulisses entre o amor e a morte.** 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CASSORLA, Roosevelt. Considerações sobre o suicídio. IN: CASSORLA, Roosevelt (coordenador). **Do suicídio: estudos brasileiros.** Campinas: Papirus, 1991.

CASSORLA, Roosevelt. **O que é suicídio.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. Coleção primeiros passos.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, 1995

- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los Símbolos**. Barcelona: Herder, 1986.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. **Diccionario de símbolos**. Barcelona: Editorial Labor, 1992.
- CONFÚCIO. **Os Analectos**. Tradução de Caroline Chang. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.
- DAOLIO, Edilberto Raimundo. Suicídio: tema de reflexão bioética. **Revista Bioética**, vol. 20, núm. 3, pp. 436-441, 2012.
- DAUZAT, Pierre-Emmanuel. **O suicídio de Cristo: uma teologia**. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.
- DE FRANCO, Clarissa. **A cara da morte: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo**. São Paulo: dissertação de mestrado em ciências da religião da PUC/SP, 2008.
- DELGADO, Jeferson. **Explicando em detalhes: Setembro Amarelo**. Kondzilla.com, Rio de Janeiro, 10/09/2018. Disponível em: <https://kondzilla.com/explicando-em-detalhes-setembro-amarelo/> . Acesso em: 02/02/2019.
- DIAS, Cid de Castro. **Piauí: das origens à nova capital**. Teresina: Fundação Cultural do Piauí (FUNDAC), 2008.
- DONNE, John. **Biathanatos**. Barcelona: El Cobre Ediciones, 2007.
- DUARTE, T. A. Inferno: Uma Ideia Do Espaço Dos Pecadores na Divina Comedia de Dante Alighieri. **Anais do III Simpósio Nacional de História da UEG**. Iporá: agosto, p.771-785, 2013.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. Coleção Teoria das artes e literatura. V. 6
- DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. São Paulo: Edipro, 2016.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Edipro, 2012.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História eclesiástica**. São Paulo: Novo Século, 2002.

FERREIRA, Amauri C; SILVEIRA, Luiz Henrique L. Do Círculo de Eranos à construção do simbólico, em Carl Gustav Jung. **Psicologia USP** [online]. 2015, vol.26, n.2, pp.259-268. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00259.pdf>. Acesso em: 14/08/2018.

FILHO, Bernardo Pereira de Sá. Retratos dos corpos pérfidos. IN: CASTELO BRANCO, Julinete V; SOLON, Daniel V. **História em poliedros: cidade, cultura e memória**. Teresina: EDUFPI, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-18-1920-1922.pdf>. Acesso em 03/08/2018

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicídio e luto: histórias de filhos sobreviventes**. 1ª ed. São Paulo. Digital Publish & Print Editora. 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

GIDDENS, A. The suicide problem in French sociology. **British Journal of Sociology**, v. 16, n. 1, p. 3-18, 1965.

GIMBUTAS, Marija. **Os eslavos**. Lisboa: Editorial Verbo, 1975

GIVEN, Lisa M. **The Sage encyclopedia of qualitative research methods**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2008.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GONZAGUINHA. O que é, o que e? **Caminhos do coração** (álbum musical). São Bernardo do Campo: EMI-Odeon, 1982.

HERÓDOTO. **Histórias**. São Paulo: eBooksBrasil, 2006. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html>. Acesso em: 17/10/2018.

HESÍODO. **Teogonia/Trabalhos e dias**. Imprensa Nacional - Casa da Moeda: Lisboa, 2005.

HUME, David. **Sobre las falsas creencias del suicidio, la inmortalidad del alma y las supersticiones**. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2009.

IBIAPINA, Fontes. **Palha de arroz**. 4 ed. Teresina: Corisco, 2003.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOSEFO, F. **História dos hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao inconsciente. IN: JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. - Petrópolis: Vozes, 2000.

KALINA, Eduardo; KOVADLOFF, Santiago. **As cerimônias da destruição**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1983.

KANT, Immanuel. **A metafísica dos costumes**. Bauru: EDIPRO, 2003. Série Clássicos Edipro.

KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno, ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2016a.

KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2017.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2016b.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **O desespero humano / Diário de um sedutor / Temor e tremor**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.

KOBOTOOLBOX. KoBoToolbox at the Harvard Humanitarian Initiative. 2016. Disponível em: <http://www.kobotoolbox.org/>. Acessado em: janeiro de 2019.

KRUEL, Kenard. **Torquato Neto ou a carne seca é servida**. Teresina: Zodíaco, 2008.

LAÉRTIOS, Diôgenes. **Vida e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LAVILLE, C.; Dionne, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário**. Tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LEWIS, Bernard. **A Crise no Islã: Guerra Santa e Terror Profano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LIMA, Ramalho. **A Momo está morta: artista da 'mãe pássaro' destrói escultura original.** TECMUNDO, São Paulo, 06/03/19. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/139243-momo-morta-artista-mae-passaro-destroi-escultura-original.htm> . Acesso em 05/04/19.

LIPOVETSKY Gilles. **A sociedade da decepção.** Barueri: Manole, 2007.

LÍVIO, Tito. **Historia de Roma desde su fundación:** libros I a X. 1996. Disponível em <https://pensamentosnomadas.blogs.sapo.pt/livros-de-tito-livio-em-pdf-33803> . Acesso em: 25/01/2018.

LÖWY, M. Um Marx insólito. In: MARX, Karl. **Sobre o suicídio.** São Paulo: Boitempo, 2006.

LUIZ, André (espírito). **Nosso Lar.** Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2018.

MACHADO, M.; LEITE, C.; BANDO, D. *Políticas Públicas de Prevenção do Suicídio no Brasil: uma revisão sistemática.* **Revista Gestão & Políticas Públicas**, 4(2), 334-356, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rgpp/article/view/114406> . Acesso em: 05/04/19.

MAESTRI, Mário. A pedagogia do medo: disciplina, aprendizado e trabalho na escravidão brasileira. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil.** Séc. XVI/XVIII. Petrópolis, RS: Editora Vozes, V. 1, p. 192-209, 2004.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista Famecos:** mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MAGALHÃES, Maria do Socorro R. A lenda do Cabeça-de-Cuia: estrutura narrativa e formação do sentido. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 7 - n. 1 - p. 151-160 - jan./jun, 2011.

MARTIN, Kathleen. **O livro dos símbolos.** Reflexões sobre imagens arquetípicas. Colônia: TASCHEN, 2012.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da Economia Política.** Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio.** São Paulo: Boitempo, 2006.

MÁXIMO, Valerio. **Hechos e dichos memorables:** libros I-VI. Madri: Editorial Gredos, 2003.

MELO, Clélio S. Epístolas de uma despedida: o desfecho trágico de Werther. Belo Horizonte, UFMG. **ReVeLe**, nº 5, 2013.

- MELLO, Gláucia Boratto R. de. *Contribuições para o estudo do imaginário*. Em **Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MINOIS, Georges. **History of suicide: voluntary death in Western culture**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.
- MONTESQUIEU. **Cartas Persas**. Ciudad de México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1992.
- MONTESQUIEU. **Do espírito das leis**. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Coleção Os Pensadores.
- MOKHTAR, Gamal. *Introdução geral*. In: **História geral da África II: África Antiga**. Brasília. Unesco, 2010.
- MOREIRA, Flávio da Silva. **Prevenir Suicídios: responsabilidade social da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Teresina**. Teresina. Monografia de conclusão de curso. FAEPI, 2008.
- MORIN, Edgar. **El hombre y la muerte**. Barcelona: Editorial Kairós, 2003.
- MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia sociológica**. São Paulo: É realizações Editora, 2014.
- MORUS, Thomas. **Utopia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. Coleção Clássico IPRI.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.
- NETO, Torquato. **Os últimos dias de Paupéria**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- NETTO, Nilson Berenchtein. **Educação, saberes psicológicos e morte voluntária: fundamentos para a compreensão da morte de si no Brasil colonial**. São Paulo. Tese de doutorado em psicologia social. PUC-SP, 2012.
- NEVES, Abdias. **A guerra do Fidié**. 3 ed. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- O'CONNELL, Mark; AIREY. **Almanaque ilustrado símbolos: origens, significados, utilização e revelações: os códigos secretos dos mistérios, magia e sabedoria de todos os tempos**. São Paulo: Editora Escala, 2016.
- OLIVEIRA, Abílio; AMÂNCIO, Lígia; SAMPAIO, Daniel. Arriscar morrer para sobreviver: olhar sobre o suicídio adolescente. **Análise Psicológica**, v. 19, n. 4, p. 509-521, 2001.

OLIVEIRA, Francisco de. Suicídio na Roma Antiga. in: **MÁTHESIS**, 3, 1994 pp. 65-93

PASSOS, Ceres; DIAS, Juliana. **Laudo do IML confirma que Padre Lauro se matou**. Portalodia.com, Teresina, 30/08/2013. Disponível em: <https://www.portalodia.com/noticias/policia/laudo-do-impl-confirma-que-padre-lauro-se-matou-179654.html> . Acesso em: 07/08/2018.

PENNAFORT, Roberta. Polícia busca 'curadores' do jogo online Baleia-Azul. **UOL**, Rio de Janeiro, 21/04/2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/04/21/policia-busca-curadores-do-jogo-online-baleia-azul.htm> . Acesso em: 05/04/19.

PEREIRA, Vera T. **O suicídio em Freud. Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado psicologia. Fundação Getúlio Vargas, 1988.

PERNETY, Dom Antoine-Joseph. **Diccionario mito-hermético**. Cidade do México: Ediciones Índigo, 1993. Colección Archivo Hermético.

PHILLIPS, David P. The influence of suggestion on suicide: substantive and theoretical implications of the Werther Effect. **American Sociological Review** nº 39, p. 340-354. 1974.

PIERSEN, William D. White cannibals, black martyrs: fear, depression, and religious faith as causes of suicide among new slaves. **The Journal of Negro History**, Vol. 62, No. 2, pp. 147-159. 1977.

PINGUET, Maurice. **A morte voluntária no Japão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

PLATÃO. **As leis**. São Paulo: Edipro, 2010.

PLATÃO. *Fédon*. in: **Coleção os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

**RG VEDA**. Português. Livro I, Mandala I. Tradução de Eleonora Meier. Joinville: Shri Yoga Devi, 2013. Disponível em <http://www.shri-yoga-devi.org/textos/Rig-Veda-livro-1-port.pdf> . Acesso em: abril de 2018.

ROCHA, Francisco de Assis Barbosa dos Santos. **Suicídio e família: a travessia dos sobreviventes**. Teresina: Halley, 2008.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

ROSENTHAL, Franz. On suicide in Islam. **Journal of the American Oriental Society**, Vol. 66, No. 3, pp. 239-259, 1946.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Coleção Clássicos.

SESAPI. **Plano de ação para prevenção do suicídio no estado do Piauí**. Governo do Estado do Piauí: Teresina, 2017.

SILVA JÚNIOR, Severino Domingos; COSTA, Francisco José. Mensuração e escalas de verificação: uma análise comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion. **Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, São Paulo, v. 15, n. 1, out. 2014.

SOUSA JUNIOR, Eustáquio J; CIRINO, Sérgio D. Revisitando a reflexologia soviética. **Revista Mnemosine**, Rio de Janeiro, Vol.5, nº2, p. 131-161. 2009.

SPICKER, Paul. Ethical Covert Research. **Sociology**, 45(1), 118–133. London: British Sociological Association, 2011.

STACK, Steven. Gender and suicide risk among artists: a multivariate analysis. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, 26 (4), 374-379, 2008.

TÁCITO, Cornélius. **Os Annaes**: volume II. Tradução de José Liberato Freire de Carvalho. Rio de Janeiro: Laemmert, 1830.

TÁCITO, Cornélius. **Germânia**. Tradução de João Penteado. São Paulo: eBooksBrasil, 1945. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/germania.html> . Acessado em: janeiro de 2018.

THAKUR, Upendra. **The history of suicide in India**: an introduction. New Delhi: Munshi Ram Manohar Lal, 1963.

TROMBETTA, Silvana. O ritual sacrificial de humanos e de animais entre os celtas. IN: LANGER, J; CAMPOS, L. (Org.). **A religiosidade dos celtas e germanos**. São Luís: UFMA/Gráfica Santa Clara, 2010.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**: estrutura e Anti Estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN HOOFF, Anton J.L. **From autothanasia to suicide**: self-killing in classical antiquity. New York: Routledge, 2002.

VENEU, Marcos Guedes. **Ou não ser: uma introdução à história do suicídio no Ocidente**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

VOLTAIRE. **Cartas Iluministas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2011.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015a. V. 1.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015b. V. 2.

WESTCOTT, William Wynn. **Suicide: its history, literature, jurisprudence, causation and prevention**. London: Royal College of Physicians of Edinburgh, 1885.

WIRTH, Louis. *Prefácio*. IN: MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

WHO (World Health Organization). **Depression and Other Common Mental Disorders: global Health Estimates**. Geneva, 2017.

WHO (World Health Organization). **Preventing suicide: a global imperative**. Geneva, 2014.

WHO (World Health Organization). **World health statistics 2016: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals**. Geneva, 2016.

FILMES:

**GOSTO DE CEREJA**. Direção. Abbas Kiarostami. Teerã: CiBy 2000, 1997. 95 min.

**HAMLET**. Direção: Laurence Olivier. Londres: Two Cities Films, 1948. 154 minutos.

**OTHELLO**. Direção: Orson Welles. Roma/Rabat: United Artists/ Marceau Films, 1951. 90 minutos.

**ROMEU E JULIETA**. Direção: Franco Zeffirelli. Roma/Londres: BHE Films, 1968. 138 minutos.

**APÊNDICE A** – Perfil dos atendentes entrevistados com relação à aproximação com o suicídio

	<b>Planejou atuar na área</b>	<b>Suicídio círculo pessoal</b>	<b>Teve depressão</b>	<b>Pensou em suicídio</b>
<b>Atendente 1</b>	SIM	SIM	SIM	NÃO
<b>Atendente 2</b>	SIM	SIM	NÃO	NÃO
<b>Atendente 3</b>	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
<b>Atendente 4</b>	NÃO	NÃO	SIM	SIM
<b>Atendente 5</b>	NÃO	SIM	SIM	SIM
<b>Atendente 6</b>	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
<b>Atendente 7</b>	SIM	NÃO	SIM	SIM
<b>Atendente 8</b>	SIM	NÃO	SIM	NÃO
<b>Atendente 9</b>	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Atendente 10</b>	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Atendente 11</b>	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
<b>Atendente 12</b>	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
<b>Atendente 13</b>	SIM	SIM	NÃO	NÃO
<b>Atendente 14</b>	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
<b>Atendente 15</b>	NÃO	SIM	SIM	SIM
<b>Atendente 16</b>	NÃO	NÃO	SIM	NÃO
<b>Atendente 17</b>	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Atendente 18</b>	NÃO	SIM	NÃO	NÃO
<b>Atendente 19</b>	NÃO	SIM	SIM	SIM
<b>Atendente 20</b>	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
<b>TOTAIS</b>	<b>SIM (7) 35%</b>	<b>SIM (10) 50%</b>	<b>SIM (9) 45%</b>	<b>SIM (6) 30%</b>
	<b>NÃO (13) 65%</b>	<b>NÃO (10) 50%</b>	<b>NÃO (11) 55%</b>	<b>NÃO (14) 70%</b>



7 - As pessoas com ideação suicida devem fortalecer seu lado espiritual

○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5  
Discordo muito Concordo muito

12 - Só comete suicídio quem está incapacitado de enxergar outras saídas

○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5  
Discordo muito Concordo muito

8 - A morte por suicídio está envolta em escuridão

○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5  
Discordo muito Concordo muito

13 - A ciência consegue compreender melhor que a religião o fenômeno do suicídio

○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5  
Discordo muito Concordo muito

9 - Alguém em sã consciência não comete suicídio

○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5  
Discordo muito Concordo muito

14 - A religião consegue compreender melhor que a ciência o fenômeno do suicídio

○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5  
Discordo muito Concordo muito

10 - A morte por suicídio sempre causa grande choque nas pessoas

○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5  
Discordo muito Concordo muito

15 - Conversar com alguém com ideação suicida causa grande angústia

○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5  
Discordo muito Concordo muito

11 - Quem cometeu suicídio não conseguiu achar o suporte mental adequado

○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5  
Discordo muito Concordo muito

## APÊNDICE C – Percentual geral do teste LIKERT

Questões	Concordância				Total		Neutralidade		Discordância				Total	
	Concordo totalmente		Concordo parcialmente				Indiferente		Discordo Totalmente		Discordo parcialmente			
<b>1</b>	18	90%	2	10%	<b>20</b>	<b>100%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	0	0%	0	0%	<b>0</b>	<b>0%</b>
<b>2</b>	14	70%	5	25%	<b>19</b>	<b>95%</b>	<b>1</b>	<b>5%</b>	0	0%	0	0%	<b>0</b>	<b>0%</b>
<b>3</b>	10	50%	7	35%	<b>17</b>	<b>85%</b>	<b>3</b>	<b>15%</b>	0	0%	0	0%	<b>0</b>	<b>0%</b>
<b>4</b>	4	20%	8	40%	<b>12</b>	<b>60%</b>	<b>4</b>	<b>20%</b>	3	15%	1	5%	<b>4</b>	<b>20%</b>
<b>5</b>	9	45%	3	15%	<b>12</b>	<b>60%</b>	<b>3</b>	<b>15%</b>	2	10%	3	15%	<b>5</b>	<b>25%</b>
<b>6</b>	11	55%	1	5%	<b>12</b>	<b>60%</b>	<b>7</b>	<b>35%</b>	1	5%	0	0%	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>7</b>	9	45%	4	20%	<b>13</b>	<b>65%</b>	<b>6</b>	<b>30%</b>	0	0%	1	5%	<b>1</b>	<b>5%</b>
<b>8</b>	6	30%	5	25%	<b>11</b>	<b>55%</b>	<b>4</b>	<b>20%</b>	3	15%	2	10%	<b>5</b>	<b>25%</b>
<b>9</b>	2	10%	5	25%	<b>7</b>	<b>35%</b>	<b>3</b>	<b>15%</b>	7	35%	3	15%	<b>10</b>	<b>50%</b>
<b>10</b>	18	90	0	0%	<b>18</b>	<b>90%</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	2	10%	0	0%	<b>2</b>	<b>10%</b>
<b>11</b>	7	35%	8	40%	<b>15</b>	<b>75%</b>	<b>2</b>	<b>10%</b>	0	0%	3	15%	<b>3</b>	<b>15%</b>
<b>12</b>	9	45%	4	20%	<b>13</b>	<b>65%</b>	<b>2</b>	<b>10%</b>	1	5%	4	20%	<b>5</b>	<b>25%</b>
<b>13</b>	4	20%	2	10%	<b>6</b>	<b>30%</b>	<b>10</b>	<b>50%</b>	1	5%	3	15%	<b>4</b>	<b>20%</b>
<b>14</b>	1	5%	3	15%	<b>4</b>	<b>20%</b>	<b>7</b>	<b>35%</b>	5	25%	4	20%	<b>9</b>	<b>45%</b>
<b>15</b>	3	15%	7	35%	<b>10</b>	<b>50%</b>	<b>4</b>	<b>20%</b>	3	15%	3	15%	<b>6</b>	<b>30%</b>

**APÊNDICE D** – Resultado do teste Likert específico dos atendentes que se identificaram como religiosos (14 dos 20 entrevistados)

5 - Quem cometeu suicídio agiu contra a lei da vida			6 - Somente Deus pode julgar quem cometeu suicídio			7 - As pessoas com ideação suicida devem fortalecer seu lado espiritual			8 - A morte por suicídio está envolta em escuridão		
Concordo	Neutro	Discordo	Concordo	Neutro	Discordo	Concordo	Neutro	Discordo	Concordo	Neutro	Discordo
71,40%	14,20%	14,20%	78,50%	21,40%	0%	71,40%	21,40%	7,10%	57,10%	21,40%	21,40%

Questões	Concordância				Neutralidade				Discordância				Total Qtde e %	
	Concordo totalmente Qtde e %		Concordo parcialmente Qtde e %		Indiferente Qtde e %		Discordo totalment e Qtde %		Discordo parcialmente Qtde e %					
<b>5</b>	7	50	3	21,40	<b>10</b>	<b>71,40</b>	2	<b>14,20</b>	0	0%	2	14,20	<b>2</b>	<b>14,20</b>
<b>6</b>	10	71,40	1	7,10	<b>11</b>	<b>78,50</b>	3	<b>21,40</b>	0	0%	0	0%	<b>0</b>	<b>0%</b>
<b>7</b>	7	50	3	21,4	<b>10</b>	<b>71,40</b>	3	<b>21,40</b>	0	0%	1	7,10	<b>1</b>	<b>7,10</b>
<b>8</b>	5	35,7	3	21,40	<b>8</b>	<b>57,10</b>	3	<b>21,40</b>	2	14,20	1	7,10	<b>3</b>	<b>21,4</b>

**APÊNDICE E** – Resultado do teste Likert específico dos atendentes com formação acadêmica (7 dos 20 entrevistados)

Questões	Concordância				Total Qtde e %	Neutralidade Indiferente Qtde e %	Discordância							
	Concordo totalmente Qtde e %		Concordo parcialmente Qtde e %				Discordo Totalmente Qtde e %		Discordo parcialmente Qtde e %		Total Qtde e %			
13	2	28,5	1	14,2	3	42,8	3	42,8	0	0%	1	14,2	1	14,2
14	0	0%	0	0%	0	0%	3	42,8	2	28,5	2	28,5	4	57,1
15	1	14,2	3	42,8	4	57,1	1	14,2	1	14,2	1	14,2	2	28,5

13 – A ciência consegue compreender melhor que a religião o fenômeno do suicídio			14 – A religião consegue compreender melhor que a ciência o fenômeno do suicídio			15 – Conversar com alguém com ideação suicida causa grande angústia		
Concordo	Neutro	Discordo	Concordo	Neutro	Discordo	Concordo	Neutro	Discordo
42,8%	42,8%	14,2%	0%	42%	57%	57,1%	14,2%	28,5%

**APÊNDICE F** - Roteiro de entrevista semiestruturada

1. Por que você decidiu se dedicar a lidar com pessoas com ideação suicida?
2. Você já teve algum caso de suicídio no seu círculo pessoal?
3. Quando se fala em morte, qual a primeira imagem que vem à sua cabeça?
4. Morrer naturalmente e tirar a própria vida é a mesma coisa?
5. Quando se fala em suicídio, o que vem à sua mente?
6. Você tem algum receio de pensar em cometer suicídio?
7. Como você definiria alguém que cometeu ou que tentou o suicídio?
8. Você acredita que alguém que não esteja mentalmente doente pode cometer suicídio?
9. O suicídio te remete a alguma cor, cheiro ou som? Se sim, quais?
10. Que símbolo você usaria para representar o suicídio?
11. Você concorda com a expressão: “O suicídio é o fim do sofrimento”? Explique.
12. Você segue alguma religião ou filosofia espiritual? O que ela diz sobre o suicídio? Você concorda? Quem cometeu suicídio precisa do perdão de Deus?
13. Como você vê uma pessoa que está pensando em suicídio?
14. O que você sente quando conversa com quem uma pessoa que está pensando em se matar?
15. Você tem medo da morte? Já pensou em suicídio alguma vez? (Se sim, como se sentiu?) (Se não, tem medo de pensar?)

## APÊNDICE G - Símbolos do imaginário dos entrevistados acerca do suicídio

Nº entrevistas	Proximidade	Morte em si	Imagem	Cor	Cheiro	Som	Símbolo
Entrevista 1	2 parentes próximos	Fim de tudo Ciclo vital	Sofrimento	Escuridão Falta de cor	###	###	Cruz/sofrimento demorado
Entrevista 2	2 primos	Fim de tudo	Pessoa s/ saída	Nostalgia (fotos)	###	Gravação de voz	###
Entrevista 3	2 tios	Processo natural	Algo pesado (falha social)	Cores escuras Roxo e negro	###	###	Cordas/força
Entrevista 4	Não	Dor/sofrimento Máscara triste	Rinoceronte caindo/desistindo	Roxo	###	Grito de desespero	###
Entrevista 5	Avó	Significado dado à morte	Desespero/ Falta de esperança	Acinzentado	###	###	Cor acinzentada com rosto triste
Entrevista 6	Não	Algo natural Ciclo vital	###	Cinzento e escuridão	###	###	Caveira
Entrevista 7	Não	Algo comum Normal	Desespero	Escuridão	###	###	Flor vermelha
Entrevista 8	Não	Descanso ou sofrimento eterno	Tristeza e angústia	Preto/escuro sinistro	###	###	###
Entrevista 9	Não	Fantasma escuro que se movimenta	Alguém que não morre, que não se vê com uma corda no pescoço	###	###	###	Fita cruzada do setembro amarelo (conflito do ser humano)
Entrevista 10	Não	Separação	Desfecho trágico	Escuro/ausência de luz/ambiente fechado	Fede a mofo/fétido	Som estridente	Pintura em preto e branco feita de carvão
Entrevista 11	Não	Perdas/ coisas que se vão	Pessoas se enforcando e pulando de prédios	Cinza	Coisa ácida	###	Quadro pintado com cores densas, bem cinzas
Entrevista 12	Parente de amigo	Tristeza Luto	Desespero Angústia	Amarelo, de esperança de vida	###	Gritos de desespero	Fênix, de renovação, renascimento
Entrevista 13	Parente de amigo	Fim de ciclo	Dor e sofrimento	Escuro/preto/ ausência de luz	Cheiro fétido	Muitos gritos	###
Entrevista 14	2 primos	Tristeza	Sofrimento Desespero	Cinza	De sangue	Silêncio de não conseguir ir adiante	###
Entrevista 15	Amigos de amigos	Grande vazio Nada	Corpo pendurado	Cinza, sem colorido	Insípido (inodoro)	Silêncio	Lâmina, corda, subs. tóxica
Entrevista 16	Não	Vida em outra dimensão fora da matéria	Profunda tristeza	Escuridão Ausência de luz	###	###	###
Entrevista 17	Não	Separação física	Dor	Falta de cor Trevas	###	###	###
Entrevista 18	Tio distante	Algo inesperado	Dor	Escuro ou bem cinza	Cheiro desagradável	Grito alto de dor	Algo bem triste
Entrevista 19	Irmã, avó, primo	Dor	Dor e sofrimento	Preto	Lírio	Choro	Enforcamento
Entrevista 20	Não	Metáfora para a vida eterna	Dor muito grande	Violeta	###	Eco	Uma mão

**APÊNDICE H - Palavras e expressões mais citadas nas entrevistas**

<b>PALAVRAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>EXPRESSÕES</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Dor	134	Não vê saída	14
Sufrimento	134	Não achou caminhos para continuar	10
Doença (mental)	80	Estado de perturbação	7
Desespero	28	Não vê luz no fim do túnel	6
Perdão	20	Não pode fazer juízo de valor	5
Vulnerável/fraco	19	Antecipar uma situação	4
Prece	19	Não tem jeito	4
Tristeza	18	A pior das pessoas	3
Julgamento	18	Já foi além dos limites	3
Impacto	16	Depois da morte vem o juízo	3
Estigma	13	Busca por um alívio	3
Coragem	12	Curto-circuito mental	2
Peso	12	Fundo do poço	2
Pecado	10	Faltou uma mão amiga	2
Pena	8	Interromper algo	2
Angústia	8	Estar perdido	2
Culpa	7	Ter olhos e ser cego	2
Ódio	7	Alguém que não vê	2
Escuridão	7	Deus pesa os motivos	2
Covardia	6		
Inferno	6		

## APÊNDICE I – Termo de consentimento livre e esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa *O imaginário de atendentes da rede de combate à ideação suicida de Teresina*, realizada pelo pesquisador Francisco de Sousa Lima, sob orientação do professor Eriosvaldo Lima Barbosa, do Programa de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

O motivo que nos leva a estudar o problema são as crescentes taxas de suicídio percebidas no município. Esperamos contribuir com informações que venham a dar suporte à criação de políticas públicas para que esses números possam diminuir. A pesquisa se justifica pelos altos índices de suicídio registrados em Teresina e a pequena rede de apoio às pessoas com ideação suicida que existe na cidade. O objetivo desse projeto é analisar as manifestações do imaginário sobre o suicídio presentes em pessoas que fazem parte da rede de combate à ideação suicida em Teresina.

O procedimento da coleta de dados se dará através de entrevistas semiestruturadas. Ou seja, um questionário pré-elaborado com perguntas gerais será aplicado e outras questões podem surgir de acordo com as suas respostas. Caso, durante a entrevista, você sinta algum desconforto ao responder o questionário ou à gravação das entrevistas, o procedimento pode ser interrompido a qualquer momento, bem como o você pode solicitar a exclusão de sua participação na pesquisa e a destruição dos documentos com seus registros. Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e é livre para recusar-se a fazer parte dela. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em hipótese alguma em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Além disso, uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Programa de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Piauí e outra será fornecida a você.

Esta pesquisa pretende trazer como benefício social uma quantidade maior de dados relativos ao processo de combate à ideação suicida, com o objetivo de auxiliar nas políticas públicas elaboradas para tal fim, de modo a diminuir os altos índices de suicídio, de modo mais objetivo em Teresina, mas

indiretamente para todas as comunidades nacionais ou estrangeiras que buscam soluções para esse problema. A respeito da possibilidade de quebra de sigilo, o participante possui a garantia que a legislação lhe confere de ser indenizado por danos caso isso venha a ocorrer. A participação no estudo não acarretar custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Esse termo de consentimento será assinado em duas vias. Uma delas ficará com o participante e a outra com o pesquisador:

Eu, \_\_\_\_\_, CPF: \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. O pesquisador Francisco de Sousa Lima certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Em caso de dúvidas poderei entrar em contato com o pesquisador pelos telefones (86) 99978-9800, (86) 98848-1018 ou (86) 3214-2798. Ou poderei consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, através do telefone (86) 3237-2332, pelo e-mail [cep.ufpi@ufpi.edu.br](mailto:cep.ufpi@ufpi.edu.br) ou em sua sede, localizada no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga. Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESQ. CEP: 64.049-550 - Teresina - PI.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Data



## ANEXO 1 – Parecer consubstanciado do CEP

### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Suicídio no espelho: o imaginário dos atendentes da rede de combate ao suicídio de Teresina

**Pesquisador:** FRANCISCO DE SOUSA LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 88908318.9.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.640.866

#### **Apresentação do Projeto:**

Conforme os autores, esta pesquisa será de natureza qualitativa e será executada em cinco organizações que atuam no amparo às pessoas com ideação suicida em Teresina. Uma delas pertence ao poder público: o projeto PROVIDA, mantido pela prefeitura da capital. As outras quatro são organizações não governamentais: o Centro de Valorização da Vida (CVV), o Centro Débora Mesquita (CDM), O Projeto Caminhos e o Grupo de Apoio Contato Esperança (GRACE). Os sujeitos da pesquisa serão as pessoas dessas instituições responsáveis por interagir diretamente com quem possui a ideação suicida. Serão utilizados dois instrumentos de coleta de dados; um questionário sociodemográfico, incluindo itens



relativos a etnia, gênero, classe social, entre outros; associado a ele, será aplicado um roteiro de entrevista semiestruturado, que tem como característica questionamentos básicos em hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa e que dão frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas. Além disso, essas entrevistas serão todas registradas por um dispositivo de gravação de áudio para eventuais consultas posteriores. Os instrumentos serão voltados para ajudar na elaboração dos esquemas do imaginário dos atendentes. As entrevistas acontecerão no próprio ambiente de trabalho dos atendentes, em espaços isolados.

### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo geral: Analisar o imaginário sobre o suicídio entre os atendentes que fazem parte da rede de combate à ideação suicida em Teresina.

### **Objetivos específicos:**

Mapear os principais aspectos que caracterizam o imaginário sobre o suicídio entre os atendentes da rede de combate a ideação suicida em Teresina;

Descobrir como a estrutura imaginária atua nas diversas formas de atendimento oferecidas às pessoas com ideação suicida;

Verificar como o contato frequente com as pessoas com ideação suicida pode influenciar na reformulação do imaginário que os atendentes possuem sobre o suicídio.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

#### **Riscos:**

A execução da presente pesquisa pode resultar em alguns danos pessoais a seus participantes, tais como constrangimentos ou desconfortos ao responder os questionários ou ao serem submetidos às gravações das entrevistas. Há também a possibilidade de alterações na autoestima que podem ser provocadas pela evocação de memórias que remetam a algum caso trágico envolvendo suicídio de um ente querido. Como forma de tentar minimizar tais danos, constará no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que o procedimento de entrevista pode ser interrompido a qualquer momento, bem como o entrevistado pode solicitar a exclusão de sua participação na pesquisa e a destruição dos documentos com seus



registros. Outro risco latente de dano é a possibilidade de quebra de sigilo. Sobre essa eventualidade, o participante será informado também no TCLE sobre o perigo, assim como da garantia que a legislação lhe confere de ser indenizado por danos morais em casos dessa monta. Ressalta-se que as entrevistas acontecerão no próprio ambiente de trabalho dos atendentes, em espaços isolados que garantam a privacidade dos entrevistados.

### **Benefícios:**

Esta pesquisa pretende trazer como benefício social uma quantidade maior de dados relativos ao processo de combate à ideação suicida, com o objetivo de auxiliar nas políticas públicas elaboradas para tal fim, de modo a diminuir os altos índices de suicídio, de modo mais objetivo em Teresina, mas indiretamente para todas as comunidades nacionais ou estrangeiras que buscam soluções para esse problema.

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa relevante, considerando as crescentes taxas de suicídio no município.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram anexados nesta Plataforma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está apto para ser desenvolvido.

Considerações Finais a critério do CEP:

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1092639.pdf	30/04/2018 16:10:51		Aceito
Folha de Rosto	ROSTO1.pdf	30/04/2018 16:10:11	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Outros	ENCAMINHAMENTO.pdf	23/04/2018 11:15:17	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Outros	CONFIDENCIALIDADE.pdf	23/04/2018 11:12:54	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Outros	PROVIDA.pdf	23/04/2018 11:09:01	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito



Outros	Caminhos.pdf	23/04/2018 11:08:25	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Outros	CDM.pdf	23/04/2018 11:07:46	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Outros	GRACE.pdf	23/04/2018 11:06:36	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Outros	CVV.pdf	23/04/2018 11:04:46	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Outros	Lattes.pdf	23/04/2018 11:03:21	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	PESQUISADOR.pdf	23/04/2018 11:01:06	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Outros	ICD.pdf	23/04/2018 10:59:41	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	23/04/2018 10:57:32	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	18/04/2018 20:24:24	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	18/04/2018 20:17:46	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	18/04/2018 19:58:11	FRANCISCO DE SOUSA LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

**Aprovado**

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 08 de Maio de 2018

---

**Assinado por:**  
**Herbert de Sousa Barbosa**  
**(Coordenador)**

